O Evangelho

das

FESTAS LITÚRGICAS

E DOS SANTOS MAIS POPULARES

com

comentário aplicado ao mistério

ou à vida do Santo

pelo

P.e Júlio Maria

Missionário de Na. Sra. do Smo. Sacramento

2 ª EDIÇÃO

† Livros Católicos para Download

— 1 9 5 2 —

Editora "O LUTADOR" — Manhumirim

NIHIL OBSTAT

Santos, 15 Septembris 1938

P. Angelo Contessotto, S. J.

Censor

IMPRIMATUR

Caratingen, 25 Septembris 1938

Mons. Aristides Rocha

Vicarius Capitularis

AOS PRÊGADORES
UMA SIMPLES OBSERVAÇÃO

Tem-se escrito muito sôbre a eloquência, ao ponto de certas pessoas julgarem que a arte da eloquência consiste em escrever um belo discurso, em decorá-lo e recitá-lo com firmeza.

A verdadeira eloquência não consiste nisto; ela vem de mais alto, de mais longe. Para o êxito duas qualidades são exigidas da parte do prègador e duas da parte do discurso.

I. DA PARTE DO PRÈGADOR

O prègador deve estar convicto do que diz e deve amar as pessoas que o escutam. A *convicção* pessoal do prègador é o primeiro elemento do bom resultado na prègação. Tal convicção se manifesta desde o princípio, pelo tom incisivo e firme, com que se enuncia o assunto. E' preciso lançar a verdade de um só jato, em palavras vivas e fortemente destacadas.

A convicção dá algo de vigoroso, de penetrante, que fixa o espírito do auditor e o excita ao desejo de conhecer, mais a fundo, a verdade.

O amor ao auditório é o segundo elemento de sucesso. E' preciso que o auditor sinta que o prègador quer fazer-lhe bem.

Trata-se de ganhar os corações e de entregá-los a Deus. Só a caridade sabe descobrir os caminhos misteriosos, que conduzem ao coração.

E' sempre eloquente quem quer salvar as almas. E' sempre escutado com satisfação, quem ama. E' o segrêdo da

palavra viva e eficaz. Aí está a magia da eloquência sacra! Que belo exemplo nos oferece São Paulo!

A sua prègação é a efusão de uma alma repleta de caridade e de verdade, destacando, hàbilmente, os vícios e os erros das pessoas, fulminando o mal e estendendo a mão paternal aos que o cometeram.

II. DA PARTE DO DISCURSO

A Popularidade:

O discurso deve ser popular e claro.

O sacerdote é o homem do povo, e a sua palavra deve ser compreendida por todos.

A eloquência acadêmica é profanação da eloquência sacra.

O grande modêlo a imitar é, e sempre será, a palavra de Jesus Cristo.

Nunca homem falará melhor do que aquêle que mais se aproximar da linguagem de Jesus Cristo.

A Clareza:

E' a segunda qualidade do discurso; clareza na expressão e no sentimento.

O povo nada entende das abstrações especulativas da razão. E' mister conduzí-lo do conhecido ao desconhecido, do sensível da religião às altas verdades dogmáticas. A palavra clara agrada a todos e faz o bem a todos, enquanto a fraseologia bombástica diverte alguns espíritos, mas não penetra no coração.

O tom narrativo é o mais claro e o mais compreensível para o povo: é uma espécie de dramatização da verdade a expor.

E' o método do Evangelho narra e discute pouco, expõe, torna a verdade sensível pelas comparações e parábolas e deixa ao ouvinte tirar a conclusão pessoal.

Prèguemos o Evangelho com convicção e amor.

Seja a nossa palavra popular e clara.

E o êxito será explêndido, ultrapassando tôda espectativa.

Pe. JÚLIO MARIA

PARECER
DO EXMO. SR. CENSOR
R. P. ÂNGELO CONTESSOTTO S. J.

Santos, 15 de Setembro de 1938

Exmo. e Rvmo. Mons. Aristides Rocha
D.D. Vigário Captiular de Caratinga.

"O Evangelho das Festas Litârgicas e dos Santos mais Populares" do nosso ativíssimo Padre Júlio Maria é uma obra de fôlego que, em muito boa hora vem preencher uma grande lacuna na nossa literatura litúrgica e mesmo ascética. Acho que, entre nós, ainda não existe livro nenhum que, como êste tratasse tão EX PROFESSO das festas populares da Igreja.

O novo trabalho do infatigável Autor, com as suas quase 500 páginas, apresenta-se admiràvelmente bem, ao lado de seu irmão gêmeo "O Evangelho Dominical", que, a Editora Vozes de Petrópolis acaba de publicar.

Êstes dois volumes de meditações tão instrutivas, impressos conforme tôdas as regras da manemotecnia, não deveriam faltar em nenhuma bibliotecazinha paroquial. E quanto bem poderiam fazer nas mãos dêsses inúmeros fiéis do nosso interior que, por razões múltiplas, se vêem forçados a viver longe de alguma igreja, sem poder assistir à explicação dos Santos Evangelhos, como muito desejariam!

Com êstes dois livros de reflexões e explicações tão práticas, o R. Pe. Júlio Maria adquiriu mais um título à gratidão de todos os seus colegas de magistério sacerdotal.

Remetendo, pois, a V. Excia. o meu NIHIL OBSTAT, peço queira transmitir ao distinto Autor as minhas

mais sinceras felicitações pelo pleno êxito destas suas lucubrações literárias.

Deus guarde a V Excia.
De V Excia. Rvma., o servo em Xto.
Pe. Ângelo Contessotto S. J.

CARTA APROBATIVA DO EXMO. SR. VIGÁRIO CAPITULAR DE CARATINGA

Caratinga, 25 de Setembro de 1938

Caríssimo Padre Júlio Maria,

Tenho a satisfação de transmitir a V. Rvma. o parecer elogioso do Censor e o NIHIL OBSTAT de seu novo livro: O Evangelho das Festas Litúrgicas, juntando-lhe o meu caloroso IMPRIMATUR.

O Rvmo. Censor já analisou o novo livro, de modo que só me resta pedir a Deus que penetre em todos os presbitérios e casas religiosas, onde há-de prestar imensos serviços na meditação particular e na prègação pública.

O que êste livro tem de especial — o que aliás todos os seus livros têm — é de ser uma exposição doutrinal, segura e substanciosa, feita de um modo natural, simples e ao alcance de todos.

Com tal livro, qualquer prègador, seja êle até de medíocre capacidade oratória, é capaz de produzir um sermão de primeiro valor, tanto pelo fundo doutrinal, quanto pela forma sugestiva.

E' um livro de ouro. cujo sucesso está garantido pelo seu próprio valor.

Meus parabéns, caríssimo Padre Júlio Maria; sei que V. Revma. está sobrecarregado de trabalhos, porém, não pode deixar descançar esta pena que tantos serviços vem prestando à Igreja, aos Sacerdotes, aos católicos, cuja fé sustenta e esclarece e até aos inimigos da religião, cujos erros manifesta e pulveriza.

Em nossos dias de vacilações, não basta mais mostrar,

simplesmente, a verdade, é preciso torná-la luminosa, palpável e atraente: e êste é o dom especial, que Deus outorgou a V Rvma. e que brilha em seus numerosos livros.

Sou de V. Revma. o dedicado amigo,

Monsenhor Aristides Rocha
Vigário Capitular

INTRODUÇÃO

O presente livro é a continuação lógica do Evangelho Dominical, e o seu complemento indispensável.

Existem diversos comentários do Evangelho de cada Domingo, porém, não existe ainda, que eu saiba — um comentário ex professo, do Evangelho das principais festas litúrgicas e das festas dos Santos mais populares em nosso país.

Pensei prestar serviço a meus ilustres colegas de ministério, apresentando-lhes um auxílio para as festas, nas quais, presos pelo confessionário ou a administração de outros sacramentos, não lhes resta quase tempo para prepararem a instrução do dia.

* * *

O presente livro tem uma feição nova, especial.

Não apresenta, simplesmente, um esquema curto, dividido e substancial sôbre a solenidade, mas quase sempre, toma o Evangelho do dia, tira dêle o assunto do sermão ligando, dêste modo, numa unidade harmoniosa, o Evanvelho e o objeto da festa litúrgica. Para a festa dos Santos mais populares, tal método é uma inovação.

O Evangelho parece, às vêzes, ter pouca relação com a vida do Santo, entretanto quem olha atento vê que tal Evangelho é uma lição viva dela, reproduzindo, admiràvelmente, o seu traço característico.

* * *

Umas festas têm várias instruções, de modo que o orador possa variar e escolher o que melhor se adaptar a seu gênio ou às necessidades de seu povo.

A Semana Santa foi tratada com especial cuidado, fornecendo assunto para pequenos e grandes sermões para prè-

gações mais particulares, como para as grandes cerimônias da Igreja.

A festa dos Santos contém uma breve monografia da sua vida em geral e depois destaca a sua virtude particular ou o traço saliente da sua santidade.

Dêste modo, tal vida torna-se mais inteligível e ao mesmo tempo mais prática para as almas desejosas de imitá-la.

O livro não será de menor utilidade para as comunidades religiosas e as almas piedosas, apresentando-lhes um assunto para o dia da festa.

Algumas instruções são um pouco mais compridas do que no "Evangelho Dominical" porque certos assuntos exigem exposição mais completa por se tratar dos grandes mistérios, e para poupar ao sacerdote o trabalho de consultar outros livros, para dar uma instrução doutrinal completa sôbre o assunto.

* * *

Cada festa é precedida de umas curtas notas litúrgicas ou históricas sôbre o mistério ou outro ponto com êle relacionado.

Assim coordenado, quer me parecer que o livro será de certa utilidade para os sacerdotes no ministério, facilitando-lhes o munus sagrado da prègação e da meditação, em dias que estão geralmente mais atarefados.

Possam estas instruões, em número de 61, corresponder à grande regra da prègação sagrada, que Santo Agostinho resume:

Ut veritas pateat,
Ut veritas placeat,
Ut veritas moveat.

E' a única aspiração do autor.

Pe. Júlio Maria

SOLENIDADE DO NATAL

(25 *de dezembro*)

Natal é aniversário do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo da puríssima Virgem Maria, em Belém, na

noite de 25 de dezembro do ano 4004 do mundo, segundo a cronologia vulgar. Nêste dia o sacerdote celebra três missas, em lembrança e como símbolo do tríplice nascimento do Salvador:

1 — A sua geração eterna no seio de seu Pai.
2 — O seu nascimento temporal no seio de Maria.
3 — O seu nascimento espiritual na alma do justo pela graça.

Devia-se ajuntar um quarto nascimento, que chamaríamos o místico, na alma do cristão, pela Sagrada Comunhão, que todos devem ter a peito fazer nesta noite.

PRIMEIRA MISSA

EVANGELHO (LUCAS, II 1-14)

I — *E naqueles dias saiu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo.*

II — *Êste primeiro recenseamento foi feito por Cirino, governador da Síria.*

III — *E iam todos recensear-se cada um em sua cidade.*

IV — *E José foi também da Galiléia, cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi.*

V — *Para se recensear juntamente com sua espôsa Maria, que se achava grávida.*

VI — *E estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz.*

VII — *E deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou e o reclinou numa mangedoura porque não havia lugar para êles na estalagem.*

VIII — *Ora, naquela mesma região, havia uns pastores, que vigiavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho.*

IX — *E eis que apareceu junto dêles um anjo do Senhor, e a claridade de Deus os cercou e tiveram grande mêdo.*

X — *Porém, o anjo lhes disse: Não temais: por-*

que eis que vos anuncio uma grande alegria, que terá todo o povo:

XI — *Porque vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor.*

XII — *E eis o sinal: Encontrareis um menino envolto em panos e deitado em um presépio.*

XIII — *E, sùbitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo:*

XIV — *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade.*

PRIMEIRA INSTRUÇÃO
O GRANDE MISTÉRIO

Natal é a festa do supremo encanto!

Uma doce poesia envolve o presépio. Procuremos um instante reproduzir a realidade do fato e penetrar os sentimentos, que deviam animar a Virgem Imaculada nessa noite memorável, em que o próprio Filho de Deus se dignou nascer de suas entranhas, como a flor nasce do botão, sem perturbar-lhe a auréola virginal, tornando-a mais Virgem ainda, depois do parto do que o era antes. Contemplemos uns instantes:

I — OS PREPARATIVOS do mistério
II — A REALIZAÇÃO do mistério

I — OS PREPARATIVOS

Meia noite

Conforme as predições dos profetas, o silêncio era completo. Não se ouvia ao longe nem o uivo do chacal, nem perto o canto dos pastores.

Uma calma extraordinária envolvia a cidade e os campos adormecidos. O firmamento, como extasiado, fitava a gruta, submersa nas trevas, ao flanco de uma sombria montanha e embora a estrêla dalva não houvesse ainda anunciado a aurora, esta noite já se apresentava tal como tinha sido cantada pelos profetas: "Suas sombras serão iluminadas de todo o fulgor do dia; esta noite será radiante de alegrias" (Sal. 138-11-15).

Era meia noite No seio do inverno, um vento rijo e gelado soprava sôbre Belém adormecida, e gemia nas árvores desnudadas.

Dois viajantes, um operário e uma jovem, saíam da cidade, não encontrando abrigo nas estalagens pùblicas. O

seu exterior definhado, as suas vestes modestas, e sôbre seus semblantes esta doçura tímida, que distingue a fisionomia dos humildes, lançavam uma sombra à maravilhosa beleza da Virgem e à real gravidade do seu companheiro. A jovem, que parecia ter uns 14 anos, era um conjunto de pureza, de graça angelical, de singular santidade.

O pêso materno, que ela carregava, não lhe perturbava a marcha virginal e nenhuma fadiga alterava a ideal transparência de seus traços.

Um amor luminoso impregnava de clarão celestial o que se via de seus traços, como se uma lâmpada estivesse acesa por detrás do alabastro de sua carne.

Os olhos eram tão divinamente doces, os lábios tão suaves, o traje tão modesto e o porte tão majestoso, que através dos opróbrios da pobreza e da humildade, transparecia uma glória divina.

Era meia noite quando os dois viajantes entraram na gruta, onde os pastores costumavam descançar na vigia de seus rebanhos.

A gruta estava vazia; apenas havia palhas sêcas no fundo, uma mangedoura grosseira, e dois animais de pasto deitados ao abrigo do vento.

O operário ajudou a Virgem a entrar no miserável abrigo, acendeu algumas palhas para iluminar o sombrio recinto e retirou-se para tratar do animal, que os havia trazido.

II — A REALIZAÇÃO

A Virgem ajoelhou-se num recanto escuro; sentia chegar a hora solene, predita pelos profetas e desejada pelas súplicas dos justos. Devia nascer, nessa hora e nêsse lugar, o Messias esperado!

Doce e sublime êxtase apoderou-se da Virgem. Seus pensamentos fixaram-se em Deus; seu coração ardia de amor; sua alma imaculada voou às regiões da eternidade e de repente, radiante e soluçando de amor, ela apertava ao seio virginal o divino Menino — o Salvador do mundo.

Tal o sol que emite os raios, sem que se lhe altere o

foco luminoso, tal a harpa que produz melodias sem perder sua integridade, tal a flor que exala perfumes sem alterar o esplendor, o colorido, a beleza, assim a Virgem Santa, sol de amor, lira divina, flor do paraíso, havia exalado e produzido sua luz, seu poema, seu aroma, sem nada perder de sua milagrosa virgindade.

A Virgem Maria cheia de graça, nesta linguagem divina, cujas palavras são beijos, cujas frases são olhar prolongado de amor, dizia ao recém nascido:

— Qual o nome, que te devo dar?

— Como posso chamar-te?

— Um mortal? Mas, foste Concebido pela virtude do Altíssimo

— Um Deus? Mas, tens o corpo de frágil criancinha!

— Devo prostrar-me para oferecer-te o incenso ou apresentar-te o leite materno?

— Devo prodigalizar-te os afagos maternos ou adorar-te com a fronte em terra?

Oh! Contraste maravilhoso! O céu é a tua morada e eu te acalento sôbre meus joelhos. Eis-te aqui na terra, e não deixaste o trono eterno.

Uma antiga e venerável tradição conta que logo após o nascimento do Menino Deus, a doce Virgem, prostrada, exclamara: — "Enfim, eí-lo aqui, meu Deus, meu Senhor, meu Filho" Ao mesmo tempo a Virgem beijou-lhe os pés como de um Deus, as mãos como de um mestre; a fronte como de um filho.

O Cristo, o Messias, dolorosamente esperado, ardentemente desejado, o Filho do homem havia nascido!

Êle, O Deus infinito, vivia do ar onde todos haurem a vida, jazia sôbre a terra, marcado com o ferrete das dôres humanas; unia a seus primeiros vagidos as lágrimas que umedecem os olhos de todos os filhos de Adão.

Enquanto, lá nas alturas, os anjos entoavam e cantavam em côro, em harmonia celeste: Gloria in excelsis Deo — Glória a Deus nas alturas do céu, e paz na terra aos homens de boa vontade! No meio do enlêvo do seu amor e da realidade da miséria, que cercava tanta grandeza, a Virgem Mãe, irrigando com o orvalho das lágrimas o seu primeiro

sorriso de Mãe, tomou a pobre criança já enregelada pelo frio, e ferida ao contato das asperezas da terra, envolveu-a com paninhos e deitou-a sôbre a palha, que guarnecia a mangedoura dos animais — o adorável Presépio de Belém.

III — CONCLUSÃO

Aí está Êle, deitado, há 1.938 anos, estendendo os bracinhos, mostrando o coração, lembrando suas humilhações, indicando sua pobreza e perguntando aos séculos, que passam: Fiz eu bastante para merecer o vosso amor?

Quereis-me como a amigo nêste presépio, ou me quereis como juiz na manifestação da minha glória?

Venho trazer o amor e venho pedir o amor. Quem tem mêdo de uma criança? Vinde, pois, a mim, vós todos que gemeis sob o pêso das tribulações, vinde e eu aliviarei os vossos ombros, darei aos vossos corações o amor verdadeiro e às vossas almas a felicidade completa e eterna. Vinde ao meu presépio, ao confessionário e terminai à Mesa Sagrada, onde nos daremos o amplexo da eterno amizade!

SEGUNDA MISSA

EVANGELHO (Lucas, II. 15-20):

XV — *Naquele tempo, depois que os anjos se retiraram dêles para o céu, os pastores diziam entre sí: Vamos até Belém e vejamos o que é que aí sucedeu e o que é que o Senhor nos manifestou.*

XVI — *E foram com grande pressa. E encontraram Maria e José, e o Menino deitado na mangedoura.*

XVII — *E vendo isto, conheceram o que lhes tinha sido dito acêrca do Menino.*

XVIII — *E todos os que ouviram se admiraram do que lhes diziam os pastores.*

XIX — *Ora, Maria conservava tôdas estas coisas meditando-as no seu coração.*

XX — *E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus, por tudo o que tinham ouvido e visto conforme lhes tinha sido dito.*

SEGUNDA INSTRUÇÃO

OS PASTORES PERTO DO PRESÉPIO

O Evangelho da segunda Missa de Natal é consagrado aos pastores, mostrando-os diante do presépio de Jesus e reconhecendo a verdade do que os anjos lhes haviam anunciado.

Procuremos conhecer um pouco os sentimentos dêstes humildes pastores em presença de Jesus. Êstes sentimentos eram simples como simples eram os conhecimentos, que tinham da vinda do Messias, e como simples são as idéias do povo acêrca de acontecimentos, que ultrapassam sua compreensão. Consideremos, pois:

I — As suas primeiras IMPRESSÕES
II — Os seus SENTIMENTOS verdadeiros

I — AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

As primeiras impressões devem ter sido de decepção ante a aparente contradição entre os dois sinais indicados pelos anjos, para reconhecerem o Messias esperado:

Hoje nasceu o Salvador do mundo. Achareis um menino envolto em paninhos e deitado numa mangedoura. — Como? O Salvador, o Messias manifesta-se sôbre a aparência humilde de uma criancinha, chorando talvez, e sôbre um trono de miséria um pouco de palha numa mangedoura!

Pouco importa a esta gente simples, mas leal. Maria sorriu-lhes; Jesus derramava luz e amor em seus corações. O céu manifestou a notícia; êles crêem e ei-los a caminho.

Semblantes espantados, marcha pesada e apressada ao mesmo tempo. E, quando chegam perto de Jesus, surpresa, emoção, e talvez lágrimas.

Êles olham, examinam a criancinha bela, radiante e meiga, que lá está deitada diante dêles, numa pobreza extrema, em cima de um pouco de palha. Ao lado da criancinha uma mulher, u'a mãe resplandecente de pureza, no olhar, no gesto, na palavra e até nas manifestações de seu amor maternal.

Ela se lhes aparece tão bela, tão nobre, que não teriam a coragem de dirigir-lhe a palavra. E', porém, tão convidativa, tão meiga, que se sentem animados, a perguntar-lhe se aquêle menino é seu filho, donde vem, que vem fazer, se precisa de qualquer coisa.

Examinam depois o semblante patriarcal, majestoso e humilde de José, que lhes fala com bondade e na linguagem rústica dos campos.

Os rudes pastores compreenderam as explicações de José, o olhar de Maria e as lágrimas da criancinha e lhes ofereceram tudo o que haviam trazido para êle: frutas, leite, ovos e outros alimentos do país. José agradeceu a todos.

II — SENTIMENTOS VERDADEIROS

Nos sentimentos evangélicos nós somos inclinados a dar à ação sobrenatural uma parte preponderante, que quase suplanta a ação natural. E' um êrro.

Deus formou a nossa natureza e dotou-a de muitos recursos.

Devemos empregar êstes recursos enquanto são úteis para o nosso fim e não recorrer à ação milagrosa, senão quando tais recursos são impotentes.

Deus não transformou de repente o espírito e o coração dos humildes pastores, os primeiros que chamou para perto de seu berço, a lhe prestarem suas homenagens.

Eram rústicos e ignorantes antes da aparição dos anjos e assim permaneceram.

Ora, os sentimentos das pessoas ignorantes e rústicas são, sobretudo, a admiração e dedicação. Tudo aquilo lhes

era novo e refulgente Conservavam no olhar o resplendor da luz, que aparecera no céu, enquanto aos seus ouvidos ecoavam ainda as melodias celestes. Para êles o estábulo era palácio, o presépio, trôno, e a criancinha, um Rei.

Aproximaram-se dêste presépio, cheios de admiração, de estupor, de espanto, e sob êstes sentimentos, prostraram-se de joelhos e beijaram com veneração os pèzinhos dêste Rei, uns sorrindo e outros chorando e maravilhados pela beleza do quadro humilde, mas divinamente sublime.

Na alma do povo simples, um segundo sentimento segue êste primeiro: é a dedicação.

Que poderíamos fazer para êle? Que poderíamos oferecer-lhe? Perguntam uns aos outros. E os pobres pastores acham naturalmente que tal Rei, não pode ficar hospedado numa estrebaria; é preciso uma casinha onde possa abrigar-se contra o frio e a chuva.

Consultam, indagam, e pouco depois, embora o Evangelho não o diga, encontram uma casinha, que oferecem a José para ali fixar-se enquanto permanecer em Belém.

III — CONCLUSÃO

São êstes os dois sentimentos, que o divino Menino quer encontrar em nós, visitando-o em seu humilde presépio: a admiração e a dedicação.

Não merece a nossa admiração, o Altíssimo, que se faz criancinha, o Todo Poderoso, que se faz fraqueza, o Rei, que se faz escravo?

Sim, é bem o Deus admirável — Mirabilis Deus! Salmo — 67, 36).

Não basta, porém, a admiração. E' preciso como os pastores, oferecermos-lhe o presente de nossa dedicação, o presente de nosso coração para amá-lo, o presente de nosso corpo para serví-lo, o presente de nossos bens para suavizar-lhe os sofrimentos, na pessoa dos que sofrem, o presente de nosso espírito para fazê-lo conhecido daqueles que vivem afastados do seu amor.

Amar é dar! Amando ao pequeno Jesus, façamos-lhe o presente do que nos é mais querido nêste mundo!

TERCEIRA MISSA

EVANGELHO (João, 1, 1-14)

I — *No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus.*

II — *Êle estava no princípio em Deus.*

III — *Tôdas as coisas foram feitas por Êle e nada do que foi feito, foi feito sem Êle.*

IV — *NÊle estava a vida, e a vida era a luz dos homens.*

V — *E a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a compreenderam.*

VI — *Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João.*

VIII — *Êle não era a luz, mas era para dar testenho da luz, afim de que todos cressem por meio dêle.*

VIII — *Êle não era a luz, mas era para dar testemunho da luz.*

IX — *(O Verbo) era a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a êste mundo.*

X — *Estava no mundo e o mundo foi feito por Êle, e o mundo não O conheceu.*

XI — *Veio para o que era seu e os seus não O receberam.*

XII — *Mas a todos os que O receberam, deu poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em seu nome.*

XIII — *Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.*

XIV — *E o Verbo se fêz carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.*

TERCEIRA INSTRUÇÃO

O TRÍPLICE NASCIMENTO

O Evangelho da terceira Missa é uma página sublime.

São João tomou o seu vôo de águia e sem preâmbulo, penetra na eternidade, onde nos mostra o Verbo com Deus, sendo Deus e Criador de tudo o que existe.

Descendo destas vertiginosas alturas, mostra-nos o Verbo feito carne, no meio dêste mundo, trazendo a todos a luz da verdade e a salvação.

Era homem, mas era Deus embora não recebido pelos seus filhos da terra, Êle manifestou, entretanto, a sua glória no Tabor, na ressurreição e na ascensão.

Temos dêste modo a história dos três nascimentos do Salvador:

I — O seu nascimento ETERNO no seio do Pai.
II — O seu nascimento TEMPORAL no seio de Maria.
III — O seu nascimento ESPIRITUAL nas almas.

I — O SEU NASCIMENTO ETERNO

Dizer que o Filho de Deus nasceu na eternidade, é um modo popular de exprimir um fato, que ultrapassa a nossa compreensão.

O Verbo divino, sendo a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, nunca nasceu, pois sempre existiu, sendo eterno como o Padre e o Espírito Santo.

No Evangelho, Jesus Cristo intitulou-se o Filho de Deus:

Para que o Filho de Deus seja glorificado (João XI. 4).

Disseram todos: És tu, o Filho de Deus?

Êle respondeu — Vós o dizeis, eu o sou (Lucas XXII. 70).

Êle será grande e será chamado o Filho de Deus (Lucas I. 32).

Se Jesus Cristo é Filho de Deus, Deus é, pois, seu Pai.

E ouviu-se do céu uma voz: Tu és o meu filho amado, em tí pus minhas complacências (Marc. I. II).

Jesus Cristo o proclama bem alto: E' meu Pai quem me glorifica (João VIII. 54).

Tudo o que meu Pai possui, é meu (João XVI. 15).

Como meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós (João XX. 21).

A idéia de Filho e de Pai suscita, naturalmente, a idéia de nascimento; por isso dizemos que o Verbo nasceu do Padre Eterno, desde tôda eternidade, embora nunca nascera e nunca deixe de nascer, sendo tal nascimento eterno.

A Missa celebrada à meia noite, significa que êste nascimento eterno do Filho de Deus não pertence ao tempo, mas está acima e fora do tempo.

De fato, o instante da meia noite é de transição. Não pertence nem ao dia precedente nem ao dia seguinte. Pertence aos dois. Assim o Verbo divino não pertence nem ao passado, nem ao futuro; Êle não começou, nem acaba: é eterno.

II — O SEU NASCIMENTO TEMPORAL

Deus Eterno, condoeu-se dos homens, perdidos pelo pecado original e resolveu livrá-los da escravidão do mal. Sendo puro espírito, portanto invisível, sem corpo, não podia, de maneira conveniente, aparecer neste mundo, ensinar a verdade e a virtude.

Podia tomar um corpo fictício ou tomar um corpo emprestado; mas, por que enganar os homens e mostrar-se como não era na verdade?

Resolveu-se, pois, a nascer de u'a mulher. O Deus Eterno, o Verbo Imaculado de Deus, quis nascer nêste mundo; devia nascer, porém, de u'a mulher virgem, como nas-

cera na eternidade de um Pai virgem. E' o milagre da Encarnação.

Jesus Cristo, o Verbo feito carne, nasceu do seio imaculado de Maria, por obra do Espírito Santo, que lhe comunicou a fecundidade, sem perturbar a sua virgindade.

Maria Virgem era casada com um homem virgem, o justo José, e sem que coabitassem, nasceu dela o Filho de Deus feito homem.

Por uma série de disposições da Providência, Maria e José foram obrigados a deixar Nazaré onde habitavam, para se inscreverem em sua terra de origem, que era Belém.

E' alí, na pobreza de uma gruta, que à meia noite nasceu Jesus. Foi à meia noite para mostrar de novo que se Êle veio a êste mundo, não era do mundo e vinha salvar e resgatar pelos seus merecimentos, tanto os justos do Antigo Testamento, como os homens de boa vontade do Novo Testamento.

O passado e o futuro reunem-se aos pés dêste presépio para dar-se a mão e se separarem definitivamente num amplexo de misericórdia, devendo a lei nova, tôda de luz e de amor, substituir a lei antiga, repleta de sombras e de figuras.

III — O SEU NASCIMENTO ESPIRITUAL

Jesus Cristo veio para salvar os homens, mostrando-lhes o caminho da verdade e dando-lhes o exemplo do homem regenerado, vivendo no meio dêles e como um dêles. Êle habitou entre nós, diz São João, e nós vimos a sua glória, que era uma glória tôda divina. Esta glória é a sua habitação espiritual nas almas, pela graça; sendo esta graça, no dizer de São Pedro, uma participação à natureza divina — divinae consortes naturae — (Pet. 1. 4).

Jesus quer viver em nós, sobretudo pela sagrada comunhão, sendo esta habitação, a presença física de seu corpo adorável e depois uma presença mística, após a desaparição das santas espécies. Tal habitação de Deus nas almas é uma das glórias do gênero humano. Faz do coração do homem o templo de Deus, como o diz São Paulo:

Não sabeis que sois o templo de Deus? (Cor. III. 16).

Os vossos membros são o templo do Espírito Santo (1. Cor. VI. 19).

Vós sois o templo de Deus vivo. (2. Cor. VI. 16).

VI — CONCLUSÃO

Os anjos cantaram por cima do presépio: — Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade. A glória de Deus é Jesus, é a sua Encarnação, é a sua habitação nas almas. A paz é a salvação, que Êle vem trazer pela sua doutrina e pelos seus exemplos.

Sejamos êstes homens de boa vontade, adorando o pequeno Jesus, abrindo-lhe o nosso coração para amá-lo e cumprir fielmente a sua lei divina, tôda de perdão e amor.

Seja o nosso coração o presépio no qual o Verbo Eterno, feito Verbo Encarnado, possa nascer espiritualmente, para ali manifestar a sua glória, como Filho Unigênito, vindo do Pai, cheio de graça e verdade, na expressão do Evangelho de hoje.

QUARTA INSTRUÇÃO
MARIA E JOSÉ PERTO DO PRESÉPIO

Natal! E' o dia das suaves e sublimes recordações.

E' o dia do mistério, que faz palpitar os corações mais indiferentes.

E' o dia em que o povo cristão se prostra diante do presépio para aí adorar o Deus feito homem, feito criança, nos braços de sua pura e imaculada Mãe, a Virgem Maria.

Não só podemos aproximar-nos, mas até reverentes e amantes, beijar os pèzinhos do Menino Deus e também a mão da Virgem, que, sorridente, nos apresenta o seu tesouro, a nossa salvação. Façamos reviver uns instantes as cenas enternecedoras dessa noite gloriosa. Os fatos são conhecidos, mas não basta conhecê-los; é preciso fazê-los reviver, dando-lhes as côres da gratidão e do amor. Contemplemos, pois, junto do presépio:

I — A VIRGEM MÃE de Jesus
II — SÃO JOSÉ, espôso de Maria.

I — A VIRGEM MÃE DE JESUS

Era alta noite José e Maria não encontraram agasalho nas casas de Belém e se foram, pobres e desprezados, até à gruta, onde se abrigavam os pastores na estação invernal.

A gruta estava deserta

José amarra o jumentinho, em que a Virgem Santa montara e vai explorar o interior da gruta. Paredes nuas, rochosas e irregulares.

No chão, palha e feno em desordem; no fundo, a mangedoura e nada mais.

E' a mobília do palácio do Rei dos Reis, para quem o luxo dourado como trapo nauseabundo, não passa de farrapos. Se se tratasse apenas de sua pessoa, o humilde José apreciaria tal palácio; trata-se, porém, de sua doce espôsa, a Virgem, que lhe foi confiada por Deus. E êle se sente inquieto Entretanto, faça-se a vontade de Deus.

José começa a limpeza, enquanto a Virgem, numa infratuosidade do rochedo, ocupa-se da frugal refeição. Passaram-se as horas Era à meia noite!

Sôbre a mangedoura, onde docemente está vagindo uma criancinha recém-nascida, a Virgem inclina a cabeça aureolada e transfigurada.

Ao vê-la de pé, ativa e preocupada, ninguém teria a lembrança de ser ela mesma a mãe da criancinha. Entretanto, para compreendê-lo, basta ver os cuidados e carinhos amorosos, com que cerca a frágil criancinha. Perfeitamente pura de tôda mácula, ela a envolve nos paninhos quentes, que confeccionara em Nazaré. Depositou-a sôbre a palha áspera, no presépio Após tê-la longamente beijado e abraçado, contempla-a como em êxtase de amor.

A criança adormece alentada pela adoração de sua mãe.

Na meia treva da gruta, seu semblante alvo e puro resplandece como uma estrêla.

II — SÃO JOSÉ, O ESPÔSO DE MARIA

José prostrado pela fadiga dorme ainda à entrada da gruta.

Com vagar e sem palavras, a Virgem Santa acorda-o e o conduz à mangedoura.

À vista do menino adormecido e de Maria, cujo semblante transfigurado e radiante não revela nem fadiga, nem dôr, José fica mudo de espanto.

Menos preparado que sua Espôsa, para assistir ao inefável mistério, que acaba de realizar-se e de que nem suspeitava nêste lugar, são-lhe precisos alguns instantes para comprender, plenamente, o que se passa.

Grossas lágrimas deslizam lentamente ao longo de suas faces coloridas pela emoção.

Longo soluço levanta-lhe o peito e um som rouco e mal articulado aperta-lhe a garganta.

Cai de joelhos, a fronte no pó da terra. quereria chorar, soluçar, rir; não o pode porém. Adora, aniquilado pelo sentimento de sua indignidade. O anjo lhe tinha dito:

"O que dela nascer é obra do Espírito Santo; ela dará à luz um filho e o chamarás Jesus, porque Êle há-de salvar seu povo dos seus pecados. (Mateus, I. 20-21).

E dizer e compreender que Maria, sua espôsa é quem acaba de dá-lo à luz. Meu Deus, meu Deus! . E ver que êle mesmo, pobre e ignorante, de mãos calejadas e de rosto queimado, está misturado com êste sublime mistério! oh! Deus, será possível?

E José chora, soluça, queria fugir mas, não; humilha-se e adora.

CONCLUSÃO

A criança acordou. Os vagidos, as palpitações de seu coraçãozinho, irradiam-se para Maria e José, inclinados sôbre o berço de palha.

A Virgem Santa, sorrindo ternamente ao Menino, de olhos ainda fechados à luz do dia, toma-o nos braços e o deposita nos de José, que quase desmaia de emoção e amor.

Num beijo prolongado, com o rosto banhado de lágrimas, José exprime sua gratidão e seu amor.

Eis a cena de Belém. o natal de Belém da Palestina. Possa êle reproduzir-se para nós. Como José, vamos ao presépio adorar nosso Redentor.

Adorêmo-lo nos braços de sua Mãe e dela o recebamos para cobrí-lo dos beijos de nossa adoração, de nosso amor, e de nossa eterna gratidão Lembrêmo-nos de que só se encontra Jesus nos braços de sua Mãe e que só ela é quem deve apresentá-lo à nossa adoração, como o apresentara à adoração de José, dos pastores e dos magos.

QUINTA INSTRUÇÃO

GLÓRIA E LÁGRIMAS

Maria e José, para obedecerem ao edito de César Augusto, encaminharam-se para Belém, lugar de origem de sua família.

Os santos esposos não encontraram hospedagem nas casas da cidade e foram obrigados a se recolherem numa gruta onde se refugiavam os pastores, que ali guardavam os seus rebanhos.

E' naquela gruta que vai realizar-se o mais sublime dos mistérios: O nascimento do Filho de Deus. Contemplemos hoje esta inebriante verdade, vendo o singular contraste entre:

I — O PARAÍSO na gruta de Belém.

II — As primeiras LÁGRIMAS de Jesus

I — O PARAÍSO NA GRUTA

Apenas Maria Santíssima havia-se recolhido, um inefável êxtase apoderou-se dela. Uma luz divina inunda a sua alma, enquanto um amor veemente faz palpitar-lhe o coração.

No meio desta luz e dêste amor, tendo os braços estendidos em atitude de súplica e os joelhos sôbre a palha da gruta, recebe de repente, o Filho de Deus feito criancinha. Como é belo e resplandescente o divino Menino!

A ditosa Mãe contempla e aperta-o ao seio, cobre-o de lágrimas e de beijos e adora-o com profunda humildade. E' o seu Deus. Mas é também o seu Filho.

Lá nas alturas, Êle reina e triunfa cercado de glória, e em seus braços é pobre criança a tremer de frio. Quem compreenderá os sentimentos da Virgem Mãe nêsse delicioso momento? Ninguém! Pois precisaria compreender a imensidade dêste amor, para nós incompreensível. São José entrando na gruta, presencía êste espetáculo inaudito, e quase desmaia de alegria e admiração. U'a multidão de anjos desce do Paraíso, fazendo ressoar cânticos melodiosos: — Glória a Deus nas Alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

Tanta glória em meio de tanta miséria!

II — AS LÁGRIMAS DE JESUS

Enquanto a Virgem Santa envolvia o celeste menino em paninhos, adorava-o como seu Deus e Salvador e depois, soluçando de emoção, coloca-o com imenso carinho e delicadeza, no presépio que São José havia preparado, juntando aqui e acolá, no chão, palhas sêcas e um pouco de feno, estendendo por cima, o manto que o encobrira na viagem.

Entre os homens, a criança mais pobre encontra ao nascer, agasalho e choupana. O Salvador não encontra nem teto, nem berço; mas é deitado numa velha e rústica mangedoura. O Menino Jesus verdadeiramente homem e sujeito às intempéries, sentindo a dureza das palhas como também o arrepio do frio, começa a derramar as suas primeiras lágrimas!

Um Deus que chora! Et lacrymatus est Jesus (Joannes XI. 35).

Os anjos recolhendo essas lágrimas levam-nas até ao trono do divino Pai, que na sua misericórdia, as transforma em rocio precioso para purificar os pecados do mundo.

Mas, não é só a dureza do berço e o rigor da estação que fazem chorar ao Salvador recém-nascido. E' a malícia dos pecados dos homens. A vista dos tormentos que o esperam. A inqualificável ingratidão do mundo. Êstes são os verdadeiros motivos, que o afligem e antes, que o seu coração goteje sangue, lhe arrancam lágrimas.

III — CONCLUSÃO

Aproximêmo-nos do humilde berço em que nascera Aquêle que nem o céu, nem a terra podem conter. Jesus ali não fala com palavras; fala com exemplos ensinando-nos a amar a humildade, a mortificação.

Ó Jesus, eu creio que Vós estais ao mesmo tempo, no Paraíso e nessa pobre gruta, na glória lá em cima, e na miséria aqui na terra! Mas, que diferença, ó Jesus!

No Paraíso, o vosso trono é o seio do Eterno Pai e nesta gruta, é um tosco e desajeitado presépio. Lá, eu vos contemplo cheio de glória e majestade; aqui eu vos vejo pobre humilhado, aflito! Lá, vejo estrêlas saírem de vossas mãos e aqui, lágrimos brotarem de vossos olhos! Mas, se vos encontro mais glorioso no Paraíso, aqui vos acho mais amável. O' Jesus, deixai cair uma dessas lágrimas sôbre o meu coração, para amolecê-lo tornando-o mais sensível às finezas de vosso amor.

SEXTA INSTRUÇÃO

O PRESÉPIO DO AMOR

Que nos apresenta a solenidade de hoje?

Um estábulo, um presépio, uma criança recém nascida, E' Natal! Tudo isso é simples, mas o que é maravilhoso, é que durante dezenove séculos todos os povos da terra comemoram ainda o presépio. E' um fato histórico.

Jesus Cristo pertence à história. Antes da invasão dos Bárbaros, podia-se ver em Roma a ata do seu nascimento redigida em Belém. Era uma noite de dezembro. Dois pobres viandantes não encontrando agasalho nas casas de Belém, refugiam-se numa gruta abandonada, e ali uma Virgem deposita, numa mangedoura, o mais belo dos filhos dos homens — o seu filho. No dia seguinte, fá-lo inscrever nos registros de Belém. Êste filho é Jesus Cristo, e êste presépio é hoje representado, honrado e transformado no mundo inteiro.

Consideremos um instante:

I — Êste presépio *HONRADO*.

II — Êste presépio TRANSFORMADO.

I — O PRESÉPIO HONRADO

O mundo inteiro canta o estábulo e a criancinha de Belém. Interrogando o passado, ouvem-se cânticos, festas populares em honra dêste presépio.

Por que tais manifestações, enquanto tantos outros berços ficam envolvidos no silêncio e no esquecimento? — Digitus Dei est hic!

Só Deus pode dar êste atrativo singular a êste pobre berço.

As honras do mundo passam.

Hoje é a glória;; amanhã o esquecimento, o desprêzo. Quem canta hoje o berço dos dominadores mundiais, desde Alexandre até Napoleão?

A vida dêles pertence à história, mas uma história que não suscita mais nem entusiasmo nem amor, apenas a admiração estéril dum fato passado.

O berço de Belém ao contrário, suscita chamas de amor, de zêlo, faz nascer virtudes heróicas e desabrochar a pureza e o martírio. A meia noite de Belém separa dois dias e dois mundos. Êsse Natal é um dia novo, uma época nova, um Testamento novo, uma vida nova! Esta vida foi esperada e desejada pelos profetas, aclamada pelos anjos e vivida pelos homens de boa vontade Essa criancinha é, verdadeiramente, Deus feito homem, o desejado das nações, o libertador do mundo

II — O PRESÉPIO TRANSFORMADO

O estábulo de Belém, por inspiração de Deus, tornara-se basílica e igreja, onde virão uns após outros, procurar a verdade, as sumidades intelectuais, os poderosos como os humildes, onde se juntarão os sofrimentos de tôdas as espécies, para encontrarem consolações, energias e reconfortos.

Nêsse estábulo, transformado em templo do Altíssimo, o presépio se tornará tribuna, donde ressoará a palavra do Verbo Divino. Esta tribuna será trono para o novo Rei, cujo poder será eterno.

CHRISTUS VINCIT, CHRISTUS REGNAT, CHRISTUS IMPERAT!

Êsse estábulo é, pois, um palácio. Êsse presépio é trono. Essa criança é Rei. Êsse Rei é Deus. Os anjos o proclamam, cantando: — Glória a Deus nas alturas, e na terra, paz aos homens de boa vontade (Lucas II. 14).

A estrêla o anuncia: — Nós vimos a sua estrêla (Mateus II. 2).

Virão os pastores: — Vamos até Belém e vejamos o que sucedeu, o que o Senhor nos anunciou (Lucas II. 15).

Seguirão os Magos para conhecer êsse Rei divino e oferecer-lhe o incenso como a um Deus, o ouro como a um rei, a mirra como a um mortal. — Entrando em casa, acharam o Menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se o adoraram. (Mateus II. II).

A terra esgotará suas riquezas para adornar seus templos.

Os mártires dar-lhe-ão o sangue, bradando com entusiasmo: — Tu ES CHRISTUS! Sois o nosso Rei e nosso Deus!

CONCLUSÃO

Nós também, nêste dia glorioso, vamos até Belém, penetremos no estábulo, aproximemo-nos do presépio e beijemos os pés dêste Menino divino, que nos vem trazer a paz e a felicidade. O mundo, do alto de seus frágeis arcos de trinfo, brada: Independência, Liberdade e Gôzo Jesus, do fundo de seu presépio, nos murmura: Obediência, Pureza e Pobreza!

Escutemos bem o recém-nascido, pois Êle vem não como Juiz, mas como Amigo; não como Mestre, mas como Salvador. Vem reinar, mas o seu reino é de amor e de misericórdia.

Sic nos amantem, quis non redamaret?

Quem não amará a quem tanto nos ama?

CIRCUNCISÃO DE JESUS

(1.º *de Janeiro*)

A festa da circuncisão, que se celebra a 1.º de Janeiro, dia da oitava de Natal, lembra-nos que, oito dias depois de seu nascimento, Nosso Senhor cumpriu a cerimônia da lei Judaica, pela qual, o filho devia consagrar-se a Deus, se-

gundo o sinal da aliança de Deus a Abraão. Era o pacto entre Deus e Abraão, o qual exigia que tôda criança do sexo masculino fôsse circuncidada oito dias depois do nascimento

"E aquêle que não o fôr, havia dito Deus, será rejeitado dentro do vosso povo, porque insulta o pacto, que fiz convosco" (Gênesis XVII. 10).

A circuncisão era o sinal distintivo dos Judeus entre os infiéis e a confirmação das promessas, que Deus fizera a Abraão. Esta cerimônia era o principal e mais necessário sacramento do Antigo Testamento. Era a condição essencial da incorporação do povo eleito de Deus. Há Santos Padres que a comparam com o batismo, reconhecendo nela um símbolo da purificação do pecado original e da santificação pela graça de Deus. (S. Tomás de Aquino).

EVANGELHO (Lucas, II. 21)

Naquele tempo, depois que se completaram os oito dias para ser circuncidado o Menino, foi lhe posto o nome de JESUS, como lhe tinha chamado o anjo, antes que fôsse concebido no ventre (materno).

SÉTIMA INSTRUÇÃO

OS ENSINAMENTOS DA CIRCUNCISÃO

Jesus é homem perfeito, como é Deus perfeito.

Êle tem a nossa sensibilidade para experimentar as nossas dôres como as nossas alegrias. Êle não quer subtrair-se a nenhum sofrimento e não esquece nem um instante, que vem a êste mundo como *Vítima.*

Para isso, vemo-lo pequenino, gemer, chorar, soluçar como qualquer outra criança de sua idade. A circuncisão é uma cerimônia legal imposta por Deus a Abraão, como sinal da aliança entre Êle e o seu povo: — No oitavo dia será o menino circuncidado. (Levit. XII. 3).

Contemplemos esta cena tocante:

I — Em sua *realização.*

II — Em sua *significação.*

I — A REALIZAÇÃO

Maria e José, que se submeteram ao edito do Imperador Romano, sujeitam-se à lei divina.

Segundo Santo Epifânio, a operação sagrada foi feita na própria gruta de Belém (Adv. Hoer. XI. 9) e foi o próprio José quem a executou. (Talmud c. 1.).

Nas famílias importantes, a cerimônia da circuncisão fazia-se com tôda a solenidade e assistência dos parentes e vizinhos como vimos em o nascimento de São João Batista (Lucas I. 58). Parecia-se com o nosso batismo cristão.

E' provável que para a circuncisão do Menino Jesus a assistência limitou-se aos pastores, que foram convidados pelos anjos para irem adorar o Menino.

As incisões feitas na carne da criança eram dolorosas e arrancavam gemidos inarticulados do peito oprimido, e lágrimas jorravam de seus olhos apenas abertos à luz do dia.

E' a primeira imolação da doce Vítima, que vem imolar-se pela salvação dos homens.

As primeiras gotas do Sangue Redentor jorravam na escuridão da gruta, recolhidas carinhosamente pela Virgem Mãe. À vista desta criancinha de oito dias, que chorava, os anjos cantavam sem dúvida, pela primeira vêz, o hino ao sangue do Cordeiro, que São João devia ouvir um dia. (Apocalípse V. 12).

Nêsse momento, de fato, o Salvador era mais do que um Cordeiro divino, realizando ao pé da letra, pelo seu primeiro sacrifício, a palavra do Precursor: — Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo. (João I. 29).

II — A SUA SIGNIFICAÇÃO

Mas por que se sujeitou o Menino Jesus a esta cerimônia?

A lei de Moisés era formal, sem dúvida, porém, supunha e exprimia condições (Levit. XII — I. 2), que não se aplicavam nem a Jesus, nem a Maria, de modo que legalmente, ambos eram dispensados de seu cumprimento.

Encontramos três razões de ordem superior à lei mosaica, que os determinaram a submeter à lei o Filho de Deus.

PRIMEIRA RAZÃO:

A santificação do rito e das pessoas às quais é aplicado.

Do mesmo modo que o Batismo é o sinal, que distingue o Cristão e o faz filho adotivo de Deus, assim a circuncisão era o sinal da aliança de Deus com os filhos de Abraão.

A circuncisão do Israelita dava-o a Deus, enquanto a circuncisão do Filho de Deus feito homem dava Deus à

humanidade, consagrando definitivamente e de modo visível, a aliança dos dois contraentes.

Dêste modo, graças à circuncisão de Jesus, o sinal do pacto divino, não estava simplesmente gravado na carne do homem, mas na carne do próprio Deus, na pessoa de Jesus Cristo.

SEGUNDA RAZÃO:

Jesus Cristo fazendo-se homem tomou a aparência do pecador — in similitudinem hominum factus — (Philip. II. 7).

Ora, a circunscisão, na expressão de Bossuet, era o "sacramento dos pecadores e a expressão da sua servidão. Logo, o Salvador, sôbre quem Deus havia colocado a iniquidade de todos (Is. 53. 6) devia sujeitar-se à sua aplicação.

Desde a sua entrada no mundo o gládio da imolação devia marcá-lo para o castigo final.

TERCEIRA RAZÃO:

A forma e o simbolismo da circuncisão obrigavam o Salvador a submeter-se a seu rito. O sangue era derramado; havia verdadeiro sacrifício de um sentido especial.

A forma da circuncisão indicava a libertação das inclinações originais da corrupção humana. Por isto era imposto ao circunciso um nome novo. (Gen. XVII. 5).

Jesus devia ser circunciso significando que vinha arrancar a raça humana ao jugo do pecado e elevá-la, pela graça, à participação de sua própria vida.

III — CONCLUSÃO

A circuncisão é, pois, a entrada de Jesus na vida de imolação, que Êle começou nêste dia, derramando as primeiras gotas de seu precioso sangue.

Esta festa deve excitar em nós sentimentos de gratidão a Jesus e à Santíssima Virgem que apresentou seu Filho ao

ferrete do sacrifício, para que o sangue de seu Jesus purificasse e santificasse as almas.

Deve ainda excitar em nós o ódio ao pecado, causa dêstes sofrimentos de Jesus, e ensinar-nos o espírito de mortificação e de sacrifício, conforme o exemplo do nosso divino modêlo.

OITAVA INSTRUÇÃO

O SANTO NOME DE JESUS

Na ocasião da circuncisão impunha-se ao recém-nascido o nome legal, como se faz hoje na ocasião do batismo.

Cabia a José impôr êste nome ao Salvador. Não houve necessidade de procurá-lo, pois duas vêzes um mensageiro celeste o havia trazido do céu, e confiado, a primeira vêz a Maria e a segunda ao próprio José.

A Igreja instituiu a festa do Santo nome de Jesus. A festa de um nome Por que isso? A Igreja, inspirada pelo Espírito Santo, deve ter encontrado razões poderosas, que justifiquem o culto prestado a êste nome. Meditemos estas razões, considerando:

I — *A origem* dêste nome.

II — A sua *doçura.*

I — A SUA ORIGEM

Êste nome vem, do céu.

Ora, os nomes dados por Deus são realidades. Não são, simplesmente, sinais, representações, mais ou menos exatas em relação ao que exprimem. Constituem uma face, um aspecto das cousas, que se transportam ao domínio da palavra.

São substanciais, e sua substância é a cousa nomeada, em seu ideal eterno, e por êste ideal, em sua realidade criada e vivida. Devia, pois, vir do céu porque a terra era incapaz de imaginar tal nome. No dia da Anunciação, o Arcanjo Gabriel disse a Maria:

Eis que darás à luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus (Lucas I. 31).

Mais tarde, um anjo veiu avisar a São José que deveria receber Maria como espôsa, porque o que nela foi concebido é obra do Espírito Santo. E ela dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. (Mateus I. 21).

Nenhuma hesitação era possível: Deus havia mandado do alto do céu, o nome que devia para sempre distinguir o Verbo Divino feito homem; seu nome devia ser Jesus.

Jesus quer dizer Salvador. O próprio anjo indicara a José a significação: — Porás o nome de Jesus, porque Êle salvará o seu povo de seus pecados. (Mateus I. 21).

Êste nome já havia sido usado no Antigo Testamento. Um Jesus, ou Josué, havia introduzido os Israelitas na terra da promissão Um outro, grão-sacerdote, havia restaurado o culto divino na cidade santa, após o cativeiro de Babilônia. Dar, pois, o nome de Jesus a esta criancinha, nascida numa época, em que se esperava tanto a vinda do Messias, era pôr sôbre a sua fronte a auréola de Salvador. O nome é apenas um grupo de sílabas, porém traz a honra da pessoa, é como o seu estandarte, a sua bandeira.

A bandeira é apenas um pedaço de pano; entretanto, para defendê-la, imolam-se vidas, e quando ela surge nos desfiles, curvam-se as frontes mais altivas.

Não se pode tocar na bandeira, sem tocar na carne viva da nação, que representa.

O' Jesus, o vosso nome é a Bandeira sagrada, que nos une e nos estimula! Ela nos lembra que somos filhos dêste Jesus, que significando Salvador, fêz-nos salvos, predestinados ao céu pelo seu sangue.

II — SUA DOÇURA

Êste nome sagrado eternizou-se todo embebido de amor.

Quem o pronunciou em primeiro lugar?

Foi o Padre Eterno, na glória do céu, comunicando-o ao Arcanjo, que devia trazê-lo à terra.

E', pois, um nome consagrado por lábios divinos, pelo Eterno, desde tôda a eternidade.

O Arcanjo o recolhe com respeito, repete-o em adoração e o leva para a terra.

Repetido mil vêzes pela Virgem Imaculada e por José, êle ecoou até ao céu.

Saiu mais tarde, vibrante e amoroso do peito dos Apóstolos, que o foram anunciar ao mundo inteiro. Foi o brado supremo desta legião de mártires, que deram a sua vida, pronunciando-o com os lábios tintos de sangue, de amor, e de heroísmo.

Os Eremitas confiaram-no ao éco dos desertos e as Virgens murmuravam-no em seus colóquios íntimos. Dêste modo, chegou até nós, através dêstes lábios abençoados, todo refulgente de glória e embalsamado de amor.

Eis porque o nome de Jesus exerce poder incomparável no céu, na terra e no inferno, como diz o Apóstolo: — Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome, que está acima de todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e no inferno e tôda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Padre. (Philip. II. 9).

No céu o nome de Jesus é o encanto e o objeto de contínuos louvores dos bemaventurados.

Na terra, devia dominar tôdas as harmonias e estar gravado em todos os monumentos.. mas, infelizmente a ingratidão dos homens chegou até renegar êste nome e há lábios, que não só o não pronunciam, mas até o blasfemam.

No inferno, o nome de Jesus prostra por terra a fronte orgulhosa dos demônios, e êstes não podendo mais amá-lo, adoram-no amaldiçoando-o, mas reconhecendo sua grandeza e seu poder. No purgatório, êste nome sagrado espalha esperança e amor, sendo continuadamente repetido pelas almas benditas, como farol, que lhes indica a glória futura do céu.

III — CONCLUSÃO

Quantas pessoas há nêste mundo que pronunciam êste nome sagrado com *indiferença,* como se fôra nome de um estranho! Não somos nós dêste número?

Oh! por que esperar que sejamos um dia forçados a adorá-lo? Amemo-lo desde já como nome do nosso maior Benfeitor, do nosso Pai querido, do nosso grande amigo.

Amá-lo pouco é desconhecer a sua origem, a sua significação, a sua doçura!

O' Jesus, para amar o vosso nome, devo amar-vos a vós mesmo. E amando-vos, pronunciarei o vosso nome com amor, como se pronuncia com amor o nome de uma pessoa querida.

Amando-vos saberei distinguir o vosso nome nas leituras, nas conversações e o sentirei vibrar em meu coração. Entre as demonstrações de amor, há uma muito simples e ao alcance de todos, que a liturgia prescreve: E' inclinar a cabeça, cada vêz que se lê ou se ouve pronunciar o nome de Jesus, como também dizer com convicção na recitação do Padre Nosso: Santificado seja o Vosso nome!

NONA INSTRUÇÃO

PODER DO NOME DE JESUS

São Paulo diz que o *nome de Jesus está acima de todo outro nome* (Philip. II. 9), para indicar a glória suprema de Jesus, que ultrapassa tôda outra glória, porque é substancial.

Êle chama, como testemunha, o céu, a terra, o inferno. E êstes respondem dobrando o joelho. Tal poder do nome de Jesus não é bastante conhecido, havendo cristãos, que pensam ser apenas um costume piedoso honrar e exaltá-lo.

Há mais do que isso: E' um meio de salvação: — *Quem invocar o nome de Jesus será salvo,* diz o Apóstolo. Meditemos um instante o poder dêste nome sagrado.

I — Através do *mundo* inteiro.
II — Na *alma* de cada cristão.

I — NO MUNDO INTEIRO

O céu inclina-se. A bondade divina se comove e a onipotência submete-se, desde que êste nome é invocado. Contra êle a resistência é impossível. Abranda-se a justiça e a cólera divinas. *Pedi a meu Pai em meu nome,* diz Jesus, *e Êle vos dará.* (João 16. 23).

Os anjos prostam-se em adoração, porque diz o Apóstolo: *Jesus é tanto mais elevado acima dos anjos, quanto o seu nome é superior aos nomes, que êles receberam!*

A qual dos anjos já disse Deus: — Tu és meu Filho, eu te gerei hoje?

E ainda: Eu lhe serei um Pai e Êle será para mim um Filho.

E quando Êle introduz o seu primogênito no universo, diz: — Todos os anjos do Altíssimo hão-de adorá-Lo (Hebr. I. 3-6).

Os santos que cantam na glória o Cântico do Cordeiro, exclamam: Senhor! Quem não glorificará o teu nome? (Apoc. XV. 6)., pois todos êles foram salvos por causa dêste nome. (Sal. CV 8).

A terra adora êste nome de salvação e o adorou antes mesmo que o Messias aparecesse.

Esperei, Senhor: o teu Jesus (ou salvação) diziam os Patriarcas (Gen. 49. 18).

Alegrar-me-ei no Senhor, diz Habacuc, *e exultarei em meu Deus, meu Jesus* (Habac. III. -8). Céus, exclama Isaías, desça o vosso orvalho, abra-se a terra e germine Jesus (a salvação)! (Is. 45, 8).

Depois da aparição do Salvador, a adoração dêste nome torna-se uma alegria sem par São Paulo, em suas epístolas, o pronuncia 219 vêzes, como se não pudesse saciar-se de ouví-lo e repetí-lo.

Santo Agostinho escreve em suas confissões: O meu coração de criança era alimentado do nome do Salvador, ao mesmo tempo que do leite da minha mãe. e tudo o que lia, por tocante que fôsse, nunca me pôde arrebatar sem êste nome. (Conf. III. 4).

São conhecidos os cantos entusiastas e ternos de São Bernardo em honra do sagrado nome de Jesus; para êle, êste nome era luz, alimento e unção.

Os Apóstolos e os mártires galgam, com delícias, o patíbulo da morte, pelo nome de Jesus. (Act. V. 41). Os santos o pronunciavam como em êxtase e uns entre êles, como o Bemaventurado Suzo, gravaram-no sôbre o peito com ferro em brasa, ou aos golpes da lâmina cortante. Os moribundos exalam o último suspiro repetindo com amor, o brado de São João: — Vinde, Senhor Jesus — (Apocalípse 22. 20).

II — NA ALMA DE CADA UM

Que sentimento deve inspirar-nos êste nome?

A admiração, a gratidão ou a confiança?

Tudo isso, sem dúvida, mas sobretudo a confiança. Nunca se pode ter demasiada confiança em Deus. Quando chamamos: "Em nome de Jesus", "Em nome de Vosso Filho" — lembrando a Deus tudo o que Êle tem feito para nós Deus não pode desviar a cabeça. Sente-se comovido. Ouvindo êste nome, Deus vê surgir diante de Sí êsses quadros inefáveis da Encarnação, do nascimento, de Belém, de Nazaré, do Calvário, do Cenáculo e perante estas cenas, jamais Deus pode deixar de ouvir e atender aquêle que O implora.

Aliás há uma promessa divina: — *Qui invocaverit nomen Domini, salvus erit* (Rom. 10. 13). Aquêle que invocar o nome do Senhor será salvo.

O têrmo é positivo, não excluindo ninguém, nem pedido algum.

Deus, sem dúvida, pode fazer-nos esperar para experimentar a nossa confiança, porém, o pedido, de qualquer modo e forma por Êle escolhido, será atendido.

Armados com o nome de Jesus, tudo realizaremos na ordem da salvação.

Nada podemos de nós mesmos, nem siquer pronunciar, meritòriamente, o nome de Jesus, sinão pelo Espírito Santo (a graça); lembremo-nos, porém, de que esta graça está sempre à nosa disposição e é alcançada desde que pedida.

Existe na vida espiritual a lei admirável da *colaboração* divina, que faz que o homem nada possa por sí e tudo sòmente com Deus; e considerada do lado de Deuz, faz que Deus tudo possa por Sí, mas nada faz na obra da santificação sem a colaboração do homem. O nome de Jesus traz em sí a salvação, porém não salva sinão pela cooperação daquele que pronuncia êste nome divino, que é no dizer de São Bernardo: — *luz, alimento e unção.*

III — CONCLUSÃO

O nome de Jesus é, pois, um poder divino, que Deus coloca em nossas mãos, ou melhor em nossos corações, para que o invoquemos e façamos invocar pelos outros.

Façamos conhecer o poder dêste nome divino, para que todos se aproveitem dêle.

Êste nome: Jesus — é para o coração do homem um ponto luminoso, uma estrêla refulgente que lhe indica o céu.

O' Deus, santificado seja o vosso nome sob o doce nome de Jesus!

Queremos repetí-lo às criancinhas, para ficarem puras e piedosas! Queremos repetí-lo à mocidade ardente, para que seja um ideal e um sustento para ela nas horas das lutas. Queremos repetí-lo aos aflitos e aos sofredores, para que lhes ensine a resignação e a confiança. Queremos colocar o suave nome de Jesus, sôbre os lábios descoloridos e trêmulos dos moribundos, para nêles reaviva a fé, o arrependimento do passado e a esperança numa vida, que vai começar e que não acabará mais!

FESTA DA EPIFANIA

(6 *de janeiro*)

Não concordam os escritores quanto a data da chegada dos Reis Magos a Belém, nem quanto ao lugar, onde adoraram o Menino Deus.

Fôra ainda no estábulo, ou numa casinha menos miserável posta a seu uso pelos habitantes? Sem discutir a questão, a piedade prefere vê-los na gruta.

A tradição no-los representa sempre em número de três: Gaspar, Belchior e Baltazar Vinham da região do Eufrates, que conservava ainda a lembrança das predições feitas por Balaam, a respeito de um estrêla milagrosa.

Tal profecia e aquela outra de Daniel, mais explícita ainda, espalhou-se entre os povos do Oriente, onde havia formado uma espécie de expectativa, que se transmitia às populações.

EVANGELHO (Mateus, II. 1 12):

I — *Tendo, pois, nascido Jesus em Belém de Judá, reinando o rei Herodes, eis que uns Magos chegaram do Oriente a Jerusalém,*

II — *dizendo: onde está o rei dos judeus que é nascido? Porque nós vimos a sua estrêla no Oriente e viemos adorá-lo.*

III — *E ouvindo isto o rei Herodes, perturbou-se e tôda Jerusalém com êle.*

IV — *E convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os Escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo.*

V — *E êles disseram: — Em Belém de Judá, porque assim foi escrito pelo profeta:*

VI — *E tú Belém, terra de Judá, não és a mínima entre as principais de Judá: porque de tí sairá o chefe, que há-de comandar Israel, meu povo.*

VII — *Então Herodes, tendo chamado secretamente os Magos, inquiriu dêles, cuidadosamente, que tempo havia que lhes aparecera a estrêla.*

VIII — *E enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem acêrca do menino e quando o encontrardes, comunicai-me afim de que também eu vá adorá-lo.*

IX — *E êles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram; e eis que a estrêla, que tinham visto no Oriente ia diante dêles até que chegando sôbre onde estava o menino, parou.*

X — *Vendo a estrêla, ficaram possuídos de grandíssima alegria.*

XI — *E entrando na casa, encontraram o menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se o adoraram; e abrindo seus tesouros lhe ofereceram presentes (de) ouro, incenso e mirra.*

XII — *E tendo recebido aviso em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram, por outro caminho para o seu país.*

DÉCIMA INSTRUÇÃO

OS REIS MAGOS

Enquanto os grandes acontecimentos de Belém iam entrando na sombra do passado, sem talvez sair do ambiente desta população operária, rural, outros fatos iam-se desenrolando, além das fronteiras de Israel, onde viviam os povos Persas, Árabes, Caldeus, que também esperavam a vinda de um Libertador.

O profeta Daniel havia dito: — *Eu o estou vendo, mas Êle ainda não existe. Eu o contemplo, posto que ainda venha de longe. Uma estrêla brilhará sôbre Jacó, um cetro se levantará sôbre Israel!*

Os sábios traziam gravada na memória a lembrança dêste vaticínio. E eis que um dia, três dêstes sábios, que a tradição diz serem reis, e que são intitulados "os Reis Magos", viram no firmamento essa milagrosa estrêla, de grandeza e brilho maravilhosos.

Percorramos uns instantes a narração tocante do Evangelho de hoje. Tudo ali é suave, claro e cheio dos sentimentos mais nobres; vejamos:

I — *A viagem* dos Reis Magos.
II — *A adoração* ao Menino Jesus.

I — A VIAGEM DOS MAGOS

Um dia os três Magos avistaram, no firmamento, uma estrêla extraordinária, enquanto uma voz interior lhes fêz compreender que tal estrêla indicava o nascimento do grande Rei, esperado pelos Judeus. Sentiam-se impelidos por uma fôrça estranha a irem à presença dêste Rei. Era o convite da graça divina.

Mil objeções nasciam naturalmente em seu espírito; eram reis como deixar o reino? Eram sábios. como deixar os estudos? Nem sabiam o lugar onde devia nascer tal Rei. Como conhecê-lo? Para que lado se dirigir? A quem pedir explicações?

A tôdas essas objeções a voz interior respondia que confiassem em Deus.

Não hesitaram mais; com boa comitiva que carregava os víveres e os presentes, a caravana pôs-se em marcha, enquanto brilhava a estrêla, que lhes parecia indicar o caminho.

Vindo do extremo da Índia, ou da Pérsia, como indicavam os seus nomes, ou ainda de Sabá Median, Efa, Tarses, ou também da Arábia ou Etiópia, conforme as profecias de Isaías (Is. 60. 6) êles tinham que percorrer os imensos desertos, que separavam êstes lugares de Jerusalém mas nada era capaz de desanimá-los, e após uns meses de viagem, ei-los de repente, defronte da cidade suntuosa de Jerusalém, guiados até ali pela estrêla.

Ali a estrêla desapareceu e fêz acreditar aos Magos que tinham diante de sí a cidade do grande Rei. Apressaram-se, portanto, em descer até à cidade, fazendo aos moradores uma pergunta, que se lhes afigurava tão natural: — Onde está o Rei dos Judeus?

O espanto foi geral. Ninguém conhecia tal Rei recém-nascido.

Até mesmo o velho Herodes, avisado das perguntas feitas pelos Magos, começou a tremer em seu palácio.

Foram logo consultados os príncipes dos sacerdotes e doutores da lei, que responderam a pergunta, citando a profecia de Miquéias: — Em Belém de Judá.

Herodes tenta dominar a sua inquietação. Fingindo querer também adorar o novo Rei, pede aos Magos que procurem, cuidadosamente, o Menino, e voltem para comunicar-lhe onde se encontra o lugar. Um novo assassínio estava decretado no espírito do velho criminoso. Saindo da cidade, a estrêla apareceu de novo e conduziu os Magos até Belém, onde parou, dardejando seus raios sôbre um ponto fixo, como se quisesse dizer: — Aqui está aquêle a quem procurais.

II — A ADORAÇÃO DO MENINO

Os Magos olharam, julgando encontrar qualquer palácio, mas não tinham diante de sí, senão uma pobre choupana, ou a gruta miserável do nascimento.

Não hesitaram: a sua fé não conhecia vacilações.

Desceram de seus altaneiros camelos e entraram na humilde casinha. *Et intrantes domum.*

Singular espetáculo para homens acostumados às grandezas e ao luxo. Admirável provação de uma fé, que lhes impôs tantos sacrifícios!

Um sinal no céu, meses e meses de viagem, (alguns pensam dois anos) Jerusalém perturbada, Herodes ansioso, tantas excitações nas promessas dos profetas, tudo isso termina numa choupana quase em ruínas. a criancinha e a jovem mãe, ambos simples, pobres, frágeis, semelhantes pelas aparências a tôdas as demais crianças e a qualquer jovem mãe!

Não havia outra alternativa possível, senão a de confessar a amarga decepção ou a de reconhecer um mistério divino, que ultrapassava tôda concepção humana!

Pobres Magos, tinham que escolher entre uma imensa mistificação ou uma manifestação divina; ou tomarem de novo os animais e voltarem desiludidos para a sua terra ou então prostrarem-se de joelhos e adorar esta criancinha como o Rei, o Libertador esperado Interiormente esclarecidos pelo Espírito divino, que os havia conduzido até ali, os humildes Magos não hesitaram; receberam a inteligência dos desígnios de Deus, que se escondem aos orgulhosos e se desvendam aos humildes, prostram-se com a fronte no pó da terra e adoram êste menino como o Rei, o Deus, o Homem esperado, para salvar a humanidade. Os felizes viandantes do Oriente tiveram a intuição do sacrifício redentor. Viram mais ainda: compreenderam que nesta abdicação de tôda glória, a beleza real dêste novo Rei, se mostrava de certo modo, acima da sua própria grandeza, despojando-se dela

O esplendor divino, que até aí haviam adorado no sol, aparecia-lhes mais inteligível, mais radiante, mais expressivo

nos traços humanos e delicados da Virgem-Mãe, no frágil aniquilamento de Jesus.

Compreenderam o próprio Deus, enquanto Deus póde ser compreendido. Mediram a majestade do grande Rei, e pressentiram a intensidade e a extensão de seu sacrifício.

Abrindo os seus tesouros ofereceram o *incenso* ao Verbo Encarnado, o *ouro* ao herdeiro do reino divino, a *mirra* à vítima já assinalada para o sacrifício.

III — CONCLUSÃO

O exemplo dos Magos arrebata. Mas não basta admirá-lo: é preciso imitá-lo.

A primeira lição que nos dão é o *desapêgo* aos bens e às honras do mundo, deixando tudo para encontrar Jesus.. E nós, talvez somos dominados pela moleza, que quereria tudo fazer, mas nada faz.

A segunda lição é a *confiança* em Deus. Seguem caminhos longos e penosos, certos de encontrar o que Deus lhes revelou E nós, ao menor insucesso ficamos desanimados. A terceira lição é o *espírito de fé,* que vê a mão de Deus em tudo, e tudo dispõe para o bem dos eleitos. Os Magos encontram Jesus sob as aparências mais contrárias a suas idéias. pouco importa; prostram-se e adoram-nO como se O víssem em sua glória.

E nós paramos diante da maldade dos homens. revoltamo-nos quando as cousas não se realizam conforme os nossos desejos; e eis porque não encontramos o Menino Jesus com sua Mãe; não se manifestam sinão àqueles que o procuram indicados pela estrêla da fé. Peçamos, pois, aos santos reis Magos êste desapêgo, esta confiança em Deus e êste espírito de fé, que tanto os distinguiu em sua vinda a Belém.

11.ª INSTRUÇÃO

OS EXEMPLOS DOS REIS MAGOS

A criancinha, o Deus escondido na humilhação da carne e do presépio, fôra visitado primeiramente pelos pobres pastores. O Rei, o Sacerdote, o Profeta ia receber a visita dos Magos, a que a tradição cristã atribui qualquer cousa dêstes três títulos.

Trouxeram o ouro, que serve para pagar tributo aos reis; o incenso, que perfuma os altares e as mãos do sacerdote, e a mirra, que simboliza o sofrimento e as perseguições do Profeta. O exemplo dos Reis Magos, assim como os presentes, que ofereceram ao Menino Jesus, ficarão para sempre como regra e modêlo de todos aquêles que Deus chama à luz e ao calor de seu amor. Percorramos esta suave cena:

I — Meditando esta *regra.*

II — Contemplando êste *modêlo.*

I — REGRA DOS CONVITES DE DEUS

Vinham da Pérsia ou dos países de Sabá, Median e Efa. Eram reputados sábios. Os seus nomes significam *Sacerdotes,* na língua persa, e *Grandes,* nas línguas semitas. A Igreja reconhece-lhes a tríplice auréola de *sábios, sacerdotes* e *príncipes.* Tinham os nomes de Belchior, Gaspar e Baltazar.

O Evangelho, na sua inspirada concisão, diz que *tinham visto no Oriente a estrêla do Rei dos judeus e tinham vindo adorá-lo.* Qual era êste augusto e surpreendente sinal?

São João Crisóstomo e outros exegetas pensam que era

um dos anjos da milícia celeste, que aparecera aos Pastores, manifestando-se depois aos Magos, sob a forma luminosa e resplandecente de uma estrêla. Um ato de fé da parte dos Magos correspondera à irradiação do astro misterioso, como um ato de fé da parte dos Pastores havia feito éco ao concêrto angelical. Os três Reis Magos puseram-se a caminho seguindo o astro luminoso, que lhes serviu de guia noturno. Chegados perto de Jerusalém, desaparecera aquêle estranho sinal.

Entraram na cidade à procura de quem lhes desse notícia do anunciado acontecimento.

Perguntaram: — *Onde está aquêle que nasceu, Rei dos judeus?*

A primeira resposta foi a admiração, o espanto!

O Rei dos judeus era Herodes, tirano, ímpio, cruel e odiado pelo povo.

O Rei dos judeus era êle — e ai daquêle que tivesse a ousadia de usurpar-lhe o título e as soberbas honrarias. Apontaram, pois, aos Magos, o palácio do Rei da terra, quando vinham procurar o Rei do Céu

A perturbação foi geral;; Herodes, supersticioso e desconfiado, sentiu um arrepio de ódio. Mas, a situação era grave

O prestígio dos Magos. o sinal visto no céu, valorizavam a pergunta por êles feita:

"Onde está aquêle que nasceu Rei dos judeus?"

Herodes temeu perder o trono e ser substituido por êste Rei nato dos judeus.

Sob pretexto de consideração para com os Reis Magos, convocou os chefes da nação judaica, os príncipes dos sacerdotes e escribas, para saber dêles onde devia nascer o Messias.

A resposta não podia ser assunto de contestação: — "Em Belém de Judá", conforme a profecia de Miquéias. Herodes interrogou os Magos acêrca do tempo e lugar onde lhes tinha aparecido o astro desconhecido. Suas intenções eram, evidentemente criminosas. Receiando ser desmascarado, dissimulava. .

Tomadas as informações precisas, faltava-lhe apenas a certeza de que havia nascido, em Belém, o Rei prometido. Fingindo-se comovido pela narração e atraido pela simpatia

ao recém-nascido, ofereceu aos Magos os seus préstimos para melhor assegurar-se da verdade dos fatos. Mandou-os a Belém com a missão de se informarem cuidadosamente de tudo que dizia respeito ao Deus Menino, pedindo que, encontrando-o, voltassem a avisá-lo para que êle também pudesse ir adorar o Messias.

Os Magos, de nada suspeitando, anuíram aos desejos do déspota, e saindo da cidade, tomaram a direção indicada.

II — O MODÊLO APRESENTADO

Nêste momento apareceu-lhes a estrêla milagrosa. Seguia, suavemente, a direção de Belém.

Chegada ao têrmo, parou sôbre a gruta onde repousava o Menino-Deus.

Espetáculo singular para homens acostumados a contemplar a grandeza cercada de luxo. Provação suprema e admirável da fé, que lhes tinha feito empreender viagem tão longa, guiados pela aparição duma estrêla. Sendo pagãos, a idéia natural, que tinham do Messias e que tinham os próprios judeus era de um grande Rei, um Conquistador, um homem de gênio, que dominaria todos os Impérios e homens.

Os Magos pensavam encontrar, pois, um rei verdadeiro, cercado de glória e majestade, descendente da estirpe gloriosa de Davi, que retomaria em mão o cetro caído das mãos de seus antepassados para estendê-lo sôbre o mundo inteiro, e com êle governar tôdas as nações.

Repletos dêstes pensamentos de grandeza e de poder, os Magos encontram a primeira desilusão na ignorância de Herodes acêrca do nascimento dêste grande Rei: e apesar das indicações da estrêla, a destruição completa destas idéias ao verem-se de repente, numa cidade rústica, diante duma miserável gruta.

Êstes homens admiráveis não se deixaram levar nem enganar pelas aparências, mas compreenderam que, se o luxo e a grandeza são o apanágio de qualquer rei, o Grande Rei, porém, o Salvador deve superar êste luxo e esta grandeza.

Os potentados da terra são escravos do luxo e da majestade; são dominados por êstes títulos mas não os dominam. O Grande Rei deve dominar tudo isso e por isso estar acima de tudo, livre e desapegado de tudo; o que só se faz pela pobreza, miséria e esquecimento.

São idéias divinas, contrárias às idéias humanas.

Por isso, sem hesitação, sem admiração, mas com naturalidade perfeita entram na gruta, encontram o Menino nos braços de sua Mãe; prostram-se por terra, adoram o grande Rei, sob aparência de frágil criancinha e veneram a grande Rainha sob o exterior humilde. Aclamam o poder divino, através do véu da pobreza e da miséria.

Compreenderam o Deus — porquanto Deus é compreensível — entreviram a Majestade do Rei supremo pressentiram a imensidade do seu sacrifício. E, abrindo seus tesouros, ofereceram ao Deus humanado, o incenso; ao herdeiro de Deus, o ouro; à vítima divina, a mirra. E a Virgem Imaculada, nesta atitude meditativa, lhes sorria e apertava ao seio o seu Filho, que era também o Filho de Deus, seu próprio Deus e Filho.

III — CONCLUSÃO

Em permuta de seus presentes, os Magos receberam conforme narra a tradição — as graças, que simbolizavam os seus presentes.

O ouro, o incenso e a mirra simbolizam as três virtudes, que constituem o espírito evangélico: a caridade, o espírito de oração e a mortificação dos sentidos.

Tornaram-se os primeiros apóstolos de seu país. Documentos antiquíssimos dizem que um dêles acompanhou São Tomé às Índias.

Pensa-se que os três foram martirizados pela fé cristã. Seus corpos reunidos em Constantinopla, foram, mais tarde, transferidos a Milão, e no século XII para Colônia, onde se veneram até hoje os restos mortais daquêles que, tão abnegadamente, deixaram bens, posição e terras para visitar e adorar o Filho de Deus, baixado do céu num miserável

presépio. A grandeza nunca é maior e mais sublime do que quando sabe despojar-se voluntàriamente de seus raios, fazer-se pequena e acessível aos outros!

E' o que fêz Jesus Cristo, e o que souberam imitar os Reis Magos.

12.ª INSTRUÇÃO

OS REIS MAGOS EM CAMINHO

O exemplo dos Reis Magos está repleto de lições práticas para a nossa vida que convém relevar algumas delas. Admiremos-lhes o desapêgo, a confiança, o espírito de fé; procuremos imitar a sua *generosidade.*

Prosseguir caminho sob os resplendores da estrêla, torna a jornada fácil e suave; a estrêla, porém, pode desaparecer, como desaparecera para êles; então é a provação.

Saber caminhar na provação, com a mesma confiança de quando se caminha sob o resplendor da estrêla da fé, é a lição prática para todos nós.

Vejamos um instante como fizeram os Magos e como devemos fazer nas provações, examinando:

I — O caminho através do *desconhecido.*

II — O caminho sem *estrêla.*

I — O CAMINHO ATRAVÉS DO DESCONHECIDO

Os Reis Magos, seguindo a indicação da estrêla, nem sabiam para onde iam; aventuraram-se em caminhos ignotos. A nossa vida, também, é uma estrada desconhecida. Chegaremos ao término? quando? em que estado? Mil perguntas nos assaltam. Por que tentar responder a elas? Vamos para onde Deus nos chama. A sua estrêla nos apareceu um dia. E' sua vontade manifestada, não milagrosamente, como para os Magos, mas seguramente, pela reflexão, a oração, o conselho de nosso diretor ou confessor.

O desconhecido para os Magos eram as vastas regiões, que deviam atravessar: vales, montes, rios, florestas e de-

sertos. A duração desta viagem, conforme o lugar donde partiram, talvez tivesse sido de um ano ou mais, porém, nunca disseram: — E' muito longe! quando chegaremos lá?

As diversas intempéries das estações não os desconcertaram, os perigos deixaram-nos calmos e confiantes. E' que êles sabem estar, plenamente, fazendo a vontade de Deus.

Deus é o ordenador de tudo: por que inquietar-se?

Nada acontece sem o seu consentimento; por que desconfiar dÊle?

Êle é nosso Pai; por que desejar conhecer os seus desígnios?

O que Êle quer é o nosso maior bem. Que pensar dos Magos, se descurando de seguir a estrêla, se deixassem absorver pelos mil acidentes das estradas, pelo mêdo dos perigos, pelo aborrecimento de um caminho, que se prolongasse indefinidamente?

Que devemos, pois, pensar de nós?

Por que esta ansiedade, esta tristeza, êstes desejos apressados, esta inquietude persistente? A razão é que não fitamos bastante a estrêla da vontade divina. consideramos demais as contingências humanas.

E' preciso que conservemos, ao longo do caminho, esta confiança da partida, que outrora, talvez, nos dava tanta alegria e tanta fôrça.

Nada foi mudado sinão nós mesmos. Perdemo-nos à vista das cousas humanas. Não marchamos sob a direção da estrêla da fé; às vêzes lembramo-nos dela vagamente.

III — CAMINHO SEM ESTRÊLA

Depois de terem transposto espaços imensos, os Magos encontraram-se num país desconhecido. Pouco lhes importara — a estrêla avançava com êles.

Eis, entretanto, que de repente, procuram-na e não mais a encontram. Para onde ir? Que fazer? São estrangeiros e vêem-se longe da pátria. A quem confiar seu destino? Tinham tudo a recear — Deus os teria abandonado?

Não, não! E' a provação; Deus parece abandoná-los

um instante, para entregá-los à própria iniciativa. Os meios divinos desapareceram. . recorreram então aos meios humanos. Consultaram os habitantes. Êstes os conduziram ao rei. O rei convocou os sábios. Dêstes concursos naturais jorrou a luz! O grande Rei devia nascer em Belém de Judá. E Belém estava distante apenas duas horas de marcha, mais ou menos.

Como explicar o desaparecimento da estrêla? Por que Deus não os conduziu até ao têrmo da viagem?

São perguntas que a fé viva dos Magos não faz siquer a sí mesmos.

Cabe a Deus dirigí-los, ora pela luz duma estrêla, ora pelas indicações dos homens: pouco importa! Êle é o Mestre, e os Magos têm nÊle confiança cega: partem, pois, com plena certeza de alcançar a meta. Apenas deram alguns passos, e a estrêla apareceu de novo no firmamento. Deus quer recompensar a sua iniciativa prudente, ativa e confiante.

Tal é, muitas vêzes, a nossa situação. Depois de ter empreendido tal obra por inspiração divina, ou resolvido tal progresso, depois de ter marchado à luz penetrante duma estrêla divina, eis que, de repente, ficamos envolvidos nas trevas: o presente, o futuro, tudo se nos apresenta obscuro, e ficamos a sós, como abandonados por todos, e entregues à nossa iniciativa pessoal.

Era tão doce *deixar-se conduzir,* e ver diante de sí um caminho já traçado tudo desapareceu. por que estas trevas? Por que?

Para desenvolver as nossas próprias qualidades. Pelo costume da obediência, tínhamos, talvez, perdido a *iniciativa* pessoal, a coragem e Deus deixa de nos guiar de um modo, para orientar-nos de outro; mas é sempre Deus.

III — CONCLUSÃO

A exemplo dos Magos, tenhamos sempre os olhos fixos na estrêla da vontade divina.

Se ficamos lânguidos, hesitantes, incertos, é que estamos olhando demais para as contingências humanas, para as dificuldades, as oposições: falta-nos a *confiança* em Deus.

A estrêla brilha sempre em cima de nossas cabeças, mas é preciso fitá-la; ela se manifesta sob a forma de um *dever,* que se impõe, de um *ordem* legítima, de uma *inspiração* recebida na oração.

A estrêla divina pode desaparecer, mas Deus a substitui por outra, humana, talvez, para nós. Procuremos o nosso caminho mesmo às apalpadelas!

Deus, o *tempo,* os *esforços* eis os três elementos, que sempre trazem o sucesso.

13.ª INSTRUÇÃO

OS MAGOS DIANTE DE JESUS

Os Reis Magos terminaram a sua longa viagem, guiados pela estrêla milagrosa, e ei-los na humilde ermida de Belém, diante duma criancinha e sua mãe.

Quais foram as impressões dos santos Reis perante o Menino Jesus, tão pobre e tão divinamente belo?

Vendo a sua adoração imediata e os presentes, que lhe ofereceram, logo se reconhece o seu espírito de fé. E' êste espírito de fé que forma a base do espírito religioso, como a ausência forma a base da indiferença. Contemplemos êste espírito de fé dos Magos:

I — Em seu *encontro* com o Menino Deus.

II — Na formação do *senso* sobrenatural.

I — ENCONTRO DO MENINO DEUS

Para conhecer bem os sentimentos dos Magos ao encontrarem o Menino Jesus, precisamos conhecer as suas disposições primeiras.

Tais disposições eram as dos orientais, para os quais o luxo fazia parte da dignidade, e o poder participava da nobreza. E eis que encontraram em Belém pobreza e fraqueza.

Entretanto, nem uma palavra de desilusão, ou de espanto de seus lábios. sente-se que estão dominados por outros pensamentos mais elevados; houve nêles uma ação de conversão progressiva, criando uma espécie de senso cristão.

A alma dos Magos estava bem disposta, dócil, humilde, e iluminada por Deus, havia formado um *novo ideal,* feito de desapêgo, de pobreza, de paz e amor.

Êles compreenderam pela reflexão, durante as longas horas da viagem através dos desertos, que há um *reino de Deus* na terra, no qual todos são irmãos: pobres e ricos, em caminho para um reino divino, na glória, que deve começar já aqui na terra, pelo reino de Deus entre os homens.

E aqui, na humildade e na pobreza, acabam de encontrar o grande Rei: grande pela humildade, sublime pela pobreza, divino pela pureza.

Compreenderam tudo: a estrêla não foi sòmente luz para os seus olhos, mas também para a sua alma. Ei-los, pois, conforme o costume oriental, inclinados até ao chão, com a fronte no pó da terra.

E' para adorar o Menino que vieram de tão longe e êste momento de adoração compensa-os ao cêntuplo. A graça interior mostra-lhes nêste pequenino sêr, um Deus verdadeiro, o único Deus, imenso e onipotente. Perto dêles, Maria e José, transfigurados, parecem-se com os dois querubins de ouro, que, por ordem de Deus, foram colocados ao lado da arca da aliança. . Estáticos, êles estendem as asas sôbre esta cena, que não é da terra.

II — O SENSO SOBRENATURAL

Para compreender as cousas de Deus, é preciso que a mentalidade do homem seja transformada. Em consideração à natureza, o homem enxerga apenas pelos *sentidos,* e não sabe elevar o seu olhar acima da matéria. Julga as cousas pelas *aparências,* e as procura conforme os seus interêsses.

Se possue um pouco de ciência, fàcilmente desdenha a fé.

Se vive na opulência, nela se aprisiona e torna-se egoísta. Se é ignorante e pobre, alimenta-se de inveja e ódio. Em resumo: o orgulho, a sensualidade, o amor às riquezas foram sempre os grandes perturbadores da ordem.

Como libertar-se dêste jugo? Substituindo-o por uma mentalidade oposta, feita de humildade e sacrifício. E' o que nos ensina o exemplo dos Magos.

A) São homens de *vida interior,* sabem fitar o céu,

sentem a necessidade de Deus e da oração. E' a primeira disposição para adquirir o senso sobrenatural.

B) A segunda disposição é a *fidelidade* à graça. Desde a aparição da estrêla, os Magos puseram-se a caminho, continuando até ao fim, consultando sempre a estrêla, sem desanimar, nem pela extensão do caminho, nem pelas dificuldades sempre renascentes.

C) A terceira disposição é a docilidade em admitir verdades, que a simples razão não explica, mas que Deus manifesta.

Chegados perante o mistério de um Deus pobre e fraco, os Magos prostram-se e adoram o Menino, com fé sincera.

A sua fé apoia-se na manifestação da estrêla. Seus preconceitos dissiparam-se e consequentes com a sua fé, em face do exemplo de um Deus, êles penetram o sentido da humildade e do sacrifício.

Como é raro ver os homens inclinarem-se diante das provas mais convincentes, mas que não se apoiam sôbre a simples razão, e sim sôbre a palavra divina.

Encontram-se, bastantes vêzes, homens convencidos do êrro em que vivem, mas não querendo voltar atrás, para não darem o braço a torcer, como se diz vulgarmente. Faltalhes o senso da humildade.

CONCLUSÃO

Os incréus de hoje não tomam o tempo para *refletir*; procuram a verdade sem atenção, sem ordem, sem persistência, fiando-se em seus próprios esforços. e não em Deus. Ora, a fé é um dom; porém êste dom pode ser merecido e conquistado.

O espírito de fé é uma espécie de senso *sobrenatural*, que a razão não possui e que a ciência não dá: E' um senso sobrenatural divino, que só Deus pode criar em nós.

Para criá-lo, Deus exige a *cooperação* dos desejos, dos esforços e das súplicas.

Com êste senso sobrenatural encontraremos Jesus em tôda parte: no céu, no Tabernáculo, no próximo, em nossa alma, e como os Magos, em tôda parte poderemos adorá-lo.

FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA
PADROEIRA ESPECIAL DA LIGA CATÓLICA

(*Primeiro Domingo depois da Epifania*)

O culto da Sagrada Família veio na época oportuna, para reagir contra os elementos dissolventes da família cristã.

O culto do Sagrado Coração de Jesus é o culto da misericórdia.

O de Maria Santíssima é o da confiança.

O da Eucaristia é o do amor.

O da Sagrada Família é o culto familiar.

"E' com razão, escreveu o Papa Leão XIII, que o culto da Sagrada Família foi introduzido no meio dos católicos, tomando dia por dia mais extensão. Não se pode imaginar cousa mais salutar e mais eficaz para as famílias, que o exemplo da Sagrada Família, o qual encerra a perfeição de tôdas as virtudes domésticas"

Num breve datado de 14 de Junho de 1892, S.S. Leão XIII instituiu a Associação universal das famílias cristãs, sob o título de "Associação da Sagrada Família"

Já em 1844, na Bélgica, havia sido lançado o fundamento da "Liga Católica", pelo Capitão Belletable, sendo aprovado pela Santa Sé em 1847. Esta associação tão bem dirigida pelos Padres Redentoristas, está hoje espalhada em quase tôdas as cidades do Brasil, contando milhares e milhares de associados e fazendo um bem imenso no meio do povo.

Janeiro é o mês consagrado à Sagrada Família (1).

EVANGELHO (Lucas II. 42—52):

42 — *Naquele tempo quando Jesus chegou à idade de doze anos, subiram seus pais a Jerusalém, segundo costumavam por ocasião daquela festa.*

43 — *Acabados os dias, quando voltaram, ficou o Menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem.*

(1) Ver o nosso livro: "Ensinamentos de Nazaré", ou Mês prático da Sagrada Família.

44 — *E julgando que fôsse na comitiva, caminharam uma jornada, e procuraram-no entre os parentes e conhecidos.*

45 — *E não o encontrando, voltaram a Jerusalém em busca dêle.*

46 — *E aconteceu que três dias depois o encontraram no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.*

47 — *E todos os que o ouviam, estavam maravilhados de sua sabedoria e das suas respostas.*

48 — *E quando o viram, admiraram-se. E sua Mãe disse-lhe: Filho, por que procedeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição.*

49 — *Respondeu-lhes Êle: Para que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai?*

50 — *E êles não entenderam o que lhes disse.*

51 — *E desceu com êles e foi a Nazaré, e era lhes submisso. E sua Mãe conservava tôdas estas coisas no seu coração.*

52 — *E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens.*

14.ª INSTRUÇÃO

A FAMÍLIA DIVINO-HUMANA

Que suaves lembranças suscita o nome de Nazaré!

E' ali que viviam Jesus, Maria e José. E' ali que os Anjos um dia contemplaram, num lar perfeito, a união mais suave, o amor mais puro que podem reinar nas famílias e nas almas.

E' certo que a Família de Nazaré foi tôda sobrenatural, porém, o sobrenatural não destrói, mas aperfeiçoa o natural. O sobrenatural derramando os seus ráios sôbre uma família, parece o sol iluminando a natureza: embeleza e aquece.

Contemplemos um instante êstes dois elementos da Sagrada Família de Nazaré:

1.º — O elemento *humano*

2.º — O elemento *divino*

I — O ELEMENTO HUMANO

Estamos acostumados a contemplar a Jesus isolado, em sua Pessoa de Salvador adorável, seja no presépio, seja o suave adolescente da oficina, ou o Mestre divino em sua vida pública ou sofredora.

E' necessário aproximar às vêzes de Jesus nêste quadro luminoso de Nazaré, a Virgem Santa e São José, pois nada é mais atraente do que o espetáculo de uma família ideal, onde tudo é sinceridade, desinterêsse, ternura e amor.

Todos nós sentimos o atrativo de uma tal família, porém, elas são tão raras neste mundo de misérias!

Mas não exageremos o sublime quadro, dando-lhe ùnicamente côres sobrenaturais; havia também, côres da natureza.

Há pessoas que representam a Sagrada Família, como três estátuas esculpidas no mármore, belas, mas frias; expressivas, mas mortas. São três cabeças aureoladas de ouro e olhos fitos no céu, e não deixando esta atitude senão perante o mundo exterior, perante os estranhos, retomando-a logo que se encontram a sós, de portas fechadas.

Tudo isso é belo, é grande, é sobrenatural, porém, não *é humano.*

O Evangelho bem meditado deixa entrever uma outra cena.

A humanidade de Jesus não é um adôrno, é uma realidade viva: não é uma qualidade passageira, é um *estado fixo,* permanente, que se manifesta nas trevas da noite, como no clarão do pleno dia.

Jesus aceitou tôdas as consequências desta humanidade, e si, às vêzes, como no Tabor, afastou o véu que escondia a sua divindade, não foi senão de passagem e por um milagre. Ora, em frente de uma regra, o milagre permanece uma exceção.

Falando da infância de Jesus o Evangelho diz apenas que: Êle era submisso a Maria e a José (Luc. II. 51).

E', pois, de Maria e de José que Jesus recebia diàriamente ordens e conselhos; é dêles que tudo aprendia, é graças à suas lições e a seus cuidados que Jesus crescia em idade e em sabedoria.

Mais tarde, durante os três anos de seu ministério, Jesus vivia a nossa vida, partilhava as nossas refeições, nossas fadigas, nosso repouso.

Os fariseus o censuravam de não praticar as austeridades de João Batista, isto é, que se assemelhava demais a nós.

Jesus era homem. Em Nazaré era menino, adolescente, tendo dêste estado todos os encantos e tôdas as necessidades.

II — O ELEMENTO DIVINO

Não devemos representar-nos Nazaré, como uma família muda e glacial, alheia a nossos sentimentos.

Oh! Nêste caso, para ser perfeito, cumprindo os nossos

deveres, seria mister tornar-nos insensíveis às alegrias da convivência!

Precisávamos guardar silêncios prolongados, multiplicar sempre as nossas orações, e passar nêste mundo, como uma sombra no meio dos vivos...

Não! Tal não é o ideal de Nazaré!

Jesus *fêz tudo bem feito, isto é,* cada coisa *conforme suas leis.*

As suas afeições e até os seus menores atos estavam saturados do elemento *divino,* mas conservavam o encanto e a *beleza* do *humano.*

Jesus era as delícias de Maria e José.

José foi para êle um pai, pelo cuidado, vigilância e amor.

Quanto a Maria era uma mãe, mãe verdadeira conforme a natureza e a graça. E' tão doce contemplar Jesus nêste quadro delicioso da afeição familiar. Êle é como um de nós, até na própria família. Nêste ambiente Jesus torna-se mais *acessível* a nossos pensamentos, a nossa imitação e mais *atraente* ao nosso coração.

A nossa vida é tôda vulgar e composta de mil pequeninas cousas que parecem não ter valor. Lembremo-nos, de que Jesus durante sua vida escondida, perto de Maria e de José, salvava o mundo, expiava o pecado, nos reconciliava com seu Pai, tão bem como quando percorria a Palestina prègando o reino de Deus, ou quando se entregava aos algozes para sofrer os tormentos da sua paixão.

Tudo é grande quando é feito por amor de Deus, como tudo é pequeno quando falta êste amor. As grandes almas mostram-se grandes até nas pequenas cousas, enquanto as almas pequenas mostram-se pequenas até nas grandes cousas. E' o elemento divino que eleva, enriquece e valoriza as pequenas cousas.

III — CONCLUSÃO

Fitemos de vêz em quando, o quadro encantador e eloquente da Sagrada Família. Nós também, além da nossa vida particular, privada, interior, temos que sujeitar-nos às

exigências da vida social. Pode, às vêzes, ter o seu fundamento, o acusarem as almas piedosas de *insociáveis*, e egoístas. Não, a piedade, o amor de Deus não estreitam, mas dilatam as almas e os corações.

As almas piedosas deviam ser na convivência social, mais amáveis e mais alegres que aquêles que só vivem para sí, para o mundo, senão para o mal.

A lembrança de Deus na vida humana, é um raio de sol, que a ilumina e aquece. Como Jesus, as criancinhas devem submissão a seus pais, mas uma submissão alegre e expansiva.

As mães devem ser cuidadosas, vigilantes, porém, de uma vigilância cheia de ternura como a da Virgem Santíssima. Os maridos devem ser ativos, zelosos, mas de uma atividade ponderada, que coloca em primeiro lugar os interêsses de Deus e a obediência à lei divina, como fazia São José.

Jesus, Maria, José, eis a família ideal, humana e divina, vivendo para Deus, no meio dos homens, fazendo tudo *bem feito* para agradar a Deus e aos homens.

15.ª INSTRUÇÃO

A UNIÃO DE NAZARÉ

Nazaré é a família ideal, é modêlo que deve ser reproduzido o mais possível pelas famílias que aspiram a realizar a união que faz a felicidade de um lar ou de uma comunidade.

A união da família é a fonte da paz e da virtude.

E' por falta de examinar uma família modêlo que tantas famílias periclitam, desagregam-se.

Examinemos hoje, na família:

I — *As condições* da sua união

II — *Os ensinos* da Sagrada Família

I — AS CONDIÇÕES DA UNIÃO

Cada família é uma pequena sociedade, e até a mais bela de tôdas as sociedades.

Ora, uma sociedade é o agrupamento de diversas pessoas, unidas pelos laços da mesma natureza, e dirigidas por uma hierarquia.

Nas famílias, o agrupamento não é fortuito; é o desabrochar de várias vidas numa única haste, resultando a sua hierarquia da ordem, na qual se produz êste desabrochamento: há a raíz e o tronco, os ramos e as flôres: todos vivificados pela mesma seiva, que os anima.

Uma comunidade religiosa goza da mesma união, porém, não baseada sôbre a natureza, mas sôbre a graça e a escolha divina. Uma comunidade é uma verdadeira família espiritual, sobrenatural, formada por Deus, pelo que se chama: a vocação.

A *união* é a grande fôrça da família.

Para conservar e fortificar esta união, Deus deposita em cada um de seus membros um *instinto* de aproximação, que se chama o amor paternal, maternal e fraternal.

Infelizmente, à medida que a família cresce em número, a personalidade de cada membro se desenvolve igualmente, e aos interêsses comuns, vão-se sucedendo interêsses pessoais, que a dividem, e às vêzes a separam. O *egoísmo* é, pois, o grande inimigo da *união* da família. Êste egoísmo desagrega o centro primitivo, para construir centros separados.

Outros elementos de desunião vão brotando dêste elemento dominante: são as divergências de idéia, de gostos, de carater e de hábitos.

Juntemos a êstes elementos os defeitos de cada um: os defeitos pessoais, que nós diminuimos fàcilmente; os dos outros, que alargamos maliciosamente, e eis a desunião em vêz de união, a luta em vêz da paz, o desgôsto em vêz da felicidade.

Ah! se soubéssemos afastar da família êste terrível e desastrado egoísmo; se soubéssemos colocar acima dos nossos interêsses pessoais os da família; a sociedade de hoje não se debateria numa crise quase sem remédio, que a avassala e perde tão desastradamente.

Conhecemos o mal Contemplemos agora em sua ideal beleza, a família, que soube, completamente, remover êste mal, e conservar-se modêlo entre tôdas as famílias e para todos os seus membros.

II — OS ENSINOS DA SAGRADA FAMÍLIA

Conhecendo a base da família e o seu mal, ser-nos-à fácil analisar os sublimes ensinos, que nos dá a S. Família, reduzindo tudo aos três pontos seguintes:

a) as mesmas *idéias*
b) os mesmos *gôstos*
c) o mesmo *caráter*

IDÉIAS. Jesus, Maria e José tinham as mesmas idéias a respeito de tôdas as cousas. Hauriam-nas na própria fonte

da verdade, da sabedoria, e da justiça, em Deus, que era a sua luz e o seu guia. A concordância das idéias religiosas entre os membros de uma família é fator preponderante na união e na paz. Divergências secundárias atenuam-se sob a influência das idéias religiosas, enquanto nestas, tal divergência é fonte perene de amargura e de sofrimento.

GOSTOS. A conformidade dos gostos é outra fonte de união.

Em Nazaré, os gostos de Maria e de José eram os de Jesus. Nossos gostos dependem menos de nós do que as nossas idéias. As idéias vêm do estudo, da reflexão e do ambiente.

Os gostos resultam do temperamento de cada um.

Não depende de nós ressentir tal ou tal gôsto, porém, depende de nós ordenar êste gôsto, e pouco a pouco, modificá-lo. Não é permitido sacrificar id;ias justas, mas é necessário sacrificar às vêzes, gostos, embora excelentes.

Querer que os outros adotem nossos gostos é, muitas vêzes, perigoso; pode até ser desastroso; mas adotar os gostos alheios é prudente e, bastante vêzes, virtuoso. aliás, diz S. Francisco de Sales, é cousa mais rápida.

CARATER. O que dissemos dos gostos pode-se dizer do caráter. Há, entretanto, uma diferença: o caráter pode ter defeitos e todo defeito é um mal, e êste mal é inimigo da união dos corações; logo deve ser corrigido. Êstes defeitos são: a vivacidade, a rudeza, o mau humor, o rancor, o espírito de contradição, a susceptibilidade, a teimosia, a falta de delicadeza, de ordem e de pontualidade. É, a lista longa das misérias humanas. Nada disto existia em Nazaré.

Ali, um vivia para o outro. Cada qual procurava agradar ao outro: o caráter era o mesmo para todos os três: bondade e dedicação.

Se alguém houvesse peguntado a Maria ou a José o que desejavam, êles teriam respondido: agradar a Jesus. E se houvessem perguntado o mesmo a Jesus, êle teria respondido: agradar a Maria e a José!

III — CONCLUSÃO

Um olhar prolongado sôbre a Sagrada Família em Nazaré, muito nos há-de ensinar. Essa visão encantadora nos incutirá o gôsto de imitar esta vida tôda dedicada aos outros.

E' impossível representar-se Maria e José ocupando-se dos seus próprios interêsses e não dos de Jesus. Esquecidos de si mesmos, sua única ocupação era trazer o seu espírito, coração e olhos sempre atentos aos menores desejos ou necessidades dos outros.

Viver para si: é estreitar-se e tornar-se pequenino.

Viver para os outros: é alargar-se, é tornar-se grande.

Meditemos, de vêz em quando, a vida suave, a união sem nuvens, a dedicação mútua de Jesus, Maria e José em Nazaré, e pouco a pouco, sentiremos a necessidade de imitar êstes belos exemplos, procurando semear em redor de nós, a dedicação e a alegria, fruto da união dos corações, a qual deve reinar em tôda família natural ou espiritual.

16.ª INSTRUÇÃO

AS AFEIÇÕES DE NAZARÉ

Os Atos dos Apóstolos, numa frase divina, traçam o programa das famílias e das comunidades, quando dizem dos primeiros cristãos, que formavam um coração e uma alma — Erat cor unum. et anima una (Act. IV—32).

Esta palavra resume, admiràvelmente, a vida familiar de Nazaré. O coração de cada um dos membros da Sagrada Família pertencia aos outros pela afeição:

Meditemos aqui êste traço de união, considerando:

I — O seu exercício *exterior*

II — A sua fonte *interior*

I — O EXERCÍCIO EXTERIOR

Representando-nos a casinha de Nazaré, vemo-la tôda resplandescente, apesar de sua pobreza, tôda ardente, apesar da nudez de suas paredes. Afeições doces e sorridentes irradiam de todos os recantos, conservando entre seus felizes habitantes, uma doce e suave alegria.

Deixemos Belém. deixemos os primeiros anos e consideremos Jesus na idade, em que a sua personalidade começa a destacar-se.

Êle tem 7 anos. está repleto das graças da infância.

E' impossível vê-lo sem amá-lo; e a afeição, que suscita, é saturada de veneração.

Em pé desde os primeiros albores do dia, ei-lo que se junta a Maria e a José, que o esperam.

— Meu filhinho, meu querido Jesus, exclama Maria, abrindo os braços; e o Menino, de longa e loura cabeleira. que parece formar uma auréola em redor de seu semblante

puro e sorridente, vai apoiar a fronte sôbre o peito da Mãe, da Mãezinha querida, esta fronte alva, esta fronte divina, sôbre a qual se depositam com delícias os lábios virginais e amorosos daquela Mãe.

Seus olhares encontram-se, exprimindo tôda a ternura de sua alma.

José espera, mas não em vão, pois êle também dará e receberá as carícias daquela divinal criança e contemplará aquêle olhar, que fala.

Tal olhar, sem dúvida, não pode dizer tudo o que diz a Maria, porém êle enche a grande alma e o coração do justo José. Que momentos de suprema felicidade!

E êstes momentos renovam-se a cada ocasião, que suscita uma saída ou uma volta, uma serviço pedido ou prestado. Tais ocasiões eram numerosas, pois nas famílias pobres, a criança se faz o auxiliar da mãe e torna-se, gradualmente, o aprendiz do ofício paternal.

Era-lhes submisso, diz o Evangelho; donde se deve concluir que Maria e José lhe ordenavam, o instruiam, o formavam.

Jesus devia tudo aprender, tal um menino, que nada sabe. De fato, em seu pequeno cérebro humano, operava-se um trabalho, desenvolvia-se a ciência experimental, como acontece às outras crianças.

Jesus sabia tudo pela divindade, mas adquiria experimentalmente o que conhecia já divinamente. A ação de Maria e de José não era uma simples aparência, e a aplicação de Jesus não era uma simulação complacente. Seus progressos eram reais, donde nasceram, para os santos esposos, novas alegrias; e para o Menino Jesus novas expressões de gratidão a cada ensino recebido.

II — A FONTE INTERIOR

A afeição entre os membros da Sagrada Família não é, simplesmente, um fato: é um modêlo a imitar. Jesus quis viver, em todo o seu rigor, a condição de todo homem vindo a êste mundo; e nem siquer se apartava desta vida comum, em segrêdo, perto de seus pais.

Não devemos imaginar que êle se colocava diante de Maria e José, como sôbre um altar, para receber as suas adorações. Era êle mesmo que se inclinava com respeito, sendo-lhes submisso em tudo! Se a adoração destas duas grandes almas não se manifestava exteriormente em genuflexões, constituía, interiormente, a sua atitude contínua. Todos os seus sentimentos e atos eram como inspirados por êste espírito de respeito e de adoração. Na pessoa de Jesus êles viam Deus, e para não prostrar-se a seus pés, era-lhes preciso a ordem e a graça divina.

Representemo-nos, às vêzes, estas cenas íntimas; não é uma ficção, é uma simples constituição do passado. Vejamos Jesus ajudando Maria nos serviços domésticos. Com quanta graça êle procurava evitar a sua Mãe uma fadiga e prestar-lhe os serviços a seu alcance varrendo, atiçando o fogo, preparando lenha, etc., etc.

Sigamo-lo na oficina de José: quer aprender o manêjo de cada instrumento, faz uns ensaios bastante informes no comêço, mais perfeitos, pelo decorrer do tempo.

E' fácil representar-se a atitude de uns e de outros. A admiração, o respeito, a ternura, a alegria dos pais.. como a simplicidade, docilidade do Menino, e os sorrisos que acompanharam êstes atos. Nunca houve o mínimo desacôrdo: vivem dos mesmos pensamentos e dos mesmos sentimentos. Nunca uma repreensão: a razão é simples: eram perfeitos.

Nunca um esquecimento, uma falta de atenção: amam-se tanto! Cada um sonha com o outro, vive para o outro.

III — CONCLUSÃO

Tal é a doce afeição, que envolvia a Sagrada Família. O amor mútuo substituía o egoísmo nêstes corações de justos. E' um modêlo: procuremos reproduzí-lo, senão com a perfeição de Nazaré, pelo menos com o esfôrço de cada dia, para que o mundo, vendo a união das famílias católicas, repita o que os judeus disseram do divino Mestre: Vejam como o amava!

Para alcançar esta união, êste amor mútuo em nossas respectivas famílias, duas condições são necessárias:

a) cada um deve procurar ser mais atencioso, mais afetuoso para com os outros.

b) Ver e amar a Jesus na pessoa de cada um dêles.

Tal amor, natural em si, mas sobrenaturalizado pela presença mística de Jesus, será sólido, duradouro e será uma fonte de felicidade nas famílias.

SÃO SEBASTIÃO

(20 *de Janeiro*)

EVANGELHO (Lucas VI. 17—24)

17 — *Naquele tempo, descendo Jesus da montanha com os seus Apóstolos, deteve-se na planície, êle e a comitiva de seus discípulos, e uma grande multidão de povo de tôda a Judéia e de Jerusalém, e da região marítima de Tiro, e de Sidônia.*

18 — *que tinham vindo para o ouvir, e para ser curados das suas doenças. E os que eram vexados pelos espíritos imundos, ficavam sãos.*

19 — *Todo o povo procurava tocá-lo: porque saía dêle uma virtude, que os curava a todos.*

20 — *Levantando os olhos para os seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque vosso é o reino de Deus.*

21 — *Bemaventurados vós, que agora tendes fome: porque sereis saciados. Bemaventurados vós que agora chorais: porque rireis.*

22 — *Bemaventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos repelirem e carregarem de injúrias, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.*

23 — *Alegrai-vos nêsse dia, e exultai: porque eis que é grande a vossa recompensa no céu: porque era assim que os pais dêles tratavam os profetas.*

24 — *Mas ai de vós, ó ricos: porque tendes a vossa consolação (nêste mundo).*

17.ª INSRUÇÃO

FÉ E CORAGEM

No Evangelho do dia, a Igreja aplica a S. Sebastião estas palavras: Bemaventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos repelirem e carregarem de injúrias. . por causa do Filho do homem.

Esta síntese é a vida e a morte do Santo mártir, que festejamos a 20 de janeiro.

Êle soube lutar, sofrer e morrer por Jesus Cristo, com coragem e dignidade, e eis porque êle é proclamado Bemaventurado no mundo inteiro.

Meditemos um instante:

I — A *vida* admirável do Santo

II — As lições de *dignidade* que nos ministra

I — A VIDA DO SANTO

Sebastião nasceu em Narbonne, na França, em 260 mais ou menos, da estirpe de um nobre francês.

Foi para Milão, onde recebeu educação, essencialmente cristã.

Abraçou ali a carreira militar, em 283, distinguindo-se logo pela lealdade, o brio e a coragem.

Sob o reinado de Diocleciano, Sebastião, conhecido pela sua bravura e prudência, foi distinguido pelo Imperador com o título de Comandante da guarda imperial, honra que era reservada aos mais ilustres oficiais. O Imperador admirava a figura imponente, séria e reservada do jovem comandante, e o fêz habitar em seu próprio palácio. Diocleciano ignorava que Sebastião era cristão, e êste guardava

o segrêdo, não por falta de coragem, mas, para mais eficazmente poder socorrer os cristãos perseguidos nêste tempo. Tendo entrada franca em tôdas as prisões, ia visitar e aliviar os sofrimentos das pobres vítimas, ali detidas pelos pagãos fanáticos, que odiavam a religião cristã.

* * *

As numerosas conversões e milagres operados por vários santos, e pelo próprio Sebastião, acenderam mais o ódio pagão e fizeram recrudecer a perseguição contra os cristãos, a ponto de muitos dêstes deixarem a cidade para procurar refúgio nos campos.

O Papa São Cáio, vendo a vida de Sebastião exposta a iminente perigo, aconselhou-lhe que se retirasse também; Sebastião, porém, preferiu expor e dar até a sua vida, a abandonar seus encarcerados. "Pois bem, meu filho, disse-lhe o Papa, fica na arena da luta defendendo a Igreja sob o título de Capitão imperial"

Pouco depois Diocleciano soube, por uns cristãos apóstatas, que o Comandente da guarda imperial era cristão. Repreendeu-o, recorrendo a promessas e ameaças para que Sebastião deixasse a religião de Jesus Cristo.

— Sou cristão, respondeu Sebastião; sempre julguei ser uma loucura implorar o auxílio de uma pedra inerte, que o homem pode quebrar sem castigo.

O Imperador exasperou-se diante desta linguagem firme e leal.

— Eu te distingui, exclamou, entre os principais vassalos da minha côrte, e eis que me desobedeces, e insultas os meus deuses!

— Sempre invoquei Jesus Cristo para a vossa salvação e a conservação do Império, e sempre adorei o Deus, que está no céu, respondeu o intrépido militar.

* * *

O tirano jurou castigar imediatamente o Comandante, porém, receiava uma sublevação do exército que muito estimava a Sebastião; recorreu, pois, a uma tropa de archeiros nômades (Kabylos) que nêste momento estava em Roma, assalariada pelo Imperador.

Êstes, alheios aos sentimentos de estima, que anima-

vam os soldados romanos, obedeceram sem escrúpulos. Prenderam Sebastião como se fôsse um malfeitor, sem consideração da sua alta patente de oficial, despojaram-no de seus vestidos e amarraram-no a um tronco de árvore para servir de alvo às flechas, deixando-o no local do crime quando o julgavam morto.

De noite, Santa Irene veio retirar o corpo para sepultá-lo, mas encontrou-o respirando ainda; levou-o para casa. Poucas semanas depois, Sebastião estava restabelecido dos ferimentos recebidos.

Ter-lhe-ia sido fácil escapar à fúria dos pagãos, porém, o nobre militar quis continuar a luta em favor da religião. Um dia, Sebastião foi colocar-se na escadaria do palácio, na hora em que Diocleciano ia passando; espavorido e julgando ser a sombra esmagadora de Sebastião, que se apresentava no palácio, o Imperador recuou, interpelando o fantasma:

— Não és tu Sebastião, a quem condenei à morte?

O herói respondeu com dignidade e desassombro:

— Sim, sou eu. Jesus Cristo me restituiu a vida e, em nome dêle, venho acusar-vos de todos os males com que atormentais os cristãos.

Fora de si, cheio de ódio, Diocleciano mandou prender o militar, que vinha despertar os seus remorsos, e fê-lo conduzir ao Hipódromo, onde foi morto a pauladas.

Era em 20 de Janeiro de 288.

II — LIÇÃO DE CORAGEM

O que se depreende da vida de São Sebastião, é antes de tudo uma lição de convicção e de dignidade.

São Sebastião era cristão, e êste título, para êle, superava todos os outros títulos. Nobre pela família e rico pela posição que ocupava, venerado por suas qualidades, podia aspirar a ocupar as primeiras dignidades do Império; mas, antes de tudo, se proclamava cristão, e os cristãos, nesta época, eram perseguidos cruelmente pelos imperadores pagãos de Roma.

Sem ostentação, mas com admirável convicção, Sebastião, sob o brilho da dignidade e do uniforme de Coman-

dante da guarda imperial, consagrava sua vida a fazer o bem, a sustentar a coragem dos vacilantes, a mitigar os sofrimentos de seus irmãos.

Sabia a que perigos estava exposto; não ignorava que, cedo ou tarde, a traição ou a inveja haveria de denunciá-lo como adepto fervoroso de uma religião que Roma pagã pretendia afogar no sangue de seus adeptos. Êle sabia de tudo, mas nada tomava em consideração: quis empregar a sua vida, a sua dignidade, o seu poder a fazer o bem, e desde que tudo isso não servia mais para a realização dêste bem, êle preferiu perder tudo.

Era bem o militar, mas o militar nobre, o militar que quer defender a sua pátria terrestre, sem sacrificar a pátria do céu. Se a sua espada pertence à pátria, a sua alma pertence a Deus.

Se deve benefícios ao Imperador, maiores benefícios deve a Deus. Se é soldado, é também cristão.

E eis Sebastião, de fronte erguida, brioso e digno para cumprir o seu ideal, sem hesitação, sem mêdo, sem respeito humano. A esta lição de convicção, o nobre soldado junta a lição de dignidade.

O exército o estimava e venerava, de modo que a palavra de seus lábios era o bastante para levantar a guarda imperial, como muitos outros já haviam feito, e dirigir contra o próprio Imperador a espada com que o ameaçava. Mas Sebastião era um santo, e um santo nunca é um revoltoso. Respeitando a ordem de seu superior, êle sujeita-se com tôda docilidade e prefere perder a vida a ser infiel a seu juramento de fidelidade ao chefe do govêrno.

Que coragem nêste gesto sublime, em que Sebastião, depois de flechado pelos bárbaros, como um vulgar malfeitor, a despeito de sua dignidade e brio, vai ao encontro do sanguinário Diocleciano para dizer-lhe, pùblicamente, que a perseguição movida contra os cristãos é injusta e que êstes cristãos são seus melhores e mais fiéis sùditos.

Quase morrera, uma primeira vêz, prefere morrer de fato, antes que calar-se, quando sente o dever de falar, para não aprovar, pelo silêncio, atos de crueldade, que o mundo

e a consciência reprovam, mas que outros não sentem a coragem de assinalar.

III — CONCLUSÃO

Recolhamos estas preciosas lições da vida do glorioso mártir São Sebastião.

Lição de convicção religiosa, que sabe colocar acima dos interêsses terrenos, os interêsses de Deus e das almas. Lição de dignidade, no cumprimento de seu dever, sem alarde, mas também sem respeito humano. Hoje em dia, carecemos muito destas lições preciosas. Há tantas vacilações na sociedade, porque há muitas nas almas. Há tanta falta de dignidade na humanidade, porque os princípios religiosos deixaram de dirigir os cidadãos.

Deus, em primeiro lugar e acima de tudo. Não podemos servir a dois senhores, disse o divino Mestre.

Sirvamos, pois, a Deus, e coloquemos abaixo de Deus todos os interêsses passageiros, a situação a fortuna e até a própria vida, como soube fazê-lo São Sebastião.

Eis como se realizou no ilustre mártir, a Bemaventurança proclamada pelo Salvador:

Bemaventurados aquêles que são odiados e injuriados, por causa do Filho do homem.

SANTA INÊS
SEGUNDA PADROEIRA DAS FILHAS DE MARIA

(21 *da Janeiro*)

EVANGELHO (Mateus XXV. 1—14)

1 — *Naquele tempo disse Jesus esta parábola: O reino do céu é semelhante a dez virgens, que empunhando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do espôso (e da espôsa).*

2 — *Cinco delas eram loucas, e cinco prudentes.*

3 — *As cinco loucas tomaram as suas lâmpadas, mas não levaram azeite consigo;*

4 — *Ao passo que as prudentes levaram azeite nas suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas.*

5 — *Ora, como o espôso tardasse a vir, cochilaram e adormeceram.*

6 — *À meia noite, porém, soou o grito: Eis que vem o espôso! Saí ao seu encontro!*

7 — *Então se levantaram tôdas aquelas virgens e aprontaram as suas lâmpadas.*

8 — *As loucas pediram às prudentes: Dai-nos de vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagaram.*

9 — *Não é possível — responderam as prudentes — não chegaria para nós e para vós; ide antes aos vossos vendeiros e comprai para vós.*

10 — *Enquanto iam comprar, chegou o espôso. As que estavam preparadas entraram com êle para a sala das núpcias, e fechou-se a porta.*

11 — *Mais tarde chegaram também as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos!*

12 — *Êle, porém, replicou: Em verdade, vos digo que não vos conheço!*

13 — *Estai, pois, alerta! porque não sabeis nem o dia, nem a hora.*

18.º INSTRUÇÃO

O HEROÍSMO DE SANTA INÊS

O Evangelho que a liturgia aplica á Santa Inês é o das cinco Virgens prudentes e cinco loucas. Tôdas eram virgens, porém a cinco faltou a vigilância e a lâmpada da fé apagou-se em sua alma, enquanto as cinco prudentes, mais cuidadosas, haviam trazido o óleo necessário para manter acesas as suas lâmpadas.

Esta lâmpada é a fé, que é a base da santificação. O óleo é a vida pura.

Santa Inês soube manter acesa a lâmpada da sua fé, conservando-a pela sua pureza; e, com esta lâmpada na mão, foi bater à porta do divino Espôso, para dêle receber a recompensa.

Percorramos um instante esta vida admirável, destacando:

I — *O heroísmo* da simpática santinha

II — *As lições,* que nos ministra

I — O HEROÍSMO DE SANTA INÊS

Santa Inês é uma das quatro virgens dos primeiros séculos, que a Igreja invoca no Cânon da Missa. Ignora-se o seu nome verdadeiro, sendo conhecida pelo de Inês, cujo sentido, em latim, "AGNUS" significa a inocência do cordeirinho. É por isso que é representada com um cordeirinho nas mãos. Inês nasceu em Roma no fim do terceiro século, e foi martirizada em 304, sob o reinado de Diocleciano, o mesmo que mandara matar São Sebastião.

Desde a infância a pequena Inês nutria um especial amor à pureza; ao ponto que na idade de 10 anos, fêz o

voto de castidade e de perpétua fidelidade ao Espôso das Virgens.

Chegada à idade de 13 anos, suas raras qualidades, sua formosura excepcional, como a sua grande fortuna, atraíram os pretendentes, a quem Inês nem siquer dedicava um olhar, ficando alheia a todo atrativo mundano.

* * *

O filho do Prefeito de Roma, encontrando-a um dia, ao voltar da escola, sentiu-se apaixonado por ela e resolveu pedí-la em casamento. A resposta foi sublime e sem réplica: "Desde muito tempo, pertenço a um Espôso celestial e invisível! Amando-o, sou casta, aproximando-me dêle, sou pura, possuindo-o sou virgem; o meu coração é todo dêle."

Incapaz de compreender a elevação de tal linguagem, o jovem pagão adoece de paixão e de ciúme.

A causa do mal é comunicada ao pai do jovem, que recorre a todos os meios para ganhar Inês: elogios, galanteios e promessas, mas tudo é inútil. "Não, responde Inês, sou desposada com Aquêle a quem os anjos servem. A êle só, guardo fidelidade." Após as promessas vêm as ameaças: mesmo resultado. O semblante de Inês fica imperturbável. Mesmo quando lhe mostram os instrumentos do suplício, cujo simples aspecto fazia tremer o homem mais valente. Inês olha com indiferença e desprêzo.

— Olha bem, Inês, perderás a vida que ainda não começaste a gozar!

— Como? ser infiel àquele que me coroou por espôsa e me deu o anel dos esponsais? Não, nunca! Amo só a Cristo!

— Não cedes, Inês? Condenar-te-ei!

* * *

No dia seguinte, Inês comparece perante o tribunal do Prefeito Sinfrônio, e vendo êste a perseverança daquela criança tão linda, tão simpática, lhe diz:

— Tu queres conservar a tua virgindade, pois bem, eu te mandarei ao tempo de Vesta, para ofereceres sacrifícios a nossa deusa!

Inês responde sem hesitar:

— Se recusei o teu filho, homem dotado de vida e de inteligência, como hei-de inclinar-me diante de deuses sem vida, nem inteligência?

— Tenho dó da tua idade, continua o Prefeito.

— Deus não considera o número dos anos, responde Inês, mas sim os sentimentos da alma.

* * *

Através da multidão que assiste ao julgamento sumário, perpassa um movimento de comiseração por aquela criança tão nobre e tão encantadora. Ouve-se um sussuro:

Morrer tão nova! E por querer! Que loucura!

Mas o inferno se enraivece ser vencido por uma menina de 13 anos? Que vergonha! Nova luta.

* * *

Era a inocência, a candura, a virgindade o que mais resplandecia em Inês.

O prefeito, a têrmo de argumentos, ameaça a virgem de encerrá-la numa casa de prostituição se perseverar em sua recusa.

Inês não vacila, e responde:

— "Jesus Cristo vela sôbre a pureza de sua espôsa e não permitirá que lha roubem Êle é meu defensor e abrigo. Podes derramar o meu sangue; porém, jamais conseguirás profanar o meu corpo, que é consagrado a Jesus Cristo."

A ordem é executada; a menina é arrastada para uma casa de perdição e ali é despida e fechada num quarto. Os libertinos acorrem abrem o quarto, mas recuam diante de uma cena nunca vista. De repente os cabelos da santa haviam crescido a tal ponto que encobriam o seu corpo virginal inteiro, servindo-lhe de vestido. Uma luz resplandecente cerca-a, e um anjo vela a seu lado. Os jovens libertinos, nem se atrevem a levantar os olhos sôbre a aparição.

Só o filho do Prefeito, mais audacioso que os outros, quer aproximar-se, mas cái fulminado aos pés de Inês!

* * *

O pai, informado do acontecido, acorre; ameaça a donzela e por fim suplica-lhe obter de seu Deus a ressurreição do filho, prometendo também professar a sua religião

se tal suceder. Inês prostra-se de joelhos, reza e ressuscita o jovem fulminado. Êste, levantando-se brada em alta voz:

— Há só um Deus verdadeiro. Os templos nada são e os deuses, que ali se adoram, são vãos e nada podem.

O jovem se fêz cristão. O Prefeito estupefato nada mais pode fazer. remete o caso nas mãos de seu substituto e retira-se. Êste manda acender uma enorme fogueira e lançar Inês no meio das chamas. Pela oração da jovem heroína, as chamas cercam-na como uma muralha, sem tocar-lhe nem de leve, enquanto a virgem canta um hino de ação de graças.

* * *

Vencido, o tirano a condena à decapitação. Inês exulta e caminha alegre para o lugar do suplício.

Todos choram, só ela exulta. Admiram-lhe a coragem, o desprendimento da vida. O algoz sente faltar-lhe a coragem. Toma Inês pela longa cabeleira, levanta o punhal mas êle que nunca tremia nas execuções, hesita.

Tanta dignidade, tanta formosura, tanta virtude, uma mocidade em flor, lhe paralisam o ferro. Inês não perde o sangue frio, e calma, como se se tratasse de uma ninharia, anima o algoz.

— Fere-me, diz ela, sem mêdo, para entregar-me mais depressa Aquêle a quem amo; destrói êste corpo, que contra a minha vontade, agradou a olhos mortais!

Os assistentes soluçam; Inês fica sorrindo. Inclina a cabeça, esperando o golpe. O algoz, horrorizado, mas obedecendo às ordem do tirano, levanta a espada e a deixa cair sôbre o pescoço da virgem. A cabeça aureolada pela longa cabeleira, rola, no chão e o sangue sagra o solo de Roma, envolvendo-o nos doces perfumes do martírio. Era mais uma flôr de pureza, de castidade, de virgindade que ia adornar a Igreja Imortal de Jesus Cristo E lá do céu, a figura delicada e heróica da jovem mártir através de tantos séculos, encanta e atrai esta legião de Virgens, que se chamam "FILHAS DE MARIA", tendo sido escolhida pela Igreja para servir-lhes de padroeira e de modêlo.

II — LIÇÕES QUE NOS MINISTRA

Uma menina de treze anos, de alta sociedade, de peregrina beleza, de uma imensa fortuna, podendo aspirar a tudo o que o mundo oferece de gôzo, despreza, por amor de Jesus Cristo, o que se lhe apresenta de mais sedutor: nobreza, mocidade, fortuna, beleza e honras; afronta, sorrindo, os tiranos, os algozes, e a própria morte. Eis o que a fé inspira; eis o que faz a religião. eis o que pode a graça divina!

Nós temos esta mesma fé, pertencemos a esta mesma religião, temos como sustento esta mesma graça, e entretanto, temos mêdo do menor sacrifício, que a fé exige de nós, que a prudência nos impõe, ou o amor de Jesus Cristo nos inspira.

Sem espírito de sacrifício, não pode haver religião verdadeira. Per crucem ad lucem, diziam os antigos. Não se alcança a luz senão através da cruz. Uma segunda lição, não menos importante, necessária em nosso século, é a pureza, a modéstia, o santo pudor, que forma a auréola e a formosura da menina, da jovem e da espôsa. Hoje a triste e vergonhosa moda triunfa como rainha, e manda os seus sequazes percorrerem o mundo; êstes sequazes são: a indecência, a lascívia, o cinema imoral, os romances, a promiscuidade, que se dão as mãos para arrancar das crianças e das jovens, o que possuem de mais sagrado: a pureza, um coração virgem num corpo virgem.

III — CONCLUSÃO

Filhas de Maria, e vós tôdas, jovens, olhai para a simpática e heróica Inês, e repetí a palavra de Santo Agostinho, lendo o heroísmo dos santos do deserto: Quod isti et istae, cur non ego? — O que os outros podem, porque eu não o poderia fazer?

Não vos contenteis em admirar, mas procurai imitar estas duas virtudes, que se destacam com tanto fulgor na vida de Santa Inês:

O ardor da fé e da convicção.

A castidade de coração e do corpo. Tal é a lâmpada acesa de que fala o Evangelho: a fé; e o óleo que alimenta esta lâmpada: a vida pura.

SÃO FRANCISCO DE SALES

(29 *de Janeiro*)

EVANGELHO (Mateus — V. 13—20)

13 — *Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se desvirtuar, com que se há-de restituir-lhe a virtude? Fica sem préstimo algum; é lançado fora e pisado pela gente.*

14 — *Vós sois a luz do mundo. Não pode permanecer oculta uma cidade situada sôbre um monte.*

15 — *Nem se acende uma luz e se mete debaixo do alqueire, mas, sim, sôbre o candieiro para alumiar a todos que estão na casa.*

16 — *Assim também brilhe diante dos homens a vossa luz, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai celeste.*

17 — *Não julgueis que vim abolir a lei e os profetas; não os vim abolir, mas levar à perfeição.*

18 — *Pois em verdade vos digo que passará o céu e a terra mas não passará um "i" nem um ápice sequer da lei, enquanto não chegar tudo à perfeição.*

19 — *Quem abolir algum dêsses mandamentos, por mínimo que seja, e ensinar assim a gente, passará por ínfimo no reino do céu. Aquêle, porém, que os guardar e ensinar, será considerado grande no reino do céu.*

19.º INSTRUÇÃO

SÃO FRANCISCO E A MANSIDÃO

Jesus Cristo compara a santidade ao sal, que preserva da corrupção e à luz, que dissipa as trevas.

São Francisco de Salles foi sal, pela sua vida apostólica, que preservou tantas almas da corrupção do êrro e do vício. Foi um luzeiro resplandescente pela sua mansidão e bondade atraente. Nos últimos anos de sua vida, foi introduzida a causa de Beatificação de S. Francisco Xavier. Falando dêste acontecimento, um sacerdote observou: Já temos São Francisco de Assis, São Francisco de Bórgia, São Francisco de Paula e São Francisco Xavier; falta apenas São Francisco de Salles.

O Prelado sorriu e respondeu com íntima convicção: "Custe o que custar, quero ser santo também; teremos um São Francisco de Salles". A profecia realizou-se e 45 anos mais tarde Francisco de Salles recebia as hónras dos altares. Pecorramos hoje esta vida admirável, vendo:

I — Como o Santo adquiriu a *mansidão*
III — Como nós podemos *adquirí-la*

I — COMO ADQUIRIU A MANSIDÃO

Nasceu o Santo, no castelo de Salles, em França, aos 21 de agôsto de 1567.

Recebeu, com o leite materno, os exemplos e o ensino de uma vida santa, de que se aproveitou admiràvelmente, distinguindo-se por sua piedade e seus talentos extraordinários.

Ainda criança, consagrou-se a Maria Santíssima e fêz voto de castidade.

O inferno furioso assaltou o piedoso jovem com pensamentos horrendos de desespêro, mostrando-lhe o lugar, que ocuparia no inferno, a ponto de provocar-lhe grave enfermidade.

Após uma visita a Roma, e a Loreto, tendo readquirido a paz da alma, resolveu executar o ideal de abraçar o sacerdócio. Sabemos por êle mesmo que era naturalmente ardente e arrastado à cólera. Desde criança, fazia esforços inauditos para reprimir os ímpetos de sua natureza, e, à fôrça de contemplar os exemplos do Deus humilde e manso, chegou a construir sôbre as ruínas de seu defeito dominante, o reino de uma virtude, que constitui o seu característico: a mansidão.

A mansidão extraordinária de Francisco fazia dizer a S. Vicente de Paulo: "Como Deus deve ser bom, se Francisco, seu ministro, é já tão bom!"

* * *

O velho Bispo de Genebra, que muito o estimava, encarregou-o da conversão dos protestantes de Chablais, onde êstes herejes haviam queimado as igrejas, destruído as cruzes, demolido os conventos e proscrito o culto católico. Foi uma luta heróica, da qual Francisco saiu vencedor.

Os herejes ameaçaram de matá-lo, mas o zeloso missionário não desanimou.

Um milagre espantoso abriu os corações. Uma mulher protestante levava ao cemitério um filho que perdera. No caminho encontra Francisco:

— Pai, exclama ela, restituí-me o meu filho, pelo menos para batizá-lo.

Francisco prostra-se de joelhos. reza, e o morto abre os olhos.

Está vivo. Foi batizado e viveu ainda dois dias, para que todos pudessem averiguar o milagre.

Essa mulher, sua família e muitas outras famílias de protestantes converteram-se.

No fim de três anos de prègação e de sacrifícios, mais de 72000 calvinistas haviam abraçado a fé católica.

* * *

O Bispo de Genebra quis ter Francisco por coadjutor no Bispado. O santo resistiu, mas devia submeter-se à voz do Papa que lhe ordenava aceitar o Episcopado.

Tomou por modêlo S. Carlos Borromeu, a quem imitou perfeitamente, trabalhando dia e noite, pelos exemplos, pelos escritos e pela prègação, a ganhar almas para Jesus Cristo.

A sua palavra suave, convincente tocava e convertia os corações mais empedernidos.

Durante 20 anos, governou sua Diocese. Junto com Santa Joana de Chantal, fundou a ordem da Visitação, que tantas almas santas tem dado à Igreja, entre as quais se destaca Santa Margarida Maria.

Negócios urgentes obrigaram-no a viajar para Lyon, onde adoeceu durante o Natal, e onde faleceu quase repentinamente, de congestão, no dia dos Santos inocentes, 28 de dezembro de 1622, na idade de 56 anos. Uma das suas últimas palavras foi o resumo da sua vida: "Deus é o Senhor, que êle faça de mim o que bem lhe parecer. Nunca tive vontade diferente da sua.

II — LIÇÕES PRÁTICAS

O mundo inteiro admira a bondade, a mansidão de São Francisco de Salles; mas poucos se lembram das lutas que o Santo sustentava para dominar as inclinações de ira e de violência, que era o fundo de seu temperamento sanguíneo-nervoso.

Ninguém nasce santo, pois todos somos filhos de uma raça decaída. Francisco nasceu com um temperamento irascível, colérico; porém, descobrindo esta inclinação, que constituia o seu defeito dominante, não poupou esforços, nem mediu sacrifícios para reagir contra esta inclinação; e o fêz tão bem que se tornou o homem mais brando e mais bondoso, que a história registra.

A sua aplicação em não deixar escapar nenhuma rudeza, nenhuma palavra desatenciosa, nenhum gesto de impaciência, foi contínua. Os atos sucederam aos atos, os sacri-

fícios aos sacrifícios, até gerarem nêle o hábito, que se tornou uma segunda natureza, pronta a suportar a todos, a fazer o bem a todos, a tudo acolher sem precipitação, como sendo obra de Deus.

A nervosidade é uma moléstia de nossa época, não mais a ira ou cólera dos antigos, mas um estado de sensibilidade, de irritação, que abala os nervos, e conserva muitas pessoas em perpétua nervosidade. A educação de hoje, as dificuldades da vida, a pressa que há em tudo, provocam e desenvolvem êste estado, a ponto que certas pessoas vivem, contìnuamente, irritadas no interior, esperando apenas a ocasião de um desabafo, em palavras ásperas, em gestos imperativos, e até em blasfêmias.

Em vêz de combaterem o seu defeito, como São Francisco, contentam-se com as desculpas:

— Êste é o meu gênio! — Não está em mim conter-me! — Sou nervoso! etc.

São desculpas de egoísmo, da preguiça, do comodismo.

A santidade é flor desta terra, mas precisa ser semeada pela graça, cultivada pelo esfôrço, defendida pela luta, para ser um dia colhida por Deus.

III — CONCLUSÃO

Recolhamos esta lição dos exemplos do grande Santo: a prática da bondade.

E' uma virtude tão bela, tão suave, tão agradável a Deus e aos homens, que Nosso Senhor a indica como característico de seu próprio coração: Aprendei de mim que sou manso e humilde de Coração (Mateus XI. 29).

A mansidão não nasce da natureza, mas do combate aos defeitos da natureza. O homem é essencialmente egoísta, e por isso é áspero para quem resiste às suas idéias e aspirações.

Se sentirmos em nós as agitações da irascibilidade, os impulsos do nervosismo, tomemos resoluções enérgicas de fazer atos positivos de oposição.

Não basta convencer-se da beleza, que há na virtude da mansidão, é mister que haja atos positivos, tendo por fim deter a irascibilidade interior, regular os gestos exte-

riores e opôr-lhe o contra-pêso dos atos contrários, até não deixar mais nada escapar espontâneamente, submetendo a ira e a nervosidade ao império da vontade.

APRESENTAÇÃO DE JESUS

(2 *de fevereiro*)

EVANGELHO (Lucas II. 22—32)

22 — *Naquele tempo, depois que foram concluidos os dias da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor,*

23 — *Segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo varão primogênito será consagrado ao Senhor:*

24 — *e para oferecerem em sacrifício, conforme o que (também) está escrito na lei do Senhor, um par de rôlas ou de pombinhos.*

25 — *Ora havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão, e êste homem (era) justo e temente (a Deus) e esperava a consolação de Israel: e o Espírito Santo estava nêle.*

26 — *E tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte, sem ver primeiro o Cristo do Senhor.*

27 — *E foi ao templo (conduzido) pelo Espírito (de Deus). E trazendo os pais do Menino Jesus, para cumprirem segundo o costume da lei a seu respeito,*

28 — *êle também o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse:*

29 — *Agora, Senhor, deixa partir o teu servo em paz, segundo a tua palavra:*

30 — *porque os meus olhos viram a tua salvação,*

31 — *a qual preparaste ante a face dos povos:*

32 — *luz para iluminar as nações, e glória de Israel, teu povo.*

20.ª INSTRUÇÃO

OS DOIS MISTÉRIOS

Meditando bem o Evangelho desta festa, encontramos nêle a expressão nítida de três grandes mistérios, que se unem num único, que a Igreja chama a "apresentação de Jesus no templo", mas que no fundo inclue tudo o que há-de mais tocante e sublime na religião.

De fato, temos diante de nós: um Homem-Deus oferecido a Deus; o Soberano Sacerdote da nova aliança num estado de vítima; o Redentor do mundo resgatado; uma virgem purificada; e enfim: u'a mãe imolando o seu filho. Quantos prodígios na ordem da graça!

Entre êstes grandes mistérios, escolhamos os dois primeiros para meditá-los. Êstes dois mistérios são:

I — A *apresentação* de Jesus no templo
II — A *purificação* da Mãe de Jesus

I — A APRESENTAÇÃO DE JESUS

Nada mais simples, em aparência, do que a narração do Evangelho, mas nada mais sublime na realidade: Maria indo ao templo para ser purificada e oferecer a Deus o seu Filho querido.

A narração evangélica é de uma simplicidade encantadora.

Para compreendê-la bem, é mistér lembrar aqui duas leis dadas outrora por Deus a Moisés, e que São Lucas menciona.

A primeira é a do Levítico: "A mulher que der à luz um filho, abster-se-á de aparecer no templo, por 40 dias.

No quadragéssimo dia, apresentará ao sacrifício um cordeiro de um ano e uma rôla, como oferta pelo pecado. Se não puder ser um cordeiro, oferecerá duas rôlas. O sacrificador orará por ela, e assim ficará purificada" (Levit. XII).

A segunda lei é a do Êxodo, que diz: "Os primogênitos lhe devem ser consagrados, e resgatados com 5 ciclos de prata" (Exod. XIII).

Conhecendo estas duas leis compreende-se a narração evangélica. Limita-se a patentear que Maria se submeteu à purificação, e que Jesus, por Maria, sujeitou-se à apresentação, como sendo a cousa mais natural e comum. De fato, nada há mais natural; porém, é ordinário do mesmo modo, como Maria deu à luz o seu filho Jesus, o envolveu de paninhos e o deitou no presépio.

Tanto no fato, como no modo de contá-lo, é a continuação dos acontecimentos ordinários da vida humana, em Jesus e Maria.

Querendo, entretanto, que êstes mesmos acontecimentos, tão comuns, se tornem mais extraordinários possível, basta considerar que êste menino, que se faz apresentar e resgatar pela sua mãe é o Filho de Deus, o Santo dos santos, o Redentor do mundo; e que esta mãe, que se faz purificar, é a Virgem das virgens, a Rainha dos anjos, a Mãe de Deus.

As duas leis citadas diziam respeito a tôdas as mães, menos à Mãe de Deus, e a todos os primogênitos, menos ao Menino-Deus.

Evidentemente, aquela que do Espírito Santo concebera e dera à luz o Santo dos Santos, não tinha que purificar-se de mancha nenhuma; e aquêle que nascera para remir o mundo, não tinha precisão de resgate.

II — PURIFICAÇÃO DE MARIA

Que prodígio de discrição, de submissão e de humildade se nos apresenta na pessoa da Mãe de Jesus.

Após tôdas as honras que recebera do Anjo, de Isabel, dos pastores e dos Magos, após o hino cantado por ela mesma, das suas grandezas; da vista profética das homenagens que havia de receber através dos séculos, ela, a mulher ben-

dita entre tôdas as mulheres, submete-se à humilhação comum das outras mulheres! E' simplesmente espantoso!

Por que não rediz ela nêsse momento que Deus fêz nela grandes cousas; que era Bemaventurada; bendita como era bendito o fruto de seu seio?

Porque Maria não exclama que veio trazer ao mundo a *purificação,* longe de procurá-la?

Que veio *apresentar* o resgate do mundo, longe de resgatar o seu filho?

Ao primeiro aspecto parece que o seu silêncio prejudica a divindade de Jesus Cristo; pois fazendo-o passar como filho do homem, ela parece desmentir tantos milagres e profecias, que o proclamaram o Filho de Deus! Assim teria raciocinado qualquer outra criatura, que não fôsse Maria, mas aqui tudo é divino. E o que é divino é sempre simples e sem ostentação.

Nada, pois, devemos esperar de Maria senão um proceder simples, como convém a sua humildade, em tudo o que diz respeito a ela mesma.

Numa união maravilhosa com o espírito de humildade e de sacrifício de seu divino Filho, ela esconde tôdas as suas grandezas, encobre tôda a sua glória, para rebaixar-se e sujeitar-se às mais humilhantes prescrições!

Ela, que outrora, como simples menina, desconhecida por si mesma, como o era pelo mundo, ciosa de conservar o seu voto de castidade, havia tido a audácia de discutir com o Arcanjo, que lhe anunciara sua elevação à dignidade de Mãe de Deus, dizendo que não conhecia varão — virum non cognosco! (Lucas I. 3,4) esta mesma virgem feita Mãe de Deus, da altura da divina maternidade, como da altura desta virgindade, desce, abaixa-se até parecer perante os homens, despojada desta dupla glória.

Oh! sim, é uma virtude quase incompreensível! E' a glória das glórias. a da humildade.

Nêste simples ato vulgar, comum, aos olhos do mundo, Maria eleva-se a uma altura, que desconcerta o espírito humano. Recolhamos apenas êste contraste singular: Maria professa a virgindade ao ponto de sacrificar-lhe a honra e tornar-se Mãe de Deus; pratica a humildade a ponto de

sacrificar-lhe a honra desta mesma virgindade. Dêste modo, a Virgem Santa sai desta purificação, de que não precisava, mais pura, mais virgem, mais digna Mãe de Deus, porque praticou o que a humildade tem de mais elevado e de mais profundo.

III — CONCLUSÃO

Procuremos entrar nas disposições de Maria Santíssima nêste duplo mistério da festa: a apresentação de Jesus e a sua própria purificação.

Vendo nela obediência tão exata a uma lei, que não lhe dizia respeito, aprendamos dêste sublime modêlo, a obedecer pontualmente a tôdas as práticas, que nos são prescritas pela lei divina, eclesiástica ou deveres de estado. Não podemos subtrair-nos sem pecado. A lei é feita para todos.

As prerrogativas da dignidade, da posição, do nascimento, não dão o direito de dispensar-se dela.

Qual criatura foi maior e mais elevada do que Maria? Entretanto ela obedece a uma lei, que não a obrigava. E nós pobres pecadores, queríamos dispensar-nos de leis feitas para nós, necessárias a nossa salvação. Como Jesus, ofereçamo-nos a Deus, pelas mãos de Maria, para cumprir a sua vontade!

† Livros Católicos para Download

21.ª INSTRUÇÃO

A PROFECIA DE SIMEÃO

E' uma das páginas mais enternecedoras do Evangelho que vamos meditar. E' o terceiro mistério da Apresentação de Jesus no templo.

Terminada a cerimônia da purificação à porta do Templo, a Sagrada Família quis passar pela abertura, que conduzia ao vestíbulo dos Israelitas, para ali fazer a apresentação do primogênito.

Ali, de repente, aparece um nobre ancião, conhecido por todos e por todos venerado por suas raras virtudes. E' o velho Simeão.

Assoma à porta, no mesmo momento que a Sagrada Família se ia retirando. Pára de súbito, fita o Menino. . olha para a Mãe, examina o pai, e um longo soluço de imensa alegria escapa da garganta do velho e venerando sacerdote. Reconheceu o Messias prometido, o Salvador do mundo!

Assistamos a esta cena:

I — Narrando simplesmente o *fato*

II — Contemplando o *efeito* no Coração de Maria

I — A NARRAÇÃO DO FATO

Escutemos bem a passagem comovente do Evangelho:

Havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão, e êste homem justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nêle.

Havia-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não

veria a morte, sem ver primeiro o Cristo do Senhor (Lucas II. 25—26).

Que retrato admirável o dêste ancião vergado sob o pêso dos anos, mas sustentado pelo ardor da virtude e dos nobres desejos. Sentimo-nos em presença de tudo o que a lei antiga havia formado de mais venerável. E que fazia êste venerando ancião?

O Evangelho o diz: esperava a Consolação de Israel. o Messias.

Tal era a sua ocupação, a sua profissão de vida, sua razão de ser. Esperava em nome da humanidade inteira. Com uma timidez inspirada, o ancião coloca-se ao lado da jovem Mãe.

O seu coração palpita com veemência. Suplicante, docemente comovido, êle pede à Mãe que deposite, em seus braços, êste menino sorridente, no qual reconhece o seu Salvador.

Maria cede-lhe o seu tesouro, pois o Espírito Santo lhe comunica secretamente, que êste venerando ancião, de barbas brancas e de voz trêmula, vem mandado por Deus, para fazer qualquer cousa de excepcional. O ancião aperta o Menino contra o peito ofegante, cobre-o de beijos e de lágrimas, e adora-o como ao Santo de Israel. Cena comovente, que Santo Agostinho resume nesta frase deliciosa: O ancião carregava a criança; e a criança dirigia o ancião.

Simeão canta depois o seu "Nunc dimittis", o seu êxtase de gratidão:

Agora, Senhor, deixa morrer em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque os meus olhos contemplaram o teu Salvador, que suscitaste ante a face de todos os povos, como uma luz, para ser revelada às nações!

O santo ancião pede a morte, porque viu o Salvador! Ver o Salvador: tal é o têrmo, o fim de sua vida. Agora não tem mais nada a desejar: Seu nome de Simeão está plenamente realizado; Simeão significa: Que foi atendido. O santo ancião foi atendido.

Êle havia esperado tantos anos o que agora contempla:

O Salvador do mundo;
Suscitado à face de todos os povos;
Como uma luz resplandecente;

Que vai ser revelado a tôdas as nações
Quadrupla esperança de Simeão!.

E tudo isto está ali diante dêle, nos braços duma Virgem-Mãe! Oh, Deus! E' o bastante para morrer de alegria! E Simeão deseja a morte.

II — O GLÁDIO DO CORAÇÃO

O profeta Simeão radiante, entregou, aos braços de sua Mãe, esta criança mais radiante ainda!

Maria e José estavam admirados das cousas, que o santo ancião dizia de Jesus (Lucas II. 33) mas eis que, de repente, a cena toma outro aspecto. Simeão olha para Maria, bela e resplandecente da glória da maternidade divina, e de súbito, no meio de um prolongado soluço, lentas como as pancadas da morte, caem de seus lábios trêmulos, palavras aterradoras.

A jovem Mãe, de 16 anos apenas de idade, escuta, pálida, calma com o heroísmo da mãe dos Macabeus, de cabeça inclinada sôbre o cordeirinho divino, que ela aperta contra o peito, como se quisesse escondê-lo dentro do coração.

Eis que êste menino está posto para a ruína e para a ressurreição de muitos em Israel e para ser o alvo da contradição. E uma espada trespassará a tua alma, afim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos. (Lucas II. 34—35).

Maria escutou esta terrível profecia. Parecia-lhe que Simeão era para ela: o profeta do gládio.

O fúnebre futuro aparecia-lhe luminoso. O Cristo, o seu Jesus, o seu Filho, o seu tesouro, o seu amor, será o cordeiro divino, que deverá ser imolado pela salvação do mundo.

Ela deixará o templo, levando o gládio a trespassar-lhe o coração.

— Nobre filha de Abraão, és digna de teu antepassado, ao imolar no Moriah, o seu filho Isaac.

O gládio passou, apenas, nas mãos de Abraão; o teu permanece em teu coração.

A via dolorosa do santo Patriarca foi, apenas, de três

dias, antes do saçrifício;; mas a tua é uma vida inteira, pelo conhecimento, que tens dos sofrimentos futuros.

Só as mães são capazes de adivinhar a tua lenta, lacerante e angustiada agonia, que tem um caráter especial, pois é composta da ternura maternal e da timidez da Virgem.

Ternura maternal que te faz apertar o teu tesouro sôbre o coração para poupar-lhe qualquer sofrimento.

Timidez virginal, que uma simples sombra sobressalta..

Esta ternura e esta timidez eram os dois gumes do gládio, que trespassava, incessantemente, o coração daquela que era a *pureza perfeita, inclinada sôbre um berço.*

E lá está ela, esta Mãe radiante e Virgem dolorosa, no esplendor da sua maternidade virginal e na alvura da sua virgindade maternal. Lá está ela, heróica em sua resignação, sublime em seu amor, divina em seu ofício. Ela ali está, como estará mais tarde ao pé da cruz, com o olhar fixo sôbre o seu Jesus, que, doce e sorridente, vendo as lágrimas de sua querida Mãe, e sentindo as pulsações aceleradas de seu coração, aproxima a sua loura cabecinha e a reclina sôbre o peito maternal. Simeão olha. compreende, e um longo soluço levanta o seu peito, enquanto as lágrimas embargam-lhe a voz trêmula. Nenhuma frase cái de seus lábios. Êle disse tudo o que lhe havia inspirado o Espírito Santo. Não deve ajuntar mais nada, pois o humano não deve misturar-se com o divino.

O nobre ancião beija uma última vêz o Salvador e desaparece, esperando a morte.

Êle tinha visto o Messias! Faltava, apenas, possuí-lo.

III — CONCLUSÃO

Cena tocante esta da Purificação de Maria, da apresentação de Jesus, e sobretudo da profecia de Simeão. Maria, a Mãe gloriosa e Virgem dolorosa ao mesmo tempo, deixou o templo, deixou o profeta do gládio, mas levou o gládio cravado no coração. Jesus devia ser, como o acabava de vaticinar Simeão, o alvo da contradição, e ela: a Rainha dos mártires.

Através do nevoeiro do futuro, ao longe, num céu escuro e ameaçador, aclarado pelas centelhas dos relâmpagos, ela vê um jovem açoitado, coroado de espinhos, carregando uma cruz; vê uma cruz, um corpo morto, um peito trespassado e seu coração murmura: E' o teu Jesus! Oh! compadeçamo-nos das dôres da virgem-mártir! Consolemo-la pela nossa generosidade e o nosso amor. Não fiquemos indiferentes diante das lágrimas de nossa Mãe querida, que quer salvar-nos e entregar-nos a seu Jesus.

NOSSA SENHORA DE LURDES

(11 *de Fevereiro*)

EVANGELHO (Lucas I. 26—31)

26 — *Naquele tempo, estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,*

27 — *a uma Virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da Virgem era Maria.*

28 — *E entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, cheia de graça: o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres.*

29 — *E ela, tendo ouvido estas cousas, turbou-se com as suas palavras, e perguntava que saudação seria esta.*

30 — *E o anjo lhe disse: Não temais, Maria, pois achastes graça diante de Deus:*

31 — *Eis que concebereis no ventre e dareis à luz um filho, e pôr-lhe-eis o nome de Jesus.*

22.ª INSTRUÇÃO

AS APARIÇÕES DE LURDES

O Evangelho nos conta a aparição do Arcanjo Gabriel à Virgem Santíssima para comunicar-lhe que havia sido escolhida para ser a Mãe de Deus. Por sua vêz, a Virgem Santa vem, de vêz em quando, transmitir-nos as mensagens do céu, aparecendo nêste mundo para aproximá-lo de seu Jesus.

Entre estas numerosas aparições merecem lugar de destaque as de Lurdes, tanto pelos ensinamentos que nos trazem, como pelos numerosos milagres, que continuam a operar-se nêste lugar. Contemplemos hoje esta maravilha da ternura da Mãe de Jesus, considerando:

I — A sua *aparição* tão bela
II — Os seus *ensinamentos*

I — A APARIÇÃO

As aparições da Virgem Imaculada em Lurdes, constituem como que o centro milagroso do reino de Maria no mundo. Nenhum lugar foi testemunha de tantos e tamanhos favores, de tantas conversões e tantas curas milagrosas, como êsse lugar bendito.

Em 1858 a Mãe de Jesus manifestou-se, ali 18 vêzes, à feliz vidente Bernardette, hoje, Santa Bernarda.

As aparições sucederam-se, desde o dia 11 de fevereiro até o dia 16 de julho.

Bernardette, tendo ido recolher lenha à margem do rio Gave, perto de Lurdes, e chegando-se perto de uma gruta natural, cavada no rochedo dos Pirineus, ouviu de repente um sussurro semelhante ao ruído dum vento bravio, e levan-

tando a cabeça caiu de joelhos, como que ofuscada pelo que tinha diante dos olhos.

No fundo e em cima da gruta, numa espécie de escavação no rochedo, estava em pé, em meio dum clarão fulgurante, uma mulher de incomparável beleza. A visão nada tinha de indeciso: era um verdadeiro corpo humano, uma pessoa viva, que não se diferençava em nada de uma pessoa ordinária, sinão pela auréola luminosa, que a cercava, e por sua beleza sôbre-humana.

Era de estatura média; parecia muito jovem, reunindo a candura da criança à pureza da Virgem, a gravidade terna da mãe à majestade da Soberana. O seu semblante era de um encanto irresistível.

Seus olhos azuis tinham uma suavidade, que parecia derreter o coração. Seus lábios tinham uma expressão de imensa bondade e doçura. As vestes da aparição, de um tecido desconhecido na terra, eram mais alvas e mais resplandecentes que a neve das montanhas. O vestido longo e flutuante deixava ver, apenas, os pés, de uma alvura virginal, pousados no rochedo. Sôbre cada um dêles brilhava uma rosa côr de ouro. Uma cinta, azul como o céu, pendia em duas faixas, acompanhando o vestido até em baixo. Um véu branco encobria-lhe a cabeça, envolvendo os ombros.

Um rosário, de contas alvas como gotas de leite, cuja corrente dourada parecia luminosa, pendia das mãos postas da aparição misteriosa. Ela se conservara silenciosa nas primeiras aparições, e nas subsequentes, falava pouco e com poucas palavras. As primeiras aparições são uma espécie de identificação, nas quais a Virgem Santa convida a menina a voltar a êste lugar, a convocar o povo, a dizer aos padres que ali quer se edifique uma igreja, que se reze, que se faça penitência pela conversão dos pecadores, beijando a terra em sinal de humilhação. A aparição mais importante deu-se no dia da Anunciação, (25 de março). O resplendor que, em cada aparição precedia e seguia a chegada da Virgem, cercando-a de raios celestiais, projetava nêsse dia um clarão mais refulgente. Ela se mostrou em tôda a beleza da candura de Virgem, em todo o fulgor da dignidade de Mãe e de Rainha. Bernadette, como em êxtase, levantou a cabeça para

ver melhor a celeste aparição, e conforme as indicações do Vigário de Lurdes, dirigiu-lhe a pergunta: O' minha Senhora, queira ter a fineza de dizer-me quem é e qual o seu nome?

Tendo repetido quatro vêzes a mesma pergunta, a Virgem separou as mãos, e abaixando-as à terra elevou-as de novo para o céu, juntou-as diante do peito e disse com uma expressão de inefável ternura: — EU SOU A IMACULADA CONCEIÇÃO!

No dia 7 de abril, a Virgem Imaculada mostrou-se de novo a Bernadette, tão bela, tão radiante, que a feliz vidente entrou imediatamente em êxtase. Nêste estado ela inclinou as mãos meio juntas, acima do círio que havia trazido, e depositado por terra, de modo que a chama passava através de seus dedos, levemente separados uns dos outros. Um médico presente observou o fato que durou 15 minutos, e a extática tendo voltado a si, êle lhe tomou a mão para observar o efeito do fogo: a chama não lhe havia ocasionado nenhuma queimadura.

Enfim, em 16 de julho, festa de N. Sra. do Carmo, Bernadette viu, pela última vêz, a radiosa aparição, que não lhe disse palavra, mas saudou-a com um leve sorriso, como para dizer-lhe adeus, antes de voltar ao reino da glória. A Virgem de Lurdes era tão bela, dizia Bernadette, como nunca se viu beleza igual, — bela, ajuntou ela sorrindo, como deve sê-lo no céu.

Um dia, interrogada por uma das suas companheiras sôbre a beleza da aparição, não pôde responder senão por meio de uma espécie de êxtase, e exclamou tristemente:

— Para se ter uma idéia da beleza de Maria, precisava-se ir ao céu.

Sôbre seu leito de agonia, uma criancinha de uns 6 anos perguntou-lhe com meiguice:

— Minha Irmã, a Senhora viu Nossa Senhora?

— Sim, respondeu baixinho a enfêrma.

— Era bela? continuou a criança.

— Oh! tão bela, exclamou Bernadette, com vivacidade, que depois de tê-la visto, a gente deseja morrer para vê-la de novo.

II — OS ENSINAMENTOS DE LURDES

São numerosos os ensinamentos da Virgem Imaculada, tanto no ponto de vista dogmático, quanto no ponto de vista moral. E' uma confirmação da infalibilidade do Soberano Pontífice. Em dezembro de 1854, o Santo Padre Pio IX proclamou o dogma da Imaculada Conceição. Apenas três anos depois desta solene proclamação, eis que a Virgem Santíssima, em 11 de fevereiro de 1858, vem confirmar pessoalmente êste glorioso privilégio, dando a si mesmo o nome de: Imaculada Conceição.

O Papa havia dito: *Ela é Imaculada em sua Conceição;* a Virgem Santa lhe respondeu: *Eu sou a Imaculada Conceição.*

* * *

Na 6.ª aparição, tendo Bernadette perguntado à Virgem Sma. o que era preciso fazer, ela respondeu: *Rezar pelos pecadores.*

E' uma das verdades por demais esquecidas e uma das obrigações da vida cristã, muito descuidada: Deus quer salvar os pecadores, mas como êles mesmos, estando em estado de pecado, não podem merecer a graça da conversão, esta deve ser pedida pelas almas justas, donde urge o dever de rezar por êles para que se convertam. Aparece, tendo nas mãos o rosário, entregue por ela, a primeira vêz, a São Domingos, como instrumento eficaz da conversão dos albigenses, o qual quer ver recitado hoje para a salvação da sociedade, em perigo de dissolução.

* * *

Na 8.ª aparição, a Virgem Santa exclamou por três vêzes: *Penitência! Penitência! Penitência!*

E' a lição do espírito de penitência ou de sacrifício, tão necessário em nossos tempos.

O mundo naufraga no gôzo dos sentidos; o antídoto é a penitência: o afastamento dos perigos, a fuga das ocasiões, a mortificação das paixões e das faculdades da nossa alma: Se não fizerdes penitência, havia dito o Salvador, todos perecereis (Lucas XIII 5).

III — CONCLUSÃO

Desde êsse dia, Lurdes tem sido a cidade dos milagres. Conforme o desejo da Imaculada, construiu-se ali um majestoso santuário, aonde o povo cristão, em piedosa romaria, acorre de tôdas as partes do mundo. Milhares de enfermos, do corpo ou da alma, têm encontrado ali, na gruta de Massabièlle, na procissão do Santíssimo Sacramento, a saúde, a fé, o fervor e a generosidade. Lurdes é a cidade da Imaculada, é também a cidade da Eucaristía.

A Mãe e o Filho estão ali reunidos nas homenagens, que recebem do povo cristão, como na realização dos milagres, que diàriamente, se verificam. E' como a renovação da cena de Caná: Et erat Mater Jesu ibi, vocatus est autem et Jesus (Joannes II. 1, 2)

A Virgem Santa pede: o Filho atende.
Maria intercede: Jesus concede.

Tôdas as noites, o Santíssimo Sacramento é levado processionalmente em redor da esplanada da Basílica, sendo nesta ocasião, que os numerosos enfermos, deitados ao lado do caminho, que Jesus deve percorrer, imploram com mais fé: "Jesus, Filho de Daví, socorrei-nos! "

E' nesta ocasião que são alcançados a maior parte dos milagres. Maria Sma. é ali de modo especial a Virgem do Santíssimo Sacramento. Lurdes é como o berço do título aprovado pela Igreja: Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento.

Em meio das nossas ocupações, durante as nossas orações, representemos-nos, às vêzes, a doce aparição da Imaculada, tal qual se mostrou a Bernadette, recolhendo os ensinamentos: de rezar pelos pecadores; de fazer penitência e de aproximar-nos, frequentemente, da Sagrada Eucaristia.

SÃO GABRIEL DAS DÔRES

(27 *de Fevereiro*)

EVANGELHO (Marc. X. 13—21)

13 — *Naquele tempo, apresentavam a Jesus, meninos,*

para que os tocasse: mas os discípulos ameaçavam os que lh'os apresentavam.

14 — *Vendo isto, Jesus ficou muito desgostoso, e disse-lhes: Deixai vir a mim os meninos, e não os embaraceis: porque dêstes tais é o reino de Deus.*

15 — *Em verdade vos digo: Todo o que não receber o reino de Deus como um menino não entrará no reino dos céus.*

16 — *E abraçando-os, e impondo-lhes as mãos, os abençoava.*

17 — *E tendo saído para se pôr em caminho, veio um homem correndo, e ajoelhando-se diante dêle, suplicou-lhe: Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?*

18 — *E Jesus disse-lhe: Porque me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus.*

19 — *Tu sabes os Mandamentos: Não cometas adultério, não mates, não furtes, não digas falso testemunho, não cometas fraudes, honra teu pai e tua mãe.*

20 — *E êle, respondendo, disse-lhe: Mestre, tôdas estas cousas tenho observado desde a minha mocidade.*

21 — *E Jesus, pondo nêle os olhos, mostrou-lhe afeto, e disse-lhe: Uma cousa te falta: vai, vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu: e vem, segue-me.*

23.ª INSTRUÇÃO

VIRTUDE E DEVOÇÃO DO SANTO

São Gabriel de L'Adolorata, cuja vida está encerrada na aplicação do Evangelho que lhe dedica a Igreja, é um dos santos protetores da juventude.

Jesus disse: Dêstes tais é o reino de Deus. todo o que não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nêle.

O humilde Passionista que a Igreja honra nêste dia, soube, admiràvelmente, compreender e reduzir em prática o convite do divino Mestre: fêz-se pequenino, simples, caridoso, como as crianças.

São Gabriel é entre os religiosos, o que Santa Teresinha de Lisieux é entre as religiosas: são dois luzeiros de uma santidade simples, prática, ao alcance de todos.

Cada santo tem a sua fisionomia própria, que o distingue dos outros santos e esta fisionomia é formada por uma devoção e uma virtude próprias.

Percorramos um instante a vida de São Gabriel, destacando depois esta fisionomia própria. Vejamos pois, sucessivamente:

I — A sua *vida simples* e comum exteriormente.
II — A sua *devoção* e *virtude* próprias.

I — VIDA DE SÃO GABRIEL

S. Gabriel, no mundo Francisco Possente, nasceu em 1838, em Assis, lugar já santificado por São Francisco, sendo filho do Governador dessa cidade.

Passou os primeiros anos da infância protegido pelos cuidados da sua piedosa mãe.

Morta esta, o pai, profundamente católico, continuou a obra de formação do filho.

Apesar de piedoso, Francisco vinha-se revelando, no verdor dos anos, um tanto inconstante, volúvel e irascível.

Era ao mesmo tempo vaidoso, querendo se trajar sempre com esmêro e conforme a moda. Frequentava as reuniões joviais e se entregava com ardor e entusiasmo aos divertimentos frívolos, ainda que sempre honestos.

O pai, zeloso pela formação do filho, entregou-o à direção dos Irmãos das Escolas Cristãs e depois aos Revs. Padres Jesuítas, onde terminou os estudos elementares.

Francisco dedicava grande afeição a sua irmãzinha Maria, que muito se lhe assemelhava em tudo.

A morte desta irmãzinha foi para êle o golpe, que o devia separar do mundo e levá-lo a Deus.

Nesta ocasião, o jovem caiu gravemente doente e foi quase por milagre que escapou à morte. Então, prometeu a Deus, caso sarasse, de consagrar-se inteiramente ao seu serviço.

Pensava primeiro em ingressar na Companhia de Jesus, mas Deus o destinou para os Passionistas.

Despediu-se de seu querido pai, de seus amigos, e dirigiu-se para a casa de Noviciado dos Passionistas, em Morrovalle, onde recebeu o santo hábito, em 10 de setembro, de 1856, tomando o nome de Gabriel de L'Adolorata. Professou no ano seguinte, com uma convicção e um amor de Deus admiráveis.

O jovem Passionista, sem se distinguir, exteriormente, de seus colegas, procurava santificar-se pela observância fiel da sua regra; pelo espírito de oração e pela aplicação aos estudos superiores, que começou depois da profissão.

Jovial, caridoso, mortificado, Gabriel seguia exteriormente os exercícios da sua comunidade, mas procurava interiormente aperfeiçoar tudo e santificar-se, distinguindo-se apenas pelo seu terno amor à Virgem das Dôres e à Sagrada Eucaristia.

Tinha, constantemente sôbre os lábios, a saudação Angelical e recitava, diàriamente, ó Rosário com uma devoção

tocante, juntando-lhe o *Stabat Mater,* que era recitado entre lágrimas e suspiros.

Contam seus companheiros que Gabriel, embora jovial, era reservado em suas palestras, porém, quando podia falar da Mãe celeste, sua eloquência tornava-se fluente, inexgotável.

Quanto à Eucaristia, era o centro de sua vida. Comungava diàriamente com extrema devoção, consagrando a manhã em ação de graças, e a tarde em preparação para a comunhão seguinte.

Durante o dia, fazia numerosas Comunhões espirituais, tendo sempre o espírito perto do Tabernáculo.

Estava o piedoso estudante no 23.º ano de sua vida, com uns 5 anos de vida religiosa, seguindo com pleno sucesso os estudos teológicos, quando, de repente, a saúde começou a enfraquecer. Pouco depois, estava tuberculoso.

Gabriel não se admirou; fêz o sacrifício de sua vida, pedindo a Deus, não a cura, mas a graça de uma santa morte.

Enquanto se mantinha em pé, quis seguir os exercícios da comunidade, não aceitando nenhum privilégio. No dia 16 de fevereiro de 1862, depois de ter assistido à Santa Missa e feito a Sagrada Comunhão, Gabriel sentiu-se tão abatido que foi obrigado a ficar de cama, onde a enfermidade, a passos lentos, mas seguros, ia arruinando o seu organismo.

Calmo, resignado, absorto na oração, Gabriel só pensava na eternidade; pediu perdão a seus colegas das faltas cometidas, recomendava-se às orações de todos, e preparava-se para comparecer perante o tribunal de Deus.

Nos últimos dias, foi cruelmente perseguido pelas tentações do demônio, as quais, conforme narrava o doente, eram de presunção. Mas tendo o seu confessor aspergido o quarto com água benta, Gabriel ficou socegado, dizendo que gozava de uma paz profunda.

Uma outra vêz, o demônio lhe apresentou visões obscenas, mas o enfêrmo afugentou-o invocando a Virgem das Dôres.

Sentindo a morte aproximar-se, pediu que lhe trouxessem a imagem da Virgem dolorosa; cobriu-a de beijos e

inundou-a de lágrimas, apertando-a com fôrça contra o coração, dizendo: O' minha bôa Mãe, depressa!

Depois, sem nenhuma ânsia, calmo, sereno, Gabriel abriu os olhos, levantou-os e os fixou em direção ao lado esquerdo: um suave sorriso aflorou-lhe aos lábios, e o seu semblante parecia nimbar-se de uma luz radiante; um leve suspiro saiu de seu peito, e o jovem religioso não pertencia mais a êste mundo. Era no amanhecer do dia 27 de fevereiro de 1862.

O corpo de Gabriel, sepultado no Convento dos Passionistas aí esteve 30 anos. Êste sepulcro tornou-se glorioso, sendo centro de romaria dos fiéis, e uma fonte de milagres, a ponto que em 1892 os restos mortais do santo jovem foram exumados, reconhecidos, e outra vez depositados no sepulcro, onde se multiplicaram os milagres.

Em 1896 a sua causa foi introduzida em Roma, e em 1905, após rigorosos exames, o Papa proclamou a heroicidade das virtudes de Gabriel. Três anos depois, foi declarado Bemaventurado e a 12 de maio de 1918, o Santo Padre colocou a corôa dos Santos sôbre a fronte do fiel imitador de São Luís Gonzaga, o amável e generoso Passionista São Gabriel de L'Adolorata.

II — DEVOÇÃO E VIRTUDE PRÓPRIAS

Percorrendo a vida tão simples, quase banal, de São Gabriel, ficamos admirados de não encontrar nela qualquer cousa que o eleve acima de seus colegas de estudo e de hábito.

E' o jovem sério e estudioso, procurando agradar a Deus e aos seus colegas, sem fazer nada que saísse do quadro da vida comum. De fato, assim é, porém, é preciso redizer muitas vêzes esta grande verdade: a santidade não consiste em fazer muitas e grandes cousas, mas sim, em fazer bem o que devemos fazer. Exteriormente, São Gabriel, como aliás Santa Teresinha e muitos outros santos, nada fizeram de extraordinário; contentaram-se, como o Salvador, em fazer bem tôdas as cousas: omnia bene fecit. Se, exteriormente, nada fêz de extraordinário, interiormente, tudo era extraordinário pelo amor, pelo esfôrço, pela pureza de vida

e de intenções; é ali que está o segrêdo da sua santidade. Para Deus, a ação exterior não tem outro valor, senão o de concordar com a sua divina vontade; o que valoriza e eleva esta ação é a intenção, é o amor com que é feita.

* * *

Em São Gabriel dois pontos se destacam: a sua *devoção* terna e compadecida para com as dores da Virgem Santa e a prática da *caridade* fraterna. A Virgem das Dôres era a sua predileta.

Foi aos pés da Virgem dolorosa que havia desabrochado a sua vocação, e foi com a sua imagem apertada ao peito que exalou o último suspiro. O seu lema, para estimular-se à prática da virtude, era: — Que é que não se faria para uma tal mãe?

E para agradar a Virgem das Dôres, para consolá-la e reparar os ultrajes que recebe da parte dos pecadores, Gabriel, acumulava os sacrifícios, mortificava-se, interdizia-se as mais legítimas inclinações da natureza, querendo só viver aos pés da sua querida Mãe desolada.

Cada noite, depositava aos pés de Maria um ramalhete admirável de mortificação no sentar-se, ao ficar em pé, no comer, no beber, no repouso e no trabalho, mortificação dos sentidos, em particular dos olhos, que mantinha sempre em perfeita modéstia.

* * *

A *sua virtude* predileta era a caridade fraterna.

Esta virtude, diz o seu diretor espiritual, imprimia o carater distintivo na santidade do jovem. Era êle amável, carinhoso, alegre, esquecendo-se a sí mesmo para agradar aos outros.

Nenhuma parcialidade, nem singularidade se manifestava nesta caridade; todos possuíam o seu coração, e cada qual o possuía todo. Entre os seus amigos não havia primeiro nem segundo; cada qual ocupava o primeiro lugar. A todos escusava, de todos se compadecia, de todos se lembrava.

Suspeitando que um irmão estava sobrecarregado de serviço, prestes corria a êle para ajudá-lo.

Ao precisar um religioso, de qualquer cousa e receando pedí-la ao Superior, lá ia Gabriel prestar-lhe êste serviço,

correndo depois alegre para o companheiro, dando-lhe a notícia que tudo estava alcançado Parecia viver só para prevenir, adivinhar e interpretar os desejos de seus irmãos, estando sempre a espreitar com isto, as necessidades alheias, para tornar-se útil aos outros.

Com modos amáveis, intrometia-se nos trabalhos dos outros, para suavizar-lhes o cargo; voava a tôda parte onde alguém carecia de auxílio, e sempre com o sorriso no semblante e com tal prontidão de ânimo, que até se sentia agradecido quando o deixavam ajudar. Com êstes atos contínuos de caridade Gabriel acumulava os sacrifícios para oferecê-los, a sua querida Mãe das Dôres, e se tornou tão querido de Deus, como o era de seus companheiros.

III — CONCLUSÃO

Tal é a vida simples dêste jovem religioso, êmulo de Santa Teresinha, com quem revelou possuir tantos traços de semelhança, e cuja doutrina da santa infância praticava, antes que a santinha de Lisieux a promulgasse em sua extraordinária Auto-biografia.

Recolhamos da vida de São Gabriel, os dois traços característicos de sua santidade: a devoção à Virgem dolorosa e a virtude da caridade para com o próximo. Cada qual deve seguir o convite e a orientação da graça em sua devoção, como cada religioso deve adotar e desenvolver em sí a devoção de seu Instituto. São Gabriel, como Passionista, cultivava a devoção a Jesus crucificado, e à Mãe das Dôres. Outros Institutos escolhem outras devoções, que combinem com o seu espírito e o seu apostolado Pouco importa o nome; não é tal ou tal devoção que santifica, é o modo amoroso de pô-la em prática.

Quanto à virtude característica de São Gabriel, esta deve ser adotada por todos aquêles que pretendem amar a Deus e conquistar a perfeição, pois é a virtude básica de tôda a perfeição;; é o grande mandamento de Deus: Amarem-se uns aos outros. Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem. (João XIII. 34).

SANTO TOMÁS DE AQUINO

(7 de Março)

EVANGELHO (Mateus V. 13—20)

13 — *Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se desvirtuar, com que se há-de restituir-lhe a virtude? Fica sem préstimo algum; é lançado fora e pisado pelos homens.*

14 — *Vós sois a luz do mundo. Não pode permanecer oculta uma cidade situada sôbre um monte.*

15 — *Nem se acende uma luz e se mete debaixo do alqueire, mas, sim, sôbre o candieiro para alumiar a todos que estão na casa.*

16 — *Assim também brilhe diante dos homens a vossa luz, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai celeste.*

17 — *Não julgueis que vim abolir a lei e os profetas; não os vim abolir, mas levar à perfeição.*

18 — *Pois em verdade vos digo que passará o céu e a terra, mas não passará um "i" nem um ápice sequer da lei, enquanto não chegar tudo à perfeição.*

19 — *Quem abolir algum dêsses mandamentos, por mínimo que seja, e ensinar assim a gente, passará por ínfimo no reino do céu. Aquêle, porém, que os guardar e ensinar, será considerado grande no reino do céu.*

24.ª INSTRUÇÃO

O SANTO E O SÁBIO

Sto. Tomás é, no dizer dos hagiógrafos, o mais sábio dos Santos e o mais santo dos sábios.

E' por isso que a Igreja lhe aplica o Evangelho, no qual o divino Salvador proclama os seus Apóstolos e os seus sucessores o sal da terra e a luz do mundo.

Sal da terra, para preservá-la da corrupção; luz do mundo, para indicar-lhe o caminho da verdade.

O sal simboliza a vida santa, enquanto a luz significa a verdade da doutrina.

Dois símbolos, que se aplicam admiràvelmente a Santo Tomás. Examinemos:

I — A vocação e as *lutas* do Santo.

II — A ciência e a *virtude* do sábio.

I — VOCAÇÃO E LUTAS DO SANTO

Santo Tomás nasceu em Rocca-Secca, no reino de Nápoles, em 1225, sendo seu pai o Conde Landolfo de Aquino, irmão do Imperador Frederico II.

Desde a mais tenra infância, o menino demonstrava rara sagacidade de espírito. Na idade de 5 anos sua educação foi confiada aos monges Beneditinos do Monte Casino, cujo Convento se erguia em frente ao Castelo do santo. Ali o pequeno Tomás revelou aplicação constante aos estudos e compreensão sem igual.

Conversava pouco, parecia até taciturno e distraído, como indiferente a tudo o que se passava em redor de sí. Na idade de 10 anos frequentou em Nápoles os cursos de

belas artes e dialética, continuando também os estudos das ciências físicas, metafísicas e morais.

As mais árduas matérias eram um brinquedo para esta criança, que se fazia notar em tôdas as aulas pela clareza, a profundeza e o dom da fórmula positiva e adequada, que lhe era peculiar.

O atrativo para a vida religiosa, contemplativa e ativa, em breve o levou até Nápoles, ao Convento dos Dominicanos, em 1243.

Tomás tinha, então, 18 anos. A família, sobretudo a mãe, a Condessa Teodora, apesar de piedosa, tudo fêz para desviar o jovem conde daquela resolução. Tomou o caminho de Nápoles para opôr-se à resolução de seu filho, porém, Tomás, avisado da sua vinda, pediu que o mandassem secretamente à Roma, donde seguiu com destino a Paris.

A Condessa não se deu por vencida, mas recorreu a seus dois outros filhos, brilhantes oficiais do exército do Imperador, pedindo-lhes que prendessem o fugitivo em caminho.

Tomás foi prêso, de fato, e tornou-se cativo de sua própria mãe, numa estreita cela do castelo paterno. Ali, a mãe recorreu a todos os meios para fazê-lo mudar de idéia: lágrimas, súplicas, carícias, eloquência materna, mas tudo em vão.

Tomás, sensibilizado, sofrendo pela dôr, que causava a sua mãe, respondia com todo respeito que "Deus é o primeiro pai, a quem devemos obediência"

Após os ataques da mãe, sucederam os ataques repetidos de suas irmãs, desfeitos por Tomás que chegou a ganhar uma delas para a vida religiosa.

A Condessa, vendo que não podia vencer pela doçura, recorreu à fôrça e mandou encarcerar o filho numa das tôrres do castelo, encarregando os dois oficiais, que haviam chegado, de vencer a resistência do irmão. Um dêles, verdadeiro fratricida, recorreu ao meio mais infame para perder a vocação do imão. Resolveu abatê-lo pela voluptuosidade. Contratou uma jovem e bela cortezã, conhecida por sua astúcia, e introduziu-a na cela de Tomás.

A luta foi curta, mas enérgica. Compreendendo o pe-

rigo que corria sua virtude, o jovem tirou da fogueira de sua cela um tição ardente, foi ao encontro da tentadora, ameaçando de queimá-la, se não se retirasse imediatamente. A cortezã não se fêz de rogada, e mais depressa do que tinha vindo, fugiu diante do tição acêso. Depois, ufano da rápida vitória, tal o cavaleiro com a sua espada, traçou com o tição abrasado, um grande sinal da cruz na parede da cela, caiu de joelhos e pediu a Deus o dom de uma virgindade perpétua, superior a todos os ataques. Um sono extático apoderou-se do jovem e êste viu aparecer dois anjos, que lhe cingiram os rins com o cordão da castidade. Finalmente, após um ano de reclusão, o conde e a condessa, seus pais, fecharam os olhos sôbre uma evasão possível, e, à noite, Tomás pôde descer por uma janela da tôrre, voltando logo a seu Convento em Nápoles. Tinha apenas 19 anos de idade.

Daí em diante, o angélico Tomás irá de triunfo, em triunfo, crescendo em virtude e ciência, até tornar-se o grande luzeiro teológico e o incomparável santo, que, hoje ainda, o mundo admira e venera.

II — A CIÊNCIA E A VIRTUDE DO SÁBIO

Tomás começou o noviciado e fêz a profissão religiosa no ano seguinte, 1214.

Receando novas perseguições da parte da família, os Superiores mandaram-no terminar os estudos no estrangeiro. Foi a Paris e depois para Colonha, onde seguiu os cursos de teologia do famoso dominicano Alberto Magno. Com tal mestre, os progressos do jovem religioso foram imensos, porém êle os conservava escondidos por humildade. Como falava pouco e fugia de tôda discussão, seus condiscípulos julgavam que era falto de inteligência. Apelidaram-no o BOI MUDO, em alusão a sua corpulência. Pouco tempo depois, interrogado pelo professor sôbre questões obscuras, Tomás respondeu com tanta segurança e perspicácia que Alberto Magno exclamou perante todos: "Apelidais Tomás de "boi mudo", pois bem, chegará o dia, em que mugirá tão alto, que tais mugidos ecoarão no mundo inteiro" Disse a verdade: o "boi mudo" tornou-se o Anjo das Escolas, o Dou

tor angélico, mestre universal de todos os sábios. O santo teria preferido ficar sempre religioso simples e desconhecido, porém a obediência o obrigou a conquistar os vários gráus na célebre universidade de Paris, onde se tornou sucessivamente bacharel, licenciado e Doutor.

Sua incomparável capacidade intelectual obrigou os superiores a deixá-lo lecionar, uns tempos, na universidade, o que fêz com tanta superioridade que ultrapassou todos os seus mestres.

Seu nome de Doutor Angélico é o testemunho bastante de seu mérito e da sua ciência. Tomás compôs as obras mais sábias, que se conhecem. A Suma Teológica, escrita pelo santo, marca o ponto culminante, que tinha alcançado o pensamento humano e cristão. E' a exposição completa de tôda a teologia dogmática e moral do Cristianismo. Cousa admirável! Desde o século XIII nenhum êrro surgiu que não fôsse previsto por seu espírito, como que profético, e refutado sem réplica até em suas bases. O protestantismo inteiro, com tôdas as suas modalidades, está de antemão refutado na Suma. A S. Boaventura, que lhe perguntou um dia onde aprendia tantas e tão sublimes cousas, Tomás disse que tudo que sabia o havia aprendido aos pés do crucifixo.

Um dia, em Nápoles, como de costume, orando com fervor diante de seu crucifixo, êle ouviu estas palavras: "Tomás, escreveste bem de mim; qual é a recompensa que queres?"

A resposta foi imediata: Senhor, não quero outra cousa senão a Tí mesmo!

Santo Tomás é chamado Doutor angélico, e de fato, era angélico pela sua pureza, como já o vimos e angélico pela sua doutrina. Morreu com tôda a glória de sua virgindade, resultando dos documentos da sua canonização, que a sua confissão geral na hora da morte, foi como a de uma criança de cinco anos.

A sua doutrina é mais que humana; deve ter recebido, diretamente de Deus, uma comunicação da ciência dos anjos. De fato, ouve mais, do que argumenta, e possui mais intuição, do que raciocínio: parece mais anjo, do que homem.

* * *

Esta ciência extraordinária não alterava nunca a doçura e a amabilidade do santo. Descendo das alturas da contemplação, era de convivência sorridente e alegre.

A uma cortesia perfeita, que revelava o descendente de uma raça ilustre, Tomás juntava reserva e dignidade suaves, fugia às relações exteriores, evitava as palavras inúteis, e não se imiscuia, sem necessidade, nas cousas temporais.

Era de uma frugalidade extrema, comia pouco e apenas uma vêz por dia, de modo que o seu jejum era perpétuo.

Dormia pouco, e quando a Comunidade, após completas, ia repousar, Tomás passava ainda longo tempo diante do Tabernáculo.

Na idade de 49 anos, havia terminado sua obra genial e sua carreira de santo.

O Papa Gregorio X, tendo convocado um Concílio geral, em Lião, para o ano de 1274, convidou o Santo, em razão de sua ciência e santidade.

Êle foi, mas caiu doente em caminho no Convento dos Cistercienses de Fossanova, onde faleceu santamente, depois de ter predito a sua morte, a 7 de março de 1274.

Tomás foi canonizado em 1323, e declarado Doutor da Igreja em 1567, pelo Papa Pio V, com o título de Doutor angélico.

CONCLUSÃO

Tal é a vida e santidade admiraveis dêste gênio tão profundo. Dessa vida fecunda, recolhamos para nossa imitação, o que forma o característico da sua devoção: um amor ardente pela sagrada Eucaristia. O ofício, que compôs sôbre o Santíssimo Sacramento, é uma prova palpável dêste amor apaixonado e esclarecido. Ordenado sacerdote, parecia no altar, antes um anjo, do que um homem.

Não se podia vê-lo celebrar, sem sentir-se penetrado de devoção. Muitas vêzes, regava o altar de lágrimas, e ficava longos momentos como em êxtase diante da Hóstia Santa, contemplando-a com um doce sorriso e olhares enternecidos. A sua devoção à Virgem Santíssima não era menos admirá-

vel, como testemunha o seu apreciável Comentário sôbre as palavras de Ave-Maria.

A estas duas devoções fundamentais, juntemos a sua atividade. Aproveitava todos os momentos de sua vida, aliás curta, para produzir uma obra capaz de encher várias vidas de homens ativos.

E' bem como lhe aplica a Igreja: o sal da terra, pela virtude e a luz do mundo, pela doutrina; um verdadeiro doutor angélico, proclamado por Leão XIII padroeiro especial das escolas superiores católicas.

SÃO JOSÉ

(19 *de Março*)

Geralmente os fiéis não conhecem bastante a grandeza de São José; esta grandeza, entretanto, é de uma transcendental superioridade à de todos os outros santos, tanto pelas graças e privilégios de São José, como pela extensão de suas virtudes e pelas três prerrogativas, que o elevam acima de todos os santos.

I — É quase opinião comum entre os teólogos, que São José foi favorecido, como Jeremias e São João Batista, pela purificação do pecado original, antes de seu nascimento.

2 — Êle foi o espôso legítimo da Virgem Imaculada, unido a ela por meio de um verdadeiro matrimônio.

3 — Foi o pai virginal de Jesus, exercendo sôbre o Filho de Deus a autoridade paternal, reconhecida pelo Espírito Santo: Seus pais iam todos os anos a Jerusalém. (Lucas II. 41).

Dêstes privilégios os teólogos deduzem que São José só pertence, de certo modo, a ordem hipostática, e tem direito ao culto de *proto-dulia* (primeira veneração) como Maria Santíssima tem direito ao culto de *hiperdulia* (acima de veneração).

Para que alguém pertença à ordem hipostática é necessário que tenha relações com a própria pessoa do Verbo. Só a natureza humana do Verbo pertence *formalmente* à ordem hipostática, porém, Maria aproxima-se desta ordem, pela cooperação direta à sua realização; e São José pela co-

operação direta aos planos divinos, como espôso, pai virginal, legal e substituto da autoridade do Padre Eterno. Êstes títulos elevam São José acima de todos os outros santos, e fazem dêle o grande protetor da Igreja, como o foi do Menino-Deus e da Virgem Imaculada.

EVANGELHO (Mateus I. 18—21)

18 — *Estando Maria, Mãe de Jesus, desposada com José, aconteceu que, sem que tivessem co-habitado, se achasse ela grávida, por virtude do Espírito Santo.*

19 — *José, seu espôso, sendo justo, e não a querendo difamar, resolveu deixá-la secretamente.*

20 — *Ora, andando êle com isto no pensamento, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua espôsa: porque o que nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo.*

21 — *E dará à luz um filho, no qual porás o nome de Jesus: porque êle salvará o seu povo dos seus pecados.*

25.ª INSTRUÇÃO

O SANTO ÚNICO EM SEU OFÍCIO

São José é um santo único em seu ofício, como é único nos privilégios, com que Deus o enriqueceu.

E' o Espôso Virgem da Virgem santa.

E' o pai adotivo do Menino Jesus.

E' o representante do Padre Eterno.

Quantas glórias condensadas nestes títulos! O Evangelho resume tôda a grandeza de José, dizendo que era um *homem justo.*

Sim, era justo, o mais justo dos homens, como convém a sua dignidade; mas nesta própria dignidade, José não é como os demais Santos: é uma luz que brilha, é uma sombra que suaviza, que esconde o que os olhos humanos não devem ver e que o demônio deve ignorar.

Sob êste respeito, a vida de São José é mais que admirável, é a ação de Deus na vida de Jesus.

Estudemos hoje esta ação do Santo Patriarca, não nas virtudes, que o distinguiram, mas em seu ofício inefável:

I — de *sombra,* que esconde os grandes mistérios.

II — de *véu,* que desnorteia o inferno.

I — A SOMBRA DIVINA

São José é um santo quase *desconhecido.*

Durante trinta anos viveu perto, o mais perto possível de Jesus e de Maria, em relações tais, que nada se pode comparar a essa intimidade. Por isto, êle é aos olhos de Deus e dos santos, não sòmente o maior dos homens, porém, o maior, o mais amante e o mais amável dos santos. E o mun-

do nem sequer suspeitou estas grandezas enquanto êle estava na terra. No Evangelho há sòmente uns traços, ou melhor, umas linhas de esbôço sôbre o papel de S. José e suas excelsas afinidades.

Os demais santos tiveram por missão ser a fragância de Jesus Cristo, e de fazer resplandecer o seu nome até às extremidades da terra. São José é um santo *todo especial,* predestinado para um ministério completamente oposto. Cabe a êle *esconder* a glória do Salvador até ao tempo de sua manifestação, mitigar os seus reflexos luminosos.

Para compreender esta função augusta do humilde José, e ter a idéia exata da grandeza, a que o eleva êste papel, é preciso considerar a economia do mistério da Incarnação. Representai-vos um grande quadro, no qual estejam pintados o Padre, seu Filho único, o Espírito Santo e a Santíssima Virgem, todos quatro resplandecentes de tanta glória e de tantas luzes quantos prodígios operam nêste mundo. Mas ao envés do que aconteceu num quadro material, em que a sombra tem sempre por fim realçar as figuras, ou pô-las em relêvo, aqui, ao contrário, é preciso uma sombra para temperar e mitigar o demasiado esplendor, afim de não ofuscar ou cegar os olhos mortais.

E São José tem uma tal virtude de *obscuridade* que basta para velar a todos, até ao tempo em que Deus quiser manifestá-los.

Vejamos, nos pormenores, esta ação singular de São José.

A Santíssima Virgem, de fato, está como escondida na sombra de São José. Sua virgindade, sua maternidade divina estão como envolvidas no véu de seu casamento com êle.

O Espírito Santo, igualmente, está escondido debaixo da mesma sombra; pois o que nasceu de Maria, diz o Evanvelho, é obra do Espírito Santo: E' sua obra prima, sua glória, cujos raios divinos o humilde espôso de Maria apaga. Mas como explicar a penumbra, em que o próprio Jesus fica envolvido?

O Menino Deus fica sepultado nesta obscuridade de modo a passar como filho do Carpinteiro. "Nonne hic est faber et fabri filius?"

Que véu para temperar o esplendor da divindade na pessoa de Jesus!

Enfim, Deus Padre fica escondido por São José, ao ponto de precisar, pode-se dizer, reivindicar êle mesmo seu Filho, no dia do Batismo, por esta palavra celestial: — "Tu és meu Filho muito amado em quem pus tôdas as minhas complacências" (Lucas III. 22).

Tal é o papel único de S. José: papel obscuro, mas tanto mais sublime quanto mais obscuro é.

Sem contradição, é um prodígio maior vêr a glória de Deus velada, do que vê-la resplandecente de majestade. Dêste modo, a onipotência de Deus mostrou-se num sentido mais maravilhoso na pessoa de São José, de quem êle se serviu como de um véu, para esconder a sua glória, do que em todos os demais santos, de quem se serviu para manifestá-la. Segue-se daí que é preciso honrar êste grande santo "como estas trevas augustas" de que fala a Santa Escritura, debaixo das quais a Majestade de Deus quis se esconder no antigo Testamento.

Posuit tenebras latibulum suum (Ps. XVII. 12).

Mas, semelhante às nuvens, das quais o sol só ilumina a parte que não enxergamos, e que são tanto mais luminosas, do lado do céu, quanto mais escuras do lado da terra, assim a glória de José resplandece aos olhos de Deus e dos anjos, em razão de sua obscuridade aos olhos dos mortais.

São José possui glórias inefáveis, quer como espôso de Maria, quer como pai espiritual e legal de Jesus, mas a nossos olhos, nenhuma glória prevalece a esta de ter sido a sombra dos mais adoráveis mistérios de nossa santa religião.

Sob êste aspecto, compreende-se melhor o papel de São José e as suas relações íntimas com o céu, com Jesus e Maria. Êle é o chefe da Sagrada Família, para conduzí-la e mantê-la, mas, ao mesmo tempo, é a sombra que Deus lança sôbre êstes inefáveis e resplandecentes mistérios, para mitigar o seu brilho aos olhos do mundo, permitindo a Jesus e a Maria realizarem a sua grande missão, de Redentor, de Co-redentora, sem que a ação dêles se manifeste antes do mistério da cruz.

II — O VÉU DIVINO

São José e a Cruz! Duas cousas tão diversas, entretanto tão unidas!

Deus serviu-se de São José para esconder a vinda do Redentor, e serviu-se da Cruz para fazê-lo triunfar. Há na obra da Redenção uma particularidade, que não se nota bastante: é o papel da Sma. Virgem na obra da redenção, que se pode chamar: a desforra.

Esta desforra não é senão uma espécie de véu, que Deus estende, para esconder o mistério da Redenção e preparar, em segrêdo, o triunfo de Jesus Cristo na cruz.

O inferno não pôde deixar de estar inquieto na ocasião do nascimento da Virgem. Qual era esta criatura que escapava, desde a conceição, à marca da dominação diabólica? Não seria a Virgem anunciada pelos profetas?

A serpente astuta fica à espera, vigiando suspeitosa..

Mas Deus frusta seu ardil e suas dúvidas. Êle escolhe a São José, para ser o espôso desta Virgem tão temível. Não, não, exclama então Satanás, não é desta que há-de nascer o Redentor, ela é a espôsa do carpinteiro José, de um homem sem valor, sem glória, sem fortuna, nem prestígio!

Jesus acaba de nascer.

Os Anjos entoam seu cântico.

Satanás espia.

Não será êste o Messias?

Mas José entra na gruta, e quando o Menino estende para o pobre carpinteiro seus bracinhos inocentes e lhe dá o nome de pai, o maldito fica convencido..

Não! não, exclama êle, não é êste o Filho da Virgem, é filho do carpinteiro.

Jesus cresce em idade e sabedoria. aos doze anos confunde os Doutores e os sábios de Jerusalém. O demônio pergunta, de novo, de si para si: Mas. donde veio a esta criança tanta sabedoria, piedade, tanto senso sobrenatural?

Breve êle socega. Maria e São José vêm procurar o menino no templo e sua mãe lhe diz pùblicamente: "Meu Filho, teu pai e eu te procurávamos inquietos" — E o povo,

admirado, faz esta pergunta: "Não é êle o filho do carpinteiro"?

Não, não, exclama Satanás satisfeito, êste filho de Maria não é para se temer, deixemo-lo em paz na obscura oficina

Dêste modo, o inferno ficou enganado. Quando o extraordinário excita sua desconfiança, São José intervém, e lança sôbre os acontecimentos o véu de sua obscuridade.

Tôdas as suspeitas do inferno são desbaratadas, até o dia em que fazendo resplandecer a sua fôrça, o Redentor exclama, dirigindo-se ao mundo na pessoa de São João: "Ecce Mater tua."

Eis aqui a vossa Mãe! isto é, a Virgem, a eterna inimiga do inferno, a Mãe dos vivos!

Nêste momento, Aquela que o demônio julgava simplesmente uma mulher piedosa, a viúva do carpinteiro, adianta-se até à cruz, coloca seu pé triunfante sôbre a cabeça da serpente, ao mesmo tempo que seu Filho, moribundo, lança à terra êste grito: "Tudo está consumado!"

Nêste momento, Lúcifer perturbado, sob a pressão do pé da Imaculada, esforça-se em vão para morder-lhe o calcanhar. Debalde torce-se o monstro, dobra-se sôbre si mesmo o pé virginal torna-se cada vêz mais pesado. mais esmagador.

Horror e confusão! estamos vencidos! brada o inferno inteiro. A viúva do Carpinteiro triunfou sôbre todos nós Ela é a Virgem anunciada, e o seu Filho é o Filho de Deus!

Tal é a divina estratégia de Deus, e a parte augusta que nela cabe a São José.

III — CONCLUSÃO

Que Apóstolo vibrante e convencedor teria sido São José! Quem melhor que êle podia falar de Jesus e de Maria, podia transmitir ao mundo as belezas, os encantos do Redentor e da divina co-redentora? E entretanto, nada: nem uma palavra, nem um gesto que nos deixe, ao menos, entrever os pensamentos e a admiração do Santo Patriarca!

Nada porque José era predestinado, não a ser o luzeiro e o Apóstolo do Verbo Encarnado, mas sim o véu e a sombra dos divinos mistérios, operados em redor dêle e debaixo de sua direção.

São José foi, dêste modo, o digno chefe da Sagrada Família; foi digno espôso de Maria; foi digno Pai espiritual de Jesus; São José foi tudo isso!

Foi mais! Foi o véu que Deus estendeu sôbre o Filho único: debaixo do qual quis esconder a beleza ideal e a virgindade sem sombra da Mãe de Deus.

O' José! como teu papel é pouco compreendido! Tu és, verdadeiramente, o santo desconhecido!

Possas tu, ao menos, ser apreciado e querido, conforme o mereces, pelas almas, que desejam amar e servir a Jesus!

PATROCÍNIO DE SÃO JOSÉ

(*Quarta-feira depois do segundo Domingo da Páscoa*)

O Culto de São José, nos últimos tempos, recebeu solene aprovação.

O Santo Padre Pio IX, que tanto fêz em honra da Virgem Imaculada, não se esqueceu de seu santo Espôso.

No dia da Imaculada, em 1870, querendo assegurar para a Igreja novos auxílios do céu, proclamou São José padroeiro universal da Igreja.

S. S. Leão XIII, exortou, diversas vêzes, os fiéis a recorrerem à proteção dêste santo.

S. S. Pio X, em 1909, aprovou as ladaínhas de São José, autorizando a sua recitação pública.

S. S. Bento XV, em 1919 aprovou o Prefácio próprio do santo.

S. S. Pio XI não exorta menos os fiéis a recorrerem a São José nas tribulações da hora presente.

A festa do Patrocínio de São José data de 1680 e foi instituida pelo Papa Inocêncio XI.

EVANGELHO (Lucas II. 21—24)

21 — *Naquele tempo, aconteceu que, como todo o povo fôsse batizado, sendo batizado também Jesus, e, estando em oração, abriu-se o céu.*

22 — *e desceu sôbre êle o Espírito Santo em forma de pomba, e ouviu-se do céu esta voz: Tu és o meu Filho dileto: em ti pus as minhas complacências.*

23 — *E o mesmo Jesus, então tinha cêrca de trinta anos e era considerado filho de José.*

26.ª INSTRUÇÃO

DIGNIDADE E SANTIDADE DE S. JOSÉ

Numa síntese admirável, o Evangelho desta festa põe diante de nós: O Filho de Deus, e o Filho do homem, na única pessoa de Jesus Cristo.

Por ocasião do batismo de penitêncio, que o Salvador se dignou receber de seu precursor, Deus o proclama seu Filho dileto, e, narrando êste fato, o Evangelista nos mostra êste Filho de Deus, considerado como Filho de José.

Era o Filho espiritual de José e filho verdadeiro da Virgem Maria.

Êste título, que o Espírito Santo dá a José, dizendo que Jesus era considerado como seu filho, é o pedestal da grandeza do humilde e santo operário.

Meditemos hoje estas prerrogativas sublimes:

I — A *dignidade* de São José.

II — A sua *santidade*.

I — A DIGNIDADE DE SÃO JOSÉ

A primeira dignidade do glorioso Patriarca é ter sido espôso verdadeiro de Maria, e afora a reserva de uma inviolável virgindade, o ter possuído todos os direitos e cumprido tôdas as funções inerentes a êste título de espôso.

São Bernardino, partindo do princípio, que tudo é comum entre espôsa e espôso, põe em pleno relêvo a dignidade de São José.

Êle tem uma parte em todos os títulos de honra, conferidos a Maria Santíssima.

Ela é Mãe; José tem o nome de pai.

Ela é Rainha dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores e virgens: José também pode ser chamado rei de tôdas estas ordens.

A comunidade de bens e riquezas é mais legítima ainda que a comunidade de honras.

Os tesouros de Maria pertencem também a José.

Ora, o tesouro, o grande e único tesouro de Maria é Jesus, o Filho de Deus feito seu próprio Filho. Espôso verdadeiro de Maria, José recebe uma dignidade não menos admirável; passa como sendo pai de Jesus e recebe êste nome, conforme lemos no Evangelho:

Julgando-se que era filho de José (Lucas III. 23).

Não é êste o carpinteiro? (Marcos VI. 3).

Não é êle o filho de José? (João VI. 42).

Santo Agostinho observa a respeito:

Sòmente aquêles o julgavam pai de Jesus, porque ignoravam a concepção divina do Salvador, porém o nome de pai lhe compete e lhe é dado pelo Evangelista: Seu pai e mãe estavam admirados (Lucas II. 33), e pela própria Virgem Santíssima: Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição. (Lucas II. 48).

Não é sem um desígnio de Deus que S. Lucas e a Santíssima Virgem, falando sob a inspiração do Espírito Santo, dão a José êste nome.

Tal nome de pai não era um título vão, mas exprimia uma função real, uma autoridade, todos os direitos de pai. José não era o pai natural de Jesus, mas pai espiritual pelo seu matrimônio com Maria Sma., pelo seu afeto, pelos cuidados.

Êle havia adotado o Filho de Maria, sua espôsa, como seu próprio filho, recebendo-o como tal do próprio Deus; e Jesus, por sua vêz, havia escolhido e adotado José como pai, transmitindo-lhe todos os direitos de paternidade. Segue-se daí que num sentido José era o chefe e o superior de Maria e do próprio Jesus. Aliás, São Paulo nos ensina: pelo casamento o homem torna-se o chefe da mulher: Caput mu-

lieris vir (I Cor. XI 3) e embora a Virgem Santa, pelo seu voto de virgindade fôsse libertada do dever matrimonial, ela lhe devia, entretanto, como chefe de família, submissão no govêrno doméstico.

E' por isso que Deus, tendo qualquer ordem a transmitir à Sagrada Família, dirige-se sempre a José, como quando lhe comunica a fuga para o Egito, a volta do exílio, a imposição do nome de Jesus, sendo que esta última foi também dirigida a Maria.

Tal superioridade de José estendia-se até sôbre o Menino Jesus; é o próprio Evangelho que nô-lo atesta, dizendo que Jesus lhes era submisso.

E' um fato, embora não seja um direito. De direito, Jesus Cristo não está subordinado à criatura alguma, porém, quis livremente e para melhor realçar a dignidade de José, obedecer-lhe em tudo, como a um superior, honrá-lo como a um pai verdadeiro.

Espôso de Maria, pai espiritual de Jesus, representante da autoridade do Pai celeste, tal é a tríplice auréola, que ilumina a fronte gloriosa de S. José, e fêz dêle o homem incomparável, o maior dos santos, o mais glorioso dos Patriarcas.

II — A SANTIDADE DE SÃO JOSÉ

Passando da dignidade à santidade de São José, pode-se afirmar, sem hesitação, que tendo sido o mais elevado em mérito, foi também o mais heróico na prática da virtude.

E' uma consequência das inefáveis funções, que lhe foram confiadas como Espôso de Maria, pai espiritual de Jesus e representante da autoridade do Padre Eterno sôbre o seu Filho Encarnado.

E' de regra nas operações divinas que, confiando Deus uma missão providencial e santa a uma criatura, comunica-lhe graças e privilégios exigidos por êste ofício.

O Evangelho dizendo-nos que José era um homem justo (Mateus I. 19) mostra claramente que era adornado de tôdas as virtudes. Aliás o próprio Evangelho nos aponta, em diversas circunstâncias, a prática das virtudes na pessoa

de José. Faz-nos entrever a sua moderação e a admirável prudência em percebendo o estado de Maria após a Encarnação do Filho de Deus; a sua fé e a sua obediência recebendo ordens de Deus. Não é sublime esta saída repentina para o Egito?

O anjo lhe ordena que fuja de noite, que parta para um país estrangeiro, levando consigo a mãe e a criança, como se o Céu nada pudesse fazer em favor desta mulher, que lhe dizem ser a Mãe de Deus.

E êste menino, que êle deve reconhecer como único Deus verdadeiro, nem sequer pode defender-se dos inimigos, que lhe ameaçam a existência.

Tudo isso seria capaz de fazer vacilar uma fé menos robusta que a de José. E entretanto, nem uma objeção cai de seus lábios, nenhuma dúvida penetra em seu espírito: êle crê, adora em silêncio e parte, sem esperar o dia. Nada nos revelou Deus, da santidade de S. José, nem da sua glória, nem de seu poder, de modo que estamos reduzidos a simples conjecturas, porém, tais conjecturas se apoiam no Evangelho, deduzem-se dos fatos ali narrados.

A glória é a coroação da graça e da santidade:

Soares, e com êle os teólogos, pensam que S. José morreu antes da Paixão de Jesus Cristo, e foi ressuscitado por êle, sobrepujando, em glória, os Apóstolos e o próprio João Batista.

São Francisco de Salles julga que S. José está no céu, em corpo e alma, merecendo o culto de dulia mais elevado.

O poder de S. José deriva da sua glória. Não há dúvida, diz S. Bernardino de Senna, que Jesus Cristo, no céu, não tenha diminuido, mas sim aumentado, a dignidade e o poder de intercessão, de que havia cercado, na terra, seu Pai adotivo. S. Bernardo diz: A uns santos Deus outorgou a honra de servirem de padroeiros em certas circunstâncias particulares; São José, porém, recebeu o poder de socorrer-nos em tôdas as necessidades e de defender todos aquêles que recorrerem a seu patrocínio.

E' a razão porque o S. Padre Pio IX o proclamou padroeiro da Igreja universal.

III — CONCLUSÃO

Terminemos com as palavras do Santo Padre Leão XIII, dando as razões, que justificam o Patrocínio universal de São José.

"A santa casinha, que José governava com lealdade de pai, continha as premissas da Igreja nascente." Do mesmo modo que Maria Santíssima é a Mãe de Jesus Cristo, é também a Mãe de todos os cristãos, que gerou no Calvário.

Jesus Cristo é como o primeiro dos cristãos, os quais, pela adoção e redenção, são seus irmãos. Tais são as razões por que o santo Patriarca considera como lhe sendo particularmente consagrada a multidão dos cristãos, que compõem a Igreja. Sôbre esta família imensa, espalhada por tôda a terra, o santo espôso de Maria e pai espiritual de Jesus, possui uma espécie de autoridade paternal. E' pois natural e digno do glorioso Patriarca José que, do mesmo modo que provia outrora a tôdas as necessidades da Sagrada Família, cobrindo-a com a sua proteção, proteja agora a Igreja de Jesus Cristo. Santo Afonso de Ligório diz que o patrocínio de São José pode, sobretudo, alcançar-nos três grandes graças, de que precisamos:

1 — A remissão dos pecados, que teria obtido de N. S. durante a vida, para algum pecador que o implorasse.

2 — O amor de Jesus Cristo, a quem tanto amava.

3 — A morte preciosa que mereceu, tendo a felicidade de expirar entre os braços de Jesus e Maria.

Consagremo-nos, pois, a S. José, nêste dia, e imploremos o seu poderoso patrocínio.

ANUNCIAÇÃO DE MARIA

(25 *de Março*)

Deus, tendo decretado enviar o seu Filho a êste mundo, podia fazê-lo de quatro modos:

a) Criar um corpo para êste Filho, como cria as almas.

b) Formá-lo de uma matéria preexistente, como o corpo de Adão.

c) Fazê-lo gerar por meio de dois cônjuges, como acontece aos homens.

d) Fazê-lo nascer, milagrosamente, de uma Mãe Virgem: e isto é o próprio do Filho de Deus.

Tendo escolhido Maria para ser esta Mãe-Virgem de seu Filho único, Deus podia comunicar-nos o mistério da Encarnação de três modos:

a) Fazendo-o diretamente, sem intermediário, como falou aos nossos primeiros pais.

b) Servindo-se de uma criatura humana, como falou aos Judeus, pela bôca dos Profetas.

c) Enviando um anjo, como fêz na ocasião da Anunciação.

Convinha que mandasse o anjo, diz Santo Tomás, por três razões:

a) E' ordem habitual que a vontade de Deus seja transmitida aos homens por meio dos anjos.

b) Um anjo das trevas havia seduzido a primeira mulher, Eva, e por ela, perdido a raça humana; um anjo da luz devia colaborar no resgate desta humanidade.

c) Um mensageiro celeste convinha à virgindade de Maria, havendo estreito parentesco entre a pureza angelical e a pureza virginal.

O anjo encarregado desta missão, chamava-se — GABRIEL, ou fôrça de Deus, o qual, diz S. Bernardo, era o anjo da guarda de Maria Sma.

EVANGELHO (Lucas I. 26—38)

26 — *E (estando Isabel) no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,*

27 — *a uma Virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da Virgem era Maria.*

28 — *E entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, (Maria), cheia de graça: o Senhor é contigo: Bendita és tu entre as mulheres.*

29 — *E ela, tendo ouvido estas cousas, turbou-se e discorria pensativa que saudação seria esta.*

3 — *E o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus:*

31 — *eis que conceberás no ventre e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de JESUS.*

32 — *Êste será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó.*

33 — *e o seu reino não terá fim.*

34 — *E Maria disse ao anjo: Como se fará isso, pois eu não conheço varão?*

35 — *E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descerá sôbre tí, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por isso mesmo, o Santo que há-de nascer de tí, será chamado Filho de Deus.*

36 — *Eis que também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice: e êste é o sexto mês da que se diz estéril.*

38 — *Porque a Deus nada é impossível.*

38 — *Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo afastou-se dela.*

27.ª INSTRUÇÃO

O MISTÉRIO DE NAZARÉ

O Evangelho do dia narra o glorioso acontecimento da vinda de *um anjo* à terra em nome de Deus, para comunicar à humilde Virgem de Nazaré, que o Altíssimo a havia escolhido para ser a Mãe de seu Filho. A narração é divinamente enternecedora. Basta percorrê-la, meditá-la, para penetrar, senão compreender, o mais sublime mistério do amor de Deus para com os homens: a Encarnação.

Meditemos, um instante, o desenrolar desta cena, examinando:

I — A *mensagem* do Arcanjo.
II — O *consentimento* da Virgem.

I — A MENSAGEM DO ARCANJO

Era no dia 25 de março, provàvelmente, ao raiar da aurora.

Em Nazaré, numa humilde ermida, no fundo de pequena cela, estava de joelhos uma Virgem implorando ao Altíssimo que mandasse ao mundo o Salvador prometido.

Era jovem, bela, com tôdas as graças dos 15 anos, com todo o amor de seu coração virgem, com todos os atrativos da sua imensurável santidade.

Orava, suplicava, as mãos docemente juxtapostas sôbre o peito e olhar como penetrando a imensidade do firmamento.

O olhar de Deus estava fixo sôbre esta pureza supli-

cante. e a prece, que brotava desta alma cheia de graças, comovia o seu coração de pai da humanidade.

Era chegada a hora da libertação.

Gabriel, um dos arcanjos gloriosos, deixava o céu e baixava à terra, vinha transmitir a mensagem, que o Altíssimo lhe havia comunicado.

Êle desce sigamo-lo.

Êle vai à Galiléia em direção de uma aldeia esquecida, chamada Nazaré, para a pequenina ermida, onde ora e suplica uma jovem de 15 anos, desconhecida do mundo, admirada pelos anjos.

A virgem era desposada, porém, conforme o costume judaico, não cohabitava ainda com o espôso, o carpinteiro José. O arcanjo luminoso, sob forma humana, o semblante resplandecente, usava uma veste dourada como a aurora, que despontava ao longe. Numa atitude solene, como convinha ao embaixador do Altíssimo, apresenta-se diante da Virgem em oração

Êle fica em pé, inclina-se levemente, e, doces, como as pétalas perfumadas das rosas matinais, caem de seus lábios estas palavras estranhas:

Ave, (Maria,) cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu, entre as mulheres.

A virgem levanta a cabeça, perturbada ao ouvir esta estranha saudação; não se perturba com a presença do anjo, porém, com tal saudação dirigida por um anjo a uma criatura mortal.

Há uma espécie de luta interior entre o espírito do anjo e o espírito da Virgem silenciosa, cheia de graça e de luz O anjo, como enviado de Deus, quer elevar a virgem, para fazê-la entrar no caminho mais sublime, que pode existir; e a virgem recolhe-se em sua humildade, esconde-se em seu nada. Ela sabe que é um anjo quem fala, e que sua palavra é a expressão da verdade mas não pode aceitar esta palavra, pois exprime para ela louvor e grandeza.

A virgem fica silenciosa, pensa, e escuta.

* * *

E' a segunda fase desta cena divina.

O luminoso arcanjo, pelas primeiras palavras, concentrou a atenção da virgem sôbre a grande revelação, que ia transmitir-lhe.

Então, clara como luz do sol, que banha as culminâncias das montanhas, o arcanjo deixa ouvir a grande mensagem, que vem trazer ao mundo.

Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus; eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe parás o nome de Jesus.

Maria, a virgem doravante gloriosa, cujo nome ecoará através do mundo, como um símbolo de paz e de ternura, não se perturba mais: compreende tudo. Passando acima dos sublimes destinos, que o anjo acaba de revelar-lhe e que não a deslumbram, ela se lembra de seu grande tesouro: a conservação da sua virgindade, que havia consagrado ao Senhor.

O anjo lhe anunciou que seria mãe porém, ela havia jurado a Deus conservar a sua virgindade; eis porque humilde pergunta brota de seus lábios virginais: como se fará isto, pois eu não conheço varão? Ela não duvida da onipotência divina, e sabe que Deus pode conciliar êstes dois extremos; mas como se fará isto?

E' o terceiro triunfo da virgindade!

O primeiro foi no templo, quando ela fêz o voto de virgindade. O segundo na ocasião da sua união virginal com José. O terceiro é o heroísmo de preferir a virgindade à própria honra de ser mãe de Deus Esta simples frase: Como se fará isto, pois eu não conheço varão? é como o Evangelho da virgindade. O anjo anuncia à terra a Encarnação do Filho de Deus; Maria anuncia ao céu a virgindade da futura mãe.

Oh! terra! ufana-te de tua filha!

Se Deus desce, é sob a condição de passar debaixo do arco de triunfo da virgindade.

Legião de virgens, preparai-vos, levantai-vos.. Maria desfraldou o estandarte, que vai conduzir-vos ao triunfo!

II — O CONSENTIMENTO DA VIRGEM

O anjo vai responder à pergunta de Maria.

Ela perguntou pelo caminho escolhido por Deus, para executar a sua obra.

O Arcanjo inclina-se mais profundamente, e, fitando a sua futura Rainha, com suprema veneração, explica: O Espírito Santo virá sôbre ti, e a Virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o Santo que há-de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

O mistério está desvendado: Maria será Mãe e ficará Virgem!

Santo será o teu fruto, O' Virgem-Mãe!

Ainda aquela Mão Onipotente, que tirou de um seio estéril o Precursor João Batista, tirará de um seio puro e virginal, o Messias, teu Filho.

Jesus será o teu fruto.

Tu ó Mãe, serás a sua flôr!

O Arcanjo calou-se.

Deus dá a Maria o direito de deliberar.

Envia-lhe um anjo, não sòmente para revelar-lhe a grande obra, que o seu amor e seu poder querem executar, como também para entrar em negociações com a criatura escolhida, mas livre.

A Virgem delibera! Oh! apenas um instante, cheia de emoção, de humildade e de amor.

Deus espera a resposta, o mundo espera, o anjo espera.

E levantando a fronte gloriosa, já coroada pelos dons imensos de Deus, abrindo o coração cheio de graças, e os lábios que devem decidir a sorte do mundo. Maria, com um acento de inefável humildade, deposita nas mãos do radioso Arcanjo as palavras da salvação:

Eis aqui a escrava do Senhor! faça-se em mim segundo a tua palavra!

Esta palavra virginal de humildade e de obediência produziu nos mundos um frêmito desconhecido. O céu e a terra sentem-se comovidos, como dois irmãos que se encontram após uma longa separação!

Tendo recebido esta resposta, o anjo se inclina mais radiante que a aurora, que começa a dourar o perfil das colínas, e retira-se. Retira-se, para ceder o lugar ao Redentor, que desce.

III — CONCLUSÃO

Que se passou, então, na humilde ermida de Nazaré?

São João no-lo revelou, numa frase que é a mais bela da língua humana:

O Verbo se fêz carne e habitou entre nós! O que quer dizer:

O Verbo ou Palavra eterna e substancial de Deus, seu próprio e único filho, tomou a forma de um corpo, do sangue puríssimo de Maria! Era a Encarnação.

Esta encarnação compreendia duas cousas: A descida do Filho e a sua união verdadeira a nossa carne. Descendit de coelis et incarnatus est, diz o Símbolo de Atanásio. A descida do Filho de Deus é admiràvelmente descrita por S. Dionísio: "O Fiat de Maria, diz êle, fêz cair Deus em êxtase."

O êxtase é um transporte suscitado pela visão de uma beleza atraente, que fez um sêr sair de sí mesmo. Ora, a beleza da Virgem, a sua pureza e a sua humildade encantaram o Coração do Filho de Deus, fizeram-n'o *sair de si*, cair em êxtase até, no seio de Maria.

E, nêste seio, o Filho de Deus une-se a nossa carne. São Bernardo canta em um de seus hinos:

"Contraxit se Majestas", a Majestade divina contraiu-se para unir-se à nossa natureza, para tornar-se um de nós. No seio de Maria o Imenso se fêz pequenino. O Verbo divino, que era até aí, sòmente o Filho de Deus, tornou-se, por Maria, o Filho do homem.

Oh! inefáveis mistérios! prostremo-nos de joelhos, para agradecermos a Maria por seu fiat mihi, para agradecermos a vinda do Salvador, e exaltarmos a Virgem gloriosa, centro e instrumento dêstes grandes mistérios de salvação.

QUINTA-FEIRA SANTA

A Quinta-Feira Santa é consagrada à comemoração da última ceia: é o aniversário da instituição da Sagrada Eucaristia. O que distingue êste dia dos demais dias da Semana Santa é:

A Missa solene, única em cada igreja;

A bênção dos santos Óleos;
A procissão para o Altar da exposição;
A desnudação dos Altares;
O Lava-pés.

Para que seja mais frisante e sugestiva a recordação da Ceia suprema, em que Jesus Cristo, consagrante único, deu, com suas próprias mãos, a Comunhão aos Apóstolos, a rubrica autoriza apenas uma missa em cada igreja. Os demais padres assistem a ela revestidos de estola; recebem o Pão eucarístico, distribuido, pelo celebrante, que é, regularmente, o mais elevado na hierarquia eclesiástica.

A missa começa num tom jubiloso até ao *Gloria in excelsis Deo*. Aí se tocam os sinos, que emudecem depois, até ao GLORIA de Alleluia.

As cruzes, veladas no Domingo da Paixão, conservam-se cobertas com o véu roxo, menos a do Altar Mór, que fica coberta com um véu branco. Durante o dia há a adoração do Smo. Sacramento guardado no "sepulcro" Nenhum católico deve deixar de ir passar uma meia hora de adoração aos pés de Jesus sepultado. Todos devem ter a peito sucederem-se, de dia e de noite, nêste pôsto de honra, para prestar as suas homenagens a Jesus Cristo, de noite sobretudo, quando começou a sua dolorosa paixão no horto do Getsêmani. A leitura do Evangelho da missa é feita também na cerimônia do LAVA-PÉS. Citemos aqui o Evangelho da Instituição da Eucaristia:

EVANGELHO (Lucas XXII. 14—21)

14 — *E chegada a hora, Jesus pôs-se à mesa, e com êle os doze Apóstolos,*

15 — *E disse-lhes*: — Tenho desejado ardentemente *comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer*:

16 — *porque vos digo que não mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus.*

17 — *E depois de tomar o cálice, deu graças, e disse*: *tomai, e distribuí-o entre vós.*

18 — *Porque vos declaro que não tornarei a beber do fruto da vide, até que chegue o reino de Deus.*

19 — *E depois de tomar o pão, deu graças, e o partiu,*

e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós: fazei isto em memória de mim.

20 — *Tomou da mesma sorte o cálice, depois de cear, dizendo: Êste cálice é o Novo Testamento em meu sangue, que será derramado por vós.*

28.ª INSTRUÇÃO

O SACRAMENTO DO AMOR

A ceia legal estava terminada.

De repente, Jesus tomou em suas mãos um dos pães ázimos, que havia ficado na mesa, benzeu-o, e, levantando os olhos para o céu, deu-o a seus Apóstolos, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu corpo!

Profundo silêncio acolheu estas palavras: silêncio de admiração, sem dúvida, mas também de fé humilde e submissa, porque todos conservavam a lembrança da promessa feita à margem do lago: O pão que darei é a minha carne para vida do mundo. Minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue verdadeiramente bebida. (João VI. 52).

Meditemos hoje, estas palavras divinas, no dia mesmo em que foram pronunciadas por Jesus, realizando o maior e o mais estupendo dos milagres: o da transubstanciação do pão em seu corpo, sangue, alma e divindade. Vejamos:

I — O fato da *instituição.*

II — O *amor* que a inspirou.

I — O FATO DA INSTITUIÇÃO

Ninguém duvida, o Mestre acaba de realizar a grande promessa.

Entre nós, quando se dá cumprimento a um acontecimento memorável, êste se anuncia com grande alarde, cerca-se de aparato, que o põe em destaque, descrevem-se-lhe com palavras elogiosas as belezas, os benefícios. Jesus não quer fazer como os homens; Êle quer agir como Deus; ora, é próprio de Deus fazer uma grande obra com poucas palavras ou

ações. O que Jesus vai fazer não é nada menos do que um ato criador. Sem discursos preparatórios, sem explicações elogiosas, êle toma o pão, e o transforma em seu próprio corpo. A palâvra divina realiza o que significa. No comêço do mundo, Deus havia dito: Faça-se a luz! e a luz surgiu do nada!

Sôbre o túmulo de Lázaro, morto e sepultado, Jesus havia dito: Lázaro, sai! e Lázaro voltou à vida.

Sôbre o cadáver do jovem de Naím, Jesus havia dito: Jovem, levanta-te! e o mancebo reviveu.

Aqui, Jesus diz simplesmente sôbre o pão, que tinha nas mãos: Isto é o meu corpo! e é verdadeiramente o seu corpo adorável, real , vivo, capaz de multiplicar-se infinitamente.

Que simplicidade! Que clareza nestas palavras! Que ausência de fraseados! Que autoridade divina!

Sente-se no tom da voz, na majestade, na ausência de palavras supérfluas, que tal frase é criadora. Disse; e isto é! Nenhuma objeção é possível. E' a clareza do raio, e o espírito atemorizado nada tem a objetar, disse um dos fundadores do protestantismo, Melanchton, num momento de sinceridade.

Quando o Salvador propõe comparações, parábolas, usa de expressões tão claras que sejam compreendidas por todos. Aqui, sem nada preparar, suavizar, explicar nem antes, nem depois, êle disse simplesmente: Isto é o meu corpo! e é verdadeiramente o seu corpo adorável.

II — O AMOR QUE A INSPIROU

O mistério da presença real de Jesus Cristo é tão grande, que deslumbra o espírito humano.

Pensar que Deus vai mudar esta Hóstia em sua própria substância, que vai ficar no meio dos homens, que pretende ser o alimento das suas almas! Mas, em recompensa de que, Jesus opera tal milagre? Que é que fêz o mundo para Jesus, para merecer tal recompensa?

Quando o doce Menino, o Filho de Deus, o Verbo Eterno baixou à terra, êste mundo o recebeu e o hospedou do modo pior possível, num estábulo, entre dois animais; e no fim da sua vida, há-de pregá-lo vivo numa cruz, entre dois

ladrões. Um Herodes procurou dar-lhe a morte, e outro Herodes o fará passar por louco. Uns tentaram precipitá-lo sob um montão de pedras. Ah! Senhor, será possível, que após tais maus tratos, insultos e blasfêmias, instituas para os homens, um Sacramento tão inefável! tão divino! Tu, Senhor, que és o pão dos anjos, tu consentirás em tornar-te o pão dos ingratos? Ah! lembra-te, Senhor, do que disseste um dia à Cananéia: Não é bom tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães (Mateus XV 26).

Como é que tua majestade e santidade podem resolver-se a entrar na bôca de um Judas? na alma de um Lutero? no peito de um Voltaire, nas entranhas de um Calles?

Como é possível que te sujeites a qualquer Sacerdote, por indigno que seja, baixando ao menor sinal dêle, do seio de teu Pai, até as mãos impuras? Meu Deus! que mistério insondável! E êste mistério chama-se: o *amor de Deus* para com os homens.

* *

Quem aprofundará êste abismo? E' o infinito Sic Deus dilexit mundum!

Ouço a voz de Jesus ressoar a meus ouvidos, e murmurar, triste mas amoroso:

Ah, eu o sei, muitas vêzes a minha morada será um tabernáculo grosseiro

A minha igreja será rústica, deserta Até nas grandes solenidade, muitos maus cristãos me voltarão as costas. Outros permitir-se-ão insolências e ultrajes. Heréticos e gentios me lançarão como pasto aos animais, nas ruas e nas cloacas. Outros ferirão as minhas aparências com punhais. Serei na Hóstia Santa, coberto de escárneos, esmagado aos pés, lançado ao fogo. Eu sei tudo isto! Não importa. Se os homens são ingratos, eu não deixarei de amá-los; a sua maldade não vencerá a minha misericórdia! Quis legem dat amanti?

Eu quero amar até ao fim e amar sem limites. Se houver ingratos, haverá também almas generosas, amantes, anjos da minha Eucaristia! e o amor dêstes últimos será o contra-pêso da ingratidão dos outros! As Catarina de Sena, as Teresa, as Madalena de Pazzi, as Rosa de Lima, as Colomba de Rieti, as Margarida Maria, as Teresinha, os Santo

Tomás, os São Boaventura, os Santos Afonso de Ligório, os São João da Cruz, os Francisco de Sales, de Assis, de Xavier, os Inácio, os Domingos, os João Vianney, me farão esquecer a tibieza, a maldade e o desprêzo de milhares de outros!

Por amor destas almas puras, eucarísticas, porei as minhas delícias em morar com os homens. (Sal. 8—31).

III — CONCLUSÃO

Eis o que a Igreja nos apresenta na festa da instituição da Sagrada Eucaristia: o amor infinito do Filho de Deus, condenando-se a sí mesmo a ser o prisioneiro de amor, dos nossos Tabernáculos e o alimento de nossas almas.

Como prisioneiro êle quer ser visitado.

Como alimento, êle quer ser comido. No dia de hoje, aproveitemos a ocasião para fazer-lhe uma visita prolongada, em seu sepulcro, onde êle jaz vivo, amoroso, esperando a gratidão de seus filhos. E durante êstes dias Santos, façamos a nossa Comunhão pascoal, recebendo êste Jesus em nosso coração, como a nossa luz, nossa fôrça, a nossa consolação. Amor com amor se paga.

Sic nos amantem, quis non redamaret!

O LAVA-PÉS

(*Quinta-feira Santa*)

O Lava-pés, ou mandato, é uma cerimônia que tem por fim lembrar a cena tocante de o Salvador lavando os pés a seus Apóstolos, antes de instituir a Sagrada Eucaristia. Em Roma, o Papa lava os pés a doze sacerdotes. Nas Catedrais, o Bispo lava os pés a doze pobres. Nas paróquias, os Vigários escolhem, geralmente, doze meninos, aos quais lavam os pés, enxugam e beijam-nos, em lembrança do ato idêntico de Jesus Cristo. Com estas cerimônias, o Salvador quis ensinar-nos duas virtudes essenciais para a recepção da Sagrada Comunhão: a pureza e a humildade. O Sacramento, que, comunica esta dupla graça, é sobretudo a confissão.

EVANGELHO (João XIII. 1—16)

(que deve ser cantado antes da cerimônia,
e que convém ler em vernáculo)

1 — *Era na véspera da festa da Páscoa. Sabia Jesus que era chegada a hora de passar dêste mundo ao Pai, e, como amava aos seus que estavam no mundo, até ao extremo os amou.*

2 — *E feita a ceia, já o demônio insinuava no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que o entregasse.*

3 — *Sabendo que o Pai tinha pôsto em suas mãos tôdas as coisas, e que saira de Deus, e ia para Deus,*

4 — *levantou-se da mesa, depôs o seu manto, tomou uma toalha, cingiu-se.*

5 — *Depois lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha, com que estava cingido.*

6 — *Veio, pois, a Simão Pedro. E Pedro disse-lhe: Senhor, tu me lavas os pés?*

7 — *Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço, tu não o sabes agora, mas sabê-lo-ás depois.*

8 — *Disse-lhe Pedro: Não me lavarás jamais os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar (os pés), não terás parte comigo.*

9 — *Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não sòmente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.*

10 — *Disse-lhe Jesus: Aquêle que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, mas todo êle está limpo. E vós estais limpos, mas não todos.*

11 — *E' que êle conhecia o seu traidor, por isso disse: Nem todos estais limpos.*

12 — *E depois de lavar-lhes os pés, tomou o seu manto, tendo-se tornado a pôr à mesa, disse-lhes: Compreendeis o que vos fiz?*

13 — *Vós me chamais Mestre e Senhor, dizeis bem, porque o sou.*

14 — *Se eu pois, (sendo vosso) Senhor e Mestre, vos lavei os pés, deveis lavar-vos os pés uns aos outros.*

15 — *Dei-vos o exemplo, para que como eu vos fiz, assim façais vós também.*

16 — *Em verdade, em verdade vos digo: O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado é maior do que quem o enviou.*

29.ª INSTRUÇÃO

Na vida de Jesus Cristo, tudo é divinamente ordenado. Êle ensina com as atos, como ensina pelas palavras. Cada gesto é um ensinamento, como cada palavra é uma semente.

Nesta hora, sobretudo, hora da despedida, tudo na vida de Jesus é significativo.

Procuremos penetrar êste sentido. Os Apóstolos estão sentados à mesa, acabam de realizar a Ceia legal, prescrita pela lei de Moisés, e Jesus vai iniciar a Ceia divina, a Ceia de seu próprio Corpo, a *Ceia Sacramental*, com que vai inaugurar o Novo Testamento. Até aí tudo era figura, sombra de uma realidade futura, e agora é chegada a hora desta realidade.

Meditemos com amor esta passagem, divinamente terna e ternamente humana que o Evangelho nos apresenta na cerimônia do lava-pés, considerando sucessivamente:

I — *O fato* do lava-pés.

II — *Os ensinamentos* dêste fato.

I — O FATO DO LAVA-PÉS

A lei prescrevia que, ao terminar a Ceia legal, os convivas purificassem as mãos.

Os Apóstolos haviam-se levantado para êsse fim. Jesus ordena que lhe tragam água. Seu olhar, levemente velado até êste momento, torna-se como luminoso, a sua fronte serena e tôda a sua pessoa se reveste de majestade sobrenatural. Os Apóstolos fitam o seu bom Mestre, sentem que qualquer cousa de grande vai seguir-se. Enquanto estão em pé, Jesus lhes faz a instrução legal, que a lei preceitúa nesta ocasião,

falando-lhes de seu reino, de sua volta para o seu Pai, de seu amor para com êles, os seus amigos. Ensina-lhes também a penitência, a confissão das faltas, o arrependimento e a justificação, referindo tudo à Cerimônia do lava-pés, que vai fazer em seguida.

Terminada esta solene instrução, Jesus ordena a João e a Tiago, o menor, que busquem água no vestíbulo, e manda aos Apóstolos disporem os assentos em semi-círculo.

Durante êstes preparativos, o divino Mestre vai ao vestíbulo, retira a sua túnica, que poderia embaraçá-lo, tanto para ajoelhar-se, como para lavar os pés dos Apóstolos: "Surgit a caena et ponit vestimenta sua" e também para melhor assemelhar-se a um escravo.

Os Senhores vestiam, com efeito, comprida e larga túnica, enquanto os escravos não tinham mais do que uma túnica estreita e curta Eis o Salvador de joelhos, tendo uma bacia com água d'iante de si, e uma toalha na mão, indo de um para outro dos Apóstolos, lavando e enxugando-lhes os pés.

Jesus começa por Pedro. E' o chefe, é o primeiro, deve ser o condutor de seus irmãos.

Pedro, impressionado pelas lições, que o Salvador lhes havia dado sôbre a humildade, vendo a seus pés o Mestre, que êle proclamara: O Filho de Deus vivo, não pode conter-se diante de tamanho exemplo de humildade, e exclama fora de si, de espanto:

Quem sou eu, Senhor, meu Deus, para que me laveis os pés?

Um Deus todo poderoso, lavar os pés de uma vil criatura?!

O Mestre abaixar-se diante de um pecador como eu?! Não Senhor, é impossível!

Ao contemplar êste fato, experimentamos, instintivamente, um sentimento de simpatia por Pedro. Parece-nos que teríamos agido como êle. Pedro compreendeu e sentiu.

Compreendemos menos o silêncio dos outros Apóstolos, que deixaram o Mestre lavar-lhe os pés, sem dizerem palavra.

Sua fé, menos ardente que a de S. Pedro, não lhes representava tão vivamente o Deus, que não se deixa ver senão sob a sua forma humana; tão verdade é, que uma fé confusa e vaga fica insensível às grandezas invisíveis!

Jesus lava, sucessivamente, os pés de cada um dos Apóstolos, até os do traidor Judas. Quem dirá os sentimentos, que se agitavam no coração do divino Mestre?

Lavar os pés dos outros, e sem dúvida, um ato de humildade, mas tocar os pés sujos de um traidor, cuja alma era mais suja ainda, devia causar ao coração de Jesus, grande repugnância!

Mas não, *Jesus é pai e mãe.*

Como tal, lava, enxuga e beija os pés do traidor, com um sentimento de amor e de compaixão tão grande, que dominava qualquer impressão contrária. Seria êste modo de agir de qualquer mãe, e a mãe não tem o grande coração de Jesus, e a dedicação dela está bem longe da sua; a ternura dela não tem a profundeza da de Jesus. Judas! O' Judas! Será possível que tu resistas ao contato destas mãos suaves?

Será possível que êste olhar tão maternal não te prostre aos pés do Mestre, banhado em lágrimas de arrependimento? Mas Judas fica indiferente vê a profunda emoção de seu Mestre, mas o seu coração permanece insensível. E' que o demônio já havia entrado no coração do traidor, como diz São João. Tudo está terminado; Pedro deu o seu brado de fé: Senhor, lave-me não sòmente os pés, mas também as mãos e a cabeça. João chora de comoção ao ver o bom Mestre humilhar-se a êste ponto.

Judas desvia a cabeça, não compreende, não ouve: é um renegado. E' a primeira confissão indígna, preparando a primeira comunhão sacrílega.

II — OS ENSINAMENTOS

Jesus levanta-se retoma a sua túnica e volta a ocupar, à mesa, o seu lugar de Mestre, explicando, com voz clara e solene, a significação da cerimônia, que acaba de realizar. A lição é clara:

Sabeis o que vos fiz? diz êle. Eu sou o vosso Senhor e Mestre. Lavei vossos pés. Eu vos dei o exemplo, para que como eu fiz, assim façais vós também. (João 13—15).

A lição, que Jesus Cristo nos dá, é dupla: a primeira, no sentido literal: é uma lição de humildade e de caridade para com o próximo. A segunda, no sentido espiritual, é a necessidade de lavarmos a nossa alma, antes de sentar-nos ao banquete da sagrada comunhão.

Limitemo-nos hoje a êste sentido espiritual por combinar com o tempo da Páscoa, que estamos atravessando. Jesus Cristo é o Sacerdote supremo, o Senhor, o Mestre divino.

Lavando os pés a seus Apóstolos, êle lhes dá uma lição de pureza, pureza da alma, figurada pela limpeza dos pés. Êle perdoou aos Apóstolos, tôdas as suas faltas, de modo que, se levantam daí purificados, como se deve concluir, das próprias palavras divinas: Vós estais puros, mas não todos. (João XIII. 10).

O Lava-pés é, pois, a imagem da purificação da alma — e esta purificação é a absolvição obtida no Sacramento da Confissão. Como os Apóstolos, nêstes dias da Páscoa, temos de receber a Sagrada Comunhão, a Hóstia divina, pela qual o próprio Filho de Deus quer ser o alimento da nossa alma.

Mas para receber êste alimento divino é de absoluta necessidade ter a alma limpa, purificada pela absolvição do Sacerdote. Ah! não digam: Eu não me confesso! Não tenho pecados! Não matei nem roubei! Não me confesso a um homem como eu! A hora não é de objeções, nem de excusas, mas sim de arrependimento, de reconciliação, de paz com Deus.

Somos pecadores: eis o que é certo. Ora, sendo pecadores, tendo ofendido a Deus, só Deus pode perdoar-nos. Só Êle pode perdoar pecados, porém quem somos nós para exigirmos que Deus baixe do céu e venha, pessoalmente, perdoar as nossas faltas; lavar a nossa alma?

Quem de nós merece tal favor extraordinário? Ninguém!

Eis porque êle comunicou a seus Apóstolos o poder

de perdoar os pecados em seu nome. A palavra divina é conhecida: Aquêles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aquêles a quem retiverdes ser-lhes-ão retidos (João 21—23).

E' claro! é positivo! é irrefutável!

Somos pecadores: precisamos de perdão. Quem pode dar êste perdão é o Sacerdote, o ministro de Deus delegado para êste fim. Logo, devemos confessar as nossas faltas ao Sacerdote, para êle poder perdoá-las, sendo impossível êle perdoar o que ignora. Por que, pois, não haveríamos de confessar-nos? Deus manda: E' uma ordem. formal confessar-nos, ao menos, pela Páscoa; ou excluamo-nos a nós mesmos da lei de Deus e da sua proteção. Estamos perante um dilema sem saída. Todo cristão deve confessar-se, e aquêle que não o faz torna-se um revoltoso. Queremos ser cristãos completos: Logo, a confissão é necessária! Não matei, nem roubei! Mas isto constitui apenas 2 mandamentos da lei de Deus: Se não temos faltado a êstes dois, será bem certo que tenhamos observado os 8 outros?

Não me confesso a um homem como eu! Mas então porque obedece ao Governador, ao Prefeito, ao Magistrado, ao Delegado de polícia? Não são êles homens como os outros?

Obedece a estas autoridades, porque não é ao homem, mas sim à autoridade do homem que obedece.

Pois bem, não é ao homem, como tal, que o senhor deve confessar-se, mas sim à autoridade divina, representada por êste homem: E' ao ministro de Deus!

Queremos sentar-nos à Mesa eucarística, e esta mesa exige a pureza da alma.

E' preciso que o Ministro de Deus faça como o seu divino Modêlo, lavando os pés dos cristãos, não materialmente mas espiritualmente pela confissão. E' por isso que terminando a cena do Lava-pés, Jesus Cristo diz: Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim vós façais também (João XIII. 15). Notem bem a expressão; Jesus não diz: Fazei o que eu fiz, mas *como* eu fiz.

Êle purificou os pés e a alma; o Sacerdote, como Jesus, deve purificar as almas.

III — CONCLUSÃO

A cerimônia do Lava-pés, que acabamos de contemplar, tem, pois, significação profunda.

Se o exemplo do Salvador nos comove, a sua recomendação deve estimular-nos. Êle se abaixa, até prostrar-se aos pés dos Apóstolos; mas nos recomenda que nos prostremos aos pés de seu ministro.

Êle *lava* os pés dos seus Apóstolos: o Sacerdote lavará as nossas almas.

Êle declara os Apóstolos puros, porque foram purificados nêste banho salutar: a palavra do Sacerdote nos purificará e restituirá à nossa alma o que talvez perdera na peleja da vida: a graça.

Êle *preparou* os Apóstolos para se sentarem à Mesa Sagrada: e aí receberam o seu próprio corpo, sob as aparências do pão. O Sacerdote tem o mesmo ideal: preparar a vossa alma para a recepção da Comunhão da Páscoa. Não haja, pois, exceções entre nós.

Somos discípulos de Jesus Cristo. Queremos seguir integralmente a sua doutrina, como acreditamos, integralmente, em tôdas as verdades, que nos revelou. (1)

SEXTA-FEIRA SANTA

A Igreja está de luto pela morte do Salvador.

As funções dêste dia estão repassadas de tristeza: não batem sinos, o altar desnudado, o Tabenáculo vazio e aberto: tudo respira tristeza e desolação.

O ofício da madrugada abrange quatro partes:

1 Duas lições e a Paixão, segundo São João;

2 As orações solenes ou exortações;

4 A Missa dos Pressantificados.

A adoração da Cruz é uma cerimônia que data do quar-

(1) Se o Sacerdote quiser entrar em mais pormenores sôbre o assunto, veja o nosso livro: "LUZ NAS TREVAS", cap. XIV: A confissão. Aí há uma exposição sucinta mas completa dêste Sacramento.

to século. Nêste dia, apresentava-se aos fiéis a *verdadeira Cruz*, para que a adorassem e beijassem.

No sétimo século, as igrejas que não tinham a felicidade de possuir uma parte da verdadeira Cruz, para reproduzirem as cerimônias de Jerusalém, aproveitavam qualquer Cruz.

A Missa chamada dos Pressantificados, não é pròpriamente uma Missa por não haver consagração, e em consequência: sacrifício.

Deram-lhe êste nome porque repete algumas cerimônias da Missa, e termina pela Comunhão do celebrante, da Hóstia consagrada no dia anterior. O têrmo pressantificado significa: dons santificados prèviamente.

Em muitos lugares existe a prática excelente, e que merece ser divulgada em tôdas as igrejas, de se fazer, de tarde, das 2 até às 3 horas, uma solene Via-Sacra prègada, que termina na hora em que expirou o Salvador. Outra prática edificante é fazer uma espécie de palco, diante da décima segunda estação, onde se representa o *quadro vivo* da morte de Jesus.

Uma outra cerimônia de expressão enternecedora é a procissão *do encontro*, ou encontro de Jesus e Maria na via dolorosa, como no-lo representa a quarta estação da Via-Sacra.

Em outros lugares fazem-se *as três de agonia*, alternando meditações ou prègações, sôbre as 7 palavras do Salvador, com cânticos e orações.

Para êste fim pode-se pedir no "Apostolado da Oração" a pequena brochura do P. Machado Rocchi, S.J.. intitulada: Devoção das três horas de Agonia, ou outro livro dêste gênero.

Outro piedoso e tocante uso, é a *procissão* do Bom Jesus morto, feita de noite.

Aproveita-se o mesmo palco e o mesmo quadro vivo,

que fica velado, enquanto o prègador retoma a narração da paixão, desde a morte de Jesus; chegado à descida da cruz, descobre-se o quadro vivo, e o prègador continua a descrever e a explicar a descida da cruz, nos braços de Maria Santíssima e depois no esquife, iniciando-se, em seguida, a solene procissão do *entêrro,* com velas acesas.

Após a procissão, segue uma última exortação à confissão e à comunhão pascoal, indo os fiéis beijar os pés de Jesus morto, enquanto se pode cantar o hino da paixão."

30.ª INSTRUÇÃO

A ADORAÇÃO DA CRUZ

A cerimônia de hoje, em sua tocante simplicidade, é de um simbolismo profundo, que convém compreender.

Antes de prostrar-nos diante da imagem de Jesus Crucificado e beijar-lhe os pés sagrados, devemos compreender o que é a *adoração*.

Adorar é prestar a alguém o culto supremo, reservado a Deus, reconhecendo-o como nosso Criador e Mestre. Só podemos adorar a Deus. Adoramos a Jesus Cristo, prestando-lhe o culto, que a Igreja chama de latria (adoração), porque êle é verdadeiro Deus, como é verdadeiro homem, unindo a natureza divina e a natureza humana numa única pessoa: a pessoa do Verbo Encarnado.

A adoração, como todo ato de culto, é absoluto, quando se dirige ao próprio Filho de Deus, e relativo, quando se dirige à representação do Salvador.

Jesus Cristo deve ser adorado com um culto de latria adoração obsoluto e devem ser adorados, com um culto de latria relativo, a sua imagem e a cruz sôbre a qual morreu, por ter sido regada pelo seu sangue.

A êste culto de adoração relativa, juntaremos o culto de nosso amor, expresso pelo beijo, que depositamos sôbre seus pés.

Falemos um instante dêste ato de beijar os pés de Jesus Cristo, examinando:

I — A sua *significação*.

II — A sua *aplicação*.

I — A SUA SIGNIFICAÇÃO

O beijo é a manifestação de um amor ardente.

Os pais beijam os seus filhinhos, e os filhos a seus pais, para manifestarem, pùblicamente, a veneração e o amor, que lhes dedicam.

Percorrendo o Evangelho notamos que só 4 pessoas tiveram a felicidade de beijar a Jesus; mas que diferença na significação dos beijos destas três pessoas!

Os primeiros foram a Virgem Imaculada e São José.

Com quanta ternura adoraram o menino Jesus no presépio, e imprimiram sôbre sua fronte sagrada os beijos quentes e prolongados da sua ternura!

Eram beijos radiantes de amor e de pureza.

Oh! êles podiam aproximar-se da pureza infinita de seu Jesus; êles: Maria e José; a primeira, preservada da mancha do pecado original; o segundo, purificado desta mancha.

Corações de anjos, êles tinham o direito de depôr sôbre a fronte, sôbre as mãozinhas, e sôbre os pés do menino-Deus o beijo da pureza virginal.

Uma outra criatura, teve a felicidade de aproximar os seus lábios dos pés do Mestre adorável: E' Madalena a pecadora, mas a pecadora arrependida, que procurou, na pureza divina de Jesus, a purificação de seus erros passados.

Madalena regou, por primeiro, os pés de Jesus, enxugou-os com a sua longa cabeleira, e depois beijou-os com efusão:

Era o beijo do arrependimento.

O arrependimento que lava, purifica, reabilita.

Feliz Madalena!

Uma quarta criatura aproximou-se, um dia de Jesus, e saudando-o, beijou-lhe na fronte. E chegando-se depressa a Jesus, lhe disse: Salve, Mestre; e deu-lhe um ósculo (Marc. 25—49).

Êste homem, em desalinho, desajeitado, de olhos inquietos, é conhecido no mundo inteiro, e o seu nome é o símbolo da covardia, da baixeza; chama-se Judas!

Judas, o traidor, o renegado, o demônio, como o cha-

mou o próprio Salvador: Unus ex vobis diabolus est. (João VI. 70).

Era o beijo da traição.

Infeliz Judas, predecessor de todos os traidores, dos renegados, daqueles que vendem a sua alma por um miserável dinheiro, ou um prazer passageiro.

II — A SUA APLICAÇÃO

Eis os três beijos, que Jesus recebeu: o beijo da pureza; o beijo do arrependimento; o beijo da traição.

A história do mundo se perpetua e se renova sem cessar. Jesus, o sublime e terno Jesus, está sempre em frente de nós, recebendo de suas criaturas um dêstes beijos.

Há, nêste mundo, almas puras, sedentas de amor, que se aproximam de Jesus e imitadoras de Maria Santíssima e de S. José, beijam-lhe a fronte, as mãos e os pés, com a expressão de amor que lhes arde no coração, e com o desejo de reparar as blasfêmias, os insultos e os ódios que êle recebe dos ingratos. E' a categoria dos bons católicos, das almas que praticam a sua religião, e vivem mais para Deus do que para o mundo. Felizes daqueles que pertencem a esta primeira categoria, e podem aproximar-se do crucifixo e dizer-lhe com a convicção com que Pedro lhe dizia: Tu sabes, Senhor, que eu te amo!

* * *

O segundo beijo foi o de Madalena, a convertida. Era um beijo de arrependimento sincero, envolto em lágrimas de amor Cair, é sempre triste. Levantar-se é nobre! O soerguimento do pecador agrada a Deus ao ponto de Jesus Cristo afirmar que há mais alegria no Céu pela conversão de um pecador, do que pelo fervor de noventa e nove justos, que não precisam de misericórdia.

A razão é simples. Deus é pai da misericórdia e o seu coração se entristece quando vê um homem precipitado no mal; porém, tal u'a mãe, desde que o arrependimento brota desta alma ferida, êle perdoa, esquece o passado e parece só sentir a alegria da conversão. Felizes daqueles que sabem

chorar aos pés de Jesus, e reparar, pelo arrependimento, as faltas do passado.

* * *

O terceiro beijo é o da traição. Nêste beijo parece que se concentra tudo o que o mundo tem de mais lamacento e repugnante. Se o beijo virginal de Maria, foi como que a quintessência das virtudes e o aroma concentrado da pureza, o de Judas é como a quintessência do vício, da maldade, da baixeza.

E' um beijo traidor! Êste beijo reproduz-se pelos lábios dos pecadores obstinados, dos desgraçados, que vivem mergulhados no fundo do lamaçal e não sentem nem o desejo de se levantar, nem sequer fazem um esfôrço para sair da obra de Judas. Infelizes pecadores, que Jesus ainda ama, como continua a amar o traidor, mas que não se deixam mais comover pelos convites do amor de Deus.

III — CONCLUSÃO

Vamos todos, pois, beijar os pés de Jesus!

Nêste préstito haverá as três espécies de ósculos, que Jesus sentirá sôbre os seus pés e que o seu coração distinguirá perfeitamente. O beijo das almas puras: êste será um bálsamo para o seu coração. O beijo dos pecadores arrependidos: êste será um sorriso para a sua alma agoniada. O beijo dos pobres e infelizes indiferentes e pecadores. sem desejos de sair da sua letargia mortal, oh! êste seria um beijo de Judas. Mas que digo, oh meu Deus. Judas?!

Houve um na Palestina no Brasil, esta raça não existe!

O brasileiro é católico! êle ama a sua religião. às vêzes não a pratica perfeitamente, por ignorância, por hábito, raramente por impiedade. Oh, Jesus! que todos os lábios que hoje vão depositar o seu beijo sôbre os teus pés adoráveis, sejam lábios puros ou arrependidos, que te consolem, e redigam como S. Pedro: Tu sabes, Senhor, que eu Te amo!

Longe de nós o beijo da traição! O nosso será de arrependimento, que merecerá a resposta que deste a Madalena: Muito lhe será perdoado, porque muito amou!

31.ª INSTUÇÃO

SERMÃO DO ENCONTRO

Era na manhã de Sexta-feira.

Jesus havia sido entregue nas mãos de seus inimigos, e Maria, embora ausente corporalmente, assistia em espírito a todos os horrores dêste dia.

Pobre Mãe! ouviu os estalos dos flagelos; viu Jesus amarrado à coluna, e os que o cercavam, tintos do sangue do seu filho. Ouviu os gemidos abafados de seu Jesus, e no meio de tão horrendo suplício, ouviu a voz de Deus, que condenava à morte o seu próprio Filho, para a salvação do mundo, e condenava a Mãe a viver, para aplicar os merecimentos da Vítima adorável.

Ela viu, através de suas lágrimas e de seu amor, o semblante divinamente majestoso de seu Jesus, mas que, na realidade, parecia, na expressão do profeta, *um verme da terra.* (Sal. XXI. 7).

Ela viu e ouviu tudo isso, pobre Mãe, mas não basta, ela tem que ver e ouvir cousas mais horrendas ainda, no mistério do encontro, que vamos meditar agora.

Vejamos suscintamente:

I — O *fato* do Encontro doloroso.

II — As *particularidades* dêste fato.

I — O FATO DO ENCONTRO

Maria Santíssima havia assistido em pessoa, a várias cenas da Paixão, porém as Santas mulheres, que a acompanhavam, se opuseram a que continuasse alí, exposta aos sar-

casmos da soldadesca, e receiavam um desfalecimento no meio de tamanha dôr, como nunca elas haviam visto, nem ouvido contar. Conduziram Maria para a casa de um parente, onde de joelhos, e de braços estendidos, a Mãe dolorosa seguiu, passo por passo, a tragédia dolorosa, que se desenrolava nas ruas e nos palácios dos chefes judeus. João estava encarregado de trazer-lhe, de momentos em momentos, as notícias de fora.

Após a condenação de Jesus, o discípulo veio comunicar à Mãe desolada a triste notícia:

Jesus vai ser crucificado. Uma espada traspassa a alma da Virgem Santa; ela se levanta, heróica e calma, radiante de uma luz divina, e diz que pretende sair com João e Madalena, ir ao encontro de seu Jesus, subir com êle o Calvário, para aí receber o seu último suspiro Pobre Mãe desolada!

Terá ela a fôrça de presenciar uma tal cena, sem morrer de dôr?

Tôdas as ruas e travessas estão apinhadas de povo, que se dirige para a lúgubre montanha No canto das ruas, arautos tocam trombetas e proclamam a sentença diante do povo aglomerado A Mãe dolorosa envolve-se em seu longo véu e toma o seu lugar, silenciosa e calma, no meio desta multidão em delírio. Ela nem hesita, nem treme. as lágrimas correm de seus olhos, como as águas da fonte, porém, são lágrimas de sangue.

* * *

O cortêjo aparece. O centurião, a cavalo, abre a marcha lúgubre e indica o caminho. O clarim ecoa.

As mulheres espiam pelas grades das janelas. Maria vê tudo: os dois ladrões, a cruz, entretanto ela percebe uma coisa: o seu Jesus amado. Êste Jesus se aproxima; a paz interior da Mãe torna-se mais profunda, pois, por onde Deus anda, a paz o precede. A sua angústia é inexprimível! Só Deus sabe o número de gládios, que traspassam a sua alma. Maria levanta a cabeça para ver o seu Jesus. Eis que êste se aproxima; apenas uns passos separam o Filho e a Mãe, o Redentor e a co-Redentora. Jesus pára. Não vê, mas sente a proximidade de sua querida Mãe. Levantando a mão que

está livre, enxuga o sangue de seus olhos Será para ver a sua Mãe?

E' antes para que ela o possa ver, para que ela possa ler em seu olhar sangrento, a extensão de seu amor por ela e pelos homens. Maria quer aproximar-se; os soldados repelem-na brutalmente.

Que suplício! e ela é no entanto, a sua Mãe! Repelida, a Mãe dolorosa vacila um instante, e fixa o olhar sôbre Jesus. enquanto Jesus fita a sua Mãe. Oh! torrente de amor! e transbordamento de dôr! Terá Jesus menos fôrça que esta Mãe dolorosa?

Ei-lo que verga sob o pêso da sua cruz e cai por terra.

Maria vê tudo! O Deus infinito do céu e da terra jaz alí na poeira do caminho. Os verdugos se aproximam, e tais uns carniceiros, que cercam o animal, que acabam de abater, batem-no com o pé, e proferindo horríveis blasfêmias contra êle, levantam-no com brutalidade. Ela vê, ouve, sente tôda a dôr, tôda a humilhação, mas também tôda a ternura de seu Jesus, mas nada pode para valer-lhe, e suavizar a sua dôr; trocam apenas um olhar mas que olhar!

Olhar de sangue e de amor, onde se refletem o sofrimento mais atroz e a resignação mais heróica.

— Meu filho, geme Maria, pudesse eu tomar a vossa cruz!

— Minha Mãe, responde Jesus, essa cruz é tanto vossa quanto minha! Seguí-me! E' mais doloroso para u'a mãe ver sofrer o filho, do que sofrer ela mesma! Os sofrimentos de Jesus refletem-se no coração de Maria, enquanto as dôres de Maria agravam o sofrimento do filho. A Virgem não morre de dôr, porque uma fôrça divina a sustenta para prolongar o seu martírio. A onipotência divina retém com fôrça o coração trespassado da Rainha dos Mártires, para que ela possa partilhar até ao fim a sorte do divino filho. Ela segue, pois, o seu Jesus, numa paz acima da inteligência do homem. e após êle, dirige-se para o Calvário.

II — PARTICULARIDADES DO ENCONTRO

O encontro doloroso de Jesus e Maria não formà simplesmente uma etapa da Paixão, mas tem um significação própria e especial, que o fêz escolher pela Igreja como uma das sete dores da mãe de Jesus. Assinalemos cinco destas particularidades:

1 A dôr longamente prevista;
2. O agravo mútuo;
3. O horrendo sacrilégio;
4 A presença pessoal;
5 A profanação do sangue.

* * *

1 Há um sofrimento especial na chegada de um infortúnio esperado. Imagina-se tudo de antemão: o que se pensará, o que se dirá, o que se fará, nenhum dos pormenores do drama doloroso fica esquecido, e tudo lá está diante de nós, como em um filme. Mas, capricho cruel do mal! êle chega e não se observa nenhuma das regras traçadas pela nossa previsão. A dôr chega, mas não seguiu o caminho traçado, nem o tempo, nem o lugar: não tem nenhuma semelhança com o romance tecido pela nossa imaginação. Toma-nos de improviso e nos desorienta completamente Para nós, simples mortais, as cousas são sempre menos terríveis na realidade, do que parecem na espectativa. Quanto à Virgem Santa, a realidade ultrapassou tôdas as suas espectativas. A realidade lhe trouxe, ultimou tudo o que previra. Porém, com muitas mais outras dores, que ela não havia podido discernir, apesar da lucidez de seu espírito. As suas dôres já lhe estavam gravadas no espírito, muito antes que se realizassem, porém, na hora de sua chegada, elas lhe penetraram na alma, esmagaram-lhe o coração com uma acuidade tão diferente da previsão, quanto a vigília é diferente do sono, ou a vida da morte.

* * *

2 Uma segunda agravação era o aumento da dôr, que o seu próprio martírio trazia a Jesus.

A dôr precedente tinha o próprio Jesus como executor, mas, agora, é a própria Virgem que aumenta a de

seu Filho, com todo o pêso da sua própria angústia. Qual era o mais doloroso dêstes dois tormentos? Para u'a mãe é mais doloroso ver sofrer o filho do que sofrer ela mesma. e mais doloroso ainda ser a causa dos sofrimentos do filho. Cada ultraje dirigido a Jesus, cada golpe dos açoites, que rasgava a sua carne sagrada, era para Maria um tormento indizível. Ela se sentia transida de horror, ao pensamento da crueldade sacrílega dos chefes judaicos, dos juízes, dos soldados, dos algozes e do povo, e eis que ela mesma, a Mãe amorosa, de certo modo, fica incluída no número dos algozes de Jesus. Êste pensamento duplicava o pêso de seus tormentos.

A vista do semblante doloroso de Maria era mais cruel para Jesus do que os tormentos da flagelação. Encontrar o olhar de sua Mãe, onde se refletiam tôdas as suas dôres e as dôres dela, era para Jesus um gládio, e êste gládio, depois de ter trespassado a sua alma, ia trespassar o Coração da Virgem dolorosa com tôda a violência do amor, que unia a Mãe ao Divino Filho.

Jamais, santo algum teve que submeter-se a uma vontade divina igual a esta, que se manifestava à Virgem Santa. Jamais santo algum mostrou tanta submissão à vontade divina. Ela sobe ao Calvário, calma e corajosa, para ajudar a matar ali o seu Jesus de Belém.

* * *

3 Novo tormento esmagava o Coração da Virgem, vendo o seu Filho em mãos sacrílegas, sem entranhas.

Oh! só ela possuía o direito de tocar, com as suas mãos virginais, o corpo imaculado e adorável de seu Jesus, e ela se vê afastada dêle, enquanto míseros pecadores o maltratam. Maria anelava enxugar, com seu véu, o sangue do rosto de Jesus afastar, docemente, a corôa de espinhos. levantar a cruz acima de seus ombros, e experimentar se o seu coração dilacerado não lhe daria bastantes fôrças para carregar o patíbulo, no lugar de Jesus. Ela via quanto Jesus precisava de seus cuidados, mas os algozes recusavam-se em reconhecer-lhe os direitos de Mãe.

Em Belém, no Egito, em Nazaré, a sua suprema felicidade fôra carregar Jesus em seus braços, apertá-lo. E agora,

êste querido Jesus está nas mãos hediondas de algozes, que lhe batem na cabeça, arrastam-no pelas ruas, ferindo e pisando as suas carnes sangrentas. Êstes sacrilégios esmagam o Coração de Maria, e ela teria, mil vêzes, morrido se uma fôrça do alto não a tivesse sustentado. Os suplícios, que os outros homens encontram na morte, Maria os encontrou na vida, mas é preciso que ela viva para mostrar ao mundo que o amor é mais forte do que a morte!

4 Representemo-nos, um instante, o que deviam ser as ruas de Jerusalém nesta ocasião. Milhares de rostos bárbaros, de homens guiados pelo ódio, pela bebida, pelo espírito de adulação, formavam na maior desordem o lúgubre préstito de Jesus. Feras selvagens do deserto teriam sido menos terríveis do que esta populaça em delírio. Nesta multidão havia mulheres, talvez crianças, que tinham sêde do sangue dêste justo, gritando, vociferando em demência, em delírio.

As suas vozes pareciam urros do inferno: era uma imensa barbúrdia, em que se cruzava um conjunto de furor, de blasfêmia, de paixões, de desespêro, de vingança ou melhor, parecia a excitação inebriante do cheiro de sangue, que excita, no homem, como nas feras, uma espécie de loucura de homicídio. E Maria Santíssima era testemunha de tudo isso. Cercada de todos os lados, ela é como carregada de cá e lá pela onda humana, tal um destroço de naufrágio sôbre as águas turvas da tempestade ela é separada de seu Jesus, e parece perder-se no meio da populaça delirante.

* * *

5 Assinalemos mais um tormento de seu Coração maternal: a profanação do sangue de Jesus.

Reprimindo os sentimentos da natureza, que a impeliam a fugir dêste ambiente de ódio e de crueldade, a Virgem Santa abre um caminho através dêstes horrores. Ela percorre as ruas, seguindo as pisadas de Jesus, mas que novo tormento se apresenta a seus olhos?!

Ela vê o caminho percorrido, manchado pelo sangue de Jesus, e vê os seus próprios passos úmidos dêste mesmo sangue. Ninguém suspeitava o mistério celeste, que os anjos

contemplavam silenciosos. Era preciso que Maria Santíssima marchasse sôbre êste sangue, que ela adorava.

Êste sangue que manchava as pedras do caminho estava unido a Deus, de modo hipostático; merecendo, como tal, a plenitude da adoração divina. Maria adorava-o a cada passo. Não havia uma pedra, tingida desta côr vermelho-escura sôbre a qual não se inclinasse uma multidão de anjos, para adorá-la.

O mundo nada via. mas a Mãe desolada tudo via e devia continuar a viver no meio de um tal abismo de dôres! e ver-se misturada a estas horríveis profanações do sangue de seu Jesus, que era também sangue de seu Coração.

III — CONCLUSÃO

Das cenas dolorosas, que acabámos de contemplar, tiremos uma aplicação prática para nossa vida.

Maria Santíssima ia ao encontro de Jesus, e já vimos em que estado o encontrou.

O fim da nossa vida é o encontro com Jesus. Cada dia, em cada ação, devemos encontrar Jesus, como devemos encontrá-lo no fim de nossa carreira mortal. Maria Santíssima é um aviso e um exemplo, que nos diz que, para encontrar Jesus glorioso, é preciso antes encontrá-lo sofredor; para partilhar as consolações de seu triunfo, é preciso antes partilhar o pêso e as ignomínias da sua cruz. Per crucem ad lucem. Quando estamos na aflição, o próprio Jesus se aproxima a marchar conosco, como êle o fêz com os seus discípulos no caminho de Emaús. Ipse Jesus appropinquans ibat cum illis. (Lucas XXIV. 13).

E' o privilégio da aflição. A aflição dos homens exerce sôbre o Coração de Jesus um atrativo, ao qual não pode resistir. Oh! como as almas perdem um tesouro, quando contam suas penas aos homens, mendigando-lhes um pouco de consolação! O único consolador verdadeiro é Jesus Cristo. Lendo a vida dos santos, ficamos admirados da sua união íntima com Deus, e nem sequer suspeitamos que, pelas nossas aflições teriamos podido igualar-nos a êles, e até, talvez,

sobrepujá-los, se tivéssemos aproveitado o encontro de Jesus, e andado com êle. Procuremo-lo, e saibamos reconhecê-lo, carregando a cruz, pois êle não se apresenta sinão tendo a cruz aos ombros. Carregar a cruz é uma lei, uma lei do reino do céu.

Qual será a nossa cruz de hoje?

Não o sabemos, mas pouco importa: seja ela qual fôr, desde que é Jesus que no-la apresenta esta cruz é santa e santificadora. O que é certo é que encontrar Jesus é encontrar a cruz. Alguns têm apenas uma cruz a carregar durante tôda a vida. Uma tal cruz, pela continuidade, torna-se a mais penosa, pois em consequência da inconstância da nossa natureza, nós temos horror à uniformidade contínua. Assinalemos ainda duas qualidades dêste encontro doloroso, que formam como o distintivo desta cena:

1 — Jesus e Maria seguem um único e mesmo caminho. Êste caminho era o do céu . mas pelo Calvário.

2. Ninguém olha para o céu, se não fitar o Calvário.

VIA-SACRA PREGADA

A VIA-SACRA é uma das devoções que o povo compreende melhor e que mais o impressiona.

A Paixão resume todos os ensinamentos evangélicos; estão aí encarnados nas cenas dolorosas que todos percebem e podem aplicar a sí mesmos. As considerações metafísicas, os raciocínios, são impotentes para ensinar ao povo a resignação, a dedicação, o perdão das ofensas, o amor ao sacrifício, mas coloquem-lhe diante dos olhos as cenas da Paixão, e êle compreende tudo. As palavras instruem; os exemplos estimulam. Ora, a sociedade hodierna peca mais pela fraqueza da convicção, do que pela ignorância da verdade. Jesus Cristo foi operário. foi pobre, foi perseguido, caluniado, maltratado. êle que nunca fêz mal a ninguém, e fêz bem a todos. Como se queixar diante de tal coisa?

E' preciso submeter-se ou desviar o olhar. Mas, convém notar que, não basta uma simples leitura da Paixão, para comover o coração e estimular a vontade, é preciso dar côr, vida e movimentos a estas cenas, e isto se faz pela *prè-*

gação. Prègar a Via-Sacra, parece, à primeira vista, cousa difícil entretanto, é facílimo! Quem não é capaz de explicar, comentar o assunto representado pelas 14 estações da Via-Sacra, e fazer uma curta aplicação da parte moral de cada estação?

Três a cinco minutos diante de cada estação, com o canto de uma estrófe do hino próprio, é o bastante para fazer uma comovente instrução, que os fiéis compreendem tanto melhor quanto o ensino lhes é dado, simultâneamente, pelos ouvidos e pelos olhos.

Podem-se variar, à vontade, êstes comentários, tomando por base um dos numerosos aspectos da Paixão do Salvador. Por exemplo:

Os sofrimentos de Jesus e nossos sofrimentos. O amor de Jesus por nós, e nosso amor para com êle. As dôres de Maria e nossos pecados. Jesus imolado na Cruz e no Altar. Jesus amando na Paixão e na Eucaristia. A resignação de Jesus e nossas revoltas. Jesus carregando a Cruz, e nós carregando a nossa.

MODO DE PROCEDER

Pode-se proceder do seguinte modo: Três acólitos percorrem as várias estações: um dêles carregando a cruz (a imagem virada para o lado do povo) e os dois outros levando cada um castiçal com vela acesa. Após a oração preparatória, o Sacerdote sobe ao púlpito, enquanto o Côro canta:

A morrer crucificado
Teu Jesus é condenado
Por teus crimes, pecador.

Diante da primeira estação, o prègador diz:

Primeira estação: Jesus é condenado à morte. Dobrando o joelho, êle continua: Nós vos adoramos Jesus Cristo, e vos bendizemos. O povo responde: Porque pela vossa cruz, remistes o mundo.

Terminando a explicação, o sacerdote recita uma Ave-Maria, a que o povo responde com a Santa Maria; em se-

guida o padre diz a invocação: Meu Jesus, misericórdia, repetindo-a o povo. Todos se dirigem para a segunda estação, cantando:

Com a Cruz é carregado,
E do pêso acabrunhado,
Vai morrer por teu amor, etc.

INDULGÊNCIAS

Em 21 de Outubro de 1931, S.S. Pio XI revogou tôdas as indulgências concedidas, anteriormente, ao exercício da Via-Sacra, porque tais indulgências eram incertas, visto que os documentos autênticos, que tinham sido conservados no Santo Sepulcro, haviam desaparecido com incêndio do mesmo nos tempos do Papa S. Pio V (1570). Tais indulgências incertas foram substituidas pelas novas, taxadamente indicadas no decreto. São as seguintes:

1 — Indulgência Plenária, toties quoties, cada vêz que se faz a Via-Sacra por inteiro.

2 — Outra indulgência Plenária, tendo comungado no mesmo dia.

3 — Indulgência de 10 anos e 10 quarentenas, para cada estação, se, por motivo razoável, a Via-Sacra fôr interrompida.

CONDIÇÕES

As condições para ganhar as indulgências são:

1 — Ereção canônica da Via-Sacra;

2 — Estado de graça, se as indulgências forem pessoais. E' provável que se possa ganhá-las, em estado de pecado, se são para as almas.

3 — Percorrer as 14 estações, passando, materialmente, de uma para outra.

4 — Meditar algum episódio da Paixão, mesmo estranho à estação.

32.ª INSTRUÇÃO

AS SETE PALAVRAS NA CRUZ

O drama sangrento estava quase terminado: Jesus pendia do alto da cruz, agonizava, derramando todo o seu sangue e padecendo tôdas as dôres. A seu lado, estava em pé a Virgem das Dôres, heróica e sublime em seu martírio; terna e amorosa em seu ofício de Co-redentora. Do lado oposto, S. João, aniquilado no seu coração, o olhar fixo no semblante de seu bom Mestre; Maria Madalena, absorta em sua desolação, como alheia a tudo que se passava em redor, beijava os pés de seu Salvador, e misturava suas lágrimas ao sangue, que corria das chagas do Crucificado. Colloquemo-nos, uns instantes, aos pés desta mesma Cruz; contemplemos Aquêle cujo olhar está prestes a extinguir-se, mas cujo Coração lança chamas de amor e misericórdia. Recolhamos, como sendo a nós dirigidas, estas palavras do Padre Eterno à multidão, na ocasião do batismo de penitência, de Jesus no Jordão: Êste é o meu Filho muito amado, em quem pus tôdas as minhas complacências. Escutai-O (Mateus XVII. 5).

Escutemo-lO! Antes de morrer, Jesus deve falar ainda; pronunciando estas sete últimas palavras, que são como o seu Testamento, e que se referem:

I — Três palavras a *seu Pai;*
II — Uma a sua *Mãe* e a S. João;
III — Uma ao bom *ladrão;*
IV — Duas ao *mundo.*

I — PALAVRAS A SEU PAI

Meu Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem. Meu Deus, por que me abandonastes?

Meu Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito.

Do alto da Cruz, Jesus olhava tristemente para a multidão, que o insultava. Ouvia as provocações dos doutores, as gargalhadas da populaça, os gracejos dos soldados, e calava-se.

Os dois ladrões, crucificados a seu lado, torciam-se de desespêro, atrozmente atormentados; o silêncio e a resignação de Jesus faziam-nos irritarem-se mais ainda. Se és o Cristo, diziam-lhe enfurecidos, salva-te a tí, e a nós contigo! No meio dêste ambiente de horror, Jesus deixa escapar de seu peito desfalecido êste grito de suprema misericórdia: Meu Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!

Oh! contraste admirável, diz S. Leão, entre a barbaridade dos homens e a misericórdia de Deus!

Todos respiram ódio contra Jesus, e Jesus é todo amor para com os homens. O povo não põe limites ao seu furor, Jesus não os põe a sua caridade. As primeiras palavras do povo a Jesus, foram insultos: as primeiras palavras, que Jesus crucificado deixa ouvir, são palavras de misericórdia. O povo quer que Jesus morra depressa: Jesus morrendo pede para êles a vida verdadeira. Esquece-se, diz S. Agostinho, de que é das mãos do povo que sofre o suplício: lembra-se ùnicamente de que sofre pela salvação do povo.

E' assim que o divino Mestre nos ensina a perdoar a nossos inimigos, se quisermos também ser perdoados.

A 2.ª *Palavra é*: Eli, Eli, lamma sabactani: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?

Era tão fraca a voz do divino agonizante que os algozes não perceberam o sentido da sua oração.

— Escuta, diziam, está a chamar pelo Profeta Elias.

O sol já havia desaparecido. As trevas invadiram a terra, quando Jesus lançava êste brado de desolação e de espanto, para mostrar-nos até onde se estendiam os seus sofri-

mentos. A suas dôres físicas, junta-se o pêso de nossos pecados, que nos separam de Deus. Eis porque Jesus, o representante dos pecadores, sente-se como separado de seu Pai. Jesus Cristo fala como Chefe de seu Corpo místico, indicando a causa principal da sua aflição. Muitos dos seus membros não aproveitarão da sua morte, serão separados do tronco e para sempre abandonados. Por que, ó meu Deus, me abandonastes, em meus membros: os homens?

Por que o meu sangue não lhes é aplicado eficazmente?

Como é grande o valor de uma alma perante Deus! Não deixemos perder, por nossa culpa, os frutos da Redenção.

A 3.ª *Palavra é*: — Meu Pai, em vossas mão entrego o meu espírito.

O rosto da divina Vítima havia se tornado mais lívido. O sangue corria sempre gota a gota, ao longo do madeiro; estavam quase esgotadas as veias. O coração batia fracamente, as pálpebras iam-se cerrando velando os olhos vítreos. Os lábios aproximavam-se e fechavam-se convulsamente, como para reterem o último suspiro. De repente, êste semicadáver reanima-se, os olhos viram-se para o céu, e com voz sonora e forte, em que se reconhece um Deus morrendo, o Filho de Deus exclama: Meu Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito. Depois, deixando cair a cabeça sôbre o peito, expira!.

As trevas, que desde a hora sexta se tinham espalhado sôbre a terra, fazem-se mais espessas; o véu do templo rasga-se, os rochedos fendem-se, os túmulos abrem-se, e várias pessoas ressucitam.

Na verdade, êste homem era o Filho de Deus!

O Bom Pastor dera a vida por suas ovelhas, e dera a suprema prova de amor por aquêles que ama, morrendo para êles. Êste brado supremo de confiança, com que Jesus se entregou, inteiramente, nas mãos de seu Pai, indica o vôo sublime da grande alma de Jesus para o céu. Mereçamos, pela nossa generosidade de morrer um dia com os mesmos sentimentos de confiança filial para com nosso Pai celeste.

II — PALAVRAS E A SUA MÃE A S. JOÃO

A multidão deixando o Calvário, permitiu às santas mulheres se aproximarem do Crucificado. Maria Sma., a Mãe dolorosa, estava em seu pôsto de honra e de co-redentora, ao lado de seu Jesus, enquanto Maria Madalena, ajoelhada ao pé da Cruz, misturava as suas lágrimas ao sangue redentor. Jesus viu a sua Mãe e reconheceu em sua voz, tôda a ternura de seu Coração.

— Meu Filho querido! exclama a pobre Mãe.

— Mulher, replica o divino Crucificado, ó mulher bendita entre tôdas as mulheres, vós que sois cheia de graça e partilhais tôdas as minhas dôres, é a hora da separação; prometi não deixar os meus filhos na orfandade, sereis a Mãe de todos êles, representados aqui na terra, na pessoa de João: Mulher, eis aí vosso filho. Depois, volvendo os olhos para João, Êle completa as suas palavras: Eis aqui a vossa Mãe. Exprimir o quanto estas palavras do Filho moribundo penetram profundamente no Coração da Mãe é impossível. Quem as pronuncia é onipotente. Devem, pois, tais palavras ser de um efeito maravilhoso, sobretudo no Coração da Mãe Santíssima. Deve fazer penetrar no âmago do Coração da Mãe que nos dá, um amor extremo para conôsco, que nos tornamos seus verdadeiros filhos. Da mesma maneira que a maternidade da Virgem, não tem exemplo na terra, assim também a regra de seu amor para conôsco não pode encontrar-se senão no próprio Deus. Para mostrar que Maria é bem nossa Mãe, Jesus lhe chama de "mulher", isto é a Mulher bendita, a mulher que esmaga a serpente, a mulher que deve ser a Mãe espiritual de todos os homens.

Jesus deu tudo. tudo até sua própria Mãe, e despoja-se até da consolação de chamá-la: minha Mãe, para ela ser inteiramente a Mãe dos homens.

III — PALAVRAS AO BOM LADRÃO

Ao lado de Jesus, estavam crucificados dois ladrões. O da esquerda continuava a entremear a derradeira agonia com ultrajes e blasfêmias contra o Salvador. O da direita, ce-

dendo à emoção inspirada pela calma e resignação de Jesus, respondia a seu companheiro:

— Não tens tu nenhum temor de Deus, tu que até nas dôres do suplício persegues com o teu ódio o Justo crucificado? Na verdade, nós não sofremos senão a pena devida aos nossos crimes, mas êste não fêz mal algum. Depois, voltando-se para Jesus, diz-lhe com humilde confiança:

— Senhor, lembrai-vos de mim, quando tiverdes entrado em vosso reino!

E' a primeira confissão, feita ao próprio Deus; a resposta será uma absolvição de todos os crimes cometidos no passado: — Na verdade, te digo, hoje mesmo estarás comigo no paraíso.

Êste homem, diz S. Leão, que morre numa cruz, é o primeiro profeta, o primeiro evangelista, o primeiro mártir, o primeiro confessor de Jesus Cristo. E foi tão grande a sua fé que mereceu esta admirável resposta. O ladrão convertido não pede a Jesus um lugar no céu, mas apenas que se lembre dêle. E' como se dissesse: Sei que sois bom. mas eu sou indigno.

IV — DUAS PALAVRAS AO MUNDO

Tenho sêde!

Tudo está consumado.

Aproxima-se a morte; ;devia ser dolorosa, não só por causa da extrema sensibilidade do tão delicado organismo do Filho de Deus, mas também porque o seu Pai, não vendo mais nêle senão a personificação do pecado, tratava-o com rigor extremo, e não lhe poupava nenhuma das amarguras do cálice.

Sua bôca estava sêca e seu peito devorado por uma sêde abrasadora. Era o tormento mais atroz dos crucificados. Jesus podia, sem dúvida, pela energia de sua divina vontade, cumprir êste sentimento de dôr intensa; ;porém, o lamento que deixou cair do Coração revela um grande mistério, ao mesmo tempo que realiza a palavra dos Profetas. Tenho sêde — "Sitio!" disse com voz fraca e suplicante. Tenho sêde de amor dêstes homens, sêde de terminar a obra

redentora, começada há 33 anos. Ao pé da Cruz estava um vaso cheio de vinagre. Um dos algozes, ouvindo o lamento de Jesus, toma uma esponja, embebe-a no vinagre, e pondo-a na extremidade de uma vara de hissopo, aproxima-a dos lábios sêcos e lívidos do Salvador. Jesus inclina a cabeça, e aspira a amarga bebida. Quantas vêzes, ó Jesus, eu vos tenho dado a beber o vinagre da minha vida tíbia e da minha oração indiferente!

* * *

Tudo está consumado!

Jesus tendo aspirado algumas gotas do vinagre, exclamou: Tudo está consumado!

A obra sangrenta da redenção das almas está finalizada. Os oráculos dos Profetas estão cumpridos. As figuras da antiga Aliança, realizadas! A vontade do Pai Eterno, executada. Os rigores da justiça divina estão esgotados. O prêço do nosso resgate está pago! O' Jesus, de fato, provastes tôdas as amarguras do Cálice da maldição, cheio pela ira de Deus e pela perversidade dos homens. Não pudestes testemunhar-nos mais caridade, nem nós pudemos testemunhar-vos maior ingratidão, nem mais ódio! Tudo está consumado. Não resta mais ao mundo senão reconhecer êste grande milagre do amor divino e exclamar, com o Apóstolo: "O amor de Cristo nos constrange; considerando que se um morreu por todos, todos, pois, morreram. Cristo morreu por todos afim de que os que vivem não mais para si mesmos, mas, para aquêle que morreu e ressuscitou por êles. (II Corint. V. 14, 15).

V — CONCLUSÃO

Tal é o Testamento divino do Salvador do mundo;; recolhamo-lo com amor e meditemo-lo, as mais vêzes possível. As últimas palavras de um moribundo são sagradas; as últimas palavras do amor são amor; as de Jesus Cristo são palavras do amor divino. Apliquemos estas palavras à nossa vida.

1. Meu Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que

fazem: E' a misericórdia em vêz de vingança: Aprendamos a perdoar a nossos inimigos.

2 Na verdade, te digo, hoje estarás comigo no paraíso: E' o perdão dos pecados, que podemos receber, confessando-os humildemente ao Sacerdote.

3 Mulher, eis aí o vosso filho Eis aqui a vossa Mãe. E' a lição do amor, que devemos a Maria Santíssima e do culto de ternura filial, que lhe devemos tributar.

4 Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? E' a lição da confiança, com que devemos recorrer a Deus em tôdas as nossas aflições.

5 Tenho sêde! E' o brado do zêlo das almas. Salvemos as almas. Ganhemos almas para Deus! Sejamos Apóstolos!

6 Tudo está consumado: E' a lição de uma boa vida e de uma santa morte. Realizemos os disígnios de Deus sôbre nós, sejamos fiéis a nossa vocação, terminemos a carreira, que Deus nos marcou.

7 Meu Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito. E' o último brado de confiança da alma agonizante. De Deus recebemos a nossa alma: a Deus havemos de entregá-la na hora da morte, para dêle recebermos a recompensa das nossas virtudes ou o castigo dos nossos delitos.

33.ª INSTRUÇÃO

A DESCIDA DA CRUZ

Jesus havia exalado o último suspiro.

A mortalha lúgubre da noite se estendia sôbre a terra, para encobrir o maior dos crimes. Maria estava sempre ao pé da Cruz. compreendia tôda a extensão do trèmendo mistério da morte de um Deus para a salvação do mundo. Jesus havia morrido, mas a sua Mãe desolada havia ficado para continuar, em seu Coração, a Paixão de seu Filho, que não podia sofrer mais. Meditemos êste episódio doloroso da Virgem Consternada, e procuremos pela nossa fidelidade, partilhar as suas dôres. Vejamos:

I — Os *preparativos* da descida da Cruz;

II — Jesus *nos braços* de sua Mãe.

I — OS PREPARATIVOS DOLOROSOS

Uma profunda solidão reinava sôbre o Calvário. Ao pé da Cruz, donde pendia o corpo exangue e mutilado do Redentor, juntaram-se São João e as santas mulheres, uns de joelhos e outros em pé. Os corações oprimidos abafavam os seus lamentos, receando aumentar a dôr comum e perturbar a Mãe dolorosa, cujos lábios se conservavam colados ao sangrento madeiro. Depois das horríveis cenas de execução, depois dos gritos bárbaros do povo, das últimas palavras do divino Crucificado, da fuga tumultuosa da multidão, horrorizada pelos prodígios, que acabavam de realizar-se, os corações desolados de Maria e das santas mulheres saboreavam o amargo prazer de chorarem a sós. necessidade imperiosa das grandes aflições. Os dois malfei-

tores crucificados ao lado de Jesus ainda agonizavam. A crucificação é uma morte lenta, horrenda pelos vários suplícios, que a seguem. Entre êstes é preciso mencionar a quebra das pernas dos supliciados, seja como expressão de uma crueldade feroz, seja para apressar o têrmo do suplício. Dois algozes aproximaram-se silenciosos, e armados de uma tranca de ferro, descarregaram um golpe pesado sôbre os joelhos dos supliciados, quebrando-lhes as pernas. Era horrível, para a Mãe amargurada, ouvir o surdo crepitar dos ossos esmagados, e os gritos de agonia dos dois infelizes. Mas quem dirá o que ela sentiu quando viu os dois algozes aproximarem-se do corpo de seu Jesus.

Nada havia de mais sagrado nêste mundo, pois embora morto, êste corpo era unido à divindade e tinha direito à adoração divina. Tocá-lo sem respeito era um horrível sacrilégio, mas romper-lhe os membros, quebrar-lhe os ossos era uma profanação horrível demais, para que a alma de Maria não se sentisse como desfalecer de espanto. A Mãe dolorosa não fala. nenhuma lágrima de seus olhos cheios de sangue do Coração, porém, o silêncio da sua prece penetra as alturas do céu. Os algozes, averiguando a morte do crucificado, renunciaram a seu desígnio. Era mister que as Escrituras se cumprissem — não lhe quebrareis nenhum osso: Os non comminuetis ex eo. (Joan. XIX. 36).

A prece de Maria realizou a profecia, mas não afastará o sacrilégio, nem poupará a dôr a seu Coração maternal. Um dos soldados aproximou-se da Cruz e cravou sua lança no lado do divino crucificado, trespassando-lhe o peito e o Coração, e imediatamente, diz o Evangelho, saiu sangue e água. Seria em vão que experimentaríamos elevar-nos a uma justa apreciação do horror, com que êste último ultraje encheu o Coração da Virgem-Mártir!

* * *

Absorvida em sua dôr, Maria não havia notado a aproximação de um pequeno grupo de homens, que caminhavam silenciosos, munidos de escadas, cordas e de todos os aprestos necessários para o entêrro. Ao vê-los, Maria assusta-se, receando, mais um novo ultraje para o seu Jesus, do que uma nova dôr para o seu Coração. Eram José de Ari-

matéia e Nicodemos, acompanhados de servos, todos discípulos de Jesus. José, em sua qualidade de Senador, tinha ido ter com Pilatos, pedir-lhe o corpo de Jesus.

Então, munido de uma mortalha para o sepultar, pediu a Nicodemos que o acompanhasse até ao Calvário. Nicodemos levava consigo cem libras de mirra e de aloés para o embalsamamento do corpo do Mestre querido. Dirigindo-se à Virgem Santa, sempre em seu pôsto de honra e martírio, José pediu-lhe licença para despregarem o corpo de seu Filho. Maria concedeu a licença pedida e ofereceu-se, para ajudar nas últimas honras a prestar a seu Jesus, preparada para êste último golpe de dôr, que devia atravessar seu Coração de Mãe.

II — JESUS NOS BRAÇOS DE MARIA

Penetrados de uma terna devoção para com a Mãe dolorosa, fizeram logo os preparativos e colocaram a escada contra a Cruz. Primeiro subiu José; Nicodemos seguiu-o. Maria, João e as santas mulheres ficaram logo abaixo dêles. Parecia que um bálsamo suave, irradiando do corpo adorável, os envolvia, acalmando as suas tristezas, e concentrando todos os seus pensamentos em muda e profunda adoração dêste corpo sagrado. Com mão branda, ousada e trêmula ao mesmo tempo, como se a sua natural timidez se tivesse transformado numa veneração sobrenatural, José retirou a corôa de espinhos da cabeça, desembaraçou-a dos cabelos, que a entremeavam e entregou-a a Maria, que estava de braços estendidos para recebê-la, apertá-la ao Coração e beijá-la com todos os transportes de sua ternura de Mãe. Cada espinho, tinto de sangue, parecia ter vida e falar a Maria. Com indizíveis cuidados, para não magoar as mãos de Jesus, José arrancava os cravos das mãos e dos pés, passando-os, em silêncio, para as mãos de Maria. A Mãe dolorosa, inclinava-se sôbre estas relíquias mudas, ainda molhadas do precioso sangue, beijando-as, uma após outra, e apertando-as ao Coração, como se nêle quisesse escondê-las. Eis que o corpo despregado da Cruz, vai descendo lentamente, sustentado pelos braços de José e de Nicodemos.

A Mãe dolorosa prostra-se de joelhos e estende os braços para receber uma última vêz êste fardo sagrado.

João sustenta a cabeça de Jesus; Madalena segura os Pés; êstes pés sagrados, que ela havia conquistado pelo seu arrependimento. O corpo de Jesus desce e ei-lo nos braços de sua Mãe. Não é mais o belo menino do presépio é o mártir, radiante da beleza divina de suas chagas de amor. Em volta, João e Madalena, José, Nicodemos e as piedosas mulheres, prostram-se de joelhos, com a fronte por terra, e adoram o corpo divino em silenciosa desolação. Maria, com a mais delicada ternura, beija a fronte lívida de seu querido Jesus, fecha-lhe os olhos, alisa-lhe os longos cabelos, beija e fecha-lhe cada chaga, cada ferida, com a mistura de mirra e aloés, que Madalena lhe apresenta. Enfim, dominando seu Coração, sem escutar as reclamações da sua ternura, cobre-lhe a cabeça com o véu, enquanto lágrimas ardentes caem de seus olhos entumecidos pela dôr. Todos choram como mergulhados numa tristeza, que nada pode suavisar. Maria chora, calma, resignada! As santas mulheres choram. Os dois nobres velhos choram. E tôdas estas lágrimas fundem-se com as da pobre Mãe.

João chora, com a cabeça inclinada, e as mãos juntas sôbre o corpo de seu querido Mestre. Maria Santíssima, comovida pela dôr de S. João, esquecendo-se a si mesma, pousa a mão, ensanguentada nas mãos erguidas do discípulo e diz-lhe, conforme a recomendação do seu Jesus agonizante:

— Meu filho! E João, levantando os olhos, balbucia entre soluços: — "Minha Mãe! Oh! sim, sereis sempre a minha Mãe querida, como o fostes de Jesus!" E as lágrimas correm sempre, porém doces e consoladoras.

O pensamento que, aos corações órfãos lhes restava uma tal Mãe, transfigurava-lhe a desolação e lhe apontava um raio de esperança.

III — CONCLUSÃO

Da cena dolorosa, que nos apresenta a descida da Cruz e a deposição do corpo sagrado nos braços da Virgem dolorosa, recolhamos uma das numerosas lições. Maria Santíssi-

ma se nos apresenta aqui, de modo particular, como modêlo de devoção ao Santíssimo Sacramento. Lembremo-nos de que diàriamente, Jesus é imolado mìsticamente no santo sacrifício da Missa, que é a continuação e a renovação do Sacrifício do Calvário.

Aí--como acolá Maria Sma. continua os seus serviços de Mãe e de co-redentora, perto do corpo mudo e adorável de Jesus. Com que veneração a Virgem Santa se prostrou para receber o corpo de seu Jesus. Era menos a atitude de uma mãe diante de seu filho, do que de uma criatura em face de seu Criador. Foi com uma adoração divina que ela recebia êste corpo. Ela o conservou em seus braços, até que todos os assistentes o houvessem adorado por sua vêz. Jesus Sacramentado é Jesus vivo, em corpo e alma, divindade e humanidade. Por adorável que fôsse o corpo inanimado de Jesus, por causa de sua união indissolúvel com a Pessoa do Verbo Eterno, o Smo. Sacramento exige de nós uma adoração mais profunda ainda, mais humilde, mais amorosa. Nós não temos os direitos de uma Mãe. Não prestamos serviços a Jesus, como José de Arimatéia! Somos nós os devedores, pois Jesus baixa do céu para encontrar-nos Com quanta veneração devemos aproximar-nos de Jesus, adorá-lO nos braços de Maria, e recebê-lO das suas mãos maternais. Maria e a Eucaristía, é a continuação da Virgem das Dôres com Jesus imolado em seus braços

Lembremo-nos do paralelo destas duas cenas, para avivar a nossa fé e estimular o nosso amor para com Jesus e Maria.

34.ª INSTRUÇÃO

OS FUNERAIS DO SALVADOR

E' o derradeiro quadro das tristes cenas, que a Semana Santa nos apresenta. E' o quadro final, pungente, pela dôr de Maria Sma., enternecedor pela última despedida da Mãe ao Filho adorado. Sentada ao pé da Cruz Maria conserva sôbre os joelhos a cabeça coberta de seu querido Jesus. Os seus olhos não podiam desviar-se dêste tesouro, e entretanto, era chegada a hora de fazer êste último sacrifício. As trevas da noite iam caindo, rápidas e silenciosas, envolvendo o Calvário e as raras pessoas ali presentes. Era, pois, tempo de encaminhar-se para a sepultura, que generosamente havia cedido José de Arimatéia, para ser nela depositado o corpo adorável da grande Vítima.

Contemplemos êste último quadro, destacando nêle:

I — A *marcha* fúnebre dêstes funerais.

II — A primeira *Via-sacra* depois.

I — A MARCHA FÚNEBRE

Maria convidou os discípulos, que a cercavam, para formar o cortêjo em direção ao túmulo.

Com um heroísmo calmo e sublime, mas sem deixar de sofrer um horrível martírio, a Virgem desolada cedeu o seu tesouro.

Êste tesouro lhe pertencia; quem, senão ela, podia tocar nêste corpo sagrado?

José e Nicodemos recebem, com veneração e amor, o corpo adorável que lhes é confiado, e seguidos de Maria, de João, de Madalena, das santas mulheres, do Centurião con-

vertido, e, talvez, ainda de alguns Apóstolos, que tinham perdido o primeiro mêdo, dirigem-se para o sepulcro.

Avançam lentamente e tão silenciosos, como a noite que ia cobrindo a colina do deicídio. Nunca sombra mais profunda de aflição havia envolvido os homens, que as trevas que reinavam no caminho do Calvário e do sepulcro! O sofrimento de Maria havia atingido o apogeu. Êste corpo gélido era para ela mais do que a vida, e ela ia afastá-lo de si, escondê-lo no rochedo e entregá-lo à guarda dos soldados romanos.

Já ia conservar, apenas, o que lhe era inseparável: o seu Coração esmagado, submerso nas grandes águas da traição Ei-los chegados ao sepulcro José e Nicodemos entram, primeiro, carregando o tesouro divino. Maria Sma. quer sustentar a cabeça de seu querido Filho e repousá-la sôbre o sustento da pedra fria do túmulo. E' o momento do último olhar. do último beijo de despedida. Levantando respeitosamente o véu que encobre esta face divina, que os anjos adoram em êxtase, Maria contempla, uma derradeira vêz, êste semblante pálido, de aspecto misterioso, ao fraco clarão do archote, que ilumina o sepulcro. Ela fixa êstes lábios roxeados, que haviam feito surgir Lázaro do túmulo. Ela vê fechados os olhos que fizeram o encanto de Belém, a alegria de Nazaré e o estupor do Calvário, e inclinando-se, deposita prolongado beijo sôbre esta fronte adorável, enquanto lágrimas ardentes e silenciosas parecem querer penetrar êste beijo até ao Coração de seu querido Jesus. Todos se prostram por terra e adoram os restos mortais daquele que é a imortalidade Maria Sma. estende, de novo, a mortalha sôbre o corpo do Filho: um último olhar, um último gesto de adeus. José fecha com uma grande pedra, a entrada do sepulcro.

Maria, João e Madalena voltam, lentamente, para o Calvário. Alí encontram a Cruz arrancada e deitada por terra. A Virgem Santa pára, absorta em sua tristeza, e inclinando-se, beija efusivamente o madeiro da Redenção.

Quando se levantou, seus lábios estavam tintos do sangue de Jesus. Era o último encontro da dôr: o encontro das lágrimas da Mãe e do sangue do Filho.

III — PRIMEIRA VIA-SACRA

Tudo estava consumado para Jesus. Maria deve continuar a beber o cálice da amargura. Voltando do Calvário, a Virgem dolorosa vê a cidade santa estendida a seus pés. Cinco dias apenas eram passados, depois que aquêle, que acabavam de sepultar, havia, no meio da sua entrada gloriosa, chorado sôbre a sorte da cidade escolhida por Deus, mas infiel a sua missão. Qual foi a resposta de Jerusalém a estas lágrimas de ternura? Infeliz Jerusalém, que não soube reconhecer o dia da visita de seu Salvador! Agora estava condenada! Maria Sma. o sabia, porém, em seu Coração dilacerado havia lugar para a cidade deicida, tão bem como para o seu Filho morto. Maria entrou na cidade pela mesma porta donde havia saido pela manhã. Apenas umas horas separavam êstes dois extremos, mas para a Mãe de Jesus, estas horas constituiram um século. Ela volta, agora, qual verdadeiro destroço sobrenatural, da grande tempestade que havia tragado em suas ondas o seu próprio Deus, seu Filho adorado; ela volta com os olhos inflamados pelas vigílias, os pés feridos, o peito ofegante de dôr e de fadiga, o corpo atormentado pela fome e pela sêde, o espírito consumido pelas lembranças das cenas passadas e as reflexões sôbre o futuro. Maria entra na cidade. onde a esperam novas dôres, tão dilacerantes, como as que acaba de padecer. A Virgem das Dôres, recomeça, então, em sentido inverso, o percurso da manhã e faz a primeira Via-Sacra, que no decurso dos tempos, tantas almas piedosas hão-de fazer após ela.

Atravessa a passos lentos os lugares testemunhos das cenas indescritíveis dêste dia. Ouvia, como carregados pelo vento da noite, os fracos, mas dolorosos suspiros de Jesus. O seu semblante tão belo apesar de desfigurado pelo sangue e a poeira, lhe parece sorrir através das trevas. E' aqui que êle caiu a terceira vêz, geme o seu Coração de Mãe; os pés de Maria tremiam e pareciam arder ao pisarem êste lugar. Ela sabia que pisava um solo tinto pelo sangue de seu Filho, embora a escuridão lhe escondesse as manchas vermelhas da terra. Aí Jesus havia pronunciado as doces palavras às filhas de Jerusalém, doces para aquelas que choravam os seus tor-

mentos, mas tremendas para a cidade infiel. Acolá êle havia impresso o seu semblante no véu de Verônica. Mais além era a esquina da rua, onde ela havia encontrado o seu Jesus. Sentia ainda êste olhar ensanguentado fixado sôbre ela, tal uma faísca de amor, que consumia sua alma. Lá, no fundo da praça, estava a sala dos soldados, onde havia sido coroado de espinhos via a coluna da flagelação e ao pé desta coluna ela viu destacado um como lago de sangue, cujos sombrios reflexos, pareciam clamar vingança.

Mais no fundo, ela distinguiu os degraus do tribunal de Pilatos, desta sala de juízo donde Jesus havia sido mostrado ao povo em furor, com uma compaixão derisória. Apesar do silêncio da noite, o ar parecia vibrar ainda da voz da populaça, gritando: — Barrabás!

Oh! como o seu Coração sangrou ao percorrer esta Via-sacra da Paixão de seu Jesus! E' nêste estado de desolação que as ruas de Jerusalém viram passar a Mãe de Deus, nesta noite de crime, dirigindo-se para a casa de João. E' a casa que havia recebido em troca da casa de Nazaré! João é agora o seu Filho em substituição de Jesus. A porta fechou-se após a entrada da Mãe desolada: esta se recolheu naquele quarto, verdadeiro santuário, donde havia assistido a todos os pormenores da Paixão de Jesus.

E' dêste quarto que ela havia saido, com João e Madalena, para poder seguir Jesus perante os tribunais e através das ruas de Jerusalém. Nêste quarto ela havia passado uma vigília, como nenhuma outra mãe seria capaz de passar, sem perder, ou a razão ou a vida. E agora ela voltou a êle, como a mais abandonada, a mais desolada das criaturas! Jesus não estava mais com ela!

III — CONCLUSÃO

Êste quadro da sepultura do Salvador é o mais horrível, o mais atroz para o Coração de Maria.

Nós nos sentimos, talvez, mais impressionados pelos tormentos físicos, porém, quem ignora que há angústias morais, mil vêzes mais pungentes e mais dilacerantes do que as dôres físicas mais atrozes?

A vida inteira de Maria Santíssima foi um Via-sacra contínua, pois ela conhecia as profecías e sabia tudo que havia de sofrer êste doce Jesus, que ela apertava ao peito. Durante a Paixão do Salvador, um gládio de dois gumes trespassava o Coração de Maria, o trespassava de novo, virava e revirava na chaga aberta de seu amor maternal, porém, no meio de tôdas as dôres, ela via o seu Jesus, embora maltratado pelos algozes, e esta vista era, para a Virgem Santa, um bálsamo reconfortador. Sofrer com Jesus é um paraíso, mas sofrer sem Jesus é um inferno. E agora Maria sofria longe de seu Jesus.

Ela o trazia em seu Coração doloroso, porém seus olhos, acostumados a vê-lo de perto, sentiam esta privação, como nós sentimos a ausência de um ser querido. Êste isolamento, esta solidão era para Maria um dos maiores tormentos. Ela, porém, sofria com calma e resignação. Ela devia ser a Rainha dos Mártires, e como tal, o modêlo perfeito dos que sofrem. No meio da sua dôr, por entre as trevas do túmulo, a sua alma via raiar ao longe a aurora da ressurreição. Em nossos sofrimentos, sejam físicos, sejam morais, levantemos o olhar para Maria, e com ela procuremos santificá-los. E quando a morte nos arrancar dos braços aquêles que amamos, olhemos ainda para Maria, e com ela, esperemos a ressurreição, que em breve nos unirá de novo. Vamos terminar a Semana Santa; Oh! se houvesse entre vós alguém que não se tivesse reconciliado com Deus, quanto antes o faça, para que, participando agora dos sofrimentos do Salvador, possa, também, participar da sua gloriosa ressurreição Choremos os nossos pecados, como Maria chorava o seu Jesús; para que no dia da ressurreição Jesus nos apareça glorioso, na felicidade de seu triunfo, como apareceu a sua Mãe, para uní-la à sua vitória, como havia sido unida à sua Paixão.

35.ª INSTRUÇÃO

TRISTEZAS E ALEGRIAS DE MARIA

Maria Santíssima havia bebido, até ao fundo, o cálice da amargura, sofrendo tudo o que uma criatura humana é capaz de sofrer. Êste sofrimento, entretanto, tinha a sua consolação: a certeza da ressurreição, a certeza que a primeira visita de Jesus glorioso seria a sua Mãe. E' certo, a aparição de Jesus a Maria Santíssima não está mencionada no Evangelho, mas pouco importa. Sabemos que os Evangelhos não relataram tôdas as ações do Salvador, e sabemos, também, que êles não contêm nada de inútil. Para que assinalar um fato evidente, de que não se pode duvidar?

Além disso, a humildade da Virgem Santa não permitiu aos Evangelistas que relatassem o que era ùnicamente para a sua exaltação, sem ser uma base para qualquer verdade dogmática. Meditemos, um instante, para terminar na alegria, a Semana dolorosa que acabamos de percorrer, vendo:

I — *O fundamento* desta verdade.

II — *A aparição* de Jesus ressuscitado.

I — O FUNDAMENTO DESTA VERDADE

As razões mais imperiosas indicam que era, para Jesus Cristo, um dever mostrar-se, primeiramente, à sua querida Mãe:

Dever de justiça; Dever de piedade filial; Dever de amor recíproco.

Era um dever de *justiça*. De fato, Maria havia sofrido tanto para a nossa salvação, durante a Semana dolorosa. Era indispensável que recebesse a única recompensa proporcionada a tal sofrimento incomensurável: a vista de seu querido

Filho saido dêste túmulo, onde ela mesma o havia depositado.

A piedade *filial*. Como Jesus teria podido faltar a um dever, que Êle havia exaltado tanto e tão bem cumprido durante a sua vida mortal? Após o Pai Eterno, não cabia o seu primeiro pensamento a sua Mãe na terra, logo em seguida a sua ressurreição?

Amor *recíproco*. A Igreja afirma que Maria Madalena mereceu tomar parte nas alegrias da ressurreição, sendo nomeada a primeira nos Evangelhos, porque amava o divino Mestre com um amor mais ardente que os outros. — Prima meretur gaudia quia plus ardebat caeteris.

Ora, é certo que Maria Santíssima amava a Jesus mais do que todos os santos juntos, sendo ela a Rainha do amor. Por outro lado Jesus Cristo, como consequência de seu amor incomparável à sua Santa Mãe, lhe devia esta prova de amor. Êle lhe era unido pelos laços mais íntimos e sagrados, que podem existir.

Voltando das entranhas da terra, Jesus devia, necessàriamente, aspirar a rever, quanto antes, aquela de cujos braços a morte o havia arrebatado. E', pois, certo que Jesus reservou a sua primeira visita para a sua Mãe querida. Aliás tal é o sentimento comum dos santos Doutores. Citemos, em particular, Santo Ambrósio, Santo Anselmo, São Gregório de Nicomédia, São Bernardino de Sena, Santo Inácio de Loiola, que diz em seu livro dos Exercícios Espirituais que aquêle que duvidasse dêste fato mereceria a repreensão, que o Salvador dirigiu um dia a seus Apóstolos "de faltar de inteligência" — Adhuc et vos sine intelectu estis? (Mattheus XV 16). Tal é também o sentimento da Igreja, que no ofício da Ressurreição, cantando o triunfo de seu Chefe, convida a Rainha do céu a alegrar-se. Ora, a alegria de Maria não teria sido diminuida, se houvesse sido privada da presença de seu querido Filho? Regina Coeli, laetare! Esta verdade popular é, admiràvelmente lembrada em certos países no dia da Páscoa. Na Espanha, por exemplo, existe uma cerimônia importante. Na primeira aurora da Páscoa, sai da igreja uma procissão magnífica, na qual o sacerdote, cercado de numerosos meninos de côro, vestidos de branco, leva o Santíssimo Sacramento, em meio de cânticos festivos,

Chegando diante da igreja, que havia servido de sepulcro na Semana Santa, a porta abre-se, e a imagem de Maria Santíssima aparece, trajando ainda vestidos de luto.

De repente, duas crianças, vestidas de anjos, conduzem o sacerdote com o Santíssimo Sacramento, em frente da estátua. A imagem inclina-se três vêzes, como se, neste encontro, a Virgem Santa reconhecesse o seu Filho, enquanto mil vozes entoam: Regina Coeli, laetare! Alegrai-vos, ó Rainha do céu!

II — A APARIÇÃO DE JESUS RESSUSCITADO

A noite do Sábado Santo, a Virgem Santíssima ficou na casa do jardineiro de José de Arimatéia, absorta em sua dôr, mas repleta de esperança, relembrando a palavra de Isaías: — Não permitireis, ó Deus, que o vosso Santo conheça a corrupção, assim como as palavras de Jesus, dizendo que sairia vivo do sepulcro no 3.º dia. A aurora começava a doirar o horizonte e o Calvário. A alma santa do Redentor, saindo da prisão do Limbo, depois de ter recolhido no Gólgota, na via dolorosa e no pretório, o sangue da flagelação e da crucificação, penetrou no sepulcro e animou de novo êste corpo, que havia deixado três dias antes em meio das angústias da agonia. O corpo sagrado reanima-se, levanta-se, desvendando-se das tiras, mortalhas e aromas que o cercavam. As feridas desaparecem, o sangue começa a circular, e dêstes membros dilacerados pelos açoutes, desta cabeça rasgada pelos espinhos, destas mãos, dêstes pés trespassados pelos cravos, irradia-se uma luz resplandescente, que enche a gruta sepulcral.

O corpo vai deixar, como soberano, o reino da morte! Tal nos aparece o sepulcro do Gólgota.

Os querubins e serafins do exército celeste, haviam descido dêsde a Sexta-feira, arregimentados numa ordem invisível, em redor do sublime leito, onde jazia o Criador do mundo. Os anjos lhe haviam feito guarda de honra. E êles que haviam um dia adorado, comovidos, o Menino Jesus, em seu Presépio, adoram agora, com temor, o vencedor da morte. O mors, ubi victoria tua?

Jesus levanta-se, como se levanta o sol nascente; deixa

os anjos dobrarem, com veneração, a mortalha e as longas faixas que o envolviam, e depositá-las no fundo do sepulcro. Sai do túmulo, atravessando, sem removê-la, a pedra que lhe vedava a entrada. Mais penetrável que o cristal pelos raios do sol, a pedra deixa passar o corpo glorioso, sutil, impassível e ágil de Jesus Cristo. Para onde vai o Salvador glorioso? Jesus ressuscitado, que criatura nenhuma havia contemplado, eleva-se e como um relâmpago atravessa o espaço, penetra numa humilde casinha de Jerusalém, onde está em profunda contemplação a sua querida Mãe! O' celeste visão para Maria! Os seus olhos, exaustos de lágrimas e de insônias abrem-se de repente à mais viva e suave luz, que lhe anuncia a proximidade de seu Jesus.

Segundo uma revelação feita a S. Gregório, o arcanjo Gabriel, que lhe havia anunciado a Encarnação, foi anunciar-lhe também a ressurreição, dizendo-lhe: Rainha do céu, alegrai-vos, porque ressuscitou Aquêle que merecestes trazer em vosso seio! E eis que a voz suave de Jesus ressôa em seus ouvidos, não mais com êste acento doloroso, que lhe transpassava o coração ao pé da Cruz, mas alegre e terna como convinha a um filho que vem contar o seu triunfo à Mãe querida.

— Oh! minha Mãe!

— Oh! meu querido filho!

Estas palavras dizem tudo, e foram pronunciadas ao mesmo tempo. Eis Maria aos pés de Jesus, para adorá-lO. Jesus levanta-a, carinhoso. Quem dirá a alegria, a paz, a consolação, a suavidade, os abraços celestes, as efusões de coração a coração, dêste momento único no mundo e no céu?

Foi um como fluxo e refluxo voluntário e vivo, das cousas mais inefáveis, que irradiavam de Jesus em Maria, de Maria em Jesus. O próprio Jesus Cristo se dignou descrever esta cena inefável numa revelação, que fêz à seráfica Santa Teresa Confiou à Santa, que o abatimento da sua Santa Mãe era tão grande, que ela teria sucumbido a seu martírio, e que antes de mostrar-se a ela, no momento que saiu do túmulo, ela precisava de uns momentos para voltar a si, antes de ser capaz de suportar tamanha alegria. (Vid. S. Teresa, add.)

III — CONCLUSÃO

Doces alegrias da ressurreição, possamos todos nós experimentá-las!

A Páscoa não é, simplesmente, uma festa comemorativa, como muitas outras, deve ser uma realidade, uma renovação para cada um de nós. O Apóstolo disse: Et resurrexit propter justificationen nostram. (Rom. IV. 25). Êle ressuscitou para operar a nossa justificação.

Esta justificação consiste em primeiro lugar no perdão dos nossos pecados e depois na Comunhão Pascal, prescrita por Deus e pela Igreja.

Durante os dias da Semana Santa, temos seguido, passo por passo, as dôres da nossa querida Mãe, a Virgem dolorosa, e agora acabamos de partilhar as suas alegrias, perante o Salvador ressuscitado.

Tal alegria de Maria Santíssima seria incompleta, se não houvesse da nossa parte um generoso cumprimento do nosso dever da Páscoa.

Por isso, mais uma vêz, em nome e por amor da Virgem dolorosa, e agora da Virgem consolada, peço, encarecidamente, que nenhum católico deixe passar êstes dias sem aproximar-se da Mesa Eucarística.

FESTA DA PÁSCOA

A Páscoa é a mais antiga e a mais solene das festas do ano eclesiástico. A nota dominante da liturgia é uma intensa alegria e gratidão pelo benefício da Redenção que se traduz pela repetição do "Aleluia"

A celebração da Páscoa não tem dia fixo no Calendário, mas se celebra no primeiro Domingo depois da lua cheia, de março.

Jesus Cristo morreu a 14 do mês de Nisan, mês judaico lunar, correspondente mais ou menos ao nosso 22 de março a 25 de abril.

Os mêses atuais sendo solares, e pelo fato sendo mais longos, há necessàriamente incompatibilidade nas datas.

Em 325 o Concílio de Nicéa adotou como data da res-

surreição o primeiro Domingo depois da lua cheia de março. E' o que faz com que a Páscoa ocorra de 22 de março a 25 de abril.

A Páscoa é pois uma data fixa, Lunar, que difere da data fixa Solar do nosso atual calendário.

EVANGELHO (Marcos XVI. 1—7)

1 — *Naquele tempo, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago e Maria Salomé, compraram aromas, para embalsamarem o corpo de Jesus.*

2 — *E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.*

3 — *E diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da bôca do sepulcro?*

4 — *Mas quando olharam, acharam revolvida a pedra, que era muito grande.*

5 — *E, entrando no sepulcro, viram um anjo sentado ao lado direito, vestido de uma túnica branca; e tiveram mêdo.*

6 — *Êste, porém, lhes disse: Não temais; procurais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ressuscitou; não está aqui; eis o lugar onde o haviam posto.*

7 — *Mas ide, anunciai aos seus discípulos e a Pedro, que êle irá adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, assim como êle vos disse.*

† Livros Católicos para Download

36.ª INSTRUÇÃO

A RESSURREIÇÃO GLORIOSA

Dia da Páscoa!

Dia de intensa alegria pela ressurreição do Salvador.

Acompanhamos a divina Vítima durante a Semana Santa, e seguimos, passo por passo, o drama doloroso da sua paixão e morte, deixamo-lo depositado no sepulcro, onde permaneceu o resto da Sexta-feira, o Sábado e começo do dia do Domingo, enquanto a sua alma foi levar ao limbo a grande nova, comunicando-a aos santos aí detidos, na esperança da Redenção. Lá o esperava o bom ladrão penitente a quem Jesus havia prometido o paraíso no dia da sua morte. Jesus glorioso é o Paraíso; e o bom ladrão, ainda de olhos úmidos e de coração palpitante, pôde agora contemplar a glória única do Filho de Deus, que foi, momentos antes, o seu companheiro de suplício. Mas havia chegado o dia da ressurreição predita. A alma gloriosa entrou de novo em seu corpo e ei-lo cheio de vida, prestes a deixar o túmulo, que os soldados guardavam, sem suspeitar sequer dos grandes mistérios, que se estavam realizando atrás da pedra que o fechava. Percorramos, um instante, o desenrolar dêstes grandiosos acontecimentos, examinando:

I — Os *preparativos* da ressurreição.

II — As *aparições* de Jesus ressuscitado.

I — OS PREPARATIVOS DA RESSURREIÇÃO

Era o dia da Páscoa.

A aurora alvacenta anunciava o levantar do sol, que devia iluminar a mais bela cena, que o mundo já presenciou.

O mais profundo silêncio envolvia o sepulcro, onde haviam sido depositados os restos mortais do Salvador, e em redor do qual estavam sentados, ou dormiam os guardas do templo, os soldados dos judeus. Os selos apostos pelo Sinédrio estão intactos, e ninguém suspeita dos mistérios alí já realizados. Desde a véspera, com o fim do Sábado, as santas mulheres, Maria Madalena, Maria, Mãe de Tiago e Salomé, tinham comprado e preparado os perfumes destinados a um completo embalsamamento do corpo de seu divino Mestre, o que havia sido feito provisòriamente e às pressas por Nicodemos. Tendo-se levantado cedo, elas seguiram para o sepulcro, inspiradas pelo seu amor a Jesus, sem sequer pensarem na grande pedra que fechava a entrada do túmulo, nem nos selos nela colocados, nem na tropa de soldados que ali faziam guarda. E' no meio do caminho que perguntam uma a outra: Quem nos há-de revolver a pedra da entrada do sepulcro? (Marcos XVI. 3).

Apenas haviam entrado no jardim, que continha o sepulcro, e eis a terra a tremer debaixo de seus pés. Um anjo luminoso desce do céu; um vestido resplandecente de alvura o envolve; seus olhos lançam raios. Num relâmpago êle se inclina sôbre o túmulo, quebra os selos, remove a pedra, e senta-se em cima numa atitude de triunfo e majestade, como esmagando com os pés os inimigos vencidos.

O guarda do sepulcro é êle. Os soldados atemorizados caem como fulminados. Quando a bondade divina lhes permite levantarem-se, afastam-se às pressas dêste lugar tremendo e correm para a cidade, afim de contar o que acabavam de presenciar. São Mateus ajunta que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos juntaram-se e conferenciaram de que modo poderiam ocultar um acontecimento tão estranho e refulgente. Não encontraram melhor meio de esconderem a sua derrota e o triunfo do terrível Galileu, que acabavam de assassinar, do que subornar os soldados a pêso de dinheiro. Mandaram chamá-los, e prometeram a cada qual uma soma avultada com condição de espalharem que, enquanto dormiam, de noite, os discípulos de Jesus tinham vindo e roubado o corpo de seu Mestre. E como objetassem os soldados que se Pilatos ouvisse falar do furto do cadáver, teriam de

lhe dar contas de seu procedimento, responderam-lhe os fariseus, que êles se encarregavam de dar as necessárias explicações ao Governador.

Dêste modo, livres do perigo, os soldados propalaram a fábula ridícula do pretenso roubo.

Era o cúmulo da hipocrisia, da perversidade e do cinismo, pois qualquer homem sensato podia objetar-lhes a queima-roupa: Estáveis a dormir ou acordados?

Se estáveis a dormir, nada pudestes ver do roubo. Se estáveis acordados, por que deixastes os discípulos perpetrarem um tal roubo?

E' o dilema de Santo Agostinho. Nêste intervalo haviam chegado as santas mulheres ao pé do sepulcro.

Madalena, mais nova e impacientemente ardorosa, havia tomado a dianteira; mas qual não foi a sua estupefação, quando, ao chegar ao túmulo, viu a pedra já tirada e a entrada do jazigo completamente livre. Nem ao menos lhe veio a idéia de que Jesus havia talvez ressuscitado, mas, persuadida de que haviam roubado o corpo, deixou as companheiras, e sem perda de tempo, correu ao Cenáculo para participar aos Apóstolos o que acabava de presenciar.

II — APARIÇÕES DE JESUS RESSUSCITADO

Nenhum dos Evangelistas descreveu o fato da ressurreição; nenhum dêles o havia presenciado. Êles viram-no ressuscitado; não contam como ressuscitou. E' provável que nunca o souberam como nós não o sabemos. E' mistério divino!

Enquanto Maria Madalena foi anunciar o fato da desaparição do Mestre aos Apóstolos, as suas duas companheiras, chegando ao sepulcro, penetraram no vestíbulo, que precede o túmulo, e aí à direita, viram um anjo cujo aspecto majestoso e vestes cintilantes as enchiam de terror. Disse-lhes o anjo: Não temais; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; ressuscitou; não está aqui; eis o lugar onde o haviam pôsto; mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro, que êle vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como êle vos disse. (Marcos XVI. 6).

As duas mulheres, trêmulas e gélidas de mêdo, sairam do sepulcro e fugiram, não se atrevendo a pronunciar a mínima palavra. Nêste tempo, Madalena havia comunicado o fato a Pedro e a João. A emoção dos dois apóstolos foi intensa, como se depreende da narração evangélica. Pedro e João levantam-se e correm ao sepulcro; corriam ambos juntos, mas João correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. (João, XX. 4).

João, inclinando-se para o interior do monumento, viu as mortalhas dobradas ao lado, mas não entrou.

Alguns instantes depois, chegou Pedro e penetrou no jazigo a certificar-se do que havia ocorrido. Viu as faixas de um lado e o sudário, que cobria a cabeça, dobrado, do outro. Aproximou-se João por sua vêz, fêz as mesmas observações e ambos concluíram como Madalena, que tinham tirado o corpo. Nenhum dêles imaginou que Jesus tivesse ressuscitado, pois uma espécie de véu, como diz S. João, lhes toldava o espírito de tal modo, que as profecias sôbre a morte e ressurreição do Messias eram para êles como letra morta. (João XX. 9). O que desconcertava Pedro era ver a mortalha e faixas, cuidadosamente dobradas e postas de lado, o que era contrário a um furto. Tudo parecia indicar que êste túmulo havia testemunhado um despertar pacífico e suave. João viu e creu! (João XX. 8), enquanto Pedro procurava explicar o enigma. Êle creu, quando Madalena não cria ainda. Bemaventurados os puros de coração, porque êles verão a Deus. Jesus tem mais ternura para Madalena, mas tem maiores dons para João. A primeira beija-lhe os pés; o segundo reclina-se sôbre o seu peito. Êle vai aparecer a uma e ou outro; não precisa mostrar-se a Pedro: Pedro é o Apóstolo da fé. O coração puro tem intuições mais penetrantes que o coração arrependido.

Os dois discípulos retiram-se: um admirado, outro crente. Madalena fica e chora. Ela não pode separar-se dêste túmulo vazio, mas tão amado. Ela quer encontrar estas relíquias queridas. Que acontecerá? Escutemos S. João; êle vai contá-lo:

Voltaram, pois, outra vêz os discípulos para casa, porém Maria conserva-se da parte de fora do sepulcro, cho-

rando. Enquanto chorava, inclinou-se e olhou para dentro, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar, onde fôra posto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés; e êles disseram-lhe: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, porque choras? A quem procuras?

Ela julgando que era o jardineiro, disse-lhe: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Jesus lhe disse: Maria.

Ela voltando-se, disse-lhe: Rabboni, (que quer dizer: Mestre). Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai.

Foi Madalena dar a nova aos discípulos: Ví o Senhor, e êle disse-me estas cousas. (João XX. 10—19).

Como tudo é fulminante de luz nesta sublime página do Evangelho!

Jesus ressuscitou e aparece para consolar àqueles que tanto choraram e sofreram com êle. Êle não se manifesta, nem a Pilatos, nem a Herodes, nem aos chefes dos judeus, para confundí-los; não, nada de humano deve entrar nesta cena divina. Nem aparece logo a Pedro, a João, nem a um outro de seus Apóstolos. Êle se mostrou primeiro a sua Mãe querida e depois a Madalena. A Madalena, que muito pecou, mas que muito soube amar. A pureza imaculada recebeu a sua primeira visita; a pureza readquirida pelo arrependimento e o amor receberá a sua segunda visita. Tocante delicadeza do Coração de Jesus.

III — CONCLUSÃO

Tais são as primícias das aparições, que devem provar a ressurreição gloriosa do Salvador. O sepulcro vazio é a prova negativa. As aparições constituem a prova positiva. Jesus apareceu igualmente ao grupo das santas mulheres, que o tinham amparado em suas dôres. Pouco depois de Madalena, foram ao sepulcro, Joana, espôsa de Chusa, e outras mulheres da Galiléia, pensando encontrar lá o corpo do Mestre.

Não o encontrando ficaram consternadas, mas eis que a seus olhos se apresentam os dois anjos em trajes resplandecentes de luz, dizendo-lhes: Não venhais procurar entre os mortos a um vivo, Jesus não está aqui, ressuscitou, conforme prometeu. Voltai depressa para Jerusalém e dizei aos discípulos e a Pedro, que Jesus ressuscitou e irá adiante de vós para a Galiléia.

Estas iam pressurosas anunciar esta bôa nova, quando de repente, um homem as fêz parar: Mulheres, disse êle, a paz seja convôsco. Era o próprio Jesus. Reconheceram-no, lançaram-se-lhe aos pés, abraçaram-no, e adoraram com amor ao seu Senhor e Deus! Consolou-as o bom Mestre e disse-lhes antes de se despedir: "Agora, não temais, ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia, onde me verão!" (Mat. XXVIII. 9. 10). Foi a terceira aparição de Jesus! Pouco depois, pela tarde do mesmo dia, Jesus aparece a Pedro, para acabar de purificar e elevar a grande alma do Chefe dos Apóstolos. Infelizmente, não temos tenhum pormenor sôbre esta quarta aparição. De certo que a humildade de Pedro não deixou contar o fato, que S. Lucas assinala apenas de passagem. A quinta aparição, aos discípulos de Emaús é longamente contada pelo Evangelho. A sexta aparição é aos discípulos reunidos no Cenáculo. (Lucas XXIV. 36). A sétima é para confundir e curar a incredulidade de Tomé (João XX. 24). A oitava é a aparição no lago de Tiberíades. (João XXI 1). A nona deu-se em Galiléia a mais de quinhentos discípulos (I. Cor. XV. 6). A décima é a aparição a Tiago e aos Apóstolos reunidos. (I. Cor. XV. 7). Tais são as principais aparições que a Sagrada Escritura e a Tradição nos conservaram, porém, pode compreender-se pelas expressões, que houve muitas outras. A ressurreição é, pois, um fato certo, bem provado, tanto pela palavra de Jesus Cristo, como pelo túmulo vazio e pelas numerosas aparições. Jesus Cristo ressuscitou, dizendo que era Deus. A sua religião é, pois, divina. E esta religião é a nossa: a religião Católica, Apostólica, Romana. A festa da Páscoa é, pois, uma confirmação da nossa fé, e um estímulo para amá-la e praticá-la generosa e completamente.

ASCENSÃO DE JESUS

(40 *DIAS depois da Páscoa*)

A festa da Ascensão propõe honrar o triunfo de Jesus, subindo ao céu, 40 dias depois da Ressurreição. Êste acontecimento, sendo o penhor da nossa própria glorificação futura, nos convida à alegria e à confiança. De fato, sendo o céu a residência do nosso Pai divino, para ali devem convergir tôdas as nossas aspirações. Esta festa remonta à origem Apostólica, diz Santo Agostinho, e merece ser celebrada com tôda solenidade, para melhor orientar os fiéis para o céu, a pátria definitiva.

EVANGELHO (Marcos XVI. 14—20)

14 — *Finalmente, apareceu aos onze, quando estavam à mesa: e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não terem dado crédito aos que o viram ressuscitado.*

15 — *E lhes disse: Ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a tôda a criatura.*

16 — *O que crêr e fôr batizado será salvo: o que porém não crer, será condenado.*

17 — *E eis os milagres, que acompanharão os que crerem: Expulsarão os demônios em meu nome: falarão novas línguas.*

18 — *Dominarão as serpentes: e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal: imporão as mãos sôbre os enfermos e os curarão.*

19 — *E o Senhor Jesus depois que (assim) lhes falou, elevou-se ao céu, e está sentado à direita de Deus.*

20 — *E êles, tendo partido, prègaram por tôda a parte, cooperando com êles o Senhor, e confirmando a sua prègação com os milagres, que a acompanhavam.*

37.ª INSTRUÇÃO

O TRIUNFO DE JESUS CRISTO

Havia 40 dias que Jesus Cristo ressuscitara dos mortos. . Aproxima-se o tempo em que devia deixar esta terra. Os Apóstolos, avisados pelo divino Mestre, voltaram para Jerusalém, onde se reuniram no Cenáculo. Uma última vêz Jesus sentou-se à mesa consagrada pelo banquete eucarístico, e comendo, com êles, ordenou-lhes que não se afastassem da cidade, mas aí esperassem as promessas do Pai, as quais, disse Êle, ouvistes por minha bôca, pois João batizou na água, mas em breves dias vós sereis batizados no Espírito Santo. Depois das últimas recomendações, destinadas a preparar os Apóstolos à recepção do Espírito Santo, predizendo-lhes a grande missão, que ia transmitir-lhes: prègar o Evangelho no mundo inteiro, Jesus deu por terminada esta última reunião íntima para voltar a seu Pai celeste.

Contemplemos esta cena sublime:

I — Em sua *preparação.*

II — Em sua *realização.*

I — A PREPARAÇÃO

Jesus levantou-se, dirigindo-se para o monte das Oliveiras. Cento e vinte pessoas acompanharam o divino triunfador. O cortêjo seguiu pelo vale de Josafá. Jesus avançava majestosamente no meio de seus Apóstolos, ao mesmo tempo alegres e tristes, ao pensar que o bom Mestre os ia deixar.

Atravessou Jesus a torrente do Cedron, onde os seus inimigos lhe haviam dado a beber água lodosa, depois, dei-

xando à esquerda o horto de Getsêmani, teatro da sua agonia, subiu pelo monte das Oliveiras. Tendo chegado ao cimo, lançou um derradeiro olhar àquela pátria terrestre, onde tinha passado 33 anos. O seu olhar, divinamente iluminado, percorre um por um, os lugares que se estendem a seus pés. Ao longe, Êle divisa Belém a Galiléia.

Defronte, estende-se a cidade de Jerusalém, que acaba de crucificá-lo, depois de o ter carregado em triunfo. Aqui está o templo, onde espalhou os seus ensinamentos, desde a idade de onze anos. As ruas da cidade, onde falou ao povo, onde foi aclamado onde realizou tantos milagres. O cenáculo, onde deu uma prova infinita de seu amor, na instituição da Eucaristia. O Jardim das Oliveiras, onde agonizou. O Pretório, o Ecce Homo!

Enfim, o Calvário, onde deixou, com a vida terrestre, o sulco imenso e eterno de seu amor

Em pé sôbre a montanha santa, contemplemos a sua atitude calma e sublime.

O seu semblante está comovido pelas lembranças do passado, pela visão do futuro, pelas ternuras presentes, na hora da despedida, pois exprime tudo isso e reflete todo o seu Coração e tôda a sua alma.

E aí, a seus pés, a seu lado, estão os discípulos, os seus Apóstolos, Pedro, João, a sua Mãe querida, tôda radiante pelo triunfo de seu Jesus, mas tôda comovida pela próxima separação. Jesus dirige-se, uma última vêz, para a sua Mãe, trocam um último olhar Jesus! minha Mãe! Adeus, até em breve! E fitou os Apóstolos. Eis todos os olhares fixados sôbre Jesus. e doces como a aurora, suaves como a brisa matinal, caíram dos lábios de Jesus estas palavras sublimes. as últimas, que devia pronunciar nêste mundo:

Ide por todo o mundo prègar o Evangelho a tôda criatura. O que crer e fôr batizado será salvo: o que porém não crer, será condenado (Marcos XVI. 15).

Prostremo-nos em espírito, em adoração, aos pés do divino Mestre, e beijemos, pela última vêz, êstes pés sagrados, antes que deixem a terra, elevando-se para o céu.

II — A REALIZAÇÃO

Todos os olhos estavam cravados no divino Salvador, contemplando sua fisionomia tôda celestial, e o seu olhar cheio de ternura, que passeava pelos assistentes, como para dirigir a cada um o derradeiro adeus. Depois levantou as mãos para dar a todos uma bênção suprema, e enquanto os abençoava, prostrados a seus pés, de repente o seu corpo glorioso, posto em movimento por um ato de seu divino poder, se elevou acima da terra e tomou majestosamente o vôo para os céus. Mudos de surpresa e admiração, os Apóstolos e discípulos seguiram-no, longo tempo, com a vista, até que enfim, uma nuvem o envolveu e subtraiu aos seus olhos. E como não cessavam de fixar o ponto, onde o tinham visto desaparecer, apresentaram-se a êles dois anjos vestidos de branco, dizendo:

Homens da Galiléia, por que permaneceis assim olhando para o céu? Êsse Jesus que, separando-se de vós, foi arrebatado ao céu, virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu. (Act. I. II).

E Jesus continuava a subir para o trono de seu Pai. Imediatamente se viu rodeado de inúmeras legiões de almas que, retiradas no limbo desde séculos, estavam esperando que o novo Adão lhes abrisse as portas do céu. À frente daqueles fiéis da antiga aliança, marcharam os dois exilados do Eden, que não tinham cessado de esperar a salvação pelo Redentor prometido à sua raça, aos Patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, Moisés e os profetas. A seguir iam as gerações santas, de almas retas, e que, de coração, tinham esperado Aquêle que devia vir. E Jesus ia subindo subindo, até chegar às portas do Paraíso celestial.

Davi cantou, poèticamente, esta chegada do Salvador. Os anjos ouviram, de repente, o hino triunfal das almas que acompanhavam o Filho de Deus e que cantavam:

Principes, abrí as vossas portas; abrí-vos ó portas eternas e entrará o Rei da glória!

— Quem é êste Rei da glória? perguntaram os anjos.

E' o Senhor, é o Deus forte e poderoso, é o Deus invencível, responderam os santos. Abrí-vos, portas eternas, é

Êle, é o Deus das virtudes. (Salmo). E o profeta real nos mostra a recepção do Filho do Eterno, quando êste se apresentou diante do trono de seu Pai.

Jeová disse ao meu Senhor: Senta-te a minha direita, pois te gerei antes da aurora; senta-te a minha direita e os teus inimigos sejam o escabelo de teus pés. Terás na mão, o cetro do poder e estabelecerás o teu império sôbre Sião. (Salmo) Eu dei-te em herança, continua o Eterno, tôdas as nações da terra; eu extenderei o teu império aos confins do mundo; e aos teus inimigos, partí-los-ei como quem quebra um vaso de barro. Compreendei, ó reis; ó povos da terra, aprendei. (Salmo).

III — CONCLUSÃO

Desde a Ascensão até ao Juízo final, a história dos séculos não será mais que a representação dramática desta profecia. A Igreja, o reino de Jesus, não cessará de se dilatar e enviar eleitos para o céu, ao passo que os anti-cristãos irão uns após outros juntar-se com o seu despótico amo, do fundo dos infernos. Daí a conclusão a tirar da festa da Ascensão gloriosa do nosso divino Salvador: esta conclusão deve ser: as aspirações ao céu, para irmos com Êle, gozar da felicidade eterna. Onde está o nosso tesouro, lá deve estar o nosso coração, disse o Mestre (Mateus VI, 21) O nosso coração deve estar no céu com Jesus Cristo, Êle deve ser o nosso fim último; ora, todos os sêres têm uma tendência natural para o seu fim; devemos ter, pois, uma tendência natural para o céu. Em outros têrmos, devemos dar a nossa vida uma direção para o céu; o gôsto é o sentimento próprio do cristão.

Como fazer isto?

Pelo desapêgo, das cousas do mundo. Como a terra me parece triste quando contemplo o céu, dizia santa Inês. Pela oração, o que pedirdes a meu Pai, em meu nome, Êle vo-lo dará. A ausência dêste gôsto é natural num incréu. Um homem sem esperança é um homem sem felicidade. Por isso disse o Apóstolo: Procurai, apreciai as cousas do céu e não as da terra. (Col. III. I).

Para mim o Cristo é a vida; e a morte é lucro. (Fil. I. 21).

DOMINGO DE PENTECOSTES

O Tempo de Pentecostes que ocorre desde o dia da festa até ao primeiro Domingo do Advento, abrange de 23 a 28 semanas, conforme a data da Páscoa.

O caráter particular dêste tempo é a *esperança.*

Pentecostes é a descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos, isto é, sôbre a Igreja e tôda a comunidade cristã.

E' a operação de Jesus Cristo, completada pelo Espírito Santo, como o divino Mestre o havia predito e prometido muitas vêzes.

E' o Espírito Santo *iluminando* a Igreja, *vivificando* as almas, e fixando nelas a sua *morada* pela graça santificante.

Êstes efeitos são a grande causa da esperança, com que podemos considerar o porvir, esperança que a Igreja simboliza pela côr verde dos paramentos dominicais, durante todo êste tempo.

Esta festa data dos tempos apostólicos, e forma com a Páscoa e a Ascensão, a tríplice festividade do triunfo de Jesus Cristo sôbre a morte, o mundo e as almas.

EVANGELHO (João XVI 23—29)

23 — *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Si alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a êle, e faremos nêle a nossa habitação.*

24 — *Aquêle que não me ama não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra, que ouvistes, não é minha, mas do Pai, que me enviou.*

25 — *Disse-vos tudo isso, enquanto andava convosco.*

26 — *Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, êsse vos fará lembrar tudo quanto eu vos disse.*

27 — *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou assim como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.*

28 — *Ouvistes o que eu vos disse: Vou e torno a vós. Se me amásseis, certamente folgaríeis de que eu vá para junto do Pai, porque o Pai é maior do que eu.*

29 — *Eu vo-lo disse agora antes que suceda, para que, quando suceder, o creiais.*

38.ª INSTRUÇÃO

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

Antes de subir ao céu, Jesus Cristo havia recomendado aos seus Apóstolos que se recolhessem ao Cenáculo, e esperassem aí a vinda do Espírito Santo.

Eu mandarei sôbre vós o Espírito Santo prometido por meu Pai: entretanto permanecereis na cidade, até que sejais revestidos da virtude do alto. (Lucas XXIV, 49).

João, na verdade, batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, daqui a poucos dias. (Act. I. 5).

Em obediência a estas recomendações do divino Mestre, os Apóstolos permaneceram, pois, no Cenáculo, e puseram-se a orar com Maria, Mãe de Jesus, com os discípulos e as santas mulheres, à espera do Espírito Santo, que desceu sôbre êles no dia de hoje, nove dias depois da Ascenção.

Contemplemos esta cena gloriosa e expressiva, recolhendo os ensinamentos, que dela emanam:

I — A *descida* do Espírito Santo.

II — Os *efeitos* produzidos sôbre os Apóstolos.

I — A DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO

Recolhidos no Cenáculo por ordem do Salvador, Pedro e seus companheiros meditavam as últimas palavras do Mestre.

Êles, pobres iletrados, ignorantes, a prègarem o Evangelho a tôda criatura! Êles, desprezados pelos judeus, a apresentarem à adoração do mundo, aquela Cruz, sôbre a qual o seu Mestre acabava de expirar! Não era isso tentar o impossível?

Assim êles pensariam, porém não o pensaram, porque tinham confiança nas palavras de Jesus Cristo, e no Espírito Santo, que devia ensinar-lhes tôdas as coisas.

No nono dia, pelas 8 horas da manhã, de súbito produziu-se um rumor de vento violento, que, com grande ruído, encheu tôda a sala onde estavam sentados, enquanto apareceram línguas de fogo, semelhantes a chamas ardentes, formando um globo incandecente, que foi colocar-se acima da cabeça da Mãe de Jesus.

Aí se dividiu em línguas, indo pousar sôbre cada um dos Apóstolos.

Sob aquêle emblema de fogo, vinha o Espírito Santo comunicar-lhes todos os dons do céu, a inteligência para interpretarem as Escrituras, a fôrça para arrostarem com os seus inimigos, e o dom das línguas paa ensinarem a todos os povos.

Transformados num instante, com aquela efusão miraculosa da graça, começaram logo os Apóstolos a formularem, em diversas línguas, os pensamentos, que o Espírito Santo lhes ditava.

Em breve se viram rodeados pela multidão, que os escutava muda de pasmo.

Como é isso?! exclamaram, não são êsses homens galileus? Como é que nós os ouvimos todos falar a língua da nossa terra?

Há entre nós, Partos, Medos, Elamitas, Judeus, Capadócios, Mesopotâmicos, Asiáticos, Egípcios, Romanos, Celtas e Árabes, e todos nós ouvimos celebrar em nossas línguas as maravilhas de Deus!

Ninguém podia explicar êste mistério, quando alguns judeus inimigos disseram: "Nada de prodigioso em tudo isto; são uns homens em estado de embriaguez, que se agitam fora de si pelo efeito do vinho".

Dêste primeiro insulto tomou Pedro ocasião para instruir a turba.

"Homens da Judéia, bradou êle, e vós todos forasteiros vindos a Jerusalém, não estão ébrios êstes homens, mas inspirados por Deus. "

E Pedro começa a fazer a exposição da vida, paixão e

morte do Filho de Deus, com tanto ardor, tanta ciência sobrenatural, que, nêste dia mesmo, três mil homens creram em Jesus Cristo e receberam o Batismo.

Estava, com isto, fundada a Igreja de Jerusalém, e milhares de vozes iam anunciar a tôdas as nações o nome de Jesus.

Alguns dias depois, Pedro e João, indo ao templo, curaram, milagrosamente, um coxo, que estava à porta, pedindo esmolas.

Segue outro sermão de S. Pedro, mais penetrante ainda que o precedente, ocasionando a conversão de mais de cinco mil homens.

Tanto êxito devia, necessàriamente, excitar entre os chefes dos judeus, o seu ódio um instante adormecido.

Eis Pedro e João citados perante o tribunal de Caifaz, onde defenderam com altivez a sua fé em Jesus Cristo.

À proibição, que os chefes lhes fizeram de falar do nome de Cristo, os Apóstolos responderam: Não podemos calar-nos sôbre o que vimos e ouvimos!

E continuaram a prègação, sem fazer caso da proibição e das ameaças do Sinédrio, querendo, como dizia Pedro: primeiro obedecer a Deus que aos homens.

II — A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

Assistimos aqui a uma mudança total dos Apóstolos. Antes, eram homens ignorantes, vacilantes, medrosos, e de repente transformados em homens instruídos, corajosos, mostrando a seu divino Mestre desaparecido, um amor e uma dedicação, que não souberam mostrar-lhe durante a vida.

A obra do Espírito Santo, na alma dos Apóstolos, foi de transformação, que se operou ao mesmo tempo:

no *espírito,*
na *vontade,*
no *coração* dêles.

O espírito precisa de verdade;
A vontade precisa de coragem;
O coração precisa de amor.

São êstes três dons, que aparecem, de modo particular, na obra do Espírito Santo.

* * *

Êle os enche de verdade.

Jesus Cristo, que se dizia, com razão, a verdade, havia começado esta obra, porém como Êle o disse, havia muitas outras verdades, que êles deviam conhecer, mas de que não eram ainda capazes naquela hora. — (Joan. XVI. 12)

E ajunta: Quando viér, porém, Aquêle Espírito de verdade, vos ensinará tôda a verdade, porque êle não ensinará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. (Ib. 13).

Jesus lhes havia ensinado as verdades, que comportavam a sua disposição, a sua capacidade, as suas necessidades, mas reservou a coroação da sua obra para o Espírito Snto.

Eis porque os Apóstolos, pela vinda do Espírito Santo, compreenderam melhor o que Jesus lhes ensinara, adquiriram as novas ciências, que exigiam a sua nova situação de Doutores e propagandistas da Igreja.

* * *

A 2.ª transformação foi a da sua vontade.

Até aí esta vontade era lânguida, sem resistência, nem firmeza.

Pedro sabia dar o seu brado de energia, porém, na primeira ocasião do perigo, a sua vontade vacilava, e transformava-se numa fraqueza que ia até a cobardia.

Conhecemos por demais a fraqueza dos Apóstolos. Estavam repletos de boa vontade e de sinceridade, porém todos eram vacilantes, medrosos, sem energia.

O *propter metum judoeorum* (Joan. VII. 13) estava-lhes sempre diante dos olhos.

Depois de Pentecostes nada mais dêste mêdo existe. Prègam em tôda parte, e aos chefes dos judeus, que pretendem amedrontá-los com ameaças e castigos, respondem sem hesitar: Não podemos calar-nos!

E não se calam: falam diante dos príncipes, dos reis, governadores e diante do Sinédrio, com altivez inspirada e,

cousa admirável: alegraram-se de poder sofrer afrontas pelo nome de Jesus.

Gaudentes quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati. (Act. V. 41).

* * *

A 3.ª transformação é a do amor.

Amavam o divino Mestre, não havia dúvida. mas quanto egoísmo nêste amor!

Mas eis que o Espírito Santo, sob a forma de línguas de fogo, sopra sôbre êles, e ei-los, de coração ardente, de palavra inflamada, a prégarem em tôda parte o amor de seu divino Mestre.

Jesus havia dito: Vim trazer o fogo do amor à terra e que quero eu, senão que êle se acenda? (Luc. XII. 49).

O divino Mestre depositara no coração dos Apóstolos êste fogo divino, e o Espírito Santo, soprando sôbre êles, produziu estas chamas ardentes que devem abrasar o mundo inteiro.

Tal é a obra divina do Espírito Santo:

Produziu, no espírito dos Apóstolos, centelhas de *verdade.*

Fortificou a sua vontade, dando-lhe uma *fôrça* divina.

Acendeu nos corações dêles o fogo do divino *amor.*

III — CONCLUSÃO

Oh! como precisamos da festa de Pentecostes, para que estas mesmas transformações se operem em nós. Somos tão vacilantes no espírito, como o somos na vontade e no amor.

Precisamos de convicção religiosa, de luz para o espírito, para compreendermos melhor a grandeza, a beleza e a necessidade das verdades religiosas.

Precisamos de firmeza para a nossa vontade enfraquecida pelo ambiente mundano em que vivemos. Pobre vontade, joguete das ocasiões, dos perigos, das idéias mundanas; ela quer reagir e agir, mas sente-se paralizada pelo pêso das tentações, do mundo, da carne e do demônio.

Precisamos de amor, dêste amor nobre, puro, que não

procura, egoìsticamente, o gôzo no amor, o gôzo dos sentidos e da carne, mas agradar a quem ama.

Amar é dar. .e não gozar! Gozar é o egoísmo.

Dar é esquecer-se de si mesmo, para agradar a quem ama.

Oh! imploremos ao Espírito Santo, que desça sôbre nós, como desceu sôbre os Apóstolos e opere em nós as mesmas transformações.

Notemos que tal graça foi concedida aos Apóstolos, enquanto perseveravam na oração, juntos com a Mãe de Jesus.

FESTA DA SMA. TRINDADE

(1.º *Domingo de Pentecostes*)

Esta festa é como o remate e a consumação de tôdas as festas.

De fato, Deus, um só em três Pessoas, é o objeto principal e primário de todo o culto. Tudo o que honramos em Deus, em Jesus Cristo, na Virgem Maria e nos Santos refere-se a Deus, em sua unidade de natureza e trindade de pessôas.

E' um mistério insondável, porém, se o como do mistério nos escapa, podemos conhecer as verdades, que tal mistério nos apresenta.

A dificuldade para bem compreender êste sublime mistério provém da falta de inteligência nítida dos têrmos, que o exprimem.

A essência é o que caracteriza um sêr, diferenciando-o de outro qualquer.

A natureza é o princípio da atividade de um sêr. Por exemplo, no homem, êste princípio é a união do corpo e da alma. A alma não pode agir sem o corpo, nem o corpo sem a alma, mas a união de ambos é o princípio e a fonte das suas ações.

A substância é o que existe em si e não em outro. Nos sêres criados usa-se a palavra SUBSTÂNCIA (substare), para indicar o que permanece, em contraposição ao que se chama acidente: forma, côr, pêso, etc.

Em Deus não há acidentes: Êle é o sêr supremo necessário.

A pessôa é a substância completa, autônoma, dotada de razão e de liberdade.

Todos os homens, tendo corpo e alma racional, possuem a mesma natureza: a natureza humana.

Esta natureza que é *Especìficamente* a mesma em todos, é *Numèricamente* diversa uma da outra (nos indivíduos).

A substância é o *fundo* do sêr, a personalidade é o *modo*.

Entre nós, substância e pessôa fazem um só.

E' um fato que nós julgamos uma necessidade, porque não conhecemos outra pessôa senão a nossa.

Tal fato, porém, não prova que em tôda condição do sêr, uma única pessoa absorva uma substância.

Não concebemos, por falta de têrmo de comparação, que uma substância seja comum a 3 pessoas. Não possuímos nada que o prove, mas nada também que o contradiga. Devemos confessar a nossa ignorância, mas não erigí-la em objeção.

EVANGELHO (Math. XXIII. 18—20)

18 — *Naquele tempo disse Jesus aos seus discípulos: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra.*

19 — *Ide, pois, instruí todos os povos, batizando-os em nome do Padre, e do Filho e Espírito Santo.*

20 — *Ensinando-os a observar tôdas as cousas, que eu vos tenho mandado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.*

39.ª INSTRUÇÃO

O GRANDE MISTÉRIO

O Evangelho em sua brevidade misteriosa nos representa a Ascenção do Salvador, recolhendo as últimas palavras caidas dêstes lábios divinos, que sabiam falar tão profundamente.

São as últimas palavras do divino Mestre, e elas são a revelação curta, mas substancial do mistério da Sma. Trindade.

Ide, pois, ensinai a tôdas as nações, batizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Tal é a revelação completa do mistério adorável da Sma. Trindade, que a Igreja celebra hoje, convidando-nos a meditar as lições dêste mistério. E' o que vamos fazer, considerando:

I — A *natureza* do mistério.
II — A sua *imagem* em nossa alma.

I — NATUREZA DA SMA. TRINDADE

Não podemos compreender o mistério da Sma. Trindade porque todo mistério é uma verdade, que ultrapassa a nossa inteligência, mas podemos conhecê-lo e compreender as verdades, que nos apresenta.

A fórmula mais luminosa dêste mistério é o símbolo de Santo Atanásio, encerrado no Breviário.

Apoiando-nos sôbre êste simbolo, procuremos fazer-nos uma idéia clara sôbre a natureza da Sma. Trindade.

Um princípio geral vai revelar-nos o fundo de sua natureza. É um pouco filosófico, porém, claro e compreensível.

E' o seguinte:

Todo sêr é ativo, e a sua atividade cresce na medida de sua perfeição.

Não há em Deus nenhuma potencialidade. Êle é ato puro, isto é, atividade infinita.

Ora, tôda atividade é, necessàriamente, uma fecundidade ativa.

Logo, Deus, atividade infinita, é uma fecundidade ativa infinita.

E que pode produzir uma fecundidade infinita?

Ela produz outro infinito, que se lhe assemelha, que é seu igual.

Ora, há em Deus um duplo princípio de atividade. O da inteligência infinita e um amor infinito.

Ora, um sêr infinito tem, necessàriamente, um pensamento infinito.

No princípio, antes de tôda ação, houve em Deus um pensamento, e como nada existiu fora dêle, êste pensamento era Êle mesmo, Êle o único sêr real, ou, como disse Aristóteles, Deus é pensamento do pensamento.

O gênio põe a sua alma inteira em um pensamento. Eis porque nós dizemos: Eis o pensamento de um grande homem.

Ora, qual será o pensamento de um sêr infinito?

Será outro infinito, vivo, eterno, imutável, consciente de si mesmo, ficando sempre nêle.

O mais alto grau dos sêres vivos é a consciência de si mesmo, a personalidade.

Todo sêr que não tem consciência de si mesmo, é um sêr inferior.

Quem tem um pensamento infinito é um ser superior, o único sêr superior, o sêr eterno: Deus.

Digo que é Deus, porque é Eterno, é único: não pode haver dois eternos na substância, embora numa única substância possa haver duas pessôas eternas.

A razão é que não se pode conceber um espírito infi-

nito, que ficasse um instante sem pensamento, pois nêste caso deixaria de ser infinito.

Esta geração infinita, pela inteligência, na qual o Padre Eterno se reproduz inteiramente, é o Verbo divino, é o Filho de Deus, ou 2.ª Pessoa da Sma. Trindade.

* * *

Eis que são dois na unidade: o Padre e o Filho.

E o Espírito Santo donde vem?

Não pode vir por geração, pela inteligência, pois o Padre deu-se todo inteiro nesta geração; esgotou-se, mas Deus é uma inteligência infinita e um amor infinito. Pode, pois, dar-se pelo amor.

Ora, um amor infinito produz um amor infinito.

O amor não gera. Produz.

E como se faz isto?

O Filho é a imagem perfeita do Padre Eterno, em tudo igual a Êle, conservando a mesma e única substância, mas constituindo uma segunda Pessoa.

O Padre contempla o seu Filho, e sendo êste Filho a Beleza infinita, ama-o de um amor infinito.

O Filho, por sua vêz, contempla o Pai, e sendo êste Pai, também a beleza infinita, ama-o com amor também infinito.

Êste amor infinito do Pai para o Filho e do Filho para o Pai, constitue um único e mesmo amor, pois é procedente da mesma natureza excitado pelo mesmo objeto. Êste amor é, pois, um ato procedendo recìprocamente do Pai e do Filho, e como tal não procede nem do Pai nem do Filho, mas de ambos, constitue uma nova e única pessoa, igual em tudo ao Pai e ao Filho, donde procede por aspiração.

Do encontro dêstes dois amores infinitos, procede um terceiro infinito, um amor infinito, que se chama: o Espírito Santo.

O Espírito Santo é, pois, a aspiração viva do Pai para o Filho e do Filho para o Pai.

Do memo modo que o Filho esgotou o conhecimento do Pai, assim o Espírito Santo esgotou o amor do Pai e do Filho, constituindo uma terceira Pessoa, na única substância, a natureza divina.

Temos, dêste modo, um único Deus em natureza, e nêste Deus três Pessoas distintas, mas inseparáveis.

II — IMAGEM DA SMA. TRINDADE

Santo Anselmo, Doutor da Igreja, fêz uma comparação engenhosa e expressiva, para tornar sensível a possibilidade da Sma. Trindade.

Suponho, diz êle, uma *fonte;* desta fonte sai um. *rio,* que se estende e forma um *lago* chamado Nilo.

As três chamam-se "Nilo"

A fonte, junta com o rio e o lago, chama-se Nilo.

O rio, igualmente, junto com a fonte e o lago chama-se Nilo.

Não são três Nilos, mas um só.

Nesta comparação há três cousas a considerar; a fonte, o rio, o lago, mas um único Nilo, porque os três são unidos por uma única e mesma água.

Não são três Nilos, nem três lagos, mas um único Nilo, porque embora, cada uma das suas partes constitutivas seja distinta, são, entretanto, inseparáveis.

Mas temos uma imagem mais completa em nossa alma.

Lembremo-nos de que a nossa alma é criada à imagem e semelhança de Deus, — *Creavit Deus hominem ad imaginem et similitudinem suam.* (Gen. I. 27).

Sendo a nossa alma a imagem de Deus, devemos encontrar nela o protótipo, em sua *unidade e trindade.*

A nossa alma é uma substância espiritual, inteligente. amante.

Logo, Deus deve ser também uma substância espiritual, inteligente, amante, ao infinito, e isto é a própria *natureza divina.*

Se nós somos a *imagem,* Deus é o *ideal.*

Ora, em nossa alma encontramos três elementos que formam a sua essência: ser, conhecer, amar, ou substância inteligente e amante.

Tal é a definição da nossa alma, deve ser, pois, a definição de Deus.

Ser, conhecer e amar, são em nós uma única alma. uma única pessoa.

São três atos, e não três pessoas porque cada ato não é um princípio consciente, livre, e como tais, são três atos, não, três pessoas.

III — CONCLUSÃO

Terminemos aqui as nossas considerações.

O mistério é tão sublime tão misterioso, tão belo, que conhecendo-o, sente-se a necessidade de prostrar-se de joelhos, para adorar a Trindade adorável, o Deus verdadeiro, único, em três Pessoas.

Cada vêz que fazemos o Sinal da Cruz sôbre nós lembramos êste sublime mistério.

A doxologia, ou saudação que a Igreja repete a cada instante em seus ofícios, é um brado de louvor à adorável Trindade.

Lembremo-nos dêste augusto mistério, cada vêz que traçarmos o sinal da Cruz, repetindo com veneração e amor: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Lembremo-nos também de que por atribuição, é

o Padre que nos criou,

o Filho que nos salvou, e

o Espírito Santo que nos santifica por meio da graça divina, que nos transmite pela oração e pelos Sacramentos.

FESTA DO CORPO DE DEUS

(*Primeira Quinta-Feira depois da Sma. Trindade*)

Foi a BEMAVENTURADA Juliana, religiosa hospitaleira do Monte-Cornelon, perto de Liège, na Bélgica, que teve a inspiração de pedir a instituição desta festa.

Ela comunicou esta inspiração a um Cônego de Louvaina, que a transmitiu ao P. Tiago Pantaleão, Arcediago de Liège, que foi depois Papa, Urbano IV.

A festa foi celebrada a primeira vêz em Liège. Juliana morreu em 1258, antes que se estendesse a tôda a Igreja.

Uma amiga e confidente de Juliana, Eva, a reclusa, continuou a obra de tão grande alcance e pediu ao Bispo de Liège que se empenhasse perto do Papa Urbano IV. Êste Pontífice mandou compor o Ofício do Smo. Sacramento por S. Boaventura e Sto. Tomás; sendo adotado o Ofício dêste último.

A morte de Urbano IV, retardou, de quarenta anos, a celebração da festa.

Em 1311, o Papa Clemente V no Concílio de Viena, a estendeu à Igreja universal, e êle mesmo presidiu nesta cidade, a primeira procissão do Smo. Sacramento.

EVANGELHO (Joan. VI. 56—50)

56 — *Naquele tempo disse Jesus às turbas dos judeus: a minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida.*

57 — *O que come a minha carne, e bebe o meu sangue fica em mim e eu nêle.*

58 — *Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai: assim o que me comer a mim, êsse mesmo viverá também em mim.*

59 — *Êste é o pão que desceu do céu. Não como vossos pais que comeram o maná e morreram. O que come dêste pão viverá eternamente.*

40.ª INSTRUÇÃO

O DEUS ESCONDIDO

O Evangelho nos faz meditar hoje a promessa solene da Sagrada Eucaristia, cuja instituição presenciamos na Quinta-feira Santa, à noite.

O dia próprio desta solenidade é a Quinta-feira Santa, porém, nesse quadro, todo de luto e tristeza, seria quase inconveniente uma explosão de alegria, e de triunfo, que são os característicos próprios do grande Sacramento de amor, última lembrança de um Pai extremoso antes de sacrificar a sua vida pela salvação dos homens.

A Igreja escolheu êste dia no fim das solenidades da Páscoa para manifestar a sua gratidão pela instituição dêste Sacramento e exaltar pùblicamente a Jesus Sacramentado.

Examinemos a glória e a exaltação devida ao Smo. Sacramento, lembrando-nos das duas partes de que se compõe: Êle é ao mesmo tempo grande e escondido. E' preciso pois:

I — Honrar o que é *grande* nêle.
II — Revelar o que está *escondido*.

I — A GRANDEZA DA EUCARISTIA

A grandeza da Sagrada Eucaristia está admiràvelmente expressa no Evangelho de hoje.

1 E' a carne e o sangue do Salvador;
2. E' o Sacramento de união com Deus;
3 E' a participação à vida divina de Jesus Cristo;
4 E' o pão da vida, descido do céu;
5 E' o *maná* da imortalidade.

Estas cinco qualidades são indicadas pelas próprias palavras de Jesus Cristo.

Que objeto mais sublime do nosso culto e da nossa adoração que o próprio Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, fìsicamente imolado no Calvário e mìsticamente imolado em cima dos nossos Altares.

Há várias uniões entre Deus e o homem:

A *união* hipostática, é a união da natureza divina à natureza humana, numa única pessoa divina. Esta união é própria a Jesus Cristo, e não pode ser contraída pelos homens.

A união *moral* da amizade que liga dois sêres pela afeição e a dedicação; é a união que existe entre os pais e os filhos, e entre amigos.

A união *substancial,* pela qual dois sêres se unem, se confundem, ao ponto de serem um único e mesmo princípio de atividade. E' a que existe entre o nosso corpo e a nossa alma.

A união de *natureza* pela qual uma natureza é transformada por uma natureza superior, comunicando-lhe uma ação de ordem superior, que não tem por si mesmo. E' a união entre Deus e os homens, pela graça; sendo esta, como diz São Pedro, uma participação à natureza divina — (Pet. I. 4).

O homem tem apenas uma vida humana. — Deus possui uma vida divina, eterna .Em sua bondade infinita Êle quer comunicá-la a seus filhos para aproximá-los de si e prepará-los a partilharem a felicidade eterna, contemplando-o face a face, na clara visão da glória.

Tudo o que vive precisa de alimento.

A nossa alma tem uma vida espiritual, da qual só Deus pode ser o alimento; eis porque Êle se proclama: o *pão descido do céu.*

O maná dos hebreus era um alimento milagroso, que tomava o gôsto, que cada um apetecia.

Era preciso renovar a provisão cada manhã, pois ao levantar do sol, o maná caído do céu, dissolvia-se num instante.

O maná do cristão é a Eucaristia, que dá a cada um

a fôrça e a graça de que precisa; para uns é luz, para outros é consolação, para outros ainda é generosidade.

E êste maná devia, o quanto possível, ser recebido cada dia, antes que o vento das tentações se levantasse.

Eis a grandeza da Eucaristia! grandeza escondida, que é preciso realçar, exaltar, manifestar aos homens.

E êste é o fim da festa do Corpo de Cristo: exaltar o que é grande mostrar pelas manifestações religiosas, entusiastas e solenes, o que há de grande nêste Sacramento de amor, tão pequeno em suas aparências e tão grande em seu objeto e em seus efeitos.

II — A PEQUENEZ DA EUCARISTIA

Há uma outra parte na Eucaristia, que a festa de hoje procura manifestar: é sua pequenez.

Notemos bem que a Eucaristia é divinamente grande em seus efeitos, mas humanamente pequena em suas aparências.

Uma migalha de pão. um pouco de vinho. um sacerdote, que balbucia umas palavras sôbre êste pão e êste vinho, e eis que, embora as aparências permaneçam, a substância dêste pão e dêste vinho é, totalmente mudada na substância do corpo e sangue de Jesus Cristo.

Após a consagração, olho o altar, e vejo permanecer o que os meus olhos ali perceberam antes: uma Hóstia branca, insensível, sem movimento e sem vida.

E sob estas aparências mortas, sem se ouvir nem uma pulsação do coração, nem um leve sussurro de respiração, palpita, entretanto, uma *vida divina* uma vida intensa, de imanência, de expansão e de atividade universal.

Nêste pequeno espaço da Hóstia está reunido o céu inteiro E' daí, dêste silêncio de morte, que saem em jorros luminosos, a atividade, a fecundidade de tôdas as criaturas.

Uma pequena Hóstia está aí repousada sôbre alvos paninhos, em cima do altar; e ao pé do altar, o sacerdote, se prostra em adoração profunda.

Almas virginais choram e beijam pés invisíveis. Almas santas lançam-se em braços abertos, que os olhos não en-

xergam e apertam o coração contra um Coração ardente, cujas pulsações não são percebidas pelos ouvidos.

Os anjos do céu contemplam a divindade, em todo o seu esplendor, numa visão face a face, tão deslumbrante, que olhos humanos são incapazes de suportar. enquanto nós enxergamos apenas uma Hóstia branca, insensível e fria.

A realidade é a glória, a majestade e o poder do trono do Altíssimo. As aparências são um pouco de pão e vinho.

Que contraste entre a realidade e as aparências!

Que Abismo entre a grandeza real e a pequenez aparente!

E' preciso manifestar esta pequenez! E' preciso tirar do esconderijo, em que se conserva, esta grandeza divina, e mostrar ao mundo, que a grandeza na humildade, é uma grandeza duplicada.

Eis porque, nêste dia, nas pobres aldeias, como nas cidades cosmopolitas, o Smo. Sacramento é levado em triunfo. é aclamado, como um conquistador.

E' o triunfo da Eucaristia, ou melhor, o triunfo da humildade!

Os dois extremos encontram-se ali: a pequenez das aparências e a grandeza do triunfo.

— Crês tu que Cristo está nesta pequena Hóstia? perguntou certo dia um protestante a um católico.

— Creio, respondeu êste último, porque a fé me certifica que está presente; mas não tivesse eu a fé, acreditaria ainda guiado sòmente pelo bom senso comum, pois julgaria impossível que o mundo em pêso, o mundo intelectual, o mundo virtuoso, o mundo que pensa, possa prostrar-se diante de uma Hóstia tão pequena, para adorá-la, como sendo aparências de uma substância divina.

Êstes dois extremos não se explicam humanamente... devem explicar-se divinamente: e tal explicação é a fé na palavra de Deus.

III — CONCLUSÃO

Eis a razão de ser da festa de hoje.

No meio de hinos de alegria, de música harmoniosa,

de luzes e flores, o sacerdote leva, pùblicamente, a Hóstia Sagrada através das ruas e avenidas das grandes cidades, como a leva através das veredas e campinas das aldeias.

E' o triunfo de Jesus Eucaristia, mostrando a sua grandeza na humildade.

Tal é, aliás, o desejo expresso do divino Salvador. Êle, sempre tão pobre e tão humilde, durante a sua vida mortal, exigiu para a instituição da divina Eucaristia *uma sala ricamente ornada* (Luc. XXII. 12).

Para morar se contentava com uma humilde ermida, mas, para a sua Eucaristia, quer um edifício, que se impõe pela grandeza e magnificência. Por que esta exigência?

E' que êste lugar, para sempre célebre, deve ensinar a todos os séculos as honras devidas à Eucaristia.

O culto exterior lhe é devido, como manifestação de sua grandeza e revelação da sua pequenez. *Vere tu es Deus absconditus.* (Is. XLV. 15)

O CORAÇÃO DE JESUS

(*Sexta-feira depois da oitava do Corpo de Deus*)

Esta solenidade tem por fim honrar o Coração do Homem-Deus, como órgão donde brotou o sangue precioso que salvou nossas almas; e como símbolo do amor que o levou a encarnar, a sofrer e a morred pela humanidade.

A Pessoa inteira de Jesus Cristo é adorável: sua carne, seu sangue, e sobretudo seu coração, hipostàticamente unidos à sua natureza divina.

O Coração considerado como centro e foco de amor divino, merece um amor todo especial: daí a origem da devoção ao Sagrado Coração.

Foi o próprio Jesus que pediu a instituição desta festa.

No fim do século 17, uma Santa Religiosa da Visitação, Santa Margarida Maria, foi o instrumento que Deus empregou para revelar esta bela e tocante devoção.

Êle se queixou da ingratidão dos homens, e pediu Comunhões fervorosas, *reparadoras* e atos de desagravo.

Nêste dia deve ser lido pùblicamente, em tôdas as igrejas

o Ato de Consagração ao Coração de Jesus, tal qual é publicado no *Ordo Missarum.*

São estas revelações do Coração de Jesus que deram origem às grandes e fecundas devoções:

1 Da Comunhão das primeiras Sexta-feiras do mês.
2. Da Hora Santa, na noite da Quinta-feira.
3 Do Apostolado da oração.
4 Da entronização no lar, da imagem do Coração de Jesus.
5 Da guarda de honra do Sagrado Coração de Jesus.

EVANGELHO (Joan. XIX. 31—37)

31 — *Naquele tempo, estando em dia de preparativos, para que não ficassem os corpos na cruz no sábado, porque aquêle dia de sábado era de grande solenidade, rogaram a Pilatos que lhes fôssem quebradas as pernas, e fôssem (dali) tirados.*

32 — *Foram pois os soldados, e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com êle fôra crucificado.*

33 — *Mas quando chegaram a Jesus, tendo visto que êle já estava morto, não lhe quebraram as pernas.*

34 — *Mas um dos saldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.*

35 — *E aquêle que viu, deu testemunho disso: e o seu testemunho é verdadeiro. E êle sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis.*

36 — *Porque estas coisas sucederam para que se cumprissem as Escrituras: Não quebrareis dêle osso algum.*

37 — *E também, diz outro lugar da Escritura: Êles lançarão o olhar para aquêle a quem trespassaram.*

41.ª INSTRUÇÃO

AS REVELAÇÕES DO CORAÇÃO DE JESUS

O Evangelista, narrando a morte de Jesus Cristo, salienta uma particularidade, que durante longos anos não foi compreendida em tôda a sua extensão, como nós a compreendemos hoje, graças à revelação do Coração de Jesus à Santa Margarida Maria.

Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água. Quando o soldado trespassou o lado da divina Vítima, Jesus havia já exalado o último suspiro.

Ora, de um cadáver, conforme as leis da fisiologia, não pode mais sair nem sangue, nem água, tendo êste coagulado, e o próprio coração não conserva mais sangue flúido.

Há, pois, nêste fato, uma particularidade misteriosa, milagrosa, que tem a sua significação.

Esta significação é a devoção ao Coração de Jesus, que nasce do seu Coração trespassado pela lança, e que Êle mesmo revelará ao mundo no tempo determinado.

Meditemos a gênese desta devoção, até chegar ao seu pleno triunfo no mundo; vejamos:

I — *Os preliminares* da revelação.

II — A grande *revelação*.

I — PRELIMINARES DA REVELAÇÃO

Na Igreja tudo se faz com ordem, pêso e medida.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus passou despercebida nos primeiros séculos, estando os fiéis ocupados em defenderem-se contra os ataques das numerosas heresias que,

pretendiam negar a realidade da encarnação, ou negavam a Nosso Senhor o culto supremo de adoração, como Ario e outros fizeram.

E', pois, natural que os Santos Padres tenham falado pouco do Coração de Jesus.

Orígines, no 2.º século, diz estas belas palavras que provam que a tal devoção não era, entretanto, desconhecida:

"E' certo que João descansou no Santuário do Coração de Jesus, no meio dos mais íntimos segredos da sua doutrina, e que procurou penetrar nos tesouros da ciência e sabedoria"

Santo Agostinho disse também: "O soldado abriu para mim o lado do Salvador com a lança, e entrei nêle e ali repousei com segurança"

Chegando a época do triunfo da Igreja no mundo, reinando como soberana, parece que a devoção ao Coração de Jesus podia expandir-se e florescer; mas não, a época não havia chegado ainda.

São Bernardo, na idade média, tem acentos de amor entusiasta para êste divino Coração, mas reserva êstes acentos para o claustro e não os lança no meio do mundo.

Querem ouvir um dêstes acentos apaixonados?

"O' doce Jesus, exclama o santo, eu vos suplico como sendo meu Deus, admitir-me no santuário de vosso Coração. Êle não foi trespassado sinão para nos permitir habitar nêle, para que a chaga visível nos fizesse conhecer a chaga invisível com que o amor vos feriu. Quem poderá, deixar de amar êste Coração trespassado por nós, e permanecer insensível a seu amor?"

São Francisco de Assis, São Domingos, São Boaventura, Santa Catarina de Sena cultivaram a devoção ao Sagrado Coração, mas não a prègaram pùblicamente.

Escutem São Boaventura: "A porta do paraiso está aberta; a lança do soldado afastou a espada que defendia a sua entrada. O' alma, considerai vosso Espôso querido. Êle abriu o seu lado, para dar-vos o Coração"

Santa Catarina de Sena foi favorecida pela aparição do Sagrado Coração.

Um dia Nosso Senhor lhe apareceu numa visão e lhe tirou o seu Coração terrestre, para entregar-lhe o seu próprio Coração, que trazia na mão, dizendo: "Minha filha, eu

tirei o teu coração, e te dou o meu, para que vivas com êle"

Santa Gertrudes, mais favorecida ainda teve revelações do Coração de Jesus, que não são inferiores às de Santa Margarida. Recolhamos apenas, como prova, a seguinte, feita à Santa por S. João Evangelista.

A Santa perguntou ao Apóstolo, porque não manifestou no Evangelho as ternuras do Coração de Jesus, que havia experimentado, reclinando-se sôbre êle na última Ceia.

O Apóstolo respondeu: "Durante os primeiros anos da Igreja, o meu ministério devia limitar-se a dizer sôbre o Verbo encarnado, Filho Eterno do Pai, umas palavras fecundas, que a inteligência dos homens pudesse meditar, sem jamais esgotar as suas riquezas; porém, a graça de ouvir as pulsações do Coração de Jesus, está reservada para os últimos tempos.

"Ouvindo esta voz o mundo rejuvenecerá, sairá de seu torpor, e o calor do amor divino o inflamará ainda".

Apesar destas revelações a compreensão da devoção ficou reservada ao coração de umas almas piedosas, e ninguém recebeu de Nosso Senhor a missão de espalhá-la no mundo.

A hora não havia chegado.

II — A GRANDE REVELAÇÃO

A hora marcada nos desígnios de Deus havia soado, na época em que os sentimentos mais nobres pareciam naufragar num materialismo e num sensualismo degradante.

Nosso Senhor havia reservado êste grande meio de salvação, para o tempo que bem parece ser o último e que é o da nossa época atual.

O divino Coração escolheu como confidente das suas comunicações sobrenaturais, uma humilde religiosa da Visitação, Margarida Maria, encarregando-a de fazê-lo conhecido no mundo inteiro.

E' preciso citar em inteiro uma destas revelações, tão admiráveis, e tão misericordiosas, que deviam ser escutadas de joelhos:

"Um dia em que estava prostrada diante do Smo. Sacramento exposto, escreve a Santa, experimentei um atrativo

interior, que concentrou acima de mim tôdas as faculdades da minha alma e todos os meus sentidos.

"Então apareceu-me Jesus Cristo, meu divino Mestre; estava radiante de glória, e as suas cinco chagas resplandesciam como outros tantos sóis.

"Chamas brotavam da sua santa humanidade, mas sobretudo de seu divino peito que parecia ser uma fornalha.

"No meio dêste fogo ardente, êle me mostrou o Coração, cheio de amor, como a fonte donde se irradiavam estas chamas.

"Fêz então passar diante de mim as inefáveis maravilhas de seu amor, descobrindo-me o seu poder maravilhoso, que chegava até a fazê-lo amar os homens, sem receber dêles outra cousa, sinão frieza e ingratidão.

E' isso, disse êle, o que mais me atormenta de tudo o que tenho sofrido durante a minha paixão!

"Oh! si pelo menos me retribuissem amor por amor, como julgaria pouco tudo que tenho feito para êles!

"Se o pudesse, faria para êles muito mais do que tenho; porém, não recebo dêles senão tôda espécie de frieza e de insultos, em troca do ardor com que lhes faço o bem!

"Numa outra aparição, Nosso Senhor mostrou à confidente, o seu Coração, encimado de uma cruz, envolto de espinhos e cercado de chamas, capazes de consumir o mundo inteiro.

"Pediu que a primeira Sexta-feira que segue a oitava do Smo. Sacramento, fôsse reservada à celebração de uma festa, destinada a honrar o seu Coração e a *reparar* os atos *indígnos cometidos contra êle no Smo. Sacramento.*"

* * *

Tal foi a missão confiada a Santa Margarida Maria. Ela recebeu ordem sem ter os meios de executá-la. Nosso Senhor quis encarregar-se de tudo.

A confidente devia fazer conhecer e espalhar a devoção ao Coração de Jesus no mundo inteiro sem deixar de obedecer a suas superioras.

Estas superioras, seus confessores e tôda a sua comunidade levantaram-se contra ela e combateram as suas revelações tratando-a de visionária.

Após longas e cruciantes provações, Deus mandou-lhe um santo religioso, P. de la Colombière, que examinou o espírito que conduzia a humilde religiosa e declarou abertamente que era o espírito de Deus. Êle mesmo quis ser o primeiro adorador do Coração de Jesus e consagrou-se a Êle solenemente em 21 de junho de 1675.

A devoção tomou então impulso veemente. A Visitação de Moulins tomou a iniciativa em 1678, sendo seguido por Paray-le-Monial, em 1685.

Em 1688 o Arcebispo de Besançon inaugurou a festa em sua Arquidiocese, seguido de várias outras Dioceses.

A Santa Sé confirmou a criação da nova festa e S.S. Clemente XIII, em 1765 publicou o decreto, dando ao culto do Coração de Jesus a sanção apostólica.

Daí em diante a devoção percorreu o mundo fixando-se em tôdas as Dioceses, e até em tôdas as paróquias, formando hoje em dia, a devoção mais popular e mais extensa de tôdas as devoções na Igreja.

III — CONCLUSÃO

Eis como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus desceu do peito-aberto do divino Redentor, brotou de seu Coração ferido, sob a forma de sangue e de água. De sangue, para significar o seu valor; e água, para manifestar o seu fim.

O sangue é o elemento da *expiação*.

A água é o elemento da *purificação*.

Expiar os crimes dos homens e purificá-los no amor de Jesus, tal é bem a dupla finalidade desta devoção.

Como dise o divino Mestre a Santa Gertrudes, e como repetiu a Santa Margarida:

"E' o último esfôrço de meu amor aos homens e a última invenção dêste amor " Desgraçados daqueles que não o aproveitarem!"

Vê-se claramente que é o último recurso predito por Nosso Senhor e que, não aproveitando esta última invenção de seu amor misericordioso, o mundo corre para um abismo irremediável.

Correspondamos pois a êste convite e de hoje em diante, mais ainda do que no passado, consagremo-nos ao Coração de Jesus, façâmo-lo reinar em nosso vida, em nossa pátria, praticando os exercícios por Êle pedidos, que são entre outros: a Hora Santa, a Comunhão da primeira Sexta-feira do mês, a entronização da sua imagem em nossa família.

42.ª INSTRUÇÃO

DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO

A devoção ao Coração de Jesus é a devoção salvadora por excelência, pois encerra e significa o que o Cristianismo tem de mais sagrado: o amor de Deus para com os homens.

Tomado em seu sentido *natural* o têrmo "Sagrado Coração" designa o coração material, o órgão pròpriamente dito que pulsava no peito do Salvador.

Êste Coração pode ser considerado sob dois aspectos:

1 Vivo no peito de Jesus, vivificado pela alma, deificado pela união hipostática.

2. Separado das outras partes do corpo, formando em si um todo completo — por assim dizer — morto.

No estado vivo: êste Coração é o órgão e o símbolo do amor de Deus, enquanto considerado como morto, seria uma simples relíquia.

Em seu sentido largo, as palavras "Sagrado Coração", significam não simplesmente o órgão, mas a pessoa inteira de Jesus Cristo.

Tal é geralmente a significação adotada.

Para conhecer a fundo esta admirável devoção do amor e da misericórdia personificados no Coração de Jesus, vejamos:

I — O *objeto* desta devoção.

II — Seus *motivos* e fins.

I — OBJETO DESTA DEVOÇÃO

Tôda devoção compõe-se de diversos elementos, sendo os principais: o *objeto, os motivos, as práticas* e o *fim.*

O objeto é o que se honra;

Os motivos são as razões porque se honra tal objeto;

As práticas são os atos pelos quais se honra;

O fim é o têrmo que se propõe, honrando-o.

Quase sempre uma devoção se compõe de um duplo objeto: um sensível e corporal; outro invisível e espiritual.

Êstes dois objetos são ìntimamente unidos e honrados juntos.

Habitualmente, o objeto espiritual é o objeto principal ou *primário;* porém é invariàvelmente o objeto sensível que dá o nome à devoção.

Em última análise, tôda devoção dirige-se à pessôa.

Pode haver sérias razões de distinguir tal ou tal das partes componentes de uma pesôa, e de fazer de tal parte, o coração por exemplo o objeto material de um culto, porém nêste caso, esta parte não é considerada isoladamente do sujeito, mas formando com êle um único e mesmo indivíduo.

O que não impede que seja pelo objeto material próximo que as devoções se distinguem ou se *especificam,* como dizem os teólogos.

* * *

Apliquemos estas noções ao Sagrado Coração de Jesus e teremos logo uma noção clara e completa desta devoção.

O seu objeto principal e primário está nos seus dois componentes, os quais formam um objeto único: o seu Coração material de carne, que pulsa em seu divino peito, e o amor de que é símbolo e o órgão.

O que honramos no Coração de Jesus, é o amor extremo do Salvador para com os homens.

Antes do sinal vem a cousa significada: E esta coisa significada é o amor de Jesus Cristo.

O objeto particular desta devoção é o amor imenso do Filho de Deus, que o levou a entregar-se à morte e a dar-se a nós no Smo. Sacramento do altar, sem que a visão das ingratidões e ultrajes que devia receber nêste estado de vítima imolada, através dos séculos, o pudesse impedir de fazer tal prodígio.

Êle preferiu expor-se diàriamente aos insultos e aos

opróbrios dos homens, antes que deixar de testemunhar-nos o excesso de seu amor, pela maior das maravilhas.

Assim entendida, compreende-se que a devoção ao Sagrado Coração não se reduz, como certas pessoas pensam, em honrar e amar com um culto especial êste Coração de carne, semelhante ao nosso, mas sim no amor imenso que Jesus Cristo tem para com os homens, os quais em sua imensa maioria não têm para com Êle sinão desprêzo ou indiferença.

Êste amor sendo espiritual, não pode tornar-se sensível, sinão por meio de um símbolo, e êste símbolo é o Coração Sagrado. Notemos, ainda que não é simplesmente o amor de Jesus, para com os homens, que o Sagrado Coração nos representa, mas todo o amor que fêz pulsar êste Coração, e nêste amor está incluido sobretudo, o seu amor para com seu Pai Celeste.

O Coração de Jesus simboliza ainda, embora em grau menor, todos os outros fenômenos da sua alma, como são os da ordem intelectual, moral, e afetiva, pois, a palavra coração indica tudo o que se passa no santuário da alma e nas profundezas da consciência.

II — OS SEUS FINS

O fim é duplo, conforme se depreende das próprias palavras de Nosso Senhor a Santa Margarida Maria.

O primeiro fim é retribuir a Êle o amor que nos dedica.

O segundo é desagravá-lo da ingratidão dos homens.

"Eis êste Coração, dizia a Santa Margarida Maria, que tanto amou aos homens, que nada poupou, até esgotar-se e consumir-se, para testemunhar-lhes o seu amor"

"O meu divino Coração, diz em outra parte, é tão repleto de amor pelos homens que, não podendo mais conter em si as chamas da sua Caridade, deve difundí-las e manifestá-las a êles, para enriquecê-los com os tesouros que encerra"

Jesus sofre por ver desprezado o seu Coração e queixa-se desta dolorosa indiferença.

"Como recompensa, diz Êle, não recebo da maior parte

dos homens, sinão ingratidão pelas suas irreverências e pela frieza que têm para comigo".

Êle declara que a previsão de tanta ingratidão foi uma pena da sua paixão, mais dolorosa que as outras.

Êle tem sêde de ser amado: "Si correspondessem a meu amor, diz Êle ainda, tudo o que tenho feito para êles pareceria pouco para o meu amor! Tu, pelo menos, dá-me esta consolação de suprir a sua ingratidão enquanto puderes"

Vê-se por estas palavras que o fim primário desta devoção é corresponder pelo amor de nossos próprios corações ao amor imenso que Jesus Cristo nos tem.

Tal devoção é pròpriamente um exercício de amor: o amor é o seu objeto, o amor é o seu principal motivo, é o amor que deve ser o seu fim.

* * *

O seu fim secundário, igualmente enunciado por Nosso Senhor, é de consolar o seu Coração, dos ultrajes e ingratidões que recebe.

Não pode haver amor verdadeiro sem desejo de consolar aquêle a quem se ama, si estiver em tristeza ou sofrimento.

Quem ama o Coração de Jesus, sente-se irresistìvelmente levado a fazer-lhe esquecer os ultrajes, as profanações e as ingratidões a que está expôsto.

E' o que conduz as almas a fazer atos de *reparação*.

Em todo o tempo a reparação teve lugar saliente na devoção ao Coração de Jesus; a Escola de Paray-le-Monial, porém, estendeu consideràvelmente êste espírito de desagravo, a ponto de uns o colocarem quase em primeiro lugar.

O Coração de Jesus deve ser considerado sob um duplo ponto de vista:

O primeiro, como abrazado de amor pelos homens.

O segundo, como cruelmente ofendido pela ingratidão dêstes mesmos homens.

Êstes dois motivos juntos, devem produzir em nós dois sentimentos que devem unir-se também, isto é: um amor que corresponda a seu amor, e uma dôr que nos leve a reparar os ultrajes que recebe dos homens.

* * *

Dêstes dois fins, o primeiro é o principal. O amor correspondendo ao amor constitui o traço característico da devoção; a reparação ou desagravo vêm em segundo lugar.

"Amar e fazer amar o Sagrado Coração, e por Êle fazer amar a Deus que nô-lo deu, tal é a verdadeira devoção", escreve a Santa ao P. Croiset.

"Nosso Senhor me fêz conhecer, diz ela ainda, que pelo grande desejo que tem de ser perfeitamente amado pelos homens, resolveu manifestar o seu Coração"

III — CONCLUSÃO

Terminemos pela prática da devoção ao Sagrado Coração, tal qual foi indicada pela santa confidente de Jesus, em Paray-le-Monial.

Tôda devoção compõe-se de duas espécies de atos: uns *interiores,* outros *exteriores*

Os primeiros são produzidos pelas faculdades da alma; os segundos são sensíveis e são produzidos pelo concurso dos sentidos.

O culto exterior deve ser a irradiação do culto interior, pois, é na alma que está a fonte da devoção.

Os atos interiores são o estudar, amar e honrar o Coração divino sob o emblema de seu Coração.

Êste amor conduz necessàriamente a três cousas:

Evitar o que Jesus proibe;

Fazer o que Êle deseja:

Imitar as suas disposições.

A êste culto interior devemos ajuntar certos atos exteriores, pois, sendo o homem um composto de corpo e alma, é lógico que ambos êstes componentes concorram ao culto prestado ao Criador.

Estas práticas consistem em celebrar as suas festas, honrar as suas imagens, visitar o seu altar, entrar no Apostolado da oração, assistir à Santa Missa, comungar, fazer atos de Consagração e de desagravo, fazer a Sagrada Comunhão nas primeiras Sexta-feiras, entronizar na família a imagem do Coração de Jesus.

Oportet illum regnare! E' preciso que Êle reine sôbre

o mundo, para salvá-lo das catástrofes iminentes que o ameaçam.

Êste reino é o único remédio, tanto para as nações, como para os indivíduos!

FESTA DE SANTO ANTÔNIO

(13 *de Junho*)

EVANGELHO (Luc. XII. 35—40)

35 — *Naquele tempo disse Jesus aos seus discípulos: Estejam cingidos os vossos rins e nas vossas mãos lâmpadas acesas.*

36 — *E fazei como os homens que esperam o seu senhor quando volta das bodas, para que, quando vier e bater à porta, lh'a abram.*

37 — *Bemaventurados aquêles servos, a quem o Senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo que se cingirá e os fará sentar à mesa, e passando por entre êles os servirá,*

38 — *E si vier na segunda vigília, e si vier na terceira vigília, e assim os encontrar, bemaventurados são aquêles servos.*

39 — *Mas sabei que se o pai de família soubesse a hora, em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa.*

40 — *Vós, pois, estai preparados, porque na hora que não cuidais virá o Filho do Homem.*

43.ª INSTRUÇÃO

O MODÊLO DE HUMILDADE

A Igreja aplica a Santo Antônio o Evangelho da vigilância, para mostrar-nos que o Santo foi êste servo vigilante, de rins cingidos e a lâmpada acesa na mão, esperando a chegada do Senhor.

De fato, Santo Antônio foi o servo vigilante, sempre preparado para a luta contra o mal e para o estímulo do bem.

Bemaventurado é um tal servo, diz o divino Mestre; bemaventurado é hoje Santo Antônio, o grande amante de Jesus, o grande taumaturgo de seu século.

Para excitar-nos a venerá-lo, como o merece, e imitar os seus exemplos:

I — Percorramos brevemente a *sua vida.*

II — Escolhamos a sua *virtude* dominante.

I — A VIDA DO SANTO

Sto. Antônio nasceu em Lisboa (Portugal) em 1195, e recebeu a alcunha de Pádua, porque foi em Pádua que morou por muitos anos, faleceu e estão conservadas suas relíquias.

No batismo recebeu o nome de Fernando, sendo o de Antônio o nome da sua profissão religiosa.

Desde criança foi confiado aos Cônegos de Lisboa que o educaram; entrando, com a idade de 15 anos, para o Instituto dos Cônegos de Sto. Agostinho.

Poucos anos depois entrou na Ordem dos Franciscanos para prègar a fé aos Mouros e ali sofrer o martírio.

Embarcou, para a África, onde esperava realizar o seu ideal, porém, Deus o destinava para outro apostolado.

Caiu gravemente enfêrmo e, no ano seguinte, foi obrigado a retomar o caminho de Espanha.

Era na época em que o grande São Francisco de Assis reuniu o Capítulo geral da sua Ordem. Antônio foi assistir e conversou nesta ocasião com o seu santo fundador.

Com a licença dêste, retirou-se depois na ermida de São Paulo, perto de Bolonha, como cozinheiro da residência, escondendo, dêste modo, na humildade e na austeridade, a sua grande e luminosa inteligência.

Os superiores descobriram o tesouro escondido nêste humilde frade, e mandaram-no, com outros membros para Forli, para ali receber as ordens sacras.

Nesta ocasião o Bispo designou Antônio, para fazer uma exortação piedosa.

O humilde franciscano desculpou-se. porém foi preciso obedecer e esta obediência valeu aos ordenandos uma instrução repleta de teologia profunda, de piedade comunicativa e de uma eloquência que arrebatou a todos. O Santo e sábio estava descoberto o exterior humilde e a convicção da sua nulidade não puderam por mais tempo esconder a ciência.

São Francisco mandou-o para Verceil, onde devia estudar teologia, porém, ali chegando, em vêz de ser discípulo, Antônio tornou-se o mestre de todos, sendo professor de teologia em Bolonha, Tolosa, Montpellier e Pádua.

* * *

O milagre mais espantoso do santo missionário foi o da bilocação, para defender a seu pai injustamente acusado de homicídio e condenado a morte em Lisboa.

Chama-se bilocação a presença milagrosa simultânea de uma pessôa em dois lugares diferentes.

Antônio que estava em Pádua, nêste momento, foi repentinamente transportado para Lisboa, onde foi ter com os juízes, declarando-lhes que o seu pai era inocente.

Êstes, não acolhendo o seu testemunho, Antônio exigiu que o cadáver do assassinado fôsse exhumado e levado para a sala das audiências.

Ali, em presença de uma multidão, Antônio ordenou-lhe, em nome de Deus, de declarar si o seu pai era o autor do assassinato.

Imediatamente, o morto se ergueu e confessou pùblicamente que o acusado era inocente.

Um fato idêntico produziu-se na Quinta-feira Santa, na igreja de S. Pedro, onde Antônio estava prègando.

Nêste momento, os Franciscanos recitavam o ofício de Matinas, e frei Antônio era o leitor indicado das lições. No momento preciso viram Antônio aparecer na igreja, cantar a lição e desaparecer do Côro.. e nêste mesmo momento começou o seu sermão, na igreja distante do monastério.

* * *

Um ano antes da sua morte, Antônio voltou a Pádua, exausto e doente; apesar disso, prègava diàriamente durante a Quaresma.

Enfim Deus o chamou a si, no dia 13 de junho de 1231, na idade, de 36 anos, cantando com seus companheiros o hino: "o gloriosa Domina", em honra da Sma. Virgem.

No dia da sua morte, por uma inspiração divina, as crianças percorreram as ruas da cidade, gritando: O santo morreu!

A Igreja ratificou no ano seguinte, 1232, a canonização feita pelas crianças; o Papa Gregório IX o colocou no catálogo dos santos.

Nêste mesmo dia, todos os sinos de Lisboa, movidos por mão invisível, repicaram, celebrando, dêste modo, o ilustre religioso e taumaturgo, Santo Antônio.

Em 1263 São Boaventura presidiu a exumação do corpo de Santo Antônio. Encontrou as carnes consumidas, mas a língua em perfeito estado de conservação, em recompensa de ter espalhado com tanto zêlo a palavra de Deus.

Até hoje esta insigne relíquia está conservada intacta.

II — A SUA VIRTUDE DOMINANTE

A virtude que forma como o fundamento da santidade de Antônio, é, sem dúvida, a sua extrema humildade.

Foi esta humildade que o inspirou em tôda a vida. Queria desaparecer, esconder-se, para fazer aparecer o divino Mestre.

A sua vida pode resumir-se nesta bela expressão de São João, falando do Salvador: *Ilum oportet crescere, me autem minui!* (Jo. III. 30).

Foi esta humildade que lhe grangeou o amor de predileção do Menino Jesus, e que lhe mereceu ser visitado muitas vêzes por êle.

O santo é geralmente representado tendo o Menino Jesus nos braços.

Tal representação teve a sua origem num fato da sua vida, passado em Chateauneuf, na França, onde, durante a sua expedição de missionário, havia recebido a hospitalidade em casa de um católico fervoroso.

Êste, vendo de noite o quarto de Antônio iluminado, movido pela curiosidade, foi observar várias vêzes o que fazia o santo, de noite. Viu, então, um belo Menino que o religioso tinha nas mãos e acariciava com ternura. Era Jesus em pessôa.

Após a morte do santo, o feliz testemunho contou-o com lágrimas e sob juramento. Êste mesmo milagre, dizem reproduziu-se em Pádua, na casa de certo Tisone del Campo.

III — CONCLUSÃO

Recolhamos da vida do grande taumaturgo esta lição prática: a humildade; não uma humildade especulativa, mas prática e fundada.

O Salvador disse que "Aquêle que se humilha será exaltado"

Antônio humilhou-se profundamente, convencido de que nada valia e nada podia: e esta humildade mereceu as carícias do Menino Jesus e o dom dos milagres, que fizeram dêle o santo mais milagroso da sua época e até dos séculos.

Como êste, procuremos esconder-nos do mundo, procurando viver na intimidade de Deus, e no recolhimento da oração e da virtude.

Ser humilde: é pedir esta virtude a Deus e fazer diàriamente atos que a produzam.

Sem os atos de humildade não pode haver verdadeira humildade.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO

(*29 de Junho*)

São os príncipes dos Apóstolos. Ambos foram os fundadores da Igreja. Pedro, como Apóstolo universal, Paulo, como Apóstolo dos gentíos; ambos regaram a Igreja nascente com seu sangue, em Roma, onde por uma providência divina, trabalharam e foram coroados pelo martírio.

Dêste modo, unidos que foram em vida, Deus não os separou na morte.

No ano 67 da era cristã, em 29 de junho, Pedro foi crucificado com a cabeça para baixo, a pedido seu, na colina do Vaticano, onde se ergue hoje a Basílica de São Pedro, de Roma, Paulo foi decapitado na Via Óstia, no lugar onde se levanta a Igreja de S. Paulo das três fontes.

Simão Pedro era natural de Betsaida; foi um dos primeiros Apóstolos chamados por Nosso Senhor, com seu irmão André.

Era viúvo Depois da Ascenção, presidiu ao primeiro Concílio geral de Jerusalém, fixou depois residência em Antioquia, e depois em Roma, governando a Igreja durante 25 anos.

São Paulo, ou Saulo, era natural de Tarso (Ásia) e foi educado no espírito dos fariseus. Converteu-se no ano 35, dois anos após a Ascenção, tornando-se, de perseguidor dos cristãos, um ardoroso Apóstolo do Evangelho.

São indescritíveis os trabalhos, lutas e sofrimentos por que passou por amor de Jesus Cristo. No fim foi conduzido a Roma, carregado de ferros, depois de longa permanência no cárcere foi decapitado no mesmo dia em que São Pedro foi crucificado.

EVANGELHO (Math. XVI. 13—19)

13 — *Naquele tempo, veiu Jesus para as bandas de Cesaréa de Filipe, e interrogou os seus discípulos, dizendo: Que dizem os homens sôbre o Filho do homem?*

14 — *E êles responderam: uns dizem que é João Batista, outros que é Elias, e outros que é Jeremias ou algum dos profetas.*

15 — *Jesus disse-lhes E vós quem dizeis quem eu sou?*

16 — *Respondeu Simão Pedro, dizendo: Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo.*

17 — *E respondendo Jesus, disse-lhe: Bemaventurado és tu, Simão, filho de João: porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelou, mas meu Pai que está no céu.*

18 — *E eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*

19 — *E eu te darei as chaves do Reino dos céus: e tudo que ligares sôbre a terra, será ligado nos céus: e tudo o que desatares sôbre a terra, será desatado também nos céus.*

44.ª INSTRUÇÃO

SÃO PEDRO E OS PAPAS

E' uma página sublime entre as sublimes do Evangelho a que vamos meditar hoje.

A festa é de São Pedro e de São Paulo, porém, o Evangelho nos apresenta hoje só a bela e entusiasta figura de Pedro. Não sòmente de Pedro, Simão, filho de João, mas da dinastia inteira de Pedro.

A própria vocação de Pedro é uma revelação.

Pedro foi o terceiro Apóstolo escolhido, sendo os dois primeiros João e André.

Êstes trouxeram Pedro Jesus vendo-o aproximar-se parou, fitou-o demoradamente: examinando-o, disse: *Tu és Simão, Filho de João, tu serás chamado Kefas, que quer dizer Pedro.* (Joan. I. 42).

Notem bem a gradação desta cena: *Jesus fixou-o,* diz o Evangelho — "Intuitus eum".

Em latim há três palavras, para graduar o olhar: *videre, aspicere, intueri;* isto é, ver, considerar, examinar.

Jesus examinou Pedro; mas seu olhar não viu simplesmente Simão, o pescador, mas sim Pedro, o Papa, o chefe desta dinastia vinte vêzes secular do Papado.

Contemplemos esta cena admirável, vendo:

I — A *profissão* de fé de Pedro;

II — A *confirmação* desta fé.

I — A PROFISSÃO DE FÉ DE PEDRO

Pedro deve ser o Chefe da Igreja universal, e antes de subir ao céu, Jesus Cristo quer formar, Êle mesmo, o seu

sucessor visível, quer empossá-lo em suas funções de Doutor supremo.

A função de Pedro e de todos os Papas, é antes de tudo, apresentar ao mundo o *Cristo, Filho de Deus* como centro e foco de tôda verdade.

Jesus Cristo faz uma pergunta que provoca uma resposta decisiva.

Interroga os Apóstolos acêrca da sua personalidade: *Que dizem os homens sôbre o Filho do Homem?*

Cada um repete o que ouviu, e talvez o que pensava. Uns dizem que é Elias, outros João Batista, outros Jeremias ou qualquer outro profeta.

Após a acumulação das opiniões ouvidas, o divino Mestre quer ouvir a opinião pessoal dos Apóstolos, para isto interpela-os bruscamente:

E vós, quem dizeis que eu sou?

Êle interroga os Apóstolos em geral; logo, cabia ao Chefe dêles dar a resposta, em nome de todos.

Pedro vai falar vai dogmatizar. vai dar a primeira definição doutrinal.

E' o primeiro ato de autoridade que Pedro vai exercer, sob o olhar de seu Mestre.

E' o Papa que vai falar o Papa infalível. Sente-se a inspiração do Espírito Santo.

Jesus Cristo está ali e escuta.

Os Apóstolos, os primeiros Bispos, estão atentos.

Todos escutam.

Pedro responde sem hesitação; a sua palavra é curta, sublime, majestosa como a palavra do próprio Jesus Cristo, a quem substitui:

Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Tudo está feito: a Igreja está fundada e está funcionando.

Jesus Cristo escolheu Pedro como Primeiro Chefe da sua Igreja; e na mesma ocasião, êste novo Chefe inspirado pelo Espírito Santo, lança a sua primeira proclamação dogmática, perante o mundo inteiro.

Pedro é a pedra fundamental e sôbre esta pedra está colocado o trono de Cristo, o Filho de Deus vivo.

Pela vêz primeira, a proclamação do Papa ecoa pelo mundo, e continuará a ecoar através dos séculos.

Todos os Papas serão os continuadores desta primeira cena, e seus lábios continuarão a manter, proclamar e defender a fé de Jesus Cristo.

Eis Pedro feito a pedra viva da Igreja, a sua base, o seu órgão, o seu chefe suprêmo.

II — A CONFIRMAÇÃO DESTA FÉ

E' a primeira parte desta cena sublime; ;vejamos agora seu órgão, o seu chefe supremo.

Pedro falou e falou como Chefe da Igreja. A sua primeira proclamação de fé é a verdade básica do Catolicismo: *Jesus Cristo é o Filho de Deus vivo.*

Escutemos agora a resposta de Jesus, confirmando as palavras de Pedro, como Êle confirmará as sentenças doutrinais de todos os Papas:

Bemaventurado és tu, Simão, filho de João, porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelou, mas meu Pai que está no céu!

Jesus Cristo mesmo podia ter proclamado esta verdade básica; não o quis fazer, mas ordena que o chefe da sua Igreja o faça em seu nome, proclamando, como dogma fundamental, a sua divindade.

Êle se reserva a aprovação; e aprova-o de modo categórico, dizendo que não é Pedro, como tal, quem falou, filho de João, mas sim o seu Pai que está no céu, que lhe revelou esta resposta, sendo Pedro o canal infalível da palavra do Pai Eterno.

Porém Jesus Cristo vai mais longe.

Para mostrar insofismàvelmente que a presente proclamação não é um fato isolado na Igreja, mas que é a prerrogativa do Chefe visível da sua Igreja, Êle ajunta:

Eu te digo que tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja e as Portas do inferno não Prevalecerão contra ela.

Eis a duração perpétua do poder da infalibilidade prometida a Pedro.

Êle proclamará a verdade, e as portas do inferno, isto é, os vícios, as paixões, as hipocrisias, as violências, nunca prevalecerão contra a proclamação doutrinal de Pedro e de seus sucessores.

A Igreja e o Papa são uma cousa só!

A Igreja não repousa simplesmente sôbre o Papa como sôbre um fundamento; nêste caso seria um edifício material, morto, mas é o Papa que faz a Igreja, que lhe dá a vida, o movimento, a ação.

E' o Papa que faz a Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica, que a marca com êstes grandes característicos, peculiares e incomunicáveis.

O Papa é o princípio da unidade da Igreja;

E' a fôrça expansiva da sua catolicidade;

E' a fonte da sua santidade;

E' o liame da sua apostolicidade.

Tudo repousa sôbre êle, a tal ponto que, (o que é impossível) si a Igreja viesse a perecer, o Papa a crearia de novo, sem que Deus, por assim dizer, tivesse que intervir.

O Papa refaria tudo, em virtude do poder e da paternidade que estão nêle.

Vê-se logo quais são os sentimentos que os católicos devem nutrir para com o sucessor de Pedro.

Uma dedicação inviolável: êle é invencível.

A terra pode tremer. o Papado não será abalado.

Oh! Pedro! Oh! Papa! Oh! Pai! A quem iremos nós?

Vós tendes as palavras da vida eterna.

O Papa é invencível! Êle é também imutável.

Os homens erram, os gênios fracassam; só o Papa é a fôrça e a verdade, virgem de todo o êrro. As águas de um novo dilúvio podem submergir as culminâncias da terra, jamais alcançarão o Vaticano, donde o Papa as dominará, calmo e sereno, na majestade da sua infalibilidade e na firmeza da sua indefectibilidade.

III — CONCLUSÃO

A conclusão se impõe.

A quem apegar-nos nêste mundo?

Sôbre quem apoiar-nos na vacilação atual?
A quem seguir nas trevas das dúvidas?
Ao Papa!
Êle é o farol. o rochedo!
Tudo passa; êle permanece.

Si o Papa nos perguntasse como Jesus Cristo perguntou no meio da hesitação que hoje invade o mundo: Quereis vós também afastar-vos de mim?

Oh! respondamos logo com o brado de Pedro, que dirigiremos ao seu sucessor: Senhor, para quem havemos de ir? Tens as palavras da vida eterna, e nós acreditamos e reconhecemos que és o sucessor de Pedro, o representante de Cristo, filho de Deus vivo! (Joan. XII. 69).

Eis o que nos lembra a festa de São Pedro e São Paulo. São as duas colunas da Igreja. Pedro, o Apóstolo do mundo. Paulo, o Apóstolo dos gentios.

Pedro é o primeiro Chefe da Igreja: cada Papa é o seu sucessor é um outro Pedro. é Pedro perpetuado através dos séculos.

A cada Papa, Jesus Cristo repete: *Tu és Petrus* — Tu és Pedro.

Tu eras Joaquim Pecci. serás Leão XIII.
Tu eras José Sarto. serás Pio X.
Tu eras Giacomo della Chiesa. tua serás Bento XV.
Tu eras Achilles Ratti.. tu serás Pio XI.
E a lista seguir-se-á de S. Pedro até ao último Papa!

Cada um deixará o seu nome do século, para tomar o nome da Igreja: *Tu és Pedro!*

Oh! Santo Padre! a ti a minha veneração! a ti o meu amor! a ti a minha vida!

Beijo os teus pés: são os pés de Pedro. os pés de Cristo!

Salve, ó Pedro! Salve, ó Santo Padre!

VISITAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA

(2 *de Julho*)

A Visitação de Maria Sma. à sua prima Isabel é a continuação, ou como o Corolário sobrenatural, da Anunciação.

O anjo havia dito a Maria que sua prima Isabel tinha concebido um filho, o Precursor do Messias.

Como o Verbo encarnado quis santificá-lo antes de nascer, moveu o zêlo da Virgem Mãe a ir, sem demora, visitar sua prima.

Maria empreendeu esta viagem de Nazaré a Hebron, distante de 25 léguas ao sul, provàvelmente em companhia de São José, ou tomando parte em alguma caravana de Galileus que se dirigiam para Jerusalém.

Isabel era espôsa de Zacarias, sacerdote, e já de idade avançada, sem esperança algúma de ter descendente.

Era prima de Maria Sma. pelo seguinte parentesco: o seu avô, Matan tinha 4 filhos: Maria, Sobé, Ana e Jacó.

Maria é mãe de Salomé, mulher de Zebedeu.

Sobé é mãe de Santa Isabel, espôsa de Zacarias.

Ana é Mãe de Maria Santíssima.

Jacó é pai de Cléofas e de S. José.

Dêste modo, Salomé, Santa Isabel, Maria Sma., Cléofas e São José são todos quatros primos em primeiro grau, como os filhos dêstes o são em segundo grau.

Êstes filhos são:

Salomé, mãe de S. Tiago maior e S. João Evangelista.

Sta. Isabel, mãe de S. João Batista.

Maria Sma. Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Cléofas, pai de S. Tiago menor, José, Judas, Simão, Salomé e Maria.

Estas noções esclarecem a significação de tais têrmos empregados no Evangelho, falando dos irmãos de Jesus; tais irmãos são simplesmente primos em segundo grau, conforme o modo de falar dos judeus, que chamavam pelo nome de irmãos todos os parentes até ao quarto e quinto grau.

EVANGELHO (Lucas, I. 39—47)

39 — *Naquele tempo, levantando-se Maria foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá.*

40 — *E entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel.*

41 — *E aconteceu que apenas Isabel ouviu a saudação*

de Maria, o menino exultou no seu ventre: e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.

42 — *E exclamou em alta voz, dizendo: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu seio.*

43 — *E donde a mim esta dita que a mãe de meu Senhor venha ter comigo?*

44 — *Porque logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino exultou de alegria no meu ventre.*

45 — *E Bemaventurada és tu que creste, porque se cumprirão as cousas que da parte do Senhor te foram ditas.*

46 — *E Maria disse: A minha alma glorifica no Senhor.*

47 — *E o meu espírito exulta (de alegria) em Deus meu Salvador.*

45.ª INSTRUÇÃO

OS ENSINAMENTOS DA VISITAÇÃO

O Evangelho da Visitação é o complemento da Anunciação, e pode ser intitulado o Evangelho do Culto de Maria.

A Anunciação nos revela a grandeza da Mãe de Deus; a Visitação nos mostra o culto a que tem direito esta grandeza.

A Anunciação relata o realizar da Encarnação;

A Visitação mostra as consequências desta Encarnação.

Não podemos, de uma vêz, meditar, as diferentes fases desta cena admirável, por isso vamos excluir o Hino sublime do Magnificat e concentrar a nossa atenção sôbre as duas faces da cena:

I — A *saudação* de Maria e seus efeitos;

II — O *culto* prestado a Maria por Isabel.

I — A SAUDAÇÃO DE MARIA E SEUS EFEITOS

O Evangelho, depois de narrar o colóquio do Arcanjo com a Virgem Sma., diz que ela se foi com pressa a uma cidade de Judá e entrando em casa de Zacarias, saudou a Isabel e ouvindo esta tal saudação, o menino que Isabel trazia no seio exultou de alegria.

Temos aqui a saudação da Virgem e os efeitos de tal saudação.

E' a única vêz em todo o decurso da vida de Maria que notamos uma certa pressa, o que contrasta com a reserva e a calma virginais de seu caráter.

Compreende-se logo que Maria obedece a uma ordem

divina, ou pelo menos a um impulso divino, dado pelo Verbo Eterno que nela encarnou.

Ela tem uma missão a cumprir, e até uma missão urgente. Esta missão é santificar o Precursor é a libertação de João Batista, do pecado original, pois Isabel estando grávida, havia seis meses, e Deus querendo santificar João no seio materno, havia pressa para fazê-lo antes que nascesse.

E' um espetáculo admirável ver esta jovem de 16 anos, bela e tímida como é bela a virgindade que lhe reflete no olhar, fazendo esta viagem penosa de uns 5 a 6 dias, levando em seu coração e em seu seio o Criador do mundo!

E' desconhecida dos homens, apenas acompanhada de um nobre ancião que é S. José, ou por uns parentes viajando em caravanas regulares, porém seguida pelo olhar dos anjos e do próprio Altíssimo.

Chegando a Hebron, Maria entra em casa de sua prima, espôsa de Zacarias, saúda-a dizendo: — A paz seja convosco, e ambas estas mulheres: uma, senhora idosa, curvada pelos anos; a outra, jovem de uma singeleza encantadora e suave, caem nos braços uma da outra, enternecidas, como si fôssem mãe e filha que se encontram após uma longa separação.

Maria queria dar os parabéns a Isabel pela graça recebida de Deus de ela ter sido escolhida para ser a mãe do Precursor, mas antes que ela possa falar, o Espírito Santo toma a dianteira e inspirando Isabel, esta canta a grandeza da sua prima, escolhida por Deus, como Mãe do Redentor.

Depois de ter louvado e exaltado a Virgem como Mãe de Deus, indica a razão da sua imensa alegria, assinalando os efeitos da saudação da sua jovem parente.

Porque logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino exultou de alegria em meu seio.

E' a tradição não interrupta da Igreja, desde a sua origem, que nêste instante, João Batista foi purificado do pecado original e santificado nas entranhas de sua mãe.

De fato, esta exaultação de João, correspondendo à saudação de Maria e inspiração do Espírito Santo em Santa

Isabel, estão indicados como da mesma ordem, isto é sobrenatural.

E' assim que Isabel o entende, pois, ela diz que é pela exultação de seu filho que reconhece a Mãe de seu Senhor, como se conhece a causa pela produção do efeito.

Notemos ainda esta expressão do Espírito Santo: O menino exultou de alegria — exultavit in gaudio.

Uma simples exultação podia fazer suspeitar um efeito natural, porém uma exultação de alegria supõe necessàriamente uma pessôa desligada do pecado e feita amiga de Deus.

O pecador pode exultar mas não: exultar de alegria pela presença de Deus. Tal alegria é a manifestação da amizade que reina entre os dois, é o sinal da graça divina.

A saudação de Maria produziu êste tríplice efeito:

Purificou João do pecado original;

Santificou-o como Precursor do Messias;

Encheu Isabel do Espírito Santo.

II — O CULTO PRESTADO A MARIA POR ISABEL

É a segunda fase desta cena admirável.

Estamos aqui em frente do primeiro milagre operado por Jesus Cristo na terra, e êste milagre foi operado por meio da voz da Virgem Sma.

Ela vai agora proclamar em alta voz *"voce magna"* o culto que devemos a êste órgão do poder divino, a esta mulher bendita, por cujas mãos imaculadas passam as graças divinas.

Cheia do Espírito Santo, Isabel exclama pois, dirigindo-se à Maria:

Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu seio.

Na Anunciação, quando o Arcanjo saudou a Maria, o Verbo Eterno não havia encarnado ainda, e a Virgem não era ainda Mãe de Deus, mas agora o é: o Verbo Eterno já tomou corpo em suas puras entranhas, eis porque não basta mais aclamar a Maria como Bendita, mas é preciso aclamar ainda *bendito o fruto de seu seio.*

Como tudo isto é admirável, e como se sente em cada palavra a inspiração divina!

Aclamou a Maria e a Jesus, a Mãe e o Filho, eis portanto o primeiro ato do culto que Isabel prestou a Deus e a sua Mãe Imaculada: o culto de *louvor.*

* * *

Isabel continua, sempre com a *grande voz,* para que todos os séculos possam ouví-la: — E donde me vem a dita que a Mãe de meu Senhor venha ter comigo?

E' nova revelação!

Isabel era em tudo superior a Maria: pela idade, pela posição social, pelo seu matrimônio com Zacarias, pela aparição de um anjo, anunciando-lhe o nascimento do Precursor, e entretanto se humilha perante a jovem prima, que exteriormente era desposada com um simples carpinteiro pobre e desconhecido na sociedade.

Isabel acha-se indigna de receber a visita de sua prima, a quem proclama: *Mãe de seu Senhor.*

Há nêste têrmo: *Donde me vem a dita que tu vens a mim* uma analogia significativa, comparando-o à expressão que João Batista usará mais tarde, recebendo a visita do Salvador: *Tu vens a mim sou eu que devia ser batizado por ti.* (Math. III. 14). *Et tu venis ad me?!*

Citando estas duas expressões em circunstâncias idênticas, o Espírito Santo, nos mostra não sòmente a filiação moral de João Batista, e de Isabel, mas também a de Jesus e de Maria, associados em suas homenagens.

E' a segunda proclamação do culto devido à Virgem Santa: o *culto da grandeza* da Mãe de Deus.

* * *

Isabel termina sua proclamação numa terceira frase profética: *E bemaventurada és tu que creste, porque se cumprirão as coisas que da parte do Senhor te foram ditas.*

Quais são estas cousas ditas, ou feitas?

Não é a Encarnação: já estava realizada.

Não é a maternidade divina: já era um fato.

Quais são pois estas promessas?

A extensão do reino de Jesus Cristo.

A salvação do mundo.

A sua mediação universal.

Tudo isso era imputavel a Maria e lhe valia êste culto de *louvor*, de *grandeza* e de *intercessão*, que Isabel lhe tributa oficial e pùblicamente em alta voz.

A razão porque Maria é bemaventurada é que creu, é a sua fé viva, sem hesitação.

Não é sòmente por ter recebido o Verbo Eterno em seu seio e tê-lo amamentado com o seu leite virginal, como a exaltou esta mulher do Evangelho, cuja exclamação Jesus retificou, mas como o fêz entender Jesus Cristo nesta ocasião, é ter crido na palavra de Deus, e ter conformado a sua vida com esta palavra.

III — CONCLUSÃO

Recolhendo os numerosos ensinamentos da festa da Visitação, lembremo-nos de que as ações do Salvador têm sempre uma finalidade sobrenatural: são princípios e como amostras do seu modo de agir com os homens.

Jesus Cristo é a lei viva e basta um único ato dêle para estabelecer uma lei.

Dêste princípio devemos recolher dois ensinamentos:

1 Que tôdas as graças passam pelas mãos de Maria.

2 Que devemos a Maria, a exemplo de Isabel, o culto de honra, de dignidade e de intercessão. Estas conclusões dimanam diretamente das verdades que acabamos de contemplar.

E' uma lei que as obras de Deus são sem retrospecção, de modo que o que Êle faz uma vêz, continua a fazer nas mesmas circunstâncias.

O primeiro ato de Jesus encarnado foi um ato de santificação, por intermédio de Maria.

Jesus dá a Maria parte integrante no nascimento espiritual de João, como teve parte no mistério da Encarnação.

Ora, João Batista representava nesta hora, a Igreja e todos os eleitos, conforme ficou dito que, êle foi enviado por Deus, para que todos cressem nêle — *ut omnes crederent per illum.* (Joan. I. 7).

Logo, Jesus Cristo quer mostrar que Maria Sma. coopera no nascimento espiritual de todos os fiéis.

Eis o direito de Maria, vejamos agora o nosso dever para com ela.

O Arcanjo proclamou a grandeza da Mãe de Deus.

Isabel mostra e pratica o culto que lhe devemos.

O culto de *louvor*: bendita entre tôdas as mulheres.

O culto da *grandeza*: é a Mãe de Deus.

O culto de *intercessão*: é por ela que João é santificado.

Que página sublime sôbre o culto da Mãe de Jesus! E' o Evangelho da sua exaltação, da sua grandeza e da sua mediação universal.

O' Virgem Sma., ressoe a vossa voz a nossos ouvidos para produzir em nós a obra da santificação das nossas almas e excitar em nós uma grande e terna devoção para convosco!

SÃO VICENTE DE PAULO

(19 *de Julho*)

EVANGELHO (Luc. XII. 32—34)

32 — *Naquele tempo disse Jesus a seus discípulos: Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino.*

33 — *Vendei o que possuís e dai esmola. Provei-vos de bôlsas que não envelhecem, de um tesouro inexaurível no céu: onde não chega o ladrão e ao qual a traça não rói.*

34 — *Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.*

46.ª INSTRUÇÃO

O APÓSTOLO DA CARIDADE

O Evangelho da festa é a expressão viva dos sentimentos de S. Vicente e a regra da sua vida.

Confiar em Deus, dar esmolas e dar a si mesmo é o objeto dos três versículos que a liturgia dedica ao grande Apóstolo da Caridade, e é nêstes três versículos que devemos procurar o segrêdo dos sucessos, da caridade e a dedicação do santo.

Para nossa admiração e imitação, como para o estímulo dos abnegados Vicentinos, que procuram imitar êste belo modêlo, percorramos um instante esta vida fecunda, e tiremos dela a grande lição: o exemplo da caridade. Vejamos brevemente:

I — A *vida* do Santo.

II — O *segrêdo* da caridade.

I — VIDA DE SÃO VICENTE

Nasceu Vicente em Landres, perto de Dax, na França, em 24 de abril de 1581, de pais pobres, porém piedosos.

Durante os primeiros anos o pequeno Vicente guardava o rebanho de seu pai, tendo, desde o berço, uma inclinação para as obras de caridade.

Vendo estas boas disposições de seu filho, o pai resolveu fazer uns sacrifícios e encaminhá-lo para o sacerdócio.

O menino começou os seus estudos no Colégio de Dax. Esgotados os recursos, seu pai vendeu uma junta de bois para manter o filho na Universidade de Tolosa, onde fêz os estudos de teologia.

Foi ordenado sacerdote em 1600, antes da aplicação dos decretos do Concílio de Trento, tendo apenas 19 anos.

Numa viagem de Marselha, em 1615, foi capturado no navio pelos piratas maometanos e levado para Tunis, como escravo.

Vendido sucessivamente a um médico, e depois a um renegado francês, Vicente foi empregado nos trabalhos do campo. A mulher do renegado, que era turca, admirando a paciência e a caridade do escravo, interrogava-o a respeito da sua religião, e achou-a tão bela que repreendeu o seu marido de tê-la abandonado.

Êste converteu-se e voltou para a França com Vicente, abjurou o êrro e terminou santamente a vida como religioso. Foi a primeira conquista da caridade de Vicente.

Esta primeira, devia ser o elo da imensa corrente de caridade com que o santo ia envolver o mundo.

* * *

De volta a França, encontramos sucessivamente Vicente como capelão da rainha Margarida, ao mesmo tempo Vigário de Clichy, (Paris) onde se mostrou pai dos pobres e ganhou todos os corações.

Em 1617, estava em Chatillon, a pedido de seu Diretor, Monsenhor de Berulle, onde renovou a paróquia, converteu os herejes e fundou as primeiras associações de caridade.

E' aí que começou sua grande obra que devia servir de modêlo às Conferências de São Vicente, organizadas definitivamente, mais tarde pelo admirável Frederico Ozanam.

Terminadas estas obras, eis Vicente na família do administrador geral das prisões, o Sr. de Gondi, onde se dedicou de corpo e alma à evangelização dos condenados aos trabalhos forçados, enxugando lágrimas, tratando doentes, consolando os infelizes e indicando a todos o reino de Deus.

Mas havia no Evangelho uma palavra que sempre ecoava aos ouvidos de Vicente: *pauperes evangelizantur* — Os pobres são evangelizados. Era como o característico da missão do Salvador, Vicente quer imitar o seu Mestre, e ei-lo em 1617 percorrendo as aldeias, como missionário, prègando o Evangelho aos pobres e aos operários.

Foi o berço da Congregação dos Padres Lazaristas. Estimulados pelo zêlo de Vicente, vários sacerdotes juntaram-se a êle, e ligaram-se por voto, consagrando a vida à salvação dos pobres campônios.

Foi a obra de estimação do Santo, e até à idade de 75 anos, êle mesmo ia prègar missões nas aldeias.

Desta obra admirável da Missão, devia nascer outra, não menos importante: a formação de santos sacerdotes para manter o resultado das missões.

O Santo organizou para êsse fim: os retiros dos ordenandos, as reuniões semanais do Clero, os Seminários, etc. Tudo isso brotava do coração de Vicente, como o zêlo brota de um coração amante.

As conquistas do Santo iam-se avolumando.

O rei de França, Luiz XIII, moribundo, mandou chamar Vicente em 1643, para que o preparasse à morte. Durante a sua estadia em Paris, Vicente habitava o Colégio dos bons meninos, porém tendo encontrado um Convento de Cônegos, perto da igreja de São Lourenço, o Prior desta, desejando abandonar a casa por falta de religiosos, e conhecendo o bem imenso que Vicente estava fazendo, entregou-lhe o prédio de São Lázaro.

Êste estabeleceu aí a sua comunidade, donde lhes vem o nome de Lazaristas.

É êste Convento que devia tornar-se em breve o foco e o centro de tôdas as obras de caridade que Vicente ia realizando.

Desde 1659, no último período da guerra dos trinta anos, Vicente percorreu a França, semeando esmolas e a palavra divina, fazendo verdadeiros milagres de organização e de caridade.

* * *

Mas a França era pequena demais para conter o coração abrazado de Vicente; o Santo sonhava evangelizar a África, enviando os seus incomparáveis Lazaristas aos Hebrides, na Polônia, em Madagascar, na Argélia, Tunísia, para ali cuidar dos cristãos escravos, nas mãos dos maometanos.

No fim de sua vida pensava a conquista espiritual da China, da Babilônia e de Marrocos.

Após a fundação dos Lazaristas, Vicente fundou a obra das Filhas da caridade. De acôrdo com uma mulher de rara inteligência e de uma fé eminente, Luíza de Marillac, viúva Le Gras, criou esta outra obra incomparável de caridade, que contradiz a tôdas as idéias da sua época.

Até êste tempo as religiosas viviam tôdas no fundo dos claustros, protegendo assim a sua virtude contra os assaltos do mundo; Vicente teve uma nova inspiração, êle quer lançar as suas filhas no meio do mundo.

O Santo escreveu em sua Regra estas palavras admiráveis de audácia e de caridade.

"Elas não terão outro monastério senão a casa dos pobres, nem outro claustro, senão as ruas da cidade, nem outro véu senão a santa modéstia"

As Filhas de São Vicente encontram-se hoje em tôdas as partes do mundo, no meio das nações católicas e dos povos infiéis. Em tôda parte encontra-se a Filha da Caridade, inclinando-se sôbre o berço do pobre que nasce, como sôbre o túmulo do soldado que morre.

II — O SEGRÊDO DA CARIDADE

O segrêdo de tantas maravilhas que nem sequer podemos enumerar, estava no *amor de Deus;* amor prático, que lhe incendiava o coração.

"Amemos a Deus, Senhores e meus irmãos, dizia aos membros da sua comunidade, e amemo-lo a custa dos nossos braços e no suor da nossa fronte".

De fato, o Santo até na hora da sua morte, (faleceu na idade de 80 anos), levantava-se pontualmente às 4 horas, e o seu primeiro ato era uma dura disciplina sangrenta, que lhe rasgava os hombros e as costas.

As primeiras horas do dia eram para a oração e a meditação, que fazia de joelhos, com os seus Padres na Capela de São Lázaro.

Celebrava depois a Santa Missa, com uma piedade que comovia os assistentes.

Um dia (em 1641) enquanto celebrava, viu a alma de Santa Joana de Chantal, moribunda, subindo ao céu, e a

de São Francisco de Sales vindo acolhê-la, e viu depois estas duas almas irem perder-se em Deus.

Depois da Missa, começava o trabalho do dia, que era sem um instante de interrupção.

Tratando com os reis, os príncipes e os pobres, Vicente era sempre o mesmo, humilde e bondoso.

A quem lhe dizia que estava sobrecarregado de serviços, êle respondia simplesmente: "Um sacerdote deve ter sempre mais serviço do que pode fazer!"

A êste labor incessante, o Santo juntava uma penitência contínua. Entrando no refeitório, dizia às vêzes: "Desgraçado que sou, não ganho nem o pão que como!"

A sua jornada prolongava-se dêste modo a noite a dentro, e antes de tomar o seu repouso, prostrava-se de joelhos e preparava-se para a morte.

Enfim, Deus chamou o infatigável Apóstolo da caridade, em 27 de Setembro de 1660, a receber a recompensa da sua virtude.

Bento XIII beatificou-o em 1729, a Clemente XII o canonizou em 1737, isto é, 77 anos após a sua morte.

Suas relíquias repousam na igreja dos Lazaristas, em Paris. Leão XIII, em 1885, proclamou S. Vicente o Protetor das obras de caridade.

III — CONCLUSÃO

O que sobrepuja na vida de São Vicente de Paulo, é a sua inesgotável caridade para com os pobres.

Esta caridade fêz dêle o herói do zêlo, da atividade, dos empreendimentos.

Não era frio altruísmo, prègado hoje pelos homens sem fé, mas a caridade quente, comunicativa, que se aquece no amor de Deus e vê no pobre a pessôa de Jesus Cristo.

As obras de S. Vicente continuam até hoje a florescer no mundo, e florescerão enquanto florescer no mundo o amor de Deus.

Os admiráveis Padres Lazaristas continuam a sua missão gloriosa de prègar o Evangelho aos pobres, e de for-

mar sacerdotes zelosos nos numerosos Seminários que dirigem, no mundo inteiro, e no Brasil em particular.

A nuvem de cornetas brancas, que são as Filhas de Caridade encontra-se em tôda a parte, recebendo, a criança que nasce, a enfêrma que sofre e o moribundo que deixa a vida.

As Damas de Caridade são as continuadoras desta legião de anjos caridosos que Vicente organizou na França, e que lançou, como salvadoras, através das cidades e das campinas.

Os Vicentinos, esta outra legião heróica, arregimentada por Ozanam, são os continuadores dos Apóstolos de Caridade, que Vicente congregava para auxiliar, consolar e evangelizar a classe dos pobres e sofredores.

E tudo isso continua: temos tudo isso diante dos olhos.

Que faremos nós?

Juntemo-nos a estas legiões de Apóstolos da Caridade! auxiliemo-los com as nossas esmolas e a nossa cooperação ativa, para podermos participar dos seus merecimentos.

Tenhamos caridade, pois, dar ao pobre é emprestar a Deus e o que fazemos ao mais humilde dos homens é ao próprio Jesus Cristo que o fazemos.

SÃO LUÍS GONZAGA

(21 *de Julho*)

EVANGELHO (Math. XXII. 34—40)

34 — *Naquele tempo, tendo os fariseus sabido que Jesus reduzira ao silêncio os Saduceus, reuniram-se.*

35 — *E um dêles, doutor da lei, tentando-o, perguntou-lhe:*

36 — *Mestre, qual é o grande mandamento da lei?*

37 — *Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de tôda a tua alma e de todo o teu espírito.*

38 — *Êste é o máximo e o primeiro mandamento.*

39 — *E o segundo é semelhante a êste: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*

40 — *Dêstes dois depende tôda a lei e os profetas.*

47.ª INSTRUÇÃO

O MODÊLO DA VIRTUDE

O Evangelho da festa de S. Luís, em poucas palavras, traça o código completo da perfeição.

Amar a Deus de todo o coração e amar ao próximo como a nós mesmos.

E' a lei de tôda santidade, e é necessàriamente a meta de todos os esforços daqueles que pretendem galgar a montanha da perfeição.

A vida de São Luís é uma vida agitada pelas numerosas contrariedades que lhe suscitava o próprio pai, contrariando a sua vocação, porém Luís era de uma coragem invencível, porque amava a Deus acima de tudo, e êste amor venceu todos os obstáculos.

Não se podem relatar todos os pormenores desta vida curta, mas cheia. Por isso nos limitaremos:

I — A percorrer a *sua vida* em geral.

II — Em destacar a sua virtude predileta: *a mortificação* dos sentidos.

I — A VIDA DE SÃO LUÍS

Luís de Gonzaga nasceu em 29 de março de 1568, no Castelo de Chatilon, na Itália, no ano em que morreu Santo Stanislau Kostka, cuja vida devia reproduzir tão fielmente.

Filho da alta nobreza, Luís foi consagrado à Sma. Virgem pela sua mãe piedosa, em perigo de morte, a qual recobrou a saúde, e procurou, por todos os meios, preservar do mal e santificar o seu filho, enquanto o pai, embora cristão, desejava fazer dêle um grande príncipe e um valoroso militar.

Com o intento de inspirar-lhe o gôsto das armas, o pai levou o menino, tendo apenas 4 anos de idade, a assistir a revista das tropas.

Meses a fio o menino ficou no meio dos militares, repetindo certas palavras inconvenientes, sem compreender-lhes a significação. Chegou até a carregar um canhão, às escondidas, que fêz explodir, o que quase lhe custou a vida.

Foram os maiores pecados da sua vida, que procurava expiar a vida inteira.

Tendo um dia ouvido dizer por sua mãe que se sentiria feliz em ter um filho religioso, o pequeno Luís segredou-lhe: "Mamãe, creio que Deus lhe concederá esta graça, e penso que serei eu mesmo!"

A marquesa resolveu ajudar secretamente o filho na realização dêste projeto, enquanto o pai sonhava glórias e posição para êle.

Com 9 anos Luís foi enviado a Florença, com seu irmão Rodolfo, para terminar os estudos.

Foi nêste tempo que se consagrou a Maria Sma., fazendo voto perpétuo de castidade.

Favorecido por Deus pelo espírito de oração e de contemplação, passava às vêzes horas inteiras ao pé do Tabernáculo, ou aos pés da Virgem Santíssima.

São Carlos Borromeu, tendo tido ocasião de encontrar-se com o pequeno Luís, ficou encantado pela sua piedade profunda e sincera, e quis, êle mesmo prepará-lo à primeira Comunhão.

Desde êste dia Luís vivia como um verdadeiro religioso, seguindo um regulamento particular, ensinando o catecismo às crianças, jejuando todos os Sábados e praticando várias outras penitências.

Assistia diàriamente a Santa Missa com tanta piedade, que os fiéis diziam que, para tornar-se piedoso bastava ver Luís assistir à Santa Missa.

Oração, leitura e estudo, tal foi a vida de Luís até a idade de 16 anos.

De Mântua, o pai mandou-o para a côrte de Espanha, no meio das honras, riquezas e corrupção dos grandes, mas aí também, Luís soube conservar-se um modêlo de virtudes.

Tudo o que não é eterno nada vale, dizia.

Que serve isto para a eternidade? — *Quid hoc ad aeternitatem?* exclamava muitas vêzes.

Procurou convencer o pai da sua vocação, porém só o conseguiu após 3 anos de lutas e provações.

Na idade de 18 anos Luís cedeu a sua parte de herança para seu irmão Rodolfo e entrou para os Jesuítas em Roma.

A sua vida aí foi a de um anjo em carne mortal, podendo ser proposto como modêlo a todos os seus colegas de noviciado.

Em 1587 pronunciou os votos e pouco depois recebeu a tonsura e as ordens menores.

Estava cursando a teologia, quando foi obrigado a deixar o seu querido asilo, e ir para Mântua, afim de restabelecer a paz em sua família, sèriamente comprometida pela ambição de uns de seus parentes.

Restabelecida a paz entre os seus irmãos, Luís voltou para Milão, em 1590 para ali terminar o seu curso de teologia.

Chamado a Roma, no fim do mesmo ano, o santo jovem ali morreu, vítima da sua caridade, dedicando-se de corpo e alma aos cuidados dos enfermos, durante uma epidemia que fêz imensos estragos em Roma, em 1591.

Antes de expirar, Luís tinha continuadamente os olhos fitos sôbre o seu crucifixo, e respondia a quem o perguntava pelo seu estado: *Vamos para o paraíso.*

Em 21 de junho de 1591, dia da oitava do Corpo de Deus, entregou a sua alma pura ao Criador, tendo apenas 23 anos de idade.

Foi beatificado em 1606, e canonizado em 1726, pelo Papa Bento XIII.

II — A MORTIFICAÇÃO DOS SENTIDOS

A vivacidade e o desregramento dos sentidos é o maior obstáculo ao progresso espiritual.

A primeira luta a empreender para quem deseja santificar-se é, pois, contra êstes inimigos, até mantê-los em perfeito equilíbrio, para não ofender a Deus.

São Luís é um modêlo perfeito desta luta de todos os momentos, e levou o rigor até ao excesso, si pudesse haver excesso no bem.

Reprimir cuidadosamente tôda expansão dos sentidos, não lhes dando a menor liberdade, sem controlar e refreiar o que podia haver de perigoso ou de inútil, era seu exercício.

Sua modéstia era heróica.

No convívio quotidiano da côrte de Espanha, uma só vêz fixara o rosto da rainha, de modo que, encontrando-a por acaso, não soube dizer quem era.

A sua modéstia com a própria mãe chegou ao ponto que não sabia nem a côr dos olhos dela.

Nunca o viram cheirar uma flor ou outro objeto perfumado. Pelo contrário, nos hospitais, onde ia muitas vêzes tratar dos doentes, estava em contato com o que havia de mais asqueroso, lavava os panos que acabavam de servir no tratamento das feridas mais repugnantes.

O seu espírito de mortificação foi até beijar com carinho, as chagas de um enfêrmo.

Outras vêzes não recuou a beber a água com que tinha lavado a perna chagada de um doente.

Sacrifícios semelhantes só se encontram nas almas dos santos.

Não gostava de conversas inúteis e logo que podia, convertia-as em colóquios espirituais.

Quando a categoria de pessoas lhe impedia de proceder dêste modo, calava-se, e o seu silência era uma lição.

Ao andar pelas ruas, ao visitar uma casa, não ligava à configuração dos lugares e das cousas.

Interrogado si tinha gostado de tal panorama, paisagem ou objetos, muitas vêzes não sabia definir-se, porque não havia observado nada.

Na alimentação, tomava o que era mais amargo e mais desagradável. Parecia não ter paladar.

Rigorosíssimo em observar o silêncio da regra, ninguém o demovia dêsse propósito, nem mesmo em circunstâncias que plausìvelmente podia ultrapassar os limites da observância.

Tinha a ânsia das austeridades, e não deixava passar

nenhuma mortificação que lhe permitiam os superiores, andando sempre a cata do que o fizesse sofrer.

Entretanto, era comedido e compreendia o que às vêzes os principiantes perdem de vista, que a penitência não tem por fim arruinar a saúde, mas sim domar a natureza embrutecida, afim de se garantir contra a concupiscência.

Suas virtudes interiores não eram menos heróicas.

A humilhação e o aniquilamento sorriam ao jovem religioso, como sorriam aos mudanos as honras e os prazeres.

Usava as roupas mais poídas e remendadas, e com isto vivia tão contente que sentia repugnância em vestir uma peça nova.

Pedia que o mandassem pela cidade com roupas rasgadas e sacola às costas, em busca de esmolas ou para ensinar o catecismo aos campônios e ignorantes.

Tinha-se por muito feliz cada vêz que era repreendido em público.

A virtude que mais dificuldade prática apresenta é a humildade. Ser humilde não é sòmente aceitar a humilhação com indiferença, mas é procurá-la e amá-la.

Luís havia chegado a êste ponto: a humilhação era uma como necessidade para êle; e não se sentia satisfeito quando não encontrava qualquer cousa que o humilhasse ou o rebaixasse aos olhos dos outros.

III — CONCLUSÃO

Belo e admirável modêlo para a mocidade, para os jovens religiosos sobretudo.

Hoje vivemos numa época de comodismo. O mundo tem horror a tudo o que faz sofrer.

Até nos conventos, apesar da boa vontade das almas educadas nêste ambiente de decadência do vigor, o comodismo penetra, escondido sob as aparências de falta de saúde, de fraqueza de constituição, de estudos, de trabalhos, etc.

O vigor da disciplina é sacrificado, e em vêz de voarem para Deus, tais almas vão levando uma vida inútil, sem fruto, porque sem vigor.

São Luís era de uma constituição delicada: educado no

meio da abundância e do bem estar da fortuna, e apesar disso soube adotar e conservar até o fim uma vida austera, não cedendo nada ao comodismo, mas procurando em tudo seguir o regulamento de seu Instituto, sem alívio, sem dispensas, sem concessões.

Fitemos êste belo modêlo e procuremos imitá-lo senão nas grandes fases de seu heroísmo, pelo menos, na fidelidade às pequenas cousas, de que a nossa vida está cheia, para que o grande mandamento do amor de Deus acima de tudo, domine a nossa vida e inspire a nossa atividade.

FESTA DE SANTANA

(26 *de Julho*)

EVANGELHO (Math. XIII. 44—46)

Naquele tempo, propôs Jesus esta parábola a seus discípulos:

44 — *O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo: o homem que encontra êste tesouro esconde-o, e vai contente vender todos os seus haveres, para comprar aquêle campo.*

45 — *O reino dos céus é ainda semelhante a um mercador que vai a procura de pérolas preciosas.*

46 — *E achando uma de alto valor, vende todos os seus bens e compra a pérola.*

48.ª INSTRUÇÃO

À primeira vista, parece que o Evangelho do dia, pouca relação tem com a vida de Santana.

Muito ao contrário: a aplicação é perfeita.

Nosso Senhor se serve de várias comparações nêste Evangelho; recolhamos apenas as duas primeiras.

A primeira trata de um tesouro escondido; a segunda, de pérolas preciosas.

Êste tesouro é Jesus Cristo.

Uma destas pérolas preciosas é Maria Sma.

Sublime tesouro escondido no campo virginal de Maria, e a possuidora dêste campo é Santana, mãe da Virgem Imaculada.

Esta pérola de Israel, que é a Mãe de Deus, foi adquirida como que pelas orações de Ana e de Joaquim, cujo matrimônio havia sido estéril na ordem da natureza, mas que Deus fecundou tanto nesta ordem como na ordem da graça, dando-lhes por filha a própria Mãe de Deus.

Percorramos brevemente:

I — *A vida* de Santana,

II — *A virtude* da mesma.

I — A VIDA DE SANTANA

O Evangelho nada diz dos felizes e santos progenitores da Mãe de Deus. Nada diz e nada devia dizer.

O Evangelho é a Boa-Nova da nova lei.

Joaquim e Ana pertencem ainda à lei antiga, tendo com a nova lei uma ligação sagrada, porém oculta na pessoa de sua filha bendita, que é como a aurora do Evangelho.

Felizmente a tradição nos fornece bastantes pormeno-

res para podermos mais ou menos retraçar a vida do casal feliz, escolhido por Deus para dar a vida à Mãe de Jesus.

Santana, cujo nome hebráico quer dizer graciosa, nasceu em Belém de Judá, e viveu em Nazaré, na baixa Galiléia.

Era tia de Santa Isabel, mãe de S. João Batista, e também tia de São José; sendo Santa Isabel filha de uma sua irmã chamada Sobé, e São José, filho de um seu irmão, chamado Jacó.

Santo Agostinho diz que Ana era da estirpe sacerdotal; desposou Joaquim, homem justo da tribu de Judá e descendente de Davi, por Natã.

Dêste consórcio nasceu a puríssima Virgem Maria. Mãe de Deus.

Se Maria é bendita entre as mulheres, porque deu à luz o Salvador do mundo, que glória cerca o nome de Ana, por ser a mãe da Mãe de Deus, e a avó de Jesus Cristo, segundo a carne!

Joaquim e Ana levavam no matrimônio uma vida de inteira pureza e perfeição, passando os dias na oração, no trabalho e na assistência aos pobres.

Esperavam e pediam com lágrimas a vinda do Messias, cujo advento, segundo os oráculos, não podia estar longe.

Ana sentia pesar sôbre si o opróbrio da esterilidade, pois para as mulheres judias o maior opróbrio era o de serem excluídas da Maternidade.

Resignada, entretanto, à vontade divina, orava um dia com todo o fervor para que Deus lhe desse uma descendência, prometendo que a consagraria a Deus, no templo, desde o nascimento.

Deus atendeu a oração que Êle mesmo havia inspirado, e na hora mesma, um anjo desceu do céu e lhe disse: "O Altíssimo ouviu tua prece; conhecerás as dôres do parto, e a tua descendência será glorificada no mundo inteiro!"

Joaquim recebeu do alto um aviso semelhante, em nome de Deus: "Ana, a tua espôsa, dará à luz uma filha, que chamarás Maria. Ela será consagrada a Deus no templo; o Espírito Santo habitará nela desde o seio materno e operará grandes cousas nesta menina"

Nove meses depois Ana era Mãe de uma filha, a quem deu o nome de Maria.

Ela mesma quis amamentar o fruto de sua velhice e das suas súplicas. Oitenta dias depois, foi ao templo para a purificação, conforme às prescrições da lei.

Quando a pequena Maria, cuja santidade brilhava em todos os seus traços e gestos, havia alcançado a idade de 3 anos, Joaquim e Ana levaram-na ao templo, para consagrá-la ao serviço de Deus, conforme a promessa feita.

Não podendo separar-se dela, e querendo cumprir a sua promessa, os pais deixaram sua habitação de Nazaré e foram residir em Jerusalém, perto do templo, onde Joaquim possuía uma casa, herança dos pais.

Joaquim não sobreviveu muito tempo à consagração da sua filha a Deus, morreu pouco depois nos braços de sua santa espôsa, com a idade de 80 anos.

Santana aproveitou o estado e os anos de sua viuvez para viver mais retraída do mundo e servir a Deus mais fervorosamente. Sua vida foi uma contemplação contínua e um exercício ininterrupto de caridade.

Enfim, depois de ter tido a consolação imensa durante onze anos, de ver a sua filha querida, crescer em idade e perfeição e tornar-se a criança mais santa que o mundo já havia visto, entregou a Deus a sua alma aureolada de méritos, na idade de 79 anos, e foi sepultada junto ao túmulo de seu santo espôso, no Jardim das Oliveiras, onde se achava o túmulo da família.

Desde os primeiros séculos São Joaquim e Santana foram cultuados de um modo especial pelos cristãos.

II — AS VIRTUDES DE SANTANA

Santana é uma destas figuras de santos que atraem pela simplicidade de vida.

Nada de grande sobressai: ela soube santificar-se pela fidelidade a seus deveres de estado, mostrando-se espôsa fiel, mãe carinhosa, dona de casa previdente.

E Deus que faz consistir a santidade, não em ações resplandescentes, mas na fidelidade nas pequenas cousas, julgou Ana digna de ser a mãe da Virgem Imaculada, e avó de Jesus Cristo.

Humilde, apesar de família rica, de posição social de destaque, se dedicou aos afazeres domésticos, tornando-se o anjo da guarda de seu espôso, e mãe atenta e vigilante da sua filhinha, que educava e dirigia em todos os seus atos e aspirações.

Como tal, Santana pode ser apresentada como modêlo perfeito das mães, das espôsas, das donas de casa, e até das almas religiosas e sacerdotais.

Não foi ela a guarda vigilante da pureza da Imaculada e anjo consolador da futura Mãe de Jesus?

Sua vida simples, modesta e recolhida, faz dela o modêlo universal de todos os cristãos que têm a peito a santificação.

III — CONCLUSÃO

Aprendamos do exemplo de Ana, o modo prático de santificar-nos.

A santidade não consiste em tal ou qual prática, em tal ou tal devoção, em tal ou tal exercício de piedade: a santidade é o cumprimento exato da vontade divina.

A grande e única fórmula da santidade é, sempre será a palavra tão curta, mas substancial de Jesus Cristo: Ita, Pater! — Sim, meu Pai, seja feito como quereis! A vontade de Deus.

Ora, esta vontade nos é manifestada pelos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, pelos nossos deveres de estado e pelos superiores.

E' o que admiramos em Santana.

Mulher de sociedade, rica vivia no mundo, mas não tinha a felicidade de uma descendência porque era estéril.

Ela o sente, ora, insiste, mas se resigna e só quer o que Deus quer.

A recompensa desta conformidade com a vontade de Deus foi a fecundidade natural e mais ainda a fecundidade sobrenatural. Foi mãe e mãe da Virgem Imaculada!

Como Ana, saibamos aceitar das mãos de Deus: *Ita, Pater!* Meu Pai, só quero o que vós quereis !

ASSUNÇÃO DE MARIA

(15 *de Agôsto*)

Esta festa é como o remate das solenidades instituídas em honra de Maria Sma., e tem por objeto:

A morte da Mãe de Jesus.

Sua ressurreição em corpo e alma.

Sua Assunção gloriosa ao céu.

Sua coroação como Rainha do céu e da terra.

Maria, assim como as demais criaturas, pagou tributo à morte, e faleceu em Jerusalém, sendo sepultada pelos Apóstolos no rochedo do Getsêmani, onde jaziam os restos mortais de seus pais Joaquim e Ana.

Embora não seja ainda Dogma de fé definido; é, contudo, tradição antiquíssima e universal da cristandade, que o puríssimo corpo de Maria permaneceu apenas uns instantes no túmulo, e ressuscitou, achando-se no céu, unido à alma, e gozando das propriedades dos corpos ressuscitados, que são a impassibilidade, o esplendor, a agilidade e subtilidade. (Ver a respeito o nosso livro: "Maria e a Eucaristia").

Seu sepulcro foi encontrado vazio, e a tradição, tão ciosa de conservar os restos mortais dos santos, nada disse a respeito das relíquias da Sma. Virgem.

Esta festa é a mais antiga das solenidades estabelecidas em honra da Virgem Maria, e remonta ao quarto século.

EVANGELHO (Luc. X. 38—42)

38 — *Naquele tempo entrou Jesus numa aldeia, e uma mulher chamada Marta o hospedou em sua casa.*

39 — *Tinha ela uma irmã, por nome Maria, a qual sentando-se aos pés do Senhor escutava a sua palavra.*

40 — *Marta, porém, andava muito atarefada com o serviço da casa; e, apresentando-se, disse: Senhor, não te importa que a minha irmã me deixe trabalhar sòzinha? dize-lhe pois que me ajude.*

41 — *O Senhor, porém, respondendo-lhe, disse: Marta, Marta, andas muito solícita e inquieta com muitas coisas.*

42 — *Entretanto, uma só cousa é necessária: Maria escolheu a parte melhor, que não lhe será tirada.*

49.ª INSTRUÇÃO

A VIRGEM GLORIOSA

No dia da gloriosa assunção de Maria, a Igreja faz recitar o Evangelho de Marta e Maria, que parece não ter relação com o mistério da festa.

Desenganemo-nos. Marta e Madalena são duas irmãs, duas santas, cujas vidas simbolizam a lida da terra e a contemplação do céu.

Marta é o símbolo da *atividade terrestre.*

Maria Madalena é o símbolo da *contemplação* celeste.

O Salvador não censura Marta pela atividade; mas diz que a parte escolhida por Madalena é a melhor.

A vida é de trabalho, é de luta: é uma necessidade.

O céu é a possessão de Deus: é a recompensa; ora, a recompensa vale mais do que o trabalho: o céu vale mais do que a terra.

No dia da sua assunção, Maria Sma. toma posse de seu trono na glória. E' a melhor parte que não lhe será tirada, como é tirada aos homens a parte da vida terrena.

Meditemos hoje sôbre esta sublime prerrogativa da Mãe de Jesus, considerando.

I — O *fato histórico* da Assunção.

II — Os *pormenores* dêste fato.

I — O FATO HISTÓRICO

A assunção é a festa que nos lembra Maria Sma. levada para o céu, em corpo e alma.

A diferença entre a ascenção e a assunção como o têrmo

exprime, é que Jesus Cristo *subiu* ao céu pelo seu próprio poder, e que Maria foi *levada* ao céu pelo poder divino.

Esta verdade não é dogma de fé, estando apenas implìcitamente contida no Evangelho porém está explìcitamente na tradição e sempre foi reconhecida pela autoridade da Igreja. (*)

Eis, em resumo, o que dizem os Santos e os Doutores da primitiva Igreja a êste respeito:

Na ocasião de Pentecostes, Maria Sma. tinha mais ou menos 47 anos de idade.

Permaneceu ainda 25 anos na terra, para formar e educar, por assim dizer, a Igreja nascente, como outrora ela dirigira a infância do Filho de Deus.

Terminou a sua carreira mortal na idade de 72 anos.

A Sua morte foi suave, como o tinha sido a sua vida: Ela vivera de amor; devia morrer de amor.

Os Apóstolos que ainda não haviam sofrido o martírio, foram, salvo S. Tomé, milagrosamente transportados das diversas partes do mundo, onde estavam prègando o Evangelho, para assistirem à morte da Mãe de Jesus, e serem testemunhas da sua ressurreição.

Aí estavam S. Pedro e S. João com os outros Apóstolos e diversos discípulos entre os quais Dionísio Areopagita, São Timóteu e o Bemaventurado Hieroteu.

Maria Sma. os abençoou uma última vêz, consolando-os, e recebeu das mãos de São Pedro o adorável Sacramento da Eucaristia, que até êste dia, havia recebido diàriamente das mãos de São João.

Depois, sem moléstia, sem sofrimento, sem agonia, entregou sua alma, tôda abrazada de amor, nas mãos de seu Criador e Filho.

Nesta ocasião, diversos ressuscitaram; cegos, paralíticos, enfermos de tôda espécie, foram repentinamente curados ao contato do corpo de Maria.

Os Apóstolos sepultaram o corpo com uma veneração

(*) Quando vivia o autor, não fôra ainda proclamado *Dogma*. A 1.º de novembro do ano Santo de 1950, S.S. o Papa Pio XII, assistido pelo Espírito Santo, proclamou o Dogma da Assunção. (Nota da Redação)

de filhos amorosos, envolvendo-o em alvas mortalhas; uma multidão de fiéis seguiram-nos, quando foram depositar no túmulo as relíquias preciosas da Mãe de Deus.

Fecharam-no com uma grande pedra em forma de porta como era costume naquele tempo.

Três dias depois chegou o Apóstolo S. Tomé, vindo das Índias, onde estava prègando o Evangelho, e que a Providência parece ter afastado, para melhor manifestar a glória de Maria, como outrora o havia afastado da reunião dos Apóstolos, quando Jesus lhes aparecera no Cenáculo, afim de manifestar sua ressurreição.

Tomé pediu com instância permissão para poder contemplar uma última vêz, o semblante augusto da Mãe de Deus.

São Pedro, São João e outros Apóstolos sentiram-se felizes em acederem a êste desejo, que também era o seu.

Quebraram os selos da pedra. Abriram o sepulcro, mas oh! prodígio no lugar onde tinham sido depositados por êles mesmos, os despojos mortais de Maria Sma., não encontraram senão as mortalhas, cuidadosamente dobradas.

Um perfume de uma suavidade celestial exalava-se do túmulo.

Como seu Filho, e pela virtude dêle, a Virgem ressuscitara no terceiro dia.

Nada é mais autêntico do que estas antigas tradições da Igreja sôbre o mistério da ressurreição da Mãe de Jesus.

Encontram-se estas narrações nos escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja dos primeiros séculos, e são relatados no Concílio geral de Calcedônia, em 451.

II — PORMENORES DO FATO (1)

Há 4 partes a lembrar na festa da Assunção:
A *morte* de Maria Sma.
A sua *ressurreição.*

(1) Ler sôbre êste belo assunto o nosso livro "Mulher Bendita", cap. XIII, pág. 319, onde esta verdade é tratada em todos os pormenores e com tôdas as suas provas.

A sua *Assunção* ao Céu.

A sua *coroação* na glória.

Indiquemos uns pormenores destas quatro partes.

A morte.

A morte é o castigo do pecado: *stipendia peccati mors,* diz o Apóstolo (Rom. VI. 23).

Ora, Maria havia sido preservada de todo pecado.

Logo, não devia morrer.

O raciocínio é exato, porém, uma distinção se impõe.

Pode-se considerar a morte do homem sob um duplo aspecto:

a) Como consequência natural da constituição de seu corpo, composto de elementos desagregáveis.

b) Como consequência do pecado original.

Se Adão não tivesse pecado, o homem, por um privilégio especial teria tido uma vida perpétua, pois o fruto da árvore da vida teria impedido a desagregação de seus elementos componentes.

Adão, pecando, tal privilégio lhe foi retirado.

Maria, não obstante a sua imaculada Conceição, não tinha mais o fruto da árvore da vida, e como tal, ficou sujeita à morte.

Acredita-se, entretanto, que, por um privilégio particular, Deus lhe havia dado o poder de não morrer, si assim o preferisse.

Era *privilégio,* não era um direito; e Maria não quis fazer uso dêle, para melhor assemelhar-se a seu divino Filho.

Quis morrer e morrer de amor.

O amor tem uma *tríplice* influência em nossa morte.

Todos os homens devem morrer no amor, isto é, na graça divina, do contrário não há salvação.

Outros morrem por amor, são os heróis, os mártires.

Maria morreu de amor; isto é, o amor foi a causa da sua morte.

Como Mãe dos homens, Maria morreu *no amor,*

Como Rainha dos Mátires, morreu *por amor,*

Como Mãe de Deus, devia morrer *de amor.*

* * *

A RESSURREIÇÃO

Não existem provas sensíveis, explícitas, desta ressurreição, porém há muitas provas *implícitas* de autoridade.

Os Apóstolos ao abrirem o túmulo intacto, onde êles mesmos haviam depositado o corpo da Virgem Santa, não encontrando mais, concluiram pela sua ressurreição, e isto por muitas razões.

Não era preciso ver Maria ressuscitada e glorificada, para crer na realidade do fato.

A desaparição do corpo — as circunstâncias celestes da sua morte — a sua dignidade de Mãe de Deus — a sua santidade — sua união com o Redentor — a sua Imaculada Conceição, tudo isto constitui uma prova irrefutável da sua ressurreição.

Há, sobretudo, seis argumentos com que os teólogos provam a ressurreição de Maria:

1) O pecado e a morte são as duas portas da vida atual.

Ora, Maria entrou na vida sem passar pela porta do pecado.

Logo, devia sair dela sem passar pela porta da morte.

2. A morte deve ser o eco da vida.

3) O que Deus faz nascer incorruptível, deve permanecer incorruptível. Ora, Maria nasceu incorruptível. Logo devia permanecê-lo após a morte.

4) O princípio de incorruptibilidade não pode estar sujeito à corruptibilidade, diz São Bernardo. Ora, Maria é o princípio da incorruptibilidade do corpo de Jesus. Logo, ela mesma devia ficar incorruptível.

5) Jesus Cristo devia fazer para sua Mãe o que nós faríamos para a nossa se o pudessemos. Ora, qual de nós deixaria sua genitora entregue ao túmulo? Logo, Jesus Cristo devia ressuscitar sua Mãe.

6) A graça, o amor e a glória são correlativos. Ora, a graça e o amor o foram durante a vida em Jesus e Maria. Logo, a glória devia sê-lo na morte.

Ora, Maria foi igual na vida.

Logo devia sê-lo na morte.

A ASSSUNÇÃO

O corpo da Virgem Sma., após a sua ressurreição, não ficou na terra.

A Assunção é como a consequência da Encarnação do Verbo.

A Virgem Imaculada recebeu outrora a Jesus em seio virginal — é justo que Jesus receba agora a sua Mãe no seio de sua glória.

Na terra, Jesus e Maria ficaram sempre unidos, corpo e alma. Durante nove meses de uma união física, o resto da vida de modo místico e agora no céu, de modo glorioso.

A COROAÇÃO

Deus devia coroar na glória, aquela que já coroara na terra, e devia conservá-la perto de si no céu, como a conservara perto de si na terra.

O Padre Eterno coroou a sua Filha amada.

O Filho coroou a sua Mãe querida.

O Espírito Santo coroou a sua espôsa predileta.

Tríplice coroação que devia corresponder às três prerrogativas de Maria:

A *dignidade* de Mãe de Deus.

As *graças* recebidas durante a vida.

Aos *méritos* acumulados pelas suas virtudes.

III — CONCLUSÃO

Eis o que significa a solenidade da Assunção de Maria Santíssima.

Maria Sma. morreu, é um *fato,* porém não é um *efeito.*

Ela morreu de amor pelo seu Filho querido, como êste havia morrido de amor pelos homens.

Ela ressuscitou porque o seu corpo imaculado não podia ser tocado, menos ainda ser destruído pela corrupção do túmulo.

Subiu ao céu, porque sendo a Rainha do céu e da

terra, devia tomar posse de seu trono glorioso, em corpo e alma.

Foi coroada pela Sma. Trindade com um coroa de glória que significa a plenitude da glória, pois, a plenitude de graças e a plenitude de méritos exigem a plenitude da glória.

Oh! nêste dia levantemos os olhos para a Virgem Santa: ela é *grande,* é Mãe e Deus.

Ela é também *terna,* é nossa Mãe.

Nós também teremos que morrer.

Ressuscitaremos no último dia.

Possamos, como Maria, subir ao céu.

Possamos um dia contemplar sua glória e receber das mãos de seu Jesus a coroa dos predestinados.

Para isto: amemos Maria.

Consagremos-nos a Maria.

Imitemos a Maria.

SÃO TARCÍSIO

(15 *de Agôsto*)

50.ª INSTRUÇÃO

O PRIMEIRO MÁRTIR DA EUCARISTIA

São Tarcísio é uma das figuras mais simpáticas da galeria dos santos e jovens mártires. Esta simpatia é como um reflexo de seu amor e de seu heroísmo para com Jesus Sacramentado.

Sua vida tem sido romantizada, revestida de lenda, que muito têm contribuído sem dúvida, para grangear-lhe a popularidade de que goza.

A história autêntica é menos poética do que estas lendas, sem ser menos atraente e heróica: é esta história verdadeira e simples que vamos percorrer um instante, escolhendo, depois, como ponto de aplicação, o seu amor à divina Eucaristia. Vejamos, pois:

I — *A vida* de São Tarcísio.

II — O seu *martírio* glorioso.

I — VIDA DE SÃO TARCÍSIO

Tarcísio viveu no meado do 3.º século e morreu em 257, sob o Pontificado de Santo Estevão I.

Era filho de pais cristãos, e provàvelmente, mártires.

Desde os seus primeiros anos foi destinado e preparado para as funções do Sacerdócio.

Na idade de 12 anos entrou nas fileiras dos jovens levitas, chamados *lectores,* que nós chamamos hoje jovens seminaristas, (Seminário menor) participando, nesta qualidade, das cerimônias da liturgia sagrada.

Era êle piedoso, decidido, sem mêdo.

Na idade de 20 anos foi julgado digno de revestir a

túnica branca dos *acólitos,* que era, naquele tempo, um ofício de responsabilidade e de confiança.

Os acólitos acompanhavam e serviam aos Bispos, donde vem o seu nome *acólito,* de uma palavra grega, que significa: acompanhar.

Não havendo bastantes Diáconos, os acólitos ficavam encarregados de levar a Sagrada Comunhão aos cristãos encarcerados, e aos enfermos.

Tarcísio foi nomeado acólito do Papa Estêvão I, como recompensa da sua piedade e da sua prudência.

Era no ano de 257, sob o reinado do tirano Valeriano.

De repente explodiu uma grande perseguição, que procurava sobretudo abater os dirigentes da religião.

Santo Estêvão vigiava e desdobrava a sua atividade para salvar o rebanho. Convocou uma reunião geral do clero presente em Roma, exortando-o à perseverança e ao sacrifício.

Um dos sacerdotes, chamado Bonus, falou em nome de todos, dizendo que todos estavam prontos a dar a sua vida por Cristo e a Igreja.

Pediram ao Santo Pontífice, que, sendo o Chefe supremo da Igreja, se retirasse às Catacumbas, para dali continuar a dirigir a Catolicidade, porque o ódio dos Imperadores havia de dirigir-se especialmente contra êle.

Para ajudantes do seu ministério sagrado, o Papa nomeou 3 sacerdotes, 7 diáconos e 13 acólitos; entre êstes últimos figurava Tarcísio.

A previsão do santo Pontífice realizou-se poucas semanas depois: foi prêso nas Catacumbas de Calixto e ali mesmo decapitado no lugar santo.

A vigilância dos auxiliares do Papa desdobrou-se em mil atividades, para reconfortar e auxiliar as vítimas da tremenda perseguição.

II — O MARTÍRIO DE TARCÍSIO

Cabia, de modo especial aos acólitos levar a Sagrada Comunhão aos encarcerados, que enchiam as prisões e que, diàriamente, ofereciam a vida em defesa da fé.

Tarcísio, corajoso e ativo, não descançava, e reservava para si, os lugares mais perigosos.

Um dia saiu com o seu precioso tesouro pôsto sôbre o peito e coberto pela longa túnica branca.

Do Cemitério de Calixto, onde estava refugiado, perto do túmulo do Papa mártir, Sto. Estêvão I, Tarcísio foi remontando a via Apia, até perto da porta de Capena, onde estava conversando um grupo de pagãos plebeus. Perceberam o jovem, e um dêles o reconheceu como cristão.

Compreendendo pela seriedade do jovem que carregava qualquer objeto sagrado, cercaram-no, e ordenaram-no que mostrasse o que escondia tão misteriosamente.

Que podia fazer Tarcísio contra 10 homens? Não desanimou, mas forte pela fé e o seu amor ao depósito sagrado que levava aos encarcerados, recusou, resistiu, e defendeu-se tão bem que os pagãos desistiram de prendê-lo vivo.

Recorreram, às pedras, para dar livre curso ao seu ódio e despeito, e sabendo que tudo lhes era permitido contra um cristão, que o Imperador havia declarado fora de lei, cercaram o jovem acólito e arremessaram tantas pedras contra êle, que em breve tempo êste se achava esgotado e ferido.

Sentindo as fôrças desfalecerem, depositou sua confiança em Deus e nada mais fêz senão rezar.

"O' Deus, murmurava o mártir, minha vida nada é, mas vós sois tudo! Será possível que sejais profanado por estas mãos sacrílegas? oh! por favor, Senhor! poupai a vós tal ultraje, e a mim tamanha dôr!"

E assim dizendo, apertava contra o seu peito o tesouro divino.

Nêste momento, uma pedra aguda atingiu-lhe a fronte, e caiu banhado em sangue.

Suas mãos, juntadas sôbre o peito, seguram ainda com uma pressão amorosa o depósito sagrado, mil vêzes mais querido do que a sua própria vida.

Os pagãos, continuam a sua obra de morticínio e lançam-se sôbre a sua vítima com pancadas até Tarcísio exalar o último suspiro.

Os assassinos rasgam e arrancam-lhe as vestes tingidas

de sangue, e numa pressa nervosa procuram apoderar-se da Sagrada Eucaristia

Mas, em vão, mexem e remexem, viram e reviram o cadáver, em todos os sentidos, sem descobrir nenhum objeto.

Que havia acontecido?

Tarcísio teria tido o tempo de consumir as espécies sagradas, e oferecer-lhes em seu coração um asilo onde a impiedade não as pudesse alcançar? Ou, provàvelmente Deus havia tornado milagrosamente invisível a divina Eucaristia?

O certo é que qualquer cousa de sobrenatural aconteceu neste momento, pois os *Acta Sanctorum* dizem que os assassinos tomados de um mêdo repentino, deixaram a vítima e fugiram apressados.

Tal é, em sua sublime simplicidade, a morte do primeiro mártir da Eucaristia.

* * *

Os cristãos souberam logo da morte trágica de Tarcísio, e sob o perigo de cairem êles também nas mãos dos pagãos, foram recolher o corpo do intrépido acólito e o transferiram para o Cemitério de Calixto, onde foi depositado ao lado do santo Pontífice, Santo Estêvão.

Uma antiga necrologia, grega, a do Imperador Basílio, pretende que Tarcísio foi sepultado com a Sagrada Eucaristia que apertava ainda entre as mãos.

Diante dêste túmulo, os cristãos organizaram uma verdadeira romaria, mantendo ali acêsa uma lâmpada, cujo clarão iluminava êste recinto sagrado das Catacumbas, que se tornou uma fonte de graças e favores.

No quarto século, São Dâmaso descobriu o túmulo de São Tarcísio, que havia desaparecido debaixo do entulho de Catacumbas caídas e destruídas durante as perseguições.

À vista dêste humilde anjo do Santuário, elevado pelo seu martírio ao nível dos Papas, o próprio Papa redigiu um epitáfio que termina com os seguintes têrmos:

"S. Tarcísio levando o Sacramento de Cristo, foi atacado por homens criminosos, que quizeram obrigá-lo a revelar aos profanos nossos mistérios sagrados, para torná-los em derisão; êle, porém, preferiu entregar a sua vida sob os

golpes, a entregar por traição, os membros celestes a cães furibundos"

Mais tarde, no século 19, uma relíquia importante do Santo, foi depositada, e ainda está em Gerbeviller (na França).

E' ai que um artista esculpiu uma estátua em mármore que foi condecorada como uma das mais belas produções da arte clássica. Esta estátua tem apenas um defeito, é a extrema mocidade do mártir: é antes uma criança e não um jovem de 24 anos.

E' a reprodução desta obra de arte, com o mesmo defeito que existe no Brasil e que se encontra hoje em muitas igrejas e colégios. E' uma obra de arte de feições simpáticas, simbolizando admiràvelmente o suplício da lapidação, porém, sem lembrar-se que não era uma criança, mas sim um jovem acólito de 24 anos de idade.

Há poucos anos foi fundada em Roma, uma associação intitulada: "Collegium Tarcisii" e que hoje está espalhada no mundo inteiro sob o nome de Cruzada eucarística sob a proteção de São Tarcisio Oxalá, se espalhe em tôda parte!

III — CONCLUSÃO

A conclusão a tirar da vida dêste jovem herói é o amor à Sagrada Eucaristia.

Recolhamos estas palavras citadas, do Santo: *"Meu Deus, a minha vida nada é, mas vós sois tudo!"* e antes que deixar profanar o corpo sagrado de Jesus Cristo, êle sacrifica sua própria vida.

Tarcísio deu a vida como *mártir,* para êste Jesus que deu sua vida no Calvário, como *Vítima,* e continua, através dos séculos, a imolar-se sôbre os nossos altares.

Belo modêlo para os Seminaristas sobretudo, que como êle se destinam ao serviço do Santuário.

Saibam êstes amarem o precioso *tesouro,* conservá-lo, defendê-lo, morrer por êle e com êle.

O amor da divina Eucarístia deve ser a grande virtude

dos aspirantes ao Sacerdócio, como devia ser a grande devoção da mocidade católica.

SANTA ROSA DE LIMA

Protetora principal da América Latina

(30 *de Agôsto*)

EVANGELHO (Math. XXV. 1—13)

Naquele tempo propôs Jesus a seguinte parábola a seus discípulos:

1 — *Então será semelhante o reino dos céus a dez virgem, que tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do espôso e da espôsa.*

2 — *Mas cinco delas eram loucas, e cinco prudentes.*

3 — *Ora, as cinco loucas, tomando as lâmpadas, não levaram azeite consigo.*

5 — *E tardando o espôso, começaram a tocanejar tôdas e adormeceram.*

6 — *E à meia-noite ouviu-se um grito: Eis que vem o espôso, saí ao seu encontro.*

7 — *Então levantaram-se tôdas aquelas virgens, e prepararam as lâmpadas.*

8 — *E as loucas disseram às prudentes: Daí-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas apagam-se.*

9 — *Responderam as prudentes, dizendo: Para que não suceda talvez faltar-nos êle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai para vós.*

1 — *Mas enquanto foram comprá-lo, chegou o espôso: e as que estavam preparadas entraram com êle a celebrar as bôdas, e fechou-se a porta.*

11 — *Mais tarde vieram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.*

12 — *Mas êle, respondendo, disse: Na verdade vos digo, não vos conheço.*

13 — *Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.*

51.ª INSTRUÇÃO

A VIDA HERÓICA DA SANTA

O objeto próprio da parábola proposta na festa de Santa Rosa é a vigilância em esperar a chegada da morte, porque, desconhecendo-se o dia, e a hora, é de tôda prudência não se expôr ao perigo de ser encontrado dormindo.

Não basta ser bom na hora atual; é preciso ser sempre; como não bastou às dez virgens tolas, serem virgens e terem a lâmpada acêsa para ir ao encontro do espôso; era preciso manter a lâmpada acêsa, não deixá-la apagar-se, entregando-se ao sono.

Esta parábola tem perfeita aplicação na festa da primeira Santa Sul-americana, a tão simpática Rosa de Lima, que é a realização mais heróica do espírito de sacrifício e de imolação que se pode imaginar.

Para conhecê-la bem e penetrar o segrêdo das suas fortes virtudes, vejamos:

I — O conjunto de *sua vida.*

II — A sua *mortificação* extraordinária.

I — A VIDA DA SANTA

Rosa nasceu em Lima, Capital do Peru, em 20 de abril de 1586. O Breviário a apresenta como a "primeira flor de santidade da América Latina" (do Sul).

O seu nome de Batismo era Isabel, porém, chamaram-na *"Rosa"*, por causa da beleza e a côr roseada de seu rosto, que lembrava ao vivo uma rosa.

Quando tinha adquirido um certo discernimento, pediu que não a chamassem Rosa, mas sim: *Rosa de Santa*

Maria, para satisfazer ao seu ardente amor a Virgem Santíssima.

Com a idade de cinco anos fêz voto de perpétua virgindade, porque conhecera ser isto agradável a Deus. Com seis anos, jejuava três dias por semana a pão e água.

Chegada à idade de moça, e receando que os pais pensassem em procurar-lhe um noivo, cortou a esplêndida cabeleira e lançou mão de diversos outros expedientes para destruir a formosura do rosto.

Não queria ser alvo das simpatias de ninguém.

Os planos da mãe eram bem diferentes: aspirava a ver sua filha espôsa de um dos grandes senhores da Capital, e para alcançar isto, a obrigava a frequentar a sociedade, levando-a ela mesma, às várias diversões.

Rosa obedecia com a mais perfeita docilidade, limitando-se em conservar o pensamento em Deus. As qualidades e formosura da jovem donzela, não podiam deixar de chamar a atenção dos jovens ricos; e assim de fato aconteceu.

Um moço distinto pela educação e fortuna pediu a mão de Rosa. A mãe estava no apogeu da alegria; Rosa, porém, opôs uma recusa formal. Foi a razão e o princípio de uma mudança completa em vida. Em vêz de ser querida como o havia sido até agora dos pais, êstes cumulavam a inocente filha de injúrias e maus tratos.

Rosa suportou tudo, sem murmurar, com uma resignação angélica que pouco a pouco desarmava o aborrecimento e dureza dos pais.

Com 20 anos de idade obteve a licença de entrar na Ordem terceira de São Domingos.

Os pais permitiram que se fizesse no fundo do jardim uma pequena cela solitária, onde podia entregar-se às suas penitências e donde só saía para ir à igreja ou visitar os numerosos doentes da vizinhança.

Diz o seu biógrafo que Rosa levava cada dia 12 horas em oração, 10 horas em trabalho e duas horas de sono.

Sua vida tornou-se verdadeiramente espantosa pela mortificação e o sacrifício, antídoto contra o comodismo da nossa época.

II — AS MORTIFICAÇÕES DE ROSA

Desde criança, por uma inspiração especial de Deus, Rosa praticou em grau heróico o jejum; tão verdade é que as exigências do nosso corpo e da nossa saúde crescem e diminuem muitas vêzes, em proporções com o que nós lhe concedemos.

Criancinha ainda, não comia frutas, por sentir uma forte inclinação para elas.

Com 6 anos jejuava nas Sexta-feiras e nos Sábados a pão e água.

Com 15 anos, fêz voto de jamais comer carne, salvo fôsse obrigada pela obediência.

Mais tarde, contentou-se com uma simples sopa feita com água, sem sal nem outro condimento.

Julgando tal penitência leve demais juntou-lhe uma bebida tão amarga que não a podia tragar sem chorar.

Muitas vêzes passava dias inteiros sem tomar o mínimo alimento.

Tôdas as noites se açoitava cruelmente com correntes de ferro, oferecendo a Deus como vítima sangrenta para o triunfo da Igreja, para o seu país, para as almas do purgatório e os pecadores.

Para poder sofrer mais, torturava os membros uns após outros, ao ponto que as feridas não tinham nem tempo de sarar, o que reduziu seu corpo a uma chaga viva.

Piedosamente unida à paixão do Salvador, era engenhosa em encontrar penitências que a aproximavam o melhor possível de seu divino modêlo.

Ainda pequenina suplicou alguém colocar-lhe aos ombros um pêso de pedras, para sentir melhor o que Jesus havia sofrido, carregando a cruz.

Assim acabrunhada fazia a sua oração, suando, gemendo, sob o pêso do fardo esmagador, mas continuando até o seu pequeno corpo cair esgotado.

Com 14 anos, trocou esta prática por uma outra mais cruel ainda: saía à noite ao jardim, os ombros rasgados pela disciplina, como o haviam sido os ombros de Jesus Cristo, depois da flagelação, carregando como êle, uma cruz pesada.

Andava com os pés descalços, a passos lentos, meditando a subida do Salvador ao Calvário, deixando-se cair, vêz por outra, sob o pêso da cruz, para melhor imitar o divino modêlo.

Tinha os rins cingidos por uma tríplice corrente, que havia fechado à chave, lançando esta chave no rio, para não poder abrir mais, nem retirar êste instrumento de suplício.

Estas correntes, em breve tempo, gastaram a epiderme, e penetraram na carne viva. As dôres eram tão agudas, que, apesar de seu longo silêncio, uma noite não poude reter as lágrimas e explodiu em longos soluços.

Foi obrigada a revelar o seu segrêdo a uma criada da casa, que a ajudou a retirar a corrente, mas em vão.

Receando que o ruído de um martelo chamasse a atenção de seus pais, Rosa recorreu à oração. e de repente, a corrente rompeu-se; para arrancá-la, foi preciso arrancar pedaços de carne que a encobriam.

Muitas vêzes a santa donzela punha os pés nús sôbre a pedra da bôca do forno e ali, queimando-os, ficava meditando sôbre as penas do inferno.

Tendo obtido uma lâmina de prata, fêz dela um círculo, metendo-lhe três linhas, cada uma de 33 pregos agudos, com a ponta por dentro, em lembrança dos anos que o divino Salvador passou na terra.

Cortou sua bela cabeleira; e cada Sexta-feira cravava esta corôa na cabeça com tanta violência que as pontas penetravam profundamente nas carnes.

Teriam sido ignoradas para sempre estas heróicas macerações, si um dia, Rosa não houvesse desmaiado em presença de seu pai e batido a cabeça no chão, da qual jorrava sangue.

Não satisfeita com umas táboas que lhe serviam de cama, a jovem heroína fêz um leito de feixes de lenhas ligadas com cordas, e enchendo os intermeios com fragmentos de telhas e louças, tendo as partes mais agudas para cima.

Cada noite, ao deitar-se sôbre êste leito de suplícios, enchia a bôca com fel, em memória do fel que os algozes haviam oferecido a Nosso Senhor na cruz.

Ela confessou que tal bebida lhe ressecava e queimava a bôca, que ao acordar mal e mal podia respirar e falar.

A pobre mártir tinha horror a êste leito que tremia só em pensar nêle, e às vêzes, prevendo tudo o que ia sofrer era tomada de febre violenta.

Uma noite a repugnância foi tão grande, que não poude decidir-se a tomar o seu repouso; Jesus então lhe apareceu e disse: "Lembra-te, minha filha de que o leito de minha cruz foi muito mais duro, mais estreito e mais horrível do que o teu!"

Fortalecida por estas palavras, a constância de Rosa não se desmentiu mais durante os 16 anos que ainda viveu.

Dormia apenas duas horas, e a vigília, foi para ela, como para Santa Catarina de Sena, uma das mortificações mais dolorosas.

Quando estava ajoelhada, as pálpebras se lhe fechavam, malgrado seu, e não triunfou do sono senão mandando fazer uma cruz um pouco maior que a estatura, em cujos braços havia dois grandes pregos, para suportar o pêso de seu corpo.

Quando queria orar, de noite, ela se suspendia nesta cruz, e assim suspensa e como morta, entregava-se à sua contemplação.

Seria dar uma idéia incompleta do heroísmo da jovem Rosa, si, narrando as suas extraordinárias mortificações, não disséssemos que tudo isso era submetido à obediência, e que sempre estava disposta a abandonar estas penitências, desde que o confessor não as aprovasse.

Ela compreendia que a santidade não consiste na mortificação, mas que esta é um meio de chegar-se a perfeita união com Deus.

Tais penitências eram da vontade de Deus, e cada vêz que o confessor queria opôr-se a tais aparentes excessos, Deus lhe fazia compreender que tal era a sua vontade.

* * *

E' inútil dizer que tanto heroísmo era recompensado por favores extraordinários.

Gozava muitas vêzes da presença visível de Jesus Cristo, que lhe aparecia sob a forma de uma criancinha.

Durante suas orações e trabalhos, o Menino Jesus se mostrava muitas vêzes em cima da mesa, sôbre o livro que lia, extendendo-lhe os bracinhos e falando familiarmente com ela.

Rosa morreu em 24 de agôsto de 1617, na idade de 31 anos.

O túmulo de Rosa foi logo glorificado pelos milagres e sobretudo pelo incalculável número de conversões, que se operavam na Capital, no Peru inteiro e através do mundo.

Foi beatificada em 1668 pela Papa Clemente IX, e canonizada em 1672, por Clemente X, 55 anos após a sua morte.

III — CONCLUSÃO

Santa Rosa de Lima nos parece na simpatia da sua idade, da sua formosura, como uma das grandes expoentes do espírito de mortificação.

E' bom lembrarmo-nos de que há duas espécies de Santos: uns admiráveis, outros imitáveis.

Entre os admiráveis devemos colocar Santa Rosa, como entre os imitáveis devemos colocar Santa Teresinha. São duas figuras simpáticas, atraentes, porém de feição diversa.

Santa Rosa representa o heroismo da vida escondida, simples, sem sair dos limites da vida religiosa comum.

Deus apresenta estas duas espécies de modêlos, para mostrar-nos que a santidade não consiste em tal ou tal prática, ou em tal exercício, mas em conformar-se inteiramente com a vontade divina.

E' Deus que dirige as almas e lhes indica o caminho a seguir, por meio da sua lei, da lei da Igreja, da Regra e dos legítimos superiores.

Querer escolher por si, é fazer a própria vontade. Seguir o caminho da obediência, é seguir a vontade de Deus: e só ali se encontra a santidade.

Possa o exemplo de Santa Rosa, condenando pùblicamente o triste *comodismo* atual, excitar em nós o desejo da santidade e a fôrça para trilhar corajosamente o caminho que leva a santidade, que é: a renúncia a nós mesmos e a conformidade com a vontade divina.

NOSSA SENHORA DAS DÔRES

(15 *de Setembro*)

Há duas festas de Nossa Senhora das Dôres; porém, de objeto distinto.

Na Sexta-feira da Paixão lembra particularmente as dôres que Maria Sma. sofreu ao pé da cruz, quando se uniu aos sofrimentos de seu divino Filho. Por isso se chama esta festa: A *Compaixão* de Maria Sma.

No dia 15 de setembro a Igreja honra a Virgem Santa sob o título de Nossa Senhora das Dôres, em memória das sete circunstâncias em que mais padeceu:

1 A profecia de Simeão,
2 A fugida para o Egito,
3 A perda de Jesus no Templo,
4 Jesus carregando a Cruz,
5 O encontro no caminho do Calvário,
6 A crucificação de Jesus,
7 A descida da Cruz e sepultura.

Os sentimentos que devem excitar em nós estas festas são os da compaixão para com a Sma. Virgem e de participação em suas dôres.

A bela sequência: *Stabat Mater,* atribuída a Inocêncio III é a expressão dêstes sentimentos.

A intensidade e a extensão dos sofrimentos da Sma. Virgem, nos indica a grandeza do seu amor por nós e nos mostra a gratidão que lhe devemos.

EVANGELHO (Joan. XIX, 25—27)

25 — *Naquele tempo estavam, junto a cruz de Jesus, sua Mãe e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas e Maria Madalena.*

26 — *Jesus, pois, vendo sua Mãe, e junto dela o discípulo que amava, disse a sua Mãe: Senhora, eis aí teu Filho!*

27 — *Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua Mãe! E desde aquela hora, a tomou o discípulo ao seu cuidado.*

52.ª INSTRUÇÃO

A VIRGEM DOLOROSA

O Evangelho das dôres de Maria Sma. é resumido nos livros sagrados, porém, através das poucas palavras, a nossa fé descobre horizontes imensos.

A primeira dôr da Virgem-Mãe, a profecia de Simeão, nos revela de relance tôdas as outras dôres, em gérmen nesta primeira dôr: *Uma espada de dôr trespassará a tua alma.* (Luc. 1. 35).

Esta espada penetrou no Coração de Maria, trespassou-o, até fazer dela a Vítima sublime e virginal, unida à grande Vítima do Calvário e co-redentora da raça humana.

Examinemos êste quadro tocante das dôres da Mãe de Deus, meditando:

I — A *razão* destas dôres.

II — As suas *fontes* inesgotáveis.

I — RAZÃO DAS DÔRES DE MARIA

Por que Deus permitiu os sofrimentos da sua Mãe? de uma Mãe que tão ternamente amava, que era sem pecados, e que nada tinha que expiar por si mesma?

Assinalemos apenas as 3 razões seguintes:

1 *O amor de Jesus* por Maria.

2. *O aumento* dos merecimentos de Maria.

3' *O exemplo da mãe* para os Filhos.

* * *

O amor nada de mais precioso pode dar senão a si mesmo.

Ora, Jesus era o próprio sofrimento.

Logo, dando-se a Maria, devia dar-lhe também o sofrimento.

De fato, vemos pelo Evangelho que uma mesma lei envolve o Filho e a Mãe.

E esta lei é uma lei de imolação, de expiação.

Si Maria Sma. não participasse de tôdas as consequências desta lei, não seria uma verdadeira Mãe de Jesus imolado. Seria, antes, um simples instrumento.

Jesus deixou a glória do céu para sofrer na terra. É, pois, lógico que aquêles que o amam, amem também seus sofrimentos.

Amar é dar.

Jesus deu-se inteiramente a Maria, e êste Jesus inteiro, é Jesus imolado, crucificado, sofredor. O sofrimento de Maria Sma. corresponde ao amor que Deus lhe dedica.

E quem definirá êste amor?

Do mesmo modo ninguém dirá o quanto sofreu a Virgem Santíssima.

* * *

Uma outra razão é o aumento dos méritos de Maria.

Nunca os méritos se acumulam mais ràpidamente como no sofrimento.

Ora, a elevação de Maria no céu, depende de seus méritos; e êstes méritos são adquiridos especialmente pelo sofrimento.

Logo, não basta dignidade de Mãe de Deus, para Maria ser elevada acima de tôdas as criaturas.

Não é a dignidade, mas são os *méritos* que Deus corôa no céu.

Si Maria tivesse passado nêste mundo 72 anos de vida extática, seu trono não se teria aproximado de Deus, de tão perto, na ordem atual das cousas, em que a reparação e a expiação formam como a base da redenção.

Amor similes invenit aut facit, diziam os antigos.

O amor encontra a similitude ou a opera.

Maria devia elevar-se na glória, não por puro privilégio divino, mas por uma correspondência completa à graça da sua vocação.

E a sua vocação era de ser co-redentora do gênero humano.

* * *

O exemplo que Maria Sma. devia apresentar ao mundo, é outra razão das suas dôres.

O sofrimento carateriza mais ou menos tôda vida humana. Êle produz ou pode produzir um duplo efeito: afasta de Deus, ou aproxima dêle.

De fato o sofrimento excita no homem certa desconfiança de Deus, uma surda revolta, um como desespêro.

Sofrendo-se com amor o efeito é contrário: a confiança em Deus, porque é Pai, a obediência porque é Mestre o amor porque é Redentor.

A dôr perde os maus e santifica os bons.

Custa-se aceitar o sofrimento.

Para facilitar-nos esta aceitação amorosa, Deus nos deu Maria Sma. como modêlo; trespassou-lhe o Coração com o punhal de tôdas as dôres imagináveis.

Qualquer que seja a intensidade e a extensão da nossa dôr, podemos fitar Maria Sma., e dizer-nos: Ela sofreu isto, com muito mais intensidade do que eu!

II — FONTE DESTAS DÔRES

Não quero falar das causas pròpriamente ditas das dôres de Maria Sma., mas de certas fontes especiais de amarguras contínuas.

A grande fonte, a única fonte especial de todos os seus sofrimentos é o amor que dedicava a seu Jesus, como a Deus e como a seu filho, mas além desta fonte primeira, há outras fontes que aumentavam singularmente os sofrimentos da Virgem desolada.

Estas fontes são as três seguintes:

1. Não poder morrer com Jesus,
2 Não poder aliviar as dôres de Jesus,
3 O seu conhecimento do pecado.

* * *

Para um coração esmagado, a morte, é preferível à vida; e quando, como para Maria, a morte não é uma separação,

mas uma recuperação da união da terra. Oh! então, como a mãe deve desejar esta morte abençoada!

Jesus exercia sôbre Maria todo o atrativo da sua beleza, da sua bondade, de seu amor de Filho e de Deus, enquanto se concentravam no Coração de Maria, o amor e os direitos de pai e de mãe; Jesus era três vêzes seu filho: o filho de seu amor, o filho de sua virgindade e o filho das suas entranhas.

E êste Jesus desaparece morre derramando o seu próprio sangue, e envôlto numa sombria nuvem de ignomínias. morre êste Jesus adorável, e Maria não pode seguí-lo na morte.

Oh! que morte horrível de tormentos de não poder morrer!

Santa Teresa, no êxtase de seu amor para com Deus, exclamava: — Morro, por não poder morrer.

E Maria Sma., morria contìnuamente por não poder morrer com o seu Jesus.

A morte natural é de um instante. a morte mística de Maria era contínua. sua vida era uma morte prolongada.

* * *

Maria Sma, não podia morrer com seu Jesus, e por cúmulo de tormento, nem lhe era dado aliviar os sofrimentos dêle.

Revelações de Santos nos dizem que, embora ausente do Getsêmani corporalmente, ela assistia em espírito e seguia interiormente as diversas fases da agonia do Redentor. Mas, ela estava corporalmente presente na flagelação, na coroação de espinhos, no caminho do Calvário, na crucificação, na morte de Jesus.

Que suplício indescritível, para um coração de mãe, tão amante e sensível, como o de Maria, o ser obrigada a seguir passo por passo, êste drama sangrento.

Outras mães teriam pelo menos a consolação, ao perderem o filho, de sentir, a presença de Deus que consola quando fere, mas para Maria o filho é ao mesmo tempo: Deus que se imola e que fere seu Coração.

E não podia prestar-lhe o mínimo serviço.

Os espinhos faziam correr lenta e dolorosamente o sangue aos olhos de Jesus. e Maria não podia, nem siquer enxugar-lhe o rosto.

Os lábios de Jesus estavam ressequidos pela sêde, descoloridos, rachados e ela não podia nem levar-lhe uma gota dágua para refrescá-los.

A cabeça dolorida de Jesus não encontra um lugar de repouso, pois em qualquer posição, os espinhos penetram mais fundo em suas carnes laceradas, e Maria não pode siquer sustentá-la um instante em suas mãos maternais, e segurá-la até que a morte pusesse têrmo a tanto sofrimento.

Que suplício!

E' mil vêzes mais doloroso para uma mãe ver o filho no tormento, sem poder aliviá-lo, do que ela mesma sofrer os seus tormentos.

* * *

Uma terceira fonte de suplício para Maria é o conhecimento nítido, que tem do pecado.

Ela havia sido escolhida por Deus para ser a co-redentora do gênero humano.

O redentor veio expiar e reparar o pecado, que conhenhecia a fundo, em tôda a sua maldade e perversidade. Maria. Sma., associada à reparação, estava naturalmente associada ao conhecimento do mal que iam expiar.

Ora, o pecado é o *centro* da paixão e da morte do Salvador.

Foi a vista do pecado que arrancou do Coração de Jesus, o suor de sangue que humedeceu sua túnica e correu até à terra no jardim do Getsêmani.

Foram os espinhos do pecado que lhe perfuraram a cabeça, e os açoites da perversidade que lhe rasgaram o corpo.

Foi o pêso do pecado que o prostrou por terra banhado em sangue.

Foi a crueldade do pecado que o prégou na cruz, e abriu-lhe o peito.

Maria via o que olhares de pecadores não podiam ver: a visão hedionda, repelente, dos pecados do mundo intèiro, pesando sôbre os hombros de Jesus e fazendo-o vergar sob o pêso da sua malícia.

Ela via que o pecado atingia verdadeiramente a própria divindade, procurando como que destruir o Autor da vida.

Maria via a grandeza de Deus ofendio, como via a maldade do homem revoltado.

A esta vista ela estremecia, tomada de horror e de espanto.

Mais atroz era o sofrimento de Jesus, porém igualmente atroz era o pecado; de modo que a vista do primeiro lhe revelava o abismo do segundo.

III — CONCLUSÃO

Não nos contentemos com uma visão sumária das dôres da Virgem Santíssima.

Tal olhar só pode enxergar os sofrimentos humanos; é preciso ir ao fundo destas dôres, e medir-lhe a veemência e extensão pelas razões que as motivaram e pelas fontes donde manaram.

Estas razões são divinas, como divinas são as fontes!

O pouco que nos é dado penetrar nêste mistério, é o bastante para ficarmos horrorizados da sua realidade.

Três razões, que são três abismos, apresentam-se diante de nós: O *amor* de Jesus por Maria, o *aumento* dos méritos da Virgem Santa; o seu *exemplo* para a humanidade.

Que razões inefáveis, incomparáveis, cuja realidade dá vertigem.

E estas três razões são alimentadas por três fontes inexgotáveis que lhes dão nova extensão e nova fôrça: Maria quereria poder morrer com Jesus, e esta felicidade lhe é tirada. Quereria aliviá-lo, e esta consolação lhe é recusada.

Vê o horrível pecado matar o seu Filho; e não pode afastá-lo.

E' preciso que sofra e beba até a última gota o fel com que é saciado o seu Jesus.

E' preciso que sua alma seja como o espêlho vivo, onde se refletem todos os tormentos de Jesus. Ela deve ser a Virgem das dôres como Jesus é o Homem das dôres!

† Livros Católicos para Download

53.ª INSTRUÇÃO

IMENSIDADE DAS DÔRES DE MARIA

E' difícil falar das dôres da Sma. Virgem.

Temos a tendência de apreciar as dôres e as alegrias pelo seu lado material exterior, e a custa, convencemo-nos de que a dôr se mede pela sensibilidade própria de cada pessôa.

A mesma dôr que se abate sôbre duas almas, é capaz de matar uma e de não perturbar a outra.

E além dêste lado psicológico, a dôr tem uma feição sobrenatural, proveniente da vontade de Deus, do papel purificador ou santificador que deverá exercer sôbre a pessôa sofredora.

Procuremos formar uma idéia, embora incompleta das dôres da Virgem Santa, examinando sua imensidade:

I — Em sua *medida.*

II — Em seu *número.*

II — MEDIDA DAS DÔRES DA MARIA SMA.

Como associada à redenção do homem, a Sma. Virgem, devia, depois de Jesus, sentir a dôr em tôda sua perfeição, para ter, dêste modo, a preeminência da dôr e ser na realidade: *a Virgem das dôres.*

Tal preeminência devia apoiar-se, ou melhor devia ser proporcionada:

A sua grandeza,

A sua santidade,

Às suas luzes.

Estas três prerrogativas formam como a medida das suas dôres.

* * *

A grandeza de Maria!

Ela era Mãe de Deus.

Quem poderá compreender a elevação dêste título!?

Santo Tomás procurou fazê-lo e êle conclui, dizendo que a Onipotência divina não podia imaginar grandeza mais elevada.

Ora, uma dôr proporcionada às nossas fôrças, às nossas graças, pode ser tão tremenda que sentimos uma espécie de mal estar, ao pensamento do que Deus podia exigir de nós.

Qual deve ter sido, pois, em Maria, a dôr proporcionada à sua grandeza de Mãe de Deus, à sua fôrça sobrenatural, e à sua imensa capacidade de sofrer?

Si o cume da grandeza da Mãe de Deus escapa à nossa penetração, do mesmo modo, o abismo das suas dôres, correspondendo a esta grandeza, nos escapa.

* * *

SUA SANTIDADE

O segundo lado desta medida das dôres de Maria é a sua *santidade.*

As provações dos Santos foram sempre análogas a seus méritos, que igualavam em grau e aos quais se ligavam de modo particular.

Notemos como princípio fundamental que as dôres de Maria são obra de Deus e são um instrumento em suas mãos para aperfeiçoar a alma de sua Mãe.

Deus quis elevar sua mãe ao pináculo da santidade; logo devia elevá-la ao pináculo da dôr: são como dois braços da balança divina.

As dôres de Maria deviam aproximar-se o mais possível das dôres de Jesus.

E quem calculará a imensidade das dôres do Salvador?

Do mesmo modo, é impossível calcular as dôres de Maria.

As dôres de Maria deviam unir-se às dôres de Jesus Cristo, como parte integrante, secundária da redenção.

Logo deviam assemelhar-se a estas dôres o mais possível, para não serem indígnas.

A santidade da Mãe de Deus, não era absolutamente ilimitada, é certo, pois só o infinito é sem limites, mas ela era tudo o que a santidade humana pode ser.

Examinando-a de perto, retiramo-nos sob uma impressão de acabrunhamento.

E quando, depois, queremos examinar e calcular o sofrimento que deve corresponder a esta santidade, ficamos esmagados sob a extensão de dôres correspondentes a ela.

* * *

O terceiro lado da medida são as luzes de Maria Sma.

O conhecimento aumenta sempre a dôr; como a sensibilidade lhe aumenta a violência.

Quando sofremos, conhecemos apenas uma parte, e quasi sempre a parte menor dos nossos sofrimentos, e não conservamos geralmente a possessão de nós mesmos. Uma parte do nosso sêr fica como privada de sentimentos, sob a impressão do golpe que nos atinge.

Uma criança chora a morte de sua mãe; porém quanto tempo será preciso para que avalie bem a extensão da perda que acaba de sofrer?

Em Maria nada disso aconteceu. Ela possuia inteiro sentimento dos fatos; o seu olhar mergulhava até ao fundo do sofrimento, porque nela tudo *era luz*.

Não sòmente uma inteligência perfeita iluminava-lhe as faculdades, mas sua vida interior desenrolava-se numa atmosfera sobrenatural de ar e de luz divinas.

Em suas dôres, esta luz lhe era novo tormento.

Ninguém, afora o Salvador, pode compreender perfeitamente a paixão, nem pode abraçar todos os seus horrores.

A inteligência de Maria é a única que se aproxima de Jesus, e em consequência do excesso de luz que ilumina sua alma, pode penetrar no fundo dêste abismo.

Ainda que a extensão das dôres de Maria Sma. nos escapa, porque nos é impossível medir a intensidade das luzes divinas, às quais devem ser proporcionadas.

II — NÚMERO DESTAS DÔRES

A multidão das dôres de Maria Sma. não é menos extensa que a sua medida.

A palavra: número, é mal empregada. O imenso não tem número, pois ultrapassa o que o espírito humano pode contar.

Basta dizer que os tormentos de Maria ultrapassaram os tormentos de todos os mártires.

Pela sua perfeição particular,

Pela visão da humanidade de Jesus,

Pela intuição da sua divindade.

* * *

Não sòmente nunca houve mártir, por prolongados e complicados que fôssem os seus tormentos, que igualasse à Sma. Virgem em sofrimentos, mas nem as agonias de todos os mártires, com a variedade e intensidade de suplícios não podem aproximar-se da angústia de sua paixão.

Quanto à angústia corporal, a de Maria ultrapassou a de todos os mártires.

Seu sêr inteiro foi saciado de amargura.

Os gládios que lhe trespassaram a alma atingiram todos os nervos e fibras de seu corpo.

Êste corpo, de fato, isento de pecado, com as suas perfeições exquisitas foi formado delicadamente para sofrer mais do que qualquer outra criatura, afora o seu Filho Jesus.

Além disso, os mártires, desde muito consideravam o seu corpo como o maior inimigo; e por isso mortificavam-no, subjugavam-no, até nutrir contra êle um ódio piedoso: *Qui odit animam suam in hoc mundo.* (Joan. XII. 25).

O corpo de Maria era sem pecado. Era a substância mais pura que o mundo já havia produzido, donde havia sido formado o corpo e o sangue de Jesus Cristo, de modo que Maria não podia odiar êste corpo tão glorioso e glorificado pelo próprio Deus.

* * *

Qual é o grande sustento dos mártires em meio dos tormentos?

E' a luz que inunda o seu espírito, lhes permite con-

templar a beleza e a glória de Jesus, para quem estão sofrendo.

É esta luz que apaga o ardor das fogueiras, suavisa os golpes dos açoites e embota as lâminas de aço a rasgarem-lhes as carnes.

O que os mártires têm por dentro é mais forte do que o que lhes vem de fora.

A sua agonia não deixa de ser real, sem dúvida, porém é contrabalançada, temperada, pela graça que inunda a sua alma.

Mas onde o olhar de Maria procurará uma consolação?

Êste olhar espiritual tem que dirigir-se necessàriamente para o objeto que o seu olhar corporal já está contemplando.

Olha para Jesus, e esta vista é o seu tormento.

Vê a natureza *humana* de Jesus; e Maria é Mãe desta natureza.

Êle é o seu *tesouro* e o seu tudo: que fonte de tormentos mortais, agudos, havia nesta contemplação!

Maria via mais.

* * *

Havia em Jesus a natureza divina, de modo que Jesus devia ser adorado como Deus eterno.

Maria via perfeitamente isto. Naquele homem ludibriado, escarrado, crucificado, ela reconhecia o próprio Deus injuriado pelos homens.

Inexprimível a angústia que submerge a alma da Mãe de Deus.

Jesus era e é a alegria dos mártires; e aqui Êle é como o algoz da sua Mãe.

Nunca houve martírio igual a êste, e não se encontra outro nome para exprimí-lo, senão as dôres de Maria!

III — CONCLUSÃO

Como vimos, as dôres de Maria Sma. são verdadeiramente imensas pela medida e pelo número, a ponto de ultrapassarem o que as fôrças humanas podem suportar.

E' a opinião unânime dos autores, apoiada sôbre as reve-

lações dos Santos, que só por milagre, Maria conservava a vida sob a pressão dêstes intoleráveis tormentos.

Nisto, como em muitas outras cousas, ela participava dos dons de seu divino Filho durante a paixão.

A previsão que teve de seus sofrimentos desde o momento da profecia de Simeão, era tão viva e tão real, que, sem um auxílio especial de Deus, sua alma se teria separado do corpo.

Em nossas dôres, há geralmente muito exagêro: a imaginação as duplica quase sempre.

Nas dôres de Maria, ao contrário, tudo era inteiramente verdadeiro e real.

Estas dôres eram aguçadas pela perfeição da sua natureza perfeita, pela sua graça superabundante, pela beleza ideal, e sobretudo pela divindade de Jesus.

A natureza física de Maria, isenta dos estragos do pecado e da desorganização que segue ao pecado, estava repleta de uma vitalidade perfeita, distinguindo-se pela mais viva sensibilidade e pela capacidade mais assombrosa de sofrer.

Nada havia, nem no espírito, nem nos sentimentos que pudesse amortecer um só dos golpes que recebia.

Notemos ainda, para compreender a imensidade destas dôres, que em Maria o hábito não lhe tornava os sofrimentos mais suportáveis.

Em meio da quietude inefável que distinguia Maria, os tormentos não lhe concederam nenhuma trégua: não a deixaram nem de dia, nem de noite.

Não havia sucessão nestas dôres, sendo tôdas elas fixadas em seu Coração, como um gládio que o trespassava continuadamente e ao mesmo tempo.

Que abismo insondável!

Como a Igreja tem razão de colocar sôbre os lábios da Virgem dolorosa êste texto do profeta: "O' vós que passais por êste caminho, vêde e considerai si há dôr semelhante a minha dôr" (Jerem. I. 12).

Saibamos pelo menos, compadecer-nos das dôres da Virgem Dolorosa.

SANTA TERESINHA

(*Padroeira das missões*)

(3 *de Outubro*)

EVANGELHO (Math. XVIII. 1—4)

1 — *Naquele tempo aproximaram-se de Jesus os discípulos, dizendo: Quem é o maior no reino dos céus?*

2 — *E chamando Jesus a uma criança, a pôs no meio dêles.*

3 — *E disse: Na verdade vos digo que, si vos não converterdes e vos não fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos céus.*

4 — *Todo aquêle, pois, que se fizer pequeno, como esta criança, êsse será o maior no reino dos céus.*

54.ª INSTRUÇÃO

O CAMINHO DA SANTA INFÂNCIA

Êste Evangelho é o resumo perfeito da vida da Santinha que festejamos hoje.

Fazer-se criança foi o seu ideal e o seu lema e soube realizá-lo tão admiràvelmente que se tornou uma das santas mais poderosas no céu e mais queridas na terra.

A vida de Teresinha é admirável, mas é sobretudo imitável. Parece que Deus suscitou esta humilde religiosa para orientar a espiritualidade de nossa época, imprimir-lhe rumos de simplicidade, e destruir um certo aparelhamento de ciência, com que parecia revestida.

Vamos meditar esta bela vida e destacar nela o que carateriza Santa Teresinha. Serão pontos das nossas considerações:

I — Sua *vida.*

II — O segrêdo da *Santa infância.*

I — SUA VIDA

Esta vida está compendiada na "História de uma alma", escrita por ela mesma, e completada pelos documentos do processo canônico.

Teresinha nasceu em Alençon, na França, em 2 de Janeiro de 1873, filha de pais profundamente piedosos: Luís Martin e Zélia Guérin. Ambos, em sua mocidade, haviam sentido aspirações para a vida religiosa, porém, por uma providência visível, não puderam realizar êste primeiro ideal da sua vida.

Teresinha era o nono rebento dêste tronco de fé e de piedade.

Ela era de constituição fraca, caráter vivo, expansivo, alegre.

Não era sem defeitos: era teimosa, com uma inclinação para a vaidade.

Apenas chegada à idade de 4 anos e meio, perdeu, em 1877, a sua mãe carinhosa.

Foi o início de uma vida nova, séria e pensativa. Teresinha compreendia a extensão do golpe que a atingira.

Pouco depois, o sr. Martin deixou Alençon e foi fixar-se em Lisieux, em companhia das suas 5 filhas vivas.

Teresinha encontrou em sua irmã: Paulina, uma segunda mãe; porém, em 1882, esta entrou para o Carmelo e eis Teresinha órfã pela segunda vêz.

Chorou e sentiu tão vivamente esta separação que caiu gravemente enfêrma.

Felizmente encontrou em sua irmã mais velha, Maria, uma terceira mãe.

Restabelecida, ou melhor curada pelo sorriso da Imaculada, Teresinha começou a frequentar o Colégio das Irmãs Beneditinas, onde se distinguia pela vivacidade de inteligência e a aplicação aos estudos.

Em 8 de maio de 1884, a piedosa colegial fêz a primeira Comunhão, com tôda a ternura de seu jovem coração. Era o primeiro encontro com êste Jesus que devia amar tanto, durante o resto da vida.

Permitiu Deus que nos anos seguintes a alma de Teresinha caisse em dolorosas angústias e escrúpulos de consciência.

E, por cúmulo de males, perdeu a terceira mãezinha, Maria, que entrou também para o Carmelo, a exemplo de Paulina.

* * *

Teresinha havia chegado à idade de 15 anos.

Desejava entrar no Carmelo. mas devido à sua saúde frágil, as superioras não a aceitaram e adiaram a sua entrada para a idade de 20 anos.

Mas Teresinha era teimosa: dirigiu-se ao Bispo da Diocese. Nova recusa.

Não desanimou. Quis dirigir-se ao Santo Padre, o Papa Leão XIII.

Aproveitando uma peregrinação de França a Roma, o Sr. Martin se lhe incorporou com as filhas Celina e Teresinha.

No dia da visita ao Santo Padre, por ser muito numerosa a peregrinação, havia o Diretor proibido que se falasse ao Papa.

Porém, Teresinha ainda era teimosa. Depois de beijar os pés do Santo Padre, ela lhe colocou confiante as mãosinhas sôbre os joelhos, e com lágrimas nos olhos suplicou-lhe que a deixasse entrar para o Carmelo com 15 anos.

O Papa sorriu, mas relegou a decisão ao Superiores da Ordem.

O coração de Teresinha quase estalou de dôr chorou muito, rezou ainda mais. e não desanimou.

Sempre teimosa, recorreu aos superiores, pediu, suplicou, e no ano seguinte, em 9 de abril de 1888 eis Teresinha admitida no Claustro das religiosas de Lisieux.

Durante o espaço de nove anos, ela viverá nêste recinto sagrado, orando, trabalhando, sofrendo, por seu único amor: Jesus.

E' dêste recinto que a sua alma virginal e amorosa, tomará o seu vôo para os braços de seu celeste Espôso no dia 30 de setembro de 1897.

II — O SEGRÊDO DA INFÂNCIA

Não basta conhecer a vida exterior de Santa Terezinha, é preciso penetrar no Santuário de sua alma.

No convento, a sua vida foi a de uma religiosa fervorosa, não se distinguindo exteriormente em suas ações, mas no modo de executá-las.

Levava uma vida calma, recolhida, cheia de pequenos sacrifícios, mas plena de grandes atos de caridade e de abnegação.

Antes de morrer, esta humilde religiosa teve a coragem de dizer que iria para o céu e alí passaria o seu céu a fazer cair uma chuva de rosas sôbre a terra.

Ela falou de seu pequeno caminho da infância espiritual, que devia levar muitas almas a Deus.

Êste segrêdo da santa infância é parte saliente e prática da vida de Santa Teresinha.

Parece muito simples, mas é muito profundo, e constitui o resumo prático da conformidade da nossa vontade com a vontade de Deus.

A base desta espiritualidade é a seguinte:

Deus é Pai, e a ternura de seu Coração eclipsa a ternura de todos os corações mortais.

Mais do que isso: a sua bondade ultrapassa a de tôdas as mães; pois no dizer do Profeta, *si por impossível, uma mãe se esquecesse de seu filho, nunca Deus se esquecerá de* nós. (Is. LXIII. 25).

Disso resulta que o meio mais seguro de ganhar-lhe o Coração, é permanecer criança a seu olhos, ou tornar-se criança Isto se faz, reconhecendo o nosso nada, em presença da sua majestade.

Depois é preciso confiar sem receio na sua bondade soberana, com o intuito de provocar a misericórdia.

Tais são as linhas iniciais do pequeno segrêdo de Santa Teresinha, que ela quer revelar às almas pequeninas.

* * *

Assinalemos aqui os *três caractéres próprios* desta santa infância.

O primeiro é o reconhecimento da sua incapacidade e indigência.

Esta disposição é mais rara do que se julga. Muitas almas piedosas confessam a sua fraqueza até certo ponto, mas se julgam, entretanto, dotadas de certa fôrça pessoal.

Não compreendem que a fôrça da criancinha é a sua própria fraqueza, pois Deus está tanto mais inclinado a socorrer a sua criatura, quanto mais esta reconhece e expõe humildemente a sua impotência radical.

Santa Terezinha tem ensinamentos encantadores a êste respeito.

Ela escreve: "Para ser levada ao céu nos braços de Jesus, eu não preciso crescer; é preciso, ao contrário, que fique pequena e cada vêz mais pequena" (Hist. IX).

E ainda: "O que agrada a Jesus em minha pequena

alma, é me ver amar a minha pequenez e a minha pobreza. é a esperança cega que tenho em sua misericórdia"

Ela chega a dizer: "E' Jesus que faz tudo em mim; e eu não faço nada, senão ser pequenina e fraca"

* * *

O segundo característico da santa infância é a pobreza.

A criança nada possui de próprio; tudo pertence aos seus pais. Êles lhe dão tudo aquilo de que necessita, porque sabem que nada tem, e implora o que falta.

Foi o que inspirou à Santa Teresinha estas palavras admiráveis:

"Entre os pobres dá-se o necessário à criança, mas desde que cresceu e se torna grande, o pai não quer mais sustentá-la e lhe diz: Trabalha agora, tu podes sustentar-te a ti mesma!

"Pois bem, ajunta ela, para nunca ouvir tais palavras, eu não quis crescer, sentindo-me incapaz de ganhar a vida eterna do céu.

"Nunca eu soube fazer cousa sòzinha fiquei sempre pequenina, não tendo outra ocupação, senão de colher as flôres do amor e do sacrifício, e de oferecê-las ao bom Deus para lhe agradar"

A criança que quer obter a assistência reclamada pela sua idade, deve dizer a seu pai: Eu nada posso, sêde a minha fôrça. Nada tenho, sêde a minha riqueza.

E' o que Teresinha fazia continuadamente.

* * *

O terceiro característico da santa infância é a confiança ilimitada em Deus.

Humildade do coração, pobreza de espírito, e confiança na misericórdia do Pai celestial: — eis a base que sustenta tôda a espiritualidade de Santa Teresinha. Ela repetia muitas vêzes a palavra de S. João da Cruz: "Alcança-se do bom Deus tanto quanto se espera d'Êle".

Ela escrevia a êste respeito: "Deus é compadecido porque é justo, lento em punir e abundante em misericórdia, pois conhece a nossa fragilidade, e lembra-se de que somos pó." (Cart.).

As consequências desta confiança devem extender-se a

nossas faltas passadas, a nossos insucessos, a nossas provações e securas.

No fim de sua vida, Teresinha sofria muito a secura e abandono, mas dizia: "Eu me volto para o bom Deus e lhe agradeço assim mesmo. Creio que Êle quer ver até onde irá a minha confiança"

Escrevia alhures: "Si as almas fracas e imperfeitas, qual a minha, sentissem o que eu sinto, nenhuma desesperaria de alcançar o cume da montanha do amor"

"A alma que quer trilhar êste caminho, diz a Santa, deve imitar a ternura singela e quente que as crianças prodigalizam a seus pais, e ganhar Jesus pelas carícias.

"Não devem perder nenhuma ocasião de agradar-lhe; não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum ato, nenhuma palavra para testemunhar-lhe ternura. Não sòmente deve aprender a sofrer, mas gozar por amor; e em tudo o que faz, como em tudo que sofre, *saber sorrir-lhe*"

"E' o meio infalível, continua ela, não sòmente de obter um olhar de amor, mas de ver-se elevado em seus braços paternos e apertado sôbre o seu coração"

III — CONCLUSÃO

Grandes lições podemos recolher da vida de Santa Teresinha.

A *primeira* é a prova de que a santidade não consiste em fazer grandes e muitas cousas, mas em fazer tudo bem feito, e por amor de Deus.

A *segunda* é a prática da doutrina da santa infância, que Teresinha veiu pôr em plena luz e aplicar pràticamente a nossa vida.

Esta via da infância espiritual, não é um estado particular para umas almas: deve ser a norma geral de todos que aspiram à perfeição.

A "pequena via" é para todos: O que pode variar, e varia necessàriamente, é o grau de amor com que se praticam as virtudes próprias desta *via,* isto é, a humildade, o espírito de pobreza e a confiança na bondade de Deus.

O merecimento incomparável de Santa Teresinha, como

será a sua glória para sempre é torná-la tão atraente, sem entretanto dissimular os sacrifícios e as lutas que exige.

Ela mostrou a santidade sob um aspecto verdadeiramente evangélico, despojando-a das complicações, nas quais o espírito humano a envolvera através dos tempos.

E' o que fêz dizer um teólogo ilustre: — "Santa Teresinha *desentulhou* o caminho do céu", e a um Cardial: "Teresinha suprimiu as matemáticas da santidade"

E não é sòmente como reveladora da santa infância, que Santa Teresinha nos aparece, mas como modêlo dêste modo de praticar a virtude.

Ela nos revelou o *caminho* e nos deu o *exemplo.*

E êste exemplo recebeu de Deus a aprovação plena, pelos numerosos milagres que a santinha tem operado e opera, e pelas virtudes sublimes que seus exemplos têm suscitado no povo cristão.

Morta em 1897, foi beatificada em 1923 e canonizada em 1925, isto é, 28 anos após sua morte, tendo sido nomeada protetora especial das Missões, ao lado de São Francisco Xavier, em 1927.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

(4 de Outubro)

EVANGELHO (Mat. XI. 25—30)

25 — *Naquele tempo Jesus disse: Graças te dou ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelastes aos pequeninos.*

26 — *Assim, é, ó Pai, porque assim foi de teu agrado.*

27 — *Tôdas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai: nem alguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquêle a quem o Filho o quiser revelar.*

28 — *Vinde a mim todos vós que padeceis e vos achais acabrunhados, e eu vos aliviarei.*

29 — *Tomai sôbre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanço para as vossas almas.*

30 — *Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.*

55.ª INSTRUÇÃO

APÓSTOLO E SERAFIM

A Igreja, em sua liturgia, comemorando a festa de hoje, aplica a São Francisco de Assis esta frase do Evangelho: *Graças te dou ó Pai, porque escondestes estas cousas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos pequeninos.*

São Francisco era um pequenino perante o mundo, porém Deus lhe havia revelado os segredos da verdadeira grandeza.

Fêz-se pobre na terra, para ser rico no céu.

Quis ser desprezado pelo mundo, para conquistar o amor de Deus.

Desapegou-se de tudo para possuir o tudo, — Deus.

A sua vida é um romance: faz rir, chorar, orar, amar a Deus.

Não pensemos que é sòmente um santo admirável, é também imitável, e seus exemplos de Apóstolo e de Serafim são um luzeiro para todos que desejam santificar-se e fazer o bem.

Tem-se idealizado muito S. Francisco Êle é um ideal, é certo; mas é também um modêlo.

E' êste modêlo que vamos contemplar aqui, percorrendo a sua vida e destacando dois pontos luminosos.

I — *O apóstolo* ardente.

II — *O Serafim* de amor.

I — O APÓSTOLO ARDENTE

Francisco, que se chamava pelo batismo João, nasceu

em 1182; era filho de abastado negociante de Assis. Era rico, mas não se sentia feliz. Sentia grandes atrativos para o prazer e um vivo desejo de ser mais rico.

Entretanto, conservara um coração caridoso, e prometeu nunca recusar a esmola a quem a pedisse.

A caridade é um fogo: e êste fogo tende sempre a extender-se mais: Francisco tornou-se o grande amigo dos pobres.

Quando jovem, encontrou um pobre quase nú; imediatamente despe-se de seus vestidos novos e elegantes, e os dá ao pobre.

Tendo encontrado um leproso, recuou de horror, mas voltando a si desta primeira impressão, aproxima-se do infeliz, abraça-o com afeição e lhe dá a esmola.

Numa peregrinação que fêz a Roma encontrou certo número de pobres à porta da igreja de São Pedro; inflamado de caridade, despe-se de seus vestidos e troca-os pelos farrapos do mais mísero dentre êles, passando ali o dia no meio dos mendigos.

Era a vitória definitiva de Francisco sôbre a sua vaidade nata e a sua inclinação à elegância: apagou de uma vêz estas duas paixões.

Daí em diante o sonho de Francisco é ser pobre e humilhado.

O pai contrariado pela deshonra de ter um filho mendigo, levou-o diante do Bispo de Assis, queixando-se da liberalidade exagerada do filho, e exigindo a renunciar a sua parte de bens na herança da família.

Francisco cede tudo e chega a entregar ao pai as vestes que trajava, dizendo que agora podia dizer com tôda verdade: Nosso Pai, que estais no céu, que não tinha mais outro Pai.

O pai expulsou-o de casa como filho pródigo e vergonha da família.

E lá se foi o jovem mendigo pelo mundo afora, sem dinheiro, sem recursos, sem alimentação, sem amigos, trajando veste grosseira, e confiando-se, para tudo, à Providência divina.

Começou a vida de pobre mendigo: pediu esmolas para reconstruir a igreja de São Damião, em Assis que ameaçava ruir, e pôr em obras a de São Pedro.

Retirou-se depois para perto de uma antiga igreja dos Beneditinos chamada Porciúncula, dedicada a Nossa Senhora dos Anjos, Reconstruiu-a, e fixou ali sua morada.

* * *

Um dia, assistindo à Santa Missa ficou fortemente impressionado pelas palavras do Evangelho: *Não queirais possuir ouro, nem prata, nem tragais dinheiro, nas vossas cinturas, nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão.* (Math. X. 9).

Francisco tomou o texto ao pé da letra e fêz dêle o fundamento da regra que sonhava escrever.

Tirou logo os sapatos, a cinta de couro, não conservando senão uma grosseira túnica cingida por uma corda.

Nêstes trajes novos do Evangelho, começou a prègar a penitência nas ruas e nas praças públicas.

A novidade excitava a curiosidade, e a curiosidade fêz com que todos escutassem a sua prègação.

A audição dessa palavra estranha, que parecia o éco daquela de João Batista, impressionou e converteu os pecadores.

Alguns de seus auditores, excitados pela sua palavra e seu exemplo quiseram seguí-lo e imitá-lo.

O número dêstes discípulos chegou a sete e depois a doze.

Francisco resolveu escrever para êles uma pequena regra, curta e prática, e levá-la a Roma, pedindo a aprovação do Papa Inocêncio III.

Encontrou oposições, mas Deus quis a obra e manifestou sua vontade por meio de uma visão ao próprio Papa, que depois aprovou o gênero de vida dos novos apóstolos.

Francisco, antes de deixar Roma, recebeu das mãos do Cardial de Colonna, a tonsura. e pouco depois, provàvelmente o Diaconato, em 1209.

Eis Francisco com seus primeiros discípulos a percorrer as cidades e os campos, prègando a penitência e pobreza, à sociedade fervendo de cobiças e de ódios, como o era nesta época.

* * *

O zêlo de Francisco era o fogo, como o seu coração; o seu lema era ganhar almas, e si possível, sofrer o martírio.

Resolveu prègar o Evangelho aos maometanos. Embarcou para o Egito, onde foi prêso e levado perante o Sultão.

Começou a sua evangelização, porém, o terreno não era propício, e embora recebido com veneração pela sua coragem, nada poude conseguir.

Daí, Francisco foi para a Terra Santa e voltou para Itália, onde graves dificuldades exigiam a sua presença.

O número dos Irmãos aumentou consideràvelmente e as suas ermidas se multiplicavam na Itália.

Em menos de 3 anos contava já 60 casas.

Até, os Irmãos não tinham outra instrução a não ser o catecismo, e prègavam mais pela virtude, a convicção e o zêlo, do que pela ciência, tendo-lhes o Papa dado licença de só prègar a moral.

O Cardial Hugolino, Protetor do Instituto, para evitar abusos, exigiu então que se dedicassem sèriamente aos estudos, e que um certo número fôsse elevado ao Sacerdócio.

III — O SERAFIM DE AMOR

Francisco sentiu que estava no têrmo da sua vida apostólica. O seu zêlo havia percorrido a Itália e comovido a Europa.

Além dos milhares de almas fervorosas que abraçaram a Regra dos Frades Menores, e a das clarissas, fundada por êle, centenas de milhares haviam entrado para a Ordem de penitência, para os leigos.

Sem desinteressar-se da Ordem, Francisco havia deixado o govêrno desde 1219, para aplicar-se à contemplação que o atraía irresistìvelmente.

Retirou-se primeiro no vale de Rieto e no ano seguinte (1224) refugiou-se numa choupana do Monte Alverne, no meio de rochedos cercados de espessas florestas.

Certo dia, meditando com ardor sôbre a paixão do divino Mestre, viu descer do céu um Anjo luminoso tendo

seis asas: duas elevadas acima da cabeça, duas extendidas para o vôo e duas cobrindo o corpo.

A aparição tinha os braços extendidos, os pés juntos e parecia pregada na cruz.

No rosto do Serafim, Francisco contemplava a beleza dos traços do Crucificado e ouviu uma voz a lhe dizer que o fogo do amor o transformou na imagem de Jesus crucificado.

Ao mesmo tempo uma viva dôr trespassa-lhe os membros; cravos pretos atravessam-lhe as mãos e os pés, e de uma ferida aberta em seu lado, o sangue começa a jorrar.

Acabava de receber os estigmas da paixão.

* * *

Após a festa de São Miguel disse adeus ao Monte Alverne, e sentindo que seus pés não mais suportavam o andar, voltou para Porciúncula montado num jumentinho, semeando milagres por onde passava.

Dôres atrozes o atormentavam.

Extenuado pelos jejuns e privações, alquebrado por frequentes hemorragias, atormentado por uma oftalmia tenaz e quase cego, consentiu em descançar numa choupana que Santa Clara lhe fêz preparar no jardim de São Damião, onde residiam as religiosas.

E', aí, nas trevas da cegueira que êste serafim de luz compôs o célebre *Cântico do sol.*

Sentindo aproximar-se o fim, Francisco pediu que o levassem para Assis.

De Assis, a seu pedido, foi levado para a igreja de Nossa Senhora dos Anjos, onde desejava morrer.

À Porciúncula deu as suas últimas instruções e morreu como havia vivido, em 4 de Outubro de 1226.

O pobre de Assis, logo depois da morte, operou tantos milagres, que desde 1228, o Cardial Hugolino, então Papa Gregório IX, lhe decretou as honras dos altares.

Francisco, o apóstolo de fogo e o Serafim de amor entregara sua alma radiante a Deus, tendo apenas 46 anos de idade, mas 46 anos dêstes que o Espírito Santo chama: *"Anos inestimáveis"* (Job. XXXVI. 26).

III — CONCLUSÃO

Cada santo tem uma fisionomia própria; não há dois santos semelhantes.

São Francisco de Assis é o modêlo perfeito do desapêgo de tudo e o pobre por amor de Jesus Cristo, porém, é mais do que isso.

O traço distintivo do Santo é o zêlo das almas, provindo diretamente de seu amor a Deus!

A sua fôrça, a sua grandeza, o segrêdo da ação admirável está em sua união íntima com Deus, na contemplação sobrenatural.

E' o segrêdo desta atividade fecunda que o Santo exerceu sôbre as multidões e sôbre os seus filhos espirituais.

É um exemplo de apóstolo que se dedica à conversão das almas.

Deus, em primeiro lugar!

Deus, amado em si mesmo e Deus amado no próximo: é a fórmula do apostolado.

Queremos, pois, imitar o zêlo de São Francisco, procuremos imitar-lhe o espírito de união com Deus.

Ninguém pode tornar-se apóstolo ardente sem ser Serafim de amor!

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
(*7 de Outubro*)

EVANGELHO (Lucas I.)
O mesmo da Anunciação — pág. 177 (*ou* 63)

56.ª INSTRUÇÃO

O ROSÁRIO DE MARIA SANTÍSSIMA

O Evangelho nos rediz nêste dia a mais bela saudação que já foi dirigida por Deus a uma criatura.

E não é simplesmente uma saudação: é um modêlo e um exemplo.

Deus permitiu que estas palavras admiráveis nos fôssem conservadas pelo Evangelho, para que a exemplo do Arcanjo, saudássemos com elas a Virgem Santíssima.

A recitação repetida desta saudação forma o Rosário, a grande, a poderosa oração da Igreja e das almas piedosas.

Como disse Lacordaire: E' uma oração que se rediz contìnuamente e que nunca se repete, porque cada vêz se torna a expressão de novo amor.

Meditemos hoje esta bela instituição, vendo:

I — A *origem* do Rosário.

II — O seu *poder* admirável.

I — ORIGEM DO ROSÁRIO

O santo Rosário, quanto à substância, sendo composto da oração de Jesus Cristo e da saudação angelical, isto, é do *Padre Nosso* e *Ave Maria,* assim como da meditação dos mistérios de Jesus e Maria, é, sem contradição, a primeira prece e a primeira devoção dos fiéis, em uso, desde os apóstolos até aos nossos tempos.

Em sua forma atual, porém, foi inspirado a sua Igreja, e dado por Maria Sma. a S. Domingos, para êste converter os Albigenses, que haviam invadido a França, em 1214.

Deus suscitou São Domingos para refutar êstes hereges, precursores dos protestantes.

O santo percorreu a França, prègando dia e noite, sem entretanto, alcançar o fim almejado.

Entregou-se à mais rude penitência, e à oração contínua, quando uma noite, meio morto de esgotamento e fadiga, numa gruta perto de Tolosa, a Virgem Sma. lhe apareceu e lhe disse:

"Domingos, si quereis converter êstes herejes, prèpai o meu saltério ou a repetição de um certo número de *Ave Marias*".

O Rosário é chamado Saltério, porque contém tantas Ave Marias quantos salmos contém o saltério de David.

A origem do Rosário confunde-se de certo, a piedosa prática do têrço, desde o comêço do Cristianismo, sobretudo entre monjes do deserto, que haviam adotado têrços para regulamentar as suas orações, porém foi S. Domingos quem juntou à recitação das Ave Marias, a meditação dos mistérios da vida de Jesus e Maria.

O Rosário completo consiste na recitação de 15 dezenas de Ave Marias, acompanhada da meditação de cada um dos cinco mistérios, gozosos, dolorosos e gloriosos.

A palavra Rosário quer dizer coroa de rosas. E de fato é uma coroa esplêndida das mais belas e santas preces do Cristianismo.

O Credo, ou sublime profissão de fé dos Apóstolos.

O Padre Nosso, ou oração divina, feita pelo próprio Nosso Senhor e exprimindo todos os nossos deveres para com Êle, assim como tôdas as nossas necessidades.

A *Ave Maria,* ou cântico delicioso do céu, com que o anjo, em nome de Deus, saudou a Virgem Santa, e que Sta. Isabel e a Igreja completaram com a expressão da sua veneração e confiança.

O Glória ao Padre, ou hino eterno dos anjos no céu.

Dêste modo, o Rosário é a oração mais agradável a Deus, mais gloriosa para Maria, mais poderosa e mais popular.

E' a oração do pobre como do rico, da criança como do velho, do cientista como do ignorante.

Não receiemos que a repetição desta mesma prece se torne fastidiosa ao coração.

Uma rainha não se cansa de ouvir os milhares de *vivas* que aclamam a sua passagem.

Uma mãe não se cansa tão pouco em ouvir os seus filhinhos dizerem-lhe que é bela, boa, que a amam e veneram, conforme já ficou dito muito bem! o amor tem apenas uma palavra, e redizendo-a sempre, nunca a repete.

III — O PODER DO ROSÁRIO

Para conhecer o poder desta oração privilegiada bastaria conhecer a história da Igreja, ou a vida de alguns santos, que foram seus ardorosos propagadores, como S. Domingos; o Bemaventurado Alano da Rocha, S. Luís Maria Grignon de Montfort, S. Geraldo, Sto. Afonso Rodrigues, o Santo Cura d'Ars, etc. etc.

A vida dêstes homens extraordinários, é um tecido de maravilhas operadas pelo Rosário.

Foi pelo Rosário que S. Domingos reconduziu ao seio da Igreja mais de 100.000 albigenses.

Prègando um dia, perto de Carcassona, trouxeram-lhe um albigense possesso do demônio. O santo exorcizou-o em presença de grande multidão.

Os demônios eram constrangidos, por imposição do santo, a declararem pùblicamente:

1 Que estavam no corpo dêste infeliz, em número de 15 000, porque êste havia blasfemado os 15 mistérios do Rosário.

2 Que, pelo Rosário prègado por S. Domingos, espalhava-se o terror e o espanto no inferno inteiro, e que era êle o homem a quem mais odiavam por causa das almas que lhes arrebatava com o Rosário.

3 Revelaram-lhe ainda várias outras particularidades.

S. Domingos tendo suspendido o seu Rosário em redor do pescoço do possesso, perguntou — aos demônios a quem temiam, entre todos os Santos do céu, e quem devia ser mais honrado e amado pelos homens.

A esta interrogação lançaram gritos tão horríveis, que

grande parte dos assistentes, tomados de pavor, cairam por terra.

Para evitar uma resposta àquelas perguntas, os demônios choravam e lamentavam-se de modo tão comovedor, que vários assistentes choravam também, movidos por uma compaixão natural.

Gritavam os demônios pela bôca do possesso, em voz chorosa: Domingos! Domingos, tem compaixão de nós; prometemos que nunca havemos de fazer-te qualquer cousa! Tu, que tens compaixão dos pecadores e miseráveis, tem dó de nós, miseráveis que somos!

Ai de nós! sofremos tanto; porque tu te divertes em aumentar as nossas penas!? Basta-te o que sofremos! Misericórdia, misericórdia, misericórdia!

O santo, sem se deixar comover por estas palavras lamuriosas dos espíritos infernais lhes respondeu que não deixaria de atormentá-los, até que respondessem às suas perguntas.

Disseram que responderiam, porém em segrêdo, ao ouvido, e não perante aquela multidão.

O santo insistiu e ordenou-lhes, em virtude do Rosário, que respondessem em alta voz.

De súbito uma chama ardente saiu dos ouvidos, do nariz e da bôca do possesso, fazendo tremer a praça inteira, sem, entretanto, fazer mal a ninguém, e os demônios exclamaram:

— Domingos, nós te suplicamos pela paixão de Cristo, e pelos méritos da sua Santa Mãe e de todos os Santos, que nos deixes sair do corpo dêste homem, sem nada dizer; pois si tu o queres saber, os anjos t'o revelarão. Somos uns mentirosos, bem o sabes porque queres acreditar em nós? Não nos atormentes, mais, tem dó de nós!

— Desgraçados, respondeu São Domingos, sois indígnos de serdes atendidos. E, pondo-se de joelhos, implorou a Sma. Virgem pedindo que obrigasse os demônios a revelarem a verdade pùblicamente, para a instrução do povo.

Mal terminava a oração, viu a Sma. Virgem ao seu lado, cercada de uma legião de anjos, obrigando os demônios a responder.

Êstes então começaram a gritar e a exclamar: *O' inimica*

nostra, ó nostra damnatrix, ó confusio nostra! Ó inimiga nossa! Oruina nossa! Ó confusão nossa; porque baixastes do céu, para atormentar-nos dêste modo?

— Então, mau grado nosso, somos obrigados a dizer tôda a verdade, ó advogada dos pecadores, que os retirais do inferno! O caminho seguro do paraíso! Somos obrigados a publicar diante de todos a causa da nossa confusão e da nossa ruína.

Ai de nós! Ai de nós! príncipes das trevas!

Escutai pois, cristãos: esta Mãe de Jesus Cristo é tôda poderosa, para impedir que os seus servos caiam no inferno!

E' ela, quem, tal um sol, dissipa planos, quem rompe as nossas ciladas, e torna inúteis tôdas as nossas tentações!

Somos coagidos a declarar que nenhum daqueles que perseveram em seu serviço, se perderá conôsco!

Um único de seus suspiros, que oferece à Sma. Trindade, ultrapassa tôdas as preces, os votos e os desejos dos Santos.

Nós a tememos mais que todos os Bemaventurados juntos, e nada podemos fazer contra os seus serviços fiéis.

Vários cristãos que a invocam na hora da morte, os quais, segundo nossas leis ordinárias, deviam ser reprovados, salvam-se pela sua intercessão!

Oh! si esta Marieta (é assim que o seu ódio a chamava) não se tivesse oposto a nossos desígnios e esforços, há tempo que teríamos derribado e destruido a Igreja e feito cair tôdas as suas ordens no êrro e na infidelidade.

Protestamos ainda, pela coação que nos é feita, que nenhum daqueles que perseveram na recitação do Rosário, se perderá; pois ela alcança a seus devotos uma verdadeira contrição de seus pecados, o que lhes merece o perdão e a indulgência.

S. Domingos fêz então que o povo ali reunido recitasse o Rosário, lenta e devotamente, e a cada Ave Maria, que o santo e o povo recitavam, saia do corpo dêste uma multidão de demônios, sob a forma de carvões flamejantes.

Tendo desaparecido os demônios e ficando o hereje livre, Maria Sma. deu a sua benção ao povo. Êste nada via com os olhos, mas sentia a alma inundada de imensa consolação.

A êste milagre se podiam ajuntar muitos outros não menos extraordinários e significativos.

Simão de Montfort alcançou vitórias estrondosas sôbre os albigenses por meio do Rosário.

A vitória de Lepanto é outro triunfo do Rosário.

A vida do Venerável Alano da Rocha está repleta de milagres para provar o poder do Rosário.

III — CONCLUSÃO

O Ven. Alano da Rocha resume, dêste modo, as grandes vantagens da recitação do Rosário:

1 Os pecadores alcançam o perdão;
2 As almas fervorosas, chegam à santidade;
3 As que choram, são consoladas;
4 As que são tentadas, recobram a paz;
5 Os ignorantes, são intruídos;
6. Os religiosos, são reformados;
7 Os vivos triunfam da vaidade;
8. Os mortos, são aliviados.

"Quero, disse um dia a Sma. Virgem ao mesmo santo, que os devotos, do meu Rosário tenham a graça e a benção de meu Filho, na vida e na morte, e que depois sejam libertados de tôda espécie de escravidão, e sejam reis, tendo a coroa na cabeça, o cetro na mão e a glória eterna"

Diante de tantas e tamanhas promessas, compreende-se que a Igreja tenha elevado a festa de N. Sra. do Rosário à categoria das grandes festas marianas, e consagrado o mês de outubro inteiro para êste fim, fazendo recitar o Rosário diante do Santíssimo Sacramento exposto.

Unamos, pois, o nosso pequeno têrço a êstes milhares e milhares de Rosários que são recitados diàriamente no mundo inteiro.

A nosso prece pode ser fraca e imperfeita; por isso unamo-la à prece universal da Catolicidade inteira. Recitemos o nosso têrço com fervor, durante êste mês, sobretudo; e depois continuemos a fazê-lo em nossa vida inteira, para assegurar-nos a proteção da Virgem do Rosário.

FESTA DE CRISTO REI

(Último Domingo de outubro)

Esta festa foi instituída em 1925, para proclamar a soberania universal de Jesus Cristo.

E' a reação contra a praga, que hoje avassala a sociedade: o espírito de independência e de revolta. Êste espírito muda de nome conforme as circunstâncias: é o *Liberalismo*, o *Socialismo*, o *Laicismo*, o *Comunismo*.

O resultado final é a revolta contra tôda autoridade, tanto contra o domínio de Deus como contra os governos.

A festa de Cristo-Rei vem lembrar aos homens que há uma autoridade, que não vacila, nem se deixa abalar, porque é divina: e esta autoridade é a de Jesus Cristo, "Rei dos reis e dominador dos dominadores" (I. Tim. VI. 15). "Et erit Dominus rex, super omnem terram"

É preciso proclamar o Cristo Rei, para que Êle reine sôbre a sociedade e a reconduza à paz e à união O Cristo Redentor que, do alto do Corcovado, domina a Capital do Brasil, é o símbolo glorioso de seu reinado sôbre nós!

EVANGELHO (João XVIII. 33—37)

33 — *Naquele tempo disse Pilatos a Jesus: — És tu Rei dos Judeus?*

34 — *Respondeu-lhe Jesus: — É de ti mesmo que isto perguntas, ou foram outros que to disseram de mim?*

35 — *Replicou Pilatos: — Porventura sou eu algum Judeu? O teu povo e os Pontífices entregaram-te nas minhas mãos: que fizeste?*

36 — *Tornou-lhe Jesus: — O meu reino não é dêste mundo. Se o meu reino fôsse dêste mundo, os meus partidários, sem dúvida, pelejariam para que eu não fôsse entregue aos judeus mas agora o meu reino não é daqui.*

37 — *Inquiriu Pilatos: Logo, tu és Rei? — Respondeu Jesus: E' como dizes, eu sou Rei. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade: todo o que está pela verdade ouve minha voz.*

57.ª INSTRUÇÃO

O REINO DE JESUS CRISTO

O Evangelho de hoje é de uma expressão tão divinamente majestosa e tão ternamente autoritária, que basta meditá-lo um instante para fazer irradiar dêle a majestosa figura do Cristo Rei. Basta uma página destas para provar a origem divina do Evangelho.

Nunca o gênio humano, jamais a imaginação humana seria capaz de pintar um quadro tão sublime como o que nos representam êstes cinco versículos do Evangelho. Meditemo-los um instante, para melhor saborearmos a sua doçura e apreciarmos sua harmoniosa beleza. Vejamos:

I — A cena da *proclamação.*

II — Os *títulos* desta realeza.

I — A CENA DA PROCLAMAÇÃO

Era nas vésperas da grande Festa da Nação. Antes que a aurora banhasse os altos montes que cercam a capital, um povo imenso e como que atarefado, fervilhava nas ruas e um ruído surdo zunia até nas casas ainda fechadas, tomando, aos poucos, as proporções e o rítmo encolerizado de uma revolta.

O governador, altivo e silencioso, sentado no terraço da antiga fortaleza que transformara em palácio, perturbado na calma de seu repouso matinal, não pôde reter um gesto de impaciência e dirigindo-se ao centurião da guarda, perguntou-lhe ,em voz de comando o que significava êsse alvorôço.

Antes que o centurião respondesse, em frente ao edifício, apinhava-se uma multidão compacta, em demanda do palácio do governador.

Será levantamento? revolução? crime?

O governador, numa ordem ríspida e inquieta, mandou duplicar a linha dos soldados, que guardavam o palácio, saiu acompanhado de dois oficiais.

No pretório encontrou-se em frente de uma populaça

amotinada — cheia de ódio e de sangue. Gritos tumultuosos. insultos, ameaças, tudo isto se cruza num cáos indescritível. Do meio da multidão destacou-se uma turba de homens semi-nus, mercenários a conduzir prêso, um homem de uns 30 anos de idade. O prisioneiro não se parecia com malfeitor. De estatura acima do comum, porte nobre, cabelos flutuantes, barba curta e bela, semblante regular, simpático, imponente, tudo denotava nêle nobreza e dignidade. Nenhuma palavra cai-lhe dos lábios. nenhum olhar indignado nem sequer um gesto repulsivo tolda a calma majestade de seu exterior. Dir-se-ia um prêso voluntário, ou então um homem que vive numa atmosfera fora do tumulto, que o cerca.

Ao ver tanta calma no meio de tanta agitação, tanta dignidade no meio de tanta baixeza, o governador pára, impressionado e compassivo, e impondo silêncio à turba agitada, pergunta-lhe em tom indignado: — De que é acusado êste homem?

Crescendo em audácia, os satélites respondem: — Se não fôsse um criminoso não lho teríamos remetido.

O governador, ferido pela arrogância da réplica, responde num tom de desprêzo:

— "Pois bem, se é um malfeitor, julgai-o conforme a vossa lei."

A turba, excitada por alguns de seus chefes, sabendo que tal direito não lhe cabe mais, começa a acusar o prêso, gritando e vociferando: — Êste homem perturba a nossa nação, dizendo-se o Cristo Rei! — dicentem se Christum regem esse!

O governador, compreendendo o ridículo de tal acusação, examina o prêso, cuja calma e dignidade excitam sua simpatia, e perturbam a sua superstição; pois, bem que homem sem religião, a idéia de qualquer divindade o amedrontava.

Sem responder, fêz sinal que introduzissem o pretenso malfeitor no palácio, querendo falar pessoalmente com êle. O prêso é introduzido e sem levantar o olhar, conserva-se numa atitude tão digna, tão fidalga, que o governador não hesita êste homem deve ser verdadeiramente um nobre, um rei. É êle, o representante da grande Roma do César, todo

poderoso — sente-se pequeno, pequenino, diante desta majestade — em frente da dignidade dêste prêso, de mãos ligadas e de olhos baixos.

Sente que não se trata aqui, nem de crime e nem de criminoso, e visìvelmente perturbado, manifestando involuntàriamente a sua convicção, pergunta:

— És tu verdadeiramente Rei dos Judeus? — Tu es Rex Judeorum?

Rei dos Judeus? Não o prêso quer endireitar a pergunta, e extender o seu cetro além do povo hebraico. Então, levantando o olhar, profundo sôbre o seu interlocutor, o homem misterioso responde com um acento, que faz tremer o Governador:

— Meu reino não é dêste mundo. Se o meu reino fôsse dêste mundo, meus súditos pelejariam para que eu não fôsse entregue aos Judeus, mas agora meu reino não é dêste mundo. O governador, ao ouvir esta voz, ao mesmo tempo tão suave e tão firme, tão calma e tão altiva, sente um mêdo misterioso percorrer-lhe o corpo sente-se em presença dêste homem superior, cujo estado mísero deixa transparecer uma dignidade escondida. Como para confirmar os dizeres do acusado e patentear sua convicção, o Governador responde, antes que pergunte:

Então, tu és Rei? — Ergo Rex es tu?

A dignidade do inculpado está bem determinada sua realeza não se limita mais a uma nação ou a um país. êle não é mais simplesmente o Rei dos Judeus, mas o Rei Universal — Ergo Rex es tu?

A pergunta assim clara, precisa, merece uma resposta igualmente precisa e clara.

E esta resposta brota-lhe dos lábios num tom que deve atravessar os séculos e as gerações além e ressoar até o fim dos tempos:

Tu dicis, quia Rex sum ego!

Tu o dizes, eu sou Rei.

E para mostrar que a sua realeza não é obra ou favor dos homens, mas uma dignidade, um poder e um título próprio, o homem misterioso ajunta — "Eu sou Rei, nascí nêste estado, e vim a êste mundo para êsse fim, para testemunhar

a todos a verdade, e quem ama a verdade escuta a minha voz." (João XVIII. 37).

II — OS TÍTULOS DESTA REALEZA

Eis a proclamação divina da realeza de Jesus Cristo. Não digam que é uma novidade, uma inovação. Não; é tão antiga como o Evangelho. O fato, que acabamos de narrar, não é uma ficção imaginária é o Evangelho, texto por texto, palavra por palavra.

A cidade onde se desenrola êste drama imortal é Jerusalém. A populaça amotinada são os Judeus amotinados pela sinagoga. O governador, testemunha e ator nesta sublime proclamação dos direitos e da dignidade do Cristo, é Pôncio Pilatos, Procurador Romano, governador da Judéia nêsse tempo; e êsse prêso arrastado pelos Judeus, calmo, majestoso, é Jesus Cristo, O Deus homem, O Cristo Rei, que nêste dia a Cristandade aclama.

Sim, o Cristo é Rei, não sòmente dum povo como Êle mesmo o declara, mas Rei de todos os povos, — Rei universal, Rei eterno, como o canta a Igreja no seu grande símbolo ou profissão de fé: — cujus regni non erit finis — Cujo reino não terá fim.

O profeta do Apocalípse chama-o: — "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apoc. XIX. 6).

Os Santos Padres celebraram a realeza de Cristo. Basta citar Tertuliano, resumindo a tradição de seu tempo: — "Para todos os povos, diz, O Cristo é Rei, Juíz, Deus e Senhor.

É o que canta a Igreja no seu triunfal Te Deum: "Tu és o Rei da glória, ó Cristo! Tu Rex gloriae, Christe!"

Êle é Rei por direito de nascimento, pois a união hipostática — união com a divindade — o faz herdeiro de todos os bens divinos: Porque tu és meu Filho, diz o Salmista, porque te gerei, podes pedir-me tôdas as nações da terra, e dar-tas-ei como herança! (Salmo II. 8).

É o que Jesus disse a Pilatos: — Eu nascí nêste estado — Ego natus sum.

Êle é Rei ainda por direito de conquista, isto é, por

via de mérito. Operando a redenção, tornou-se o grande libertador; salvou os homens da escravidão do demônio e dos horrores da morte eterna. Volta de sua laboriosa expedição com a bandeira gloriosa, tinta de sangue, sua cruz triunfante, conservando para sempre os estigmas de suas feridas. O Cristo é, pois, Rei. "Tu dicis, quia Rex sum ego" Nada de mais positivo, nem de mais absoluto. Tudo está submisso a seu império, diz S. Paulo. Tudo isto é a realeza terrestre, e bem assim a realeza espiritual. Convém notar, entretanto, que Jesus Cristo não quis atribuir-se, durante a vida mortal, êste império terrestre. Declara que seu reino não é dêste mundo, ou melhor, traduzindo palavra por palavra o texto do Evangelho: nunc autem regnum meum non est hinc (Joan. XVIII. 36). Agora, porém, meu reino não é dêste mundo.

Agora, isto é, na hora que estava diante de Pilatos, seu reino estava ainda limitado a seus Apóstolos e a poucos discípulos. Mas êste reino deve ser, o Cristo, Rei universal, como universal é seu poder e universal sua autoridade.

"Regem saeculorum" — o Rei de todos os séculos. Êle deve reinar — "Oportet illum regnare!"

Reinará, apesar do ódio dos ímpios, dos ataques dos perseguidores, da fraqueza e da cobardia de seus próprios filhos. Êle reinará.

III — CONCLUSÃO

E como há de reinar o Cristo Rei?

Tendo nas mãos o cetro do poder, e a coroa da eterna majestade, poderia reinar pela fôrça. quebrando seus inimigos e esmagando os perseguidores. mas quer reinar *pelo amor.*

Só o amor é digno de seu Coração.

Deus patiens quia aeternus, respondeu Santo Agostinho a alguém que lhe perguntou porque Deus permitia o triunfo de seus inimigos.

Deus permite-o, porque tem diante de si a eternidade.

Nós, homens, temos pressa em vingar-nos e em derrubar os nossos inimigos, porque sentimos que nosso tem-

po é limitado, e que demorando, a prêsa pode escapar-nos. Deus tem diante de si a eternidade, e, cedo ou tarde, os homens têm de cair em suas mãos, ninguém pode fugir de seu poder.

Êle quer reinar pelo amor. E' para significá-lo que a Santa Igreja prescreve a Consagração a Cristo-Rei, e quer que todos se sirvam da Consagração da humanidade, ao Sagrado Coração de Jesus.

O Cristo-Rei, é, pois, o *Coração de Jesus.*

É o Cristo-Rei, e o Cristo Pai. Dois títulos inseparáveis.

E para reinar, Cristo quer seu *exército,* seus *soldados.*

Em frente de Pilatos, Jesus disse que o seu reino não era, então, dêste mundo, porque não havia ainda súditos capazes de pelejar por Êle, afim de que não fôsse entregue aos Judeus, por isso conclue: *agora porém meu reino não é dêste mundo.*

Hoje o Cristo-Rei tem súditos. O mundo é cristão, os católicos fiéis cifram-se por milhões. O Cristo tem, pois, soldados, exército, e a êles cabe pelejar, lutar, para que o seu Rei não seja entregue aos Judeus modernos, Judeus maçons, Judeus protestantes, Judeus espíritas, Judeus indiferentes, e esta peleja, pedida por Jesus, consiste, principalmente na luta contra o respeito humano, que, entre os homens, é o grande obstáculo ao triunfo completo de Cristo-Rei. Guerra, pois, ao respeito humano! Sejamos católicos, mas saibamos mostrá-lo!

Façamos reinar o Coração de Jesus em nossos lares, levantemos, pùblicamente, o seu trono de Rei, unindo dêste modo e confirmando o seu reinado espiritual nas almas e o seu reinado terrestre e universal, no mundo.

É o triunfo que a Igreja Católica anuncia hoje pela proclamação da nova festa, que manda celebrar no mundo inteiro. No entusiasmo de suas vitórias, os antigos Gauleses exclamavam, com brado de gratidão e de patriotismo: — Viva o Cristo que ama os Francos!

Neste dia, saibamos fazer nosso êsse grito de fé, e, depois de termos entronizado Cristo em nossos corações, exclamemos: — Viva Cristo que ama os Brasileiros!

FESTA DE TODOS OS SANTOS

(1.º *de Novembro*)

EVANGELHO (Mateus V 1—12)

1 — *Naquele tempo, vendo Jesus a grande multidão de povo, subiu a um monte, e tendo-se sentado, aproximaram-se dêle os seus discípulos.*

2 — *E Êle, abrindo a bôca, os ensinava, dizendo:*

3 — *Bemaventurados os pobres de espírito: porque dêles é o reino dos céus.*

4 — *Bemaventurados os mansos: porque possuirão a terra.*

5 — *Bemaventurados os que choram: porque serão consolados.*

6 — *Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça: porque serão saciados.*

7 — *Bemaventurados os misericordiosos: porque alcançarão misericórdia.*

8 — *Bemaventurados os puros de coração: porque verão a Deus.*

9 — *Bemaventurados os pacíficos: porque serão chamados filhos de Deus.*

10 — *Bemaventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça: porque dêles é o reino dos céus.*

11 — *Bemaventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo, disseram todo o mal contra vós, por causa de mim.*

12 — *Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus: pois (também) assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós.*

58.ª INSTRUÇÃO

SANTOS E SANTIDADES

No discurso que a Igreja nos faz meditar nêste dia, encontramos o código da perfeição e da santidade.

São as bemaventuranças tão suaves e tão belas que Jesus Cristo preconiza e aponta como o segrêdo da santidade, que a legião de Santos soube realizar tão admiràvelmente. O cumprimento dos mandamentos da lei de Deus, faz o bom cristão. A fidelidade aos conselhos evangélicos faz o homem perfeito. A prática das bemaventuranças faz o santo. Levantando os olhos para o céu, vemos na glória esta legião imensa, incalculável de Santos de tôdas as condições, idades, países, homens, mulheres, jovens e crianças. Ora, lembremo-nos, de que, o que êles puderam fazer, nós também somos capazes de fazê-lo. Meditemos, pois, hoje:

I — Que os Santos eram o que *nós somos.*

II — Que nós podemos ser o que *êles são.*

I — ÊLES ERAM O QUE NÓS SOMOS

Lendo a vida dos Santos ficamos admirados da coragem e da generosidade dêles, em extirparem os seus defeitos, em praticarem virtudes heróicas, em empreenderem obras que parecem ultrapassar fôrças humanas. Ficamos admirados, e uma voz parece sussurar aos nossos ouvidos: E' belo, é admirável, mas isto é só para êles porque eram almas privilegiadas, eleitas para isso. A nossa indolência inata, deleita-se com tais pensamentos que têm o condão de atrofiar as nossas energias latentes e fazer acreditar que os Santos não são homens como nós. E' um êrro e uma tentação do demônio; tal voz não é a de Deus mas a do demônio. A verdade é que Deus chama todos os homens à santidade. E' uma lei universal: "Sancti estote" sêde santos! Ora, Deus chamando para um ideal, dá as graças necessárias para realizá-lo, porém, a graça não realiza a obra, mas nos ajuda a realizá-la. Deus não pode salvar-nos sem nós; nem santificar-nos sem a nossa cooperação. Uma verdade fundamental que sempre devíamos ter diante dos olhos, é que sem Deus nada podemos. — "Sine me nihil potestis facere" (João XV. 5) e que "com êle tudo nos é possível", no dizer de S. Paulo. (Fil. IV. 13). Eis o segrêdo dos Santos, a fonte da sua fôrça. Deus é Pai de todos, e não tem amizade particular com ninguém, senão com os pequeninos e com os humildes. "Êle resiste aos so-

berbos e dá a sua graça aos humildes. (João VI. 6). Todo o segrêdo da santidade está nesta frase divina. É êste pensamento que fêz dizer a Santa Teresinha, proclamando a sua pequenez: "Se Deus, por impossível, encontrasse uma alma mais pobre e mais pequena que a minha, Êle faria ainda mais para ela do que para mim. O santo mais elevado é necessàriamente o mais humilde. e a criatura mais santa que o mundo já viu é Aquela que sendo escolhida para ser a Mãe de Deus, proclamou-se a escrava do Senhor!"

Os Santos foram o que nós somos, mas além disso, eram convencidos do seu nada. Esta completa, desconfiança de si encheu-os de uma confiança completa em Deus. Nós queremos ser qualquer coisa. e Deus afasta-se desta mentira e presunção, mas se inclina para a verdade e a desconfiança de sí mesmo.

Eis-nos, pois, em paralelo perfeito com os Santos, quanto à natureza. Os inimigos a combater são os mesmos: o demônio, o mundo, a carne. As inclinações perversas que sentiam são as mesmas que as nossas; a imodéstia dos olhares, os deleites da carne, o orgulho da vida. Para convencer-nos disto, basta percorrer a vida dos Santos; cada página da vida dêles, é uma página da nossa vida. Há entre êles muitos que sairam dos fundos pútridos do mal; elevaram-se pela oração e pela luta, até chegarem a sepultar o homem velho, para substituí-lo pelo homem novo, reformado. Quem era Maria Madalena antes da sua conversão?

— Uma mulher decaída, uma pobre pecadora.

E Santo Agostinho, nos primeiros anos?

Um homem gozador, dominado pela ambição.

Quem era Santo Inácio antes do golpe da graça que o prostrou?

Um soldado sem religião e sem convicção. Quem era São Francisco Xavier, antes da conversão?

Um professor vaidoso, ambicioso. E quantos outros se podiam citar, cuja vida prova que eram bem como nós somos. e até entre êles, uns eram bem como nós somos, e até piores do que nós. Entretanto, ei-los hoje, brilhantes como estrêlas no firmamento do céu. Maria Madalena, a pecadora, tornou-se a grande penitente. Agostinho, o maniqueu, é um luzeiro

da Igreja Inácio, o soldado colérico, é o heróico soldado de Cristo. Francisco Xavier, o ambicioso, o apóstolo das Índias. Eram pecadores: hoje são Santos! Eram o que nós somos: podemos, pois, vir a ser o que êles são.

II — PODEMOS SER O QUE ÊLES SÃO

Não basta admirar a glória dos Santos, nem considerar o que alguns eram antes da sua conversão. E' preciso repetir com Santo Agostinho: "Quod isti et istae cur non ego?" — O que êles têm podido fazer, por que não o poderia eu?

Uns foram preservados do mal, e tiveram a felicidade de atravessarem em vôo rápido, o lamaçal dêste mundo, sem macular as asas; outros — e é a maior parte — tiveram que lutar e vencer na arena habitual da vida, enquanto outros surgiram do fundo do mal, reabilitaram-se pela penitência e voaram até Deus pela oração. Há entre êles Santos de tôdas as cidades, nações, posições: crianças, jovens e velhos, todos êles souberam conquistar a coroa da glória: por que nós não o poderíamos?

Somos da mesma natureza que êles; temos em nós as mesmas inclinações, e em nossa frente os mesmos inimigos a vencer. Êles os venceram, logo: nós o podemos também. Qual é o caminho a seguir para atingir êste ideal? Encontramo-lo a cada passo no Evangelho, mas temo-lo diante de nós, no Evangelho de hoje, com uma lucidez deslumbrante, e uma precisão que não deixa dúvida. O mundo tem o seu código de Bemaventuranças mundanas. Encontra-se êste código em todos os jornais e em tôdas as bôcas anti-cristãs. Bemaventurados os ricos, porque podem gozar. Bemaventurados os folgazões, porque não sentem o tédio. Bemaventurados os que riem, porque se esquecem das suas misérias. Bemaventurados os fortes, porque dominam os fracos. Bemaventurados os aplaudidos, porque sentem a sua vaidade satisfeita. Bemaventurados os elegantes porque são adulados. Bemaventurados os sensuais, porque gozam a vida. Tal é a filosofia da carne e do orgulho. . e o código dos mundanos sem fé. Diante dêste código da lama e do gôzo. Jesus Cristo devia também proclamar o seu código, as suas bemaventu-

ranças. O demônio mostra o caminho da perversão; Jesus Cristo devia opôr-lhe o caminho da salvação. O príncipe dêste mundo, satanás, proclamou as suas bemaventuranças. O Príncipe da eternidade proclamou as dêle. E, sendo o reino de Jesus Cristo a oposição ao reino do mundo, pode-se prever que a sua proclamação será diametralmente oposta à do mundo. Jesus Cristo, no Evangelho de hoje, faz a enumeração completa e pormenorizada do que faz a felicidade e a glória do homem. As 8 Bemaventuranças são o código completo da santidade mais heróica, e o caminho certo para aquêles que desejam amar a Deus, acima de tôdas as coisas. Gravemos no espírito estas divinas Máximas, das quais, cada uma serve como de centro de uma irradiação de santidade.

1 Bemaventurados os pobres de espírito, diz Jesus Cristo, e ao longe, vemos resplandecer esta legião de santos. admiráveis pelo desapêgo, que se chamam: João Batista, o seu precursor, S. Francisco de Assis, S. Bento Labre, S. Bruno, S. Pedro de Alcântara, S. Carlos Borromeu, Santa Isabel de Hungria, Santo Aleixo, etc., etc.

2 Bemaventurados os mansos. E eis uma outra legião luminosa e sorridente de santos que se chamam: Santo Ambrósio, S. Francisco de Sales, S. Boaventura, S. Vicente de Paulo, Santo Cura d'Ars, S. João Bosco. etc., etc.

3 Bemaventurados os que choram. Mais outra legião, cujas lágrimas brilham como diamantes, que se chamam: Maria Madalena, S. Pedro, o Apóstolo, Sta. Mônica, Santa Thais, Santa Margarida de Cortona, S. Pio V, Papa, S. João da Cruz, etc., etc.

4 Bemaventurados os que têm fome da justiça. E através dos séculos se levanta esta legião de heróis do zêlo e do amor, que se chamam: Santo Inácio, S. Domingos, S. Tomás, S. Francisco Xavier, S. Pedro Cláver, S. Leonardo, Sto. Antônio de Pádua, etc., etc.

5 Bemaventurados os misericordiosos. E' a legião imortal dos S. Camilo, S. Norberto, S. Venceslau, S. Raimundo, S. João de Deus, S. Francisco de Paulo, S. Jorge, S. Martinho, etc.

6 Bemaventurados os puros de coração. E' outra legião gloriosa, a dos S. João Evangelista, S. Luís de Gon-

zaga, S. Estanislau Kostka, S. João Berchmans, S. Gabriel del Adolorata, Santa Inês, Sta. Luzia, Santa Teresinha, Santa Zita, Santa Ângela, etc., etc.

7 Bemaventurados os pacíficos. Outra legião imortal de glória que se chama: os S. Canuto, S. Sebastião, S. Policarpo, S. Inácio de Antioquia, S. João Crisóstomo, S. Pedro Nolasco, S. Casemiro, S. Gregório, S. Filipe de Neri, etc., etc.

8 Bemaventurados os perseguidos e caluniados. E eis, desde os Apóstolos, S. Lourenço, e uma legião incalculável de milhões e milhões de mártires que se apresentam, a túnica tingida em seu próprio sangue e a palma do triunfo na mão. São João os viu na visão apocalíptica: são uma multidão incalculável, vindo da grande tribulação e tendo os seus vestidos lavados e embranquecidos no sangue do Cordeiro. (Apoc. VII. 14). As oito Bemaventuranças formam como que o centro de umas constelações de santos, que constituem os felizes habitantes do céu.

III — CONCLUSÃO

Vemos claramente que os santos, durante a sua vida mortal, eram o que nós somos; e que nós podemos tornar-nos o que êles são. O caminho está traçado, e o próprio Salvador, numa análise sucinta, porém completa, nos indica nas oito Bemaventuranças o que são aquêles que hoje reinam no céu, e qual é o caminho que seguiram. Lembremo-nos, às vêzes, dêste Código divino, e num exame sério e calmo, indaguemos conosco mesmos qual destas Bemaventuranças nós praticamos.

1 Somos desapegados dos bens passageiros?
2. Somos mansos em nossas relações?
3 Sabemos chorar os nossos pecados?
4 Procuramos aperfeiçoar-nos cada dia?
5 Somos misericordiosos para com o próximo?
6 Temos um coração puro?
7 Somos caridosos para com os outros?
8 Sabemos sofrer qualquer cousa por amor de Deus?

Tenhamos a coragem de penetrar no âmago da nossa

alma, e ali pegar ao vivo, e apalpar com sinceridade as nossas disposições habituais. "Fillii sanctorum sumus", diziam os Israelitas. Somos filhos de santos; devemos, pois, imitar aquêles que nos precederam, e mostrar pela nossa vida que não somos filhos degenerados. Apontando-nos estas legiões de santos que hoje festejamos, Deus repete a cada um de nós: "Sancti estote, sicut ego sanctus sum"

DIA DE FINADOS

(2 *de Novembro*)

O dia de finados é o complemento da festa de Todos os Santos. A Igreja divide-se em três partes: a militante aqui na terra, a padecente no purgatório, a triunfante no céu. A Igreja militante prestou ontem a sua homenagem à Igreja triunfante do céu, e pela festa de hoje implora a Deus pela Igreja padecente. O culto dos mortos nasceu com a religião: a instituição de uma festa particular, porém, data do X século. Foi santo Odilon, abade do mosteiro de Cluny, na França, quem se lembrou de mandar celebrar esta festa em todos os Conventos da sua Ordem; uso que pouco depois foi adotado pela Igreja inteira. As particularidades a notar nesta festa são as seguintes:

1) Durante o dia, pode-se ganhar uma indulgência plenária para as almas, tôdas as vêzes (toties quoties) que se visitar a igreja, rezando nas intenções do Santo Padre, o Papa.

2) Os padres podem celebrar três Missas, com uma oração, a sequência e prefácio de defuntos, sòmente para uma Missa podem receber stipendium, devendo uma ser aplicada a todos os defuntos e a outra nas intenções do Santo Padre.

Sendo celebradas em seguida as três Missas, sòmente no fim da última são recitadas as orações finais.

3) Todos os altares são privilegiados nêste dia, em benefício da alma pela qual se celebra.

4) Os fiéis que tiverem feito a Sagrada Comunhão podem ganhar durante a oitava uma indulgência plenária

para os defuntos, cada vêz que visitarem o Cemitério e ali rezarem pelos defuntos.

EVANGELHO DA PRIMEIRA MISSA

(João V 25—29)

25 — *Naquele tempo disse Jesus às turbas: Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus: e os que a ouvirem viverão.*

26 — *Porque assim como o Pai tem a vida em sí mesmo, assim deu ao Filho ter vida em sí mesmo:*

27 — *e deu-lhe o poder de julgar, porque é Filho do homem.*

28 — *Não vos admireis disso, porque virá tempo que todos os que se encontram nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus:*

29 — *e os que tiverem feito boas obras, sairão para a ressurreição da vida: mas os que tiverem feito obras más, sairão ressuscitados para a condenação.*

EVANGELHO DA SEGUNDA MISSA

(João VI. 37—40)

37 — *Naquele tempo disse Jesus: Todo aquêle que o Pai me dá virá a mim, não o lançarei fora.*

38 — *Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.*

39 — *E a vontade do Pai que me enviou, é que eu não perca nenhum daqueles que me deu, mas que o ressuscite no último dia.*

40 — *E a vontade de meu Pai que me enviou, é que todo o que vê o Filho e crê nêle, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.*

EVANGELHO DA TERCEIRA MISSA

(João VI 51—55)

51 — *Naquele tempo disse Jesus: Eu sou o pão vivo, que desci do céu.*

52 — *Quem comer dêste pão viverá eternamente: e o pão que eu darei é a minha carne (que será sacrificada para a salvação do mundo).*

53 — *Disputavam, pois, entre si os Judeus, dizendo: Como pode êste dar-nos a comer a sua carne?*

54 — *E Jesus disse-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.*

5 — *O que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o ressuscitarei no último dia.*

59.ª INSTRUÇÃO

AS ALMAS DO PURGATÓRIO

O dia de Finados é a festa de caridade em favor das almas santas do purgatório. O purgatório é um lugar de sofrimentos onde as almas dos justos acabam de expiar suas penas, antes de entrarem no céu. A existência do purgatório, negada pelos protestantes, é uma verdade de fé, definida pela Igreja, como a existência do céu e do inferno; e prova-se pela Sagrada Escritura, pelo ensino da Igreja e pela razão. Para fundamentar bem a nossa fé e as nossas convicções a respeito do purgatório, e dos sofrimentos que ali padecem as almas, que são puras demais para cairem no inferno e demais manchadas para entrarem logo no céu, meditemos hoje êstes dois pontos importantes:

I — *A existência* do purgatório.

II — *Os sofrimentos* das almas ali detidas.

I — A EXISTÊNCIA DO PURGATÓRIO

A existência do purgatório é de uma certeza absoluta. O simples bom senso no-lo ensina de modo irrefutável. Nada de manchado pode entrar no céu (Apoc. XXI. 27).

Ora, nêste mundo todos os homens têm as suas fra-

quezas. Cometem faltas, leves, e uns não têm tempo para expiá-las antes da morte, de modo que, ao comparecerem perante o tribunal de Deus, estarão nesta alternativa: não são bastante puros para entrarem no céu; nem bastante manchados para irem para o inferno. Nem um nem outro. Para onde irão êles então?

Não sendo merecedores do inferno, para lá não irão nunca. Sendo merecedores do céu, para lá devem ir, porém lhes falta expiar umas tantas imperfeições contraidas no ambiente poirento da terra. Deve, pois, existir um lugar de expiação, onde as almas santas acabam de serem purificadas, para depois entrarem no céu. Êste lugar de expiação, de purgação é o purgatório.

* * *

A Sagrada Escritura confirma êste raciocínio. O Antigo Testamento fala poucas vêzes de modo explícito desta verdade, como aliás fala pouco dos grandes mistérios da fé, insistindo quase exclusivamente sôbre a existência, a unidade e supremacia de Deus, assim como do culto supremo de adoração que a Êle é exclusivamente devido. O texto mais claro encontra-se no 2.º livro dos Macabeus (XII. 43—46). E' uma passagem clara, expressiva, e por sí só vale todos os argumentos. A palavra de Deus de fato, é certa, de modo que uma única passagem tanto prova quanto vinte passagens. Lemos ali que Judas Macabeu oferece um sacrifício pelos mortos, para que fiquem livres de seus pecados, é sinal que estão num lugar donde é possível sair. Logo, não é o inferno, nem o céu, donde não se sai, sendo ambos eternos: e tal lugar é o purgatório. Pouco importa que o nome de "purgatório" não figure na Bíblia, basta estar indicado.

* * *

Em o Novo Testamento encontramos a mesma prova clara e expressiva, embora N. S. não pronuncie a palavra: *purgatório*.

Dizendo por exemplo: Aquêle que blasfemar contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado nem nêste mundo, nem no outro. (Mateus XII. 32). Há, pois, pecados que serão perdoados na outra vida. Ora, o céu e o in-

ferno são lugares eternos, sem mudança, nem perdão possíveis. Logo, é um terceiro lugar, fora dêstes, e êste lugar é o purgatório. São Paulo afirma também que alguns serão salvos como por meio do fogo. (I. Cor. III. 15). E conforme esta doutrina, roga a Deus, que se compadeça de Onesíforo, o qual prestara bons serviços em Roma e em Éfeso. (II. Tim. I. 16, 18). Logo, o Apóstolo acreditava que Onesíforo estivesse precisando de orações para poder entrar no céu. Destas e de outras passagens deve-se necessàriamente concluir a existência de um lugar de purgação das faltas, que as almas justas não tiveram tempo de expiar nêste mundo, e êste lugar chama-se *purgatório.*

II — SOFRIMENTO DO PURGATÓRIO

Como no inferno, as penas do purgatório são de duas espécies. A pena de privação, ou dano. A pena dos sentidos, ou fogo. A pena de privação, ou dano, que é uma pena moral, consiste na privação da vista de Deus. Tal privação é o suplício mais tremendo. Embora seja temporária e suavizada pela esperança, esta dôr é tanto mais pungente, quanto melhor as almas conhecem a bondade de Deus e o amam como Soberano Bem. A nossa alma é criada para Deus e acha em Deus a suprema felicidade. Depois da morte, ela se lança para Deus com uma atração divina, tal a limalha para o irmã que a atrai, porém uma fôrça irresistível a afasta bruscamente de Deus, donde provém o estado de separação forçada da alma. Pode se fazer uma idéia desta dôr pelo suplício de u'a mãe, que chamada por seu filho prestes a ser devorado por uma fera, fôsse retida por uma fôrça invencível, no momento em que se precipitasse em seu socorro, e isso não uma só vêz, porém, dez, cem vêzes. Santa Teresa experimentou alguma cousa destas angústias misteriosas:

Em vão, dizia ela, tentaria eu explicar sua natureza. A alma, por vêzes, sente um desejo irressistível de Deus, que parece transportá-la a um deserto em que ela nada mais vê em que possa descansar. Nenhuma consolação, nem do céu, aonde ainda não está, nem da terra a que já não pertence. Fica realmente comprimida entre o céu e a terra, prêsa de um

sofrimento indizível, sem alívio de nenhuma espécie: são as supremas angústias do pensamento

"O' Jesus, exclama a santa, quem poderia fazer uma pintura fiel dêsse estado? E' um martírio que a natureza custa suportar: os ossos se separam e ficam como deslocados, as mãos tomam tal rigidez que se não podem juntar, e até ao dia seguinte, sente-se uma dôr tão violenta como se todo o corpo estivesse desconjuntado; um só desejo nos consome: morrer, morrer! ir a Deus!

"Êsse estado, conclui a santa, é o das almas do purgatório"

* * *

A pena dos sentidos, é chamada também a pena *de fogo,* é da mesma natureza que a do inferno, menos a eternidade e o desespêro. Santa Catarina de Gênova diz a respeito:

"Reuni tôdas as penas que os homens têm sofrido, sofrem e sofrerão, desde o princípio do mundo até ao fim dos tempos; juntai-lhes todos os tormentos que os tiranos e algozes têm feito sofrer aos mártires: será uma pálida imagem dos tormentos do purgatório."

"Se aos pobres encarcerados fôsse permitido a escolha, prefeririam aquêles suplícios durante mil anos a ficarem no purgatório mais um dia"

"A razão é, diz Santo Tomás, que o fogo que as envolve é o mesmo que atormenta os condenados do inferno, e êsse fogo, óh! é terrível!"

Deus, escolhendo o fogo, soube achar um reparador, digno de sua justiça! Não há dôr, dizem os cientistas que iguale a da queimadura. Não objetem que o corpo não está no purgatório, e que a alma, sendo espiritual, não pode ser queimada. Santo Tomás já deu a resposta, e ela é decisiva. A dôr, diz êle, não é o golpe que se recebe, mas a sensação dolorosa dêsse golpe. Quanto mais delicadeza há nessa sensação, tanto mais viva é a dôr, e a alma sendo ferida, ela sòzinha, experimenta, ao mesmo tempo, a aflição que lhe fariam sofrer todos os membros do corpo, atacados separadamente. Êsse fogo do purgatório, cuja natureza é desconhecida, é dotado por Deus, de uma espécie de inteligência,

para esmerilhar nos recessos da alma e consumir tôdas as manchas que lhe deixou o pecado, agindo ao mesmo tempo sôbre a imaginação e a memória, sôbre o juízo e a vontade. Não aprofundemos mais êste ponto, mas escutemos o brado pungente que se eleva do fundo dêste abismo de fogo: "Crucior in hac flamma!"

Sou horrìvelmente atormentada no meio destas chamas! Uma gota dágua! uma prece, por piedade!

III — CONCLUSÃO

Bastariam êstes dois suplícios, o da privação da possessão de Deus, e o dos sentidos pelo fogo, para excitar em nós uma compaixão sincera pelo estado mísero destas almas de eleitos; mas além disto há outra consideração não menos comovente, é que estas almas nada podem fazer em seu próprio benefício. O estado delas é a impotência absoluta. Não podem nem fazer penitência, nem merecer, nem satisfazer, nem ganhar uma indulgência, nem receber os sacramentos, nem siquer orar por sí mesmas. Parecem-se com aquêle paralítico extendido à beira da fonte de Siloé, que não podia fazer o menor movimento. Estas almas esperam tudo de nós. É, pois, um dever de humanidade, de caridade fraterna, de interêsse pessoal, e às vêzes de justiça, lembrar-monos dos nossos queridos defuntos e rezar por êles. Temos em mãos tantos meios eficazes de ajudá-las:

1 A oração, o Rosário, a Via-Sacra.

2 A assistência à Santa Missa, a Sagrada Comunhão, a celebração da Missa.

3 As esmolas e outras obras de caridade.

4 As indulgências tão fáceis de se ganharem.

Escutemos, pois, nêste dia sobretudo, o gemido doloroso que as almas de nossos amigos, parentes, pais talvez, nos dirigem com o planger dolente dos sinos; "Miseremini mei saltem vos, amici mei!" Tende compaixão de mim, vós ao menos, meus amigos de outrora, porque a mão do Senhor se descarregou sôbre mim! "Quia manus Domini tetigit me!"

IMACULADA CONCEIÇÃO

(8 *de Dezembro*)

A Festa da Imaculada Conceição tem por fim especial, honrar de modo particular o mistério de ter sido a Virgem Maria, por singular privilégio de Deus e pelos merecimentos antecipados de Jesus Cristo preservada do pecado original, desde o primeiro momento da sua existência, e ornada da graça santificante. E' dogma de fé, revelado por Deus implìcitamente na Sagrada Escritura, e explìcitamente conservado e transmitido pela Tradição. Êste dogma sempre foi professado pela Igreja Católica desde o princípio, e solenemente definido pelo Sumo Pontífice Pio IX, em 8 de dezembro de 1854 Com esta solene definição o Sumo Pontífice não criou, nem inventou uma nova verdade de fé, mas apenas definiu que esta verdade é revelada por Deus à Igreja, ainda que, por justos motivos, não havia sido solenemente proclamada. Em 1854, tendo o Papa definido o dogma da Imaculada Conceição, em 1858, quatro anos depois, veiu Nossa Senhora em pessoa proclamar ao mundo e confirmá-lo pela sua própria palavra, aparecendo em Lurdes, à Sta. Bernardette e dizendo-lhe: "Eu sou a Imaculada Conceição"

EVANGELHO (Lucas, I. 26—28)

26 — *Naquele tempo, foi o Anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré.*

27 — *a uma Virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da Virgem era Maria.*

28 — *E entrando o Anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres.*

60.ª INSTRUÇÃO

A VIRGEM IMACULADA

Em poucas palavras a Igreja apresenta-nos a grande prova da Imaculada Conceição. Há muitas outras provas,

porém esta é a mais clara, a mais popular. Nem é preciso recorrer a longos raciocínios, pois sendo a saudação do Arcanjo dos lábios do Eterno, para trazê-la à terra, ela tem necessàriamente um valor probativo especial (1)

De fato, são tão probativas que, rejeitando o dogma da Imaculada Conceição, tais palavras não têm mais sentido, tornam-se incompreensíveis. Meditemo-las, hoje, com amor, para iluminar com o reflexo da luz que projetam, a fronte da nossa querida Mãe, dividindo-as em duas partes:

I — Maria *cheia* de graça.
II — O senhor *com* Maria.

I — MARIA, CHEIA DE GRAÇA

O Arcanjo aparecendo à Virgem de Nazaré dirige-lhe em nome de Deus, estas palavras misteriosas: Ave, cheia de graça". Digo misteriosas, e de fato, elas o eram para a própria Virgem Maria, que não ignorava, de certo, as grandes cousas que Deus havia feito nela, mas ignorava a sublime dignidade a que a bondade divina queria elevá-la. Elas são ainda misteriosas para muitos homens, que não lhe compreendem bem a significação profunda. À primeira vista parece que o Anjo devia ter dito: — Ave Maria, cheia de graça, como a Igreja completou a frase. Não devia ser: a significação teria sido diferente e muito diminuída. O que o anjo saúda não é simplesmente a *pessoa* de Maria Sma., como seria se houvesse dito Ave, Maria, mas sim a prerrogativa única da Virgem Santa, de ela estar: cheia de graça. O que o anjo saúda é a plenitude da graça em Maria. Para o anjo Maria é "a cheia de graça" E' nêste sentido que a Sagrada Escritura chama Salomão o sábio, como chama Jesus Cristo o Justo, como chama S. Paulo o Apóstolo. Maria é: cheia de graça, ou a plenitude da graça numa criatura. Tal é o seu qualificativo próprio. E' o seu nome verdadeiro. E' o seu distin-

(1) Cfr. o nosso livro: A Mulher Bendita, onde a Imaculada Conceição é considerada sob seus diversos aspectos: segundo a Teologia, a Sagrada Escritura, as palavras do Arcanjo, a Tradição e o Dogma Católico — Capítulos II, III, IV, V e VI

tivo. Só Ela é a cheia de graça; enquanto os homens são apenas participantes da graça. Eis porque na aparição de Lurdes, Maria Sma não diz que foi concebida sem pecado, mas sim: "Eu sou a Imaculada Conceição", como o anjo havia dito: Tu és: a "cheia de graça" Êstes dois têrmos são equivalentes: Maria é Imaculada: logo, é cheia de graça. Ela é cheia de graça; logo, é Imaculada. Há pessoas que não compreendem bastante a relação, a equivalência dêstes dois têrmos, e por isso não encontram na saudação angelical, a prova da Imaculada Conceição.

Examinemos bem o paralelo dos têrmos. Dizer que um recipiente está cheio, é declarar que nada mais pode conter, além do conteúdo. Dizer que Maria Sma. está cheia de graça, é confessar que ela recebeu tôdas as graças que uma criatura é capaz de receber. Entende-se por graça: os privilégios, perfeições, dons, que Deus pode comunicar aos homens. Ora, a Imaculada Conceição é uma grande prerrogativa, uma perfeição que Deus pode dar. Logo, Êle deve tê-la dado a Maria Santíssima. Admitindo que a Mãe de Jesus não fôsse dotada dêste privilégio, seria introduzir um vácuo em sua plenitude, uma falha, e com tal falha ela deixaria de ser cheia de graça, mas seria apenas favorecida pela graça como o foram todos os Santos. Admitindo, pois, a palavra do anjo como verdadeira, somos induzidos a incluir nesta plenitude de graça, a Imaculada Conceição.

II — O SENHOR COM MARIA

A segunda parte da saudação contém novo argumento probativo da Imaculada Conceição. O arcanjo continua dizendo a Maria, cheia de graça: O Senhor é convosco! "Dominus tecum" Êste têrmo é empregado na Sagrada Escritura, com uma dupla significação: uma imprecativa, outra afirmativa.

E' imprecativa, como: Deus seja contigo (Judite VI. 18).

O modo afirmativo é a manifestação de uma realidade existente. Há um matiz visível na expressão latina, que não se nota bastante no texto vernáculo. O anjo não diz: "Domi-

nus est tecum" o Senhor está convosco; mas diz "Dominus tecum"

O SENHOR CONVOSCO, como se quisesse reunir num têrmo único: Deus e Maria, uní-los como duas cousas que se completam mùtuamente. Êle não ajuntou o têrmo: convosco, como se ajunta um simples qualificativo a um substantivo, mas liga os dois têrmos, como fazendo uma, parte integral do outro:

O Senhor convosco. O Senhor não está simplesmente com Maria, mas o Senhor e Maria formam uma como espécie de unidade, tal como o corpo e alma formam o homem, e isto desde o princípio no plano divino. Aqui de novo aparece luminosa a Imaculada Conceição. De fato, onde está o pecado, lá não está o Senhor. Se a Virgem Santa tivesse tido apenas um instante, o pecado original, durante êste instante o Senhor não teria estado com ela. Tendo estado sempre com Maria, é uma prova que nunca o pecado esteve com ela, em outros têrmos, é uma prova que é imaculada. Tal é, aliás, a interpretação dos Santos Padres. Santo Agostinho diz com acerto: "Dominus tecum. O Senhor é convosco; convosco no Coração, convosco no seio, convosco para sustentar-vos"

São Cipriano tem uma expressão admirável, que mostra a crença na Imaculada Conceição, dos primeiros séculos. Êle diz: "Deus não honrou simplesmente a carne de Maria pela sua divina presença, mas também a sua alma, de modo que a integridade da sua alma devia igualar em perfeição, a integridade de seu corpo."

"A carne da Virgem, continua o Santo, era tôda pura; não havia nela nada que lembrasse a corrupção do pecado original: do mesmo modo não podia haver nada nesta alma que lembrasse o pecado.

"Era necessário que Maria fôsse cheia de graça, isenta de tôda falta e de tôda imperfeição".

Eis um argumento forte da Conceição imaculada da Mãe de Jesus. Deus fêz um milagre único em seu gênero, para preservar a pureza virginal do corpo de Maria. Convinha que fizesse igual milagre para preservar a pureza de sua alma. O primeiro é o parto virginal de Maria. O segundo é a preservação do pecado original. Esta pequena frase do ar-

canjo a Maria, "Dominus tecum", nos revela assim a Conceição Imaculada de Maria.

III — CONCLUSÃO

Como conclusão, recolhamos a terceira frase do arcanjo: Bendita sois vós entre as mulheres. E' outra revelação da sua Conceição imaculada. Maria é cheia de graça, e Deus está com ela: são dois privilégios únicos, como acabamos de ver, cuja consequência é fazer de Maria, a mulher bendita entre tôdas as mulheres. Notemos bem que no momento que São Gabriel dirige a Maria estas palavras, ela não é ainda Mãe de Deus: está ainda nos prelúdios da negociação. Logo, ela não é bendita por ser Mãe de Deus. Por que será então?

Só pode ser por ter sido preservada do pecado original. E' o único privilégio que a eleva acima de tôdas as mulheres. Nêste dia proclamemos, pois, a grandeza e a bondade de nossa Mãe celestial. Ela é grande, de tôda a grandeza da maternidade de Deus feito homem. Ela é boa, com tôda a ternura de seu Coração virginal. Se a sua grandeza excita a nossa admiração, sua bondade deve excitar o nosso amor. "Tota pulchra es, Maria!" Exclama a Igreja como deslumbrada. E nós podemos ajuntar: O' clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria! Sêde a nossa advogada e a Mãe de Misericórdia!

O DIA DAS MISSÕES

(4.o *Domingo de Outubro*)

No documento oficial publicado nos "Acta apostolicae Sedis" encontram-se as normas seguintes:

1 Fixa o penúltimo Domingo de Outubro como dia de oração e propaganda em prol das missões.

2. Nêsse Domingo se há-de rezar na Missa a oração "pro propagatione Fidei"

3 O sermão será de caráter missionário, no qual se induzirá aos fiéis a fazerem parte da Propagação da Fé.

Concede indulgência plenária aos fiéis que nêsse dia comungarem e pedirem pela conversão dos infiéis.

5 Em tôdas as festas de missões e nos Congressos dêsse caráter, pode celebrar-se Missa votiva solene pela Propagação da Fé, ainda nos dias de rito maior duplo e domingas menores.

EVANGELHO (Mateus IX. 35-38)

35 — *Naquele tempo andava Jesus por tôdas as cidade e aldeias, ensinando nas suas sinagogas, e prègando o Evangelho do reino, e curando tôda doença e tôda enfermidade.*

36 — *Vendo, porém, as turbas, compadeceu-se delas, porque estavam fatigadas e como ovelhas que não têm pastor.*

37 — *Então disse aos seus discípulos: A messe é verdadeiramente grande, mas os operários são poucos.*

38 — *Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe.*

61.a INSTRUÇÃO

O APÓSTOLO MISSIONÁRIO

Êste dia é consagrado à grande obra da propagação da fé. Tal obra funciona já em todas as paróquias, porém é preciso, uma vez por ano, soltar um brado mais veemente, e mostrar com mais minúcias o que é tal obra, o que merece, o que se pode esperar dela. Para isto o Santo Padre Pio XI instituiu o dia das missões. Enquanto nós aqui vivemos no sossego, no meio dos mil confortos da civilização e da abundância, há milhares de Sacerdotes, de Irmãos e Religiosas, que deixando o aconhego do lar, as consolações da pátria, embrenham-se nos desertos e nas selvas, passam mil privações para ganhar almas para Deus. É um dever de caridade, o lembrarmo-nos dêstes heróis e dêstes mártires, e para termos parte em suas conquistas, dar-lhes pelo menos hoje:

I — Um olhar atento
II — Uma prece fervorosa
III — Uma esmola generosa

I — UM OLHAR

Diàriamente os jornais estão repletos de notícias políticas, de narrações criminosas, de jogos, de novas invenções, de ameaças de guerra, e tais notícias são lidas, comentadas, suscitando, às vêzes, ou verdadeiros entusiasmos ou profundas inquietações. Há uma categoria de homens heróis pela fé, pela coragem, pela tenacidade, pela abnegação de sí mesmos, que lutam, sofrem e morrem pera levar ao longe a fé em Deus e a civilização dos homens, e êstes homens, sem reclamos, sem propaganda, sem aspirações à popularidade, ficam verdadeiros desconhecidos do mundo.

Ninguém fala dêles, porque êles mesmos escondem os seus sacrifícios e os seus triunfos. Ninguém os exalta, porque êles memos se rebaixam. Ninguém canta a sua glória, porque êles só procuram a glória de Deus. Quase ninguém os auxilia, porque o seu quinhão é o sofrimento, a ingratidão, e às vêzes a calúnia. Esta legião de heróis conquistadores forma um exército de 266 000 homens e mulheres. É a vanguarda dos pioneiros do Evangelho. Êstes Missionários deram tudo o que tinham, a sua fortuna, sua posição, o seu porvir, o seu coração, esperando que possam dar também a sua vida.

Muitos entre êles, cuja coragem é maior de que as suas fôrças caem à direita ou à esquerda da estrada de seu sacrifício, ceifados antes da hora, pela inclemência do tempo, pela privação do necessário, sinão entre os dentes das feras ou sob o suplício dos homens.

Oh! nêste dia, pelo menos, dirijamos um olhar atento para êste heroísmo sublime.

II — UMA PRECE

Compreende-se que é um dever o auxiliar êstes homens privilegiados, que, em pleno século XX fazem renascer o

ardor dos Apóstolos e o entusiasmo dos Cruzados. Como auxiliá-los?

Orando por êles, e dando-lhes o nosso óbulo de caridade. O que êles pretendem realizar, é uma obra sobrenatural; e tal obra se edifica sobretudo com meios sobrenaturais, pela oração, a Comunhão, os sacrifícios, conforme a palavra de Jesus Cristo:

— A messe é grande, mas os operários são poucos, rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe.

Sim, a messe é grande, imensa! Para apenas citar uma amostra diminuta, lembremo-nos de que há em nosso século de progresso e luz, mais de mil milhões de almas, para as quais o sangue do Redentor foi derramado inùtilmente. e isto só em nossa época.

A Índia conta apenas quatro milhões de católicos e trezentos milhões de pagãos.

A Indo-China, conta dois milhões de católicos e quarenta milhões de pagãos. A China tem apenas três milhões de católicos e conta 450 milhões de pagãos. A África, por sua vêz, tem menos de oito milhões de católicos, e 150 milhões de pagãos. Mais de mil milhões de infiéis! Não é isto uma estatística desoladora, pungente, para um coração que ama a Deus? E para evangelizar êstes milhões, temos sòmente 266 000 missionários Que é isso para tanta gente?

Oh! rezemos para que Deus sustente os heróicos missionários, suscite uma nova legião de santos para substituir aqueles que tombam no campo de batalha.

III — UMA ESMOLA

Lembremo-nos da palavra do Santo Padre Pio XI: "Que nem uma só alma, uma só que seja, se perca pela nossa indolência, pela nossa falta de generosidade! "Que nem um só missionário desista porque lhe faltam os meios que nós recusamos." Não há mais lugar ao comodismo, à frieza!

Uma esmola para os infiéis, uma oração para os missionários, um sacrifício para o êxito do dia das missões. Para extensão do reino de Jesus Cristo pede-se-nos uma contri-

buição generosa. O brado dos infiéis é comovente! As lágrimas dos missionários confrangem a alma. O seu longo e doloroso martírio exige a nossa cooperação. Nada de cálculos mesquinhos: Dar para os infiéis é emprestar a juros altos ao próprio Deus. Sejamos generosos nas esmolas, nas orações, nas Comunhões, nos sacrifícios! Há dinheiro para a política, para o cinema, para o luxo, para as diversões; haja também para sustentar as obras missionárias, alimentar os futuros mártires, dilatar o reino de Jesus Cristo.

Abra-se a nossa bôlsa, conforme o tamanho dos nossos corações para que no dia do juízo o Salvador nos possa dizer: Vinde benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado porque tive fome e me destes de comer! (Mateus XXV. 34).

Demos de comer a Jesus Cristo.

Demos-lhe a nossa generosa esmola!

ÍNDICE

	Pág.
Aprovação	4
Aos Prègadores	5
Parecer do Exmo. Sr. Censor	7
Carta Aprobativa do Exmo. Sr. Vigário Capitular	8
Introdução	10
Solenidade do Natal	11
1.ª Instrução	14
2.ª Instrução	18
3.ª Instrução	22
4.ª Instrução	26
5.ª Instrução	29
6.ª Instrução	32
Circuncisão de Jesus	34
7.ª Instrução	36
8.ª Instrução	40
9.ª Instrução	44
Festa da Epifania	47
10.ª Instrução	49
11.ª Instrução	53
12.ª Instrução	58
13.ª Instrução	62
Festa da Sagrada Família	65
14.ª Instrução	67
15.ª Instrução	71
16.ª Instrução	75
Festa de S. Sebastião (20 de janeiro)	78
17.ª Instrução	79
Santa Inês, segunda Padroeira das Filhas de Maria	83
18.ª Instrução	85
S. Francisco de Sales	90
19.ª Instrução	91
Apresentação de Jesus (2 de fevereiro)	95
20.ª Instrução	96
N. Senhora de Lurdes (11 de fevereiro)	104
21.ª Instrução	100
22.ª Instrução	105

	Pág.
S. Gabriel das Dores (17 de fevereiro)	109
23.ª Instrução	111
Sto. Tomás de Aquino (7 de março)	117
24.ª Instrução	118
S. José (19 de março)	123
25.ª Instrução	125
Patrocínio de S. José (4.ª feira depois do 2.º Dom. de Páscoa)	130
26.ª Instrução	132
Anunciação de Maria (25 de março)	136
27.ª Instrução	139
Quinta Feira-Santa	143
28.ª Instrução	146
O Lava-Pés	149
29.ª Instrução	152
Sexta Feira-Santa	157
30.ª Instrução	160
31.ª Instrução	164
Via-Sacra Pregada	171
32.ª Instrução	174
33.ª Instrução	181
34.ª Instrução	186
35.ª Instrução	191
Festa da Páscoa	195
36.ª Instrução	197
Ascensão de Jesus (40 dias depois da Páscoa)	203
37.ª Instrução	204
Domingo de Pentecostes	209
38.ª Instrução	210
Festa da Ssma. Trindade (1.º Domingo de Pentecostes)	215
39.ª Instrução	217
Festa do Corpo de Deus (1.ª Quinta-feira depois da Ssma. Trindade)	221
40.ª Instrução	223
O Coração de Jesus (Sexta-feira depois da 8.ª do C. de Deus)	227
41.ª Instrução	229
42.ª Instrução	255
Festa de Sto. Antônio (13 de junho)	240
43.ª Instrução	241
S. Pedro e S. Paulo (29 de junho)	245
44.ª Instrução	247
Visitação de Maria Santíssima	251
45.ª Instrução	254
S. Vicente de Paulo (19 de julho)	259
46.ª Instrução	260
S. Luís Gonzaga (21 de julho)	265
47.ª Instrução	272

Pág.
Assunção de Maria Santíssima (15 de agôsto) 276
48.ª Instrução 272
Festa de Santana (26 de julho) 271
49.ª Instrução 278
Festa de S. Tarcísio (15 de agôsto) 284
50.ª Instrução 285
Sta. Rosa de Lima, protetora principal da América Latina (30 de agôsto) 290
51.ª Instrução 291
N. Sra. das Dores (15 de setembro) 297
52.ª Instrução 298
53.ª Instrução 304
Sta. Teresinha, padroeira das Missões (3 de outubro) 310
54.ª Instrução 311
S. Francisco de Assis (4 de outubro) 317
55.ª Instrução 318
N. Sra. do Rosário (7 de outubro) 323
56.ª Instrução 324
Festa de Cristo-Rei (Último domingo de outubro) 330
57.ª Instrução 331
Festa de Todos os Santos (1 de novembro) 337
58.ª Instrução 337
Dia de Finados (2 de novembro) 343
59.ª Instrução 345
Imaculada Conceição (8 de dezembro) 350
60.ª Instrução 350
O dia das Missões (4.º domingo de outubro) 354
61.ª Instrução 355

† Livros Católicos para Download